MANUELA FLEMING

AUTONOMIA COMPORTAMENTAL NA ADOLESCÊNCIA E PERCEPÇÕES DAS ATITUDES PARENTAIS

DISSERTAÇÃO DE DOUTORAMENTO
1988
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR — UNIVERSIDADE DO PORTO

MARIA MANUELA SOUSA PEREIRA VELOSO FLEMING

A U T O N O M I A C O M P O R T A M E N T A L
N A A D O L E S C Ê N C I A
E P E R C E P Ç O E S D A S A T I T U D E S P A R E N T A I S

Dissertação de Candidatura ao Grau de Doutor em Ciências Médicas, especialidade de Psicologia Médica, apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto.

Porto, 1988

Publicação subsidiada pelo Instituto Nacional de Investigação Científica

Para a elaboração desta Dissertação e de acordo com o nº2 do Artigo 8º do Decreto-Lei nº 388/70 foram utilizados os trabalhos já publicados, que adiante se discriminam:

FLEMING, M. (1983). A separação adolescente-progenitores. **Análise Psicológica**, 4(III), 521-542.

FLEMING, M. (1986). Imaginário adolescente sobre a saída de casa. **Revista Portuguesa de Psicanálise**, 4, Dez., 133-142.

FIGUEIREDO, E., ESTEVES, A., OLIVEIRA, J. C. ALARCÃO, J., FLEMING, M., CORREIA, M. F., MORAIS, M. R. (1985). **Conflito de Gerações na Previsão da Mudança a Nível dos Valores Societais** - I Relatório à Fundação Calouste Gulbenkian.

FIGUEIREDO, E., FERRONHA, J., VAZ, J. M., COSTA, M. E., FLEMING, M.(1983). Conflito adolescente-progenitores e autonomia: abordagem psicológica. **Análise Psicológica**, 1 (IV), 41-54.

FIGUEIREDO, E., FLEMING, M., PAUL, C. (1983). Psicanálise e conflito de gerações. **Análise Psicológica**, 4 (III), 505-520.

Ao Arnaldo

Aos meus Filhos, Pedro e João

Aos meus Pais

Aos meus Amigos

AGRADECIMENTOS

Chegados ao fim deste longo trabalho dois sentimentos prevalecem: a satisfação de o ter terminado e a minha enorme gratidão a todos aqueles que, com o seu incentivo e apoio, me permitiram superar os momentos de desânimo ou de dificuldade, aparentemente inultrapassáveis, dando-me em formas concretas de solidariedade um apoio que não esquecerei...

Dentro e fora do I.C.B.A.S., colegas e amigos disponilibizaram-se para me ajudar com a sua experiência e o seu saber e permitiram que fosse ultrapassando a singulariedade da minha posição institucional, a qual poderia acentuar o isolamento que um trabalho como este habitualmente comporta. A todos eles, e foram muitos, o meu mais caloroso agradecimento.

Na impossibilidade de nominalmente agradecer a todos aqueles que me acompanharam, não deixarei de referir, no entanto, alguns que sinto mais ligados à história desta tese:

O meu primeiro agradecimento vai obviamente para o meu orientador, Professor Doutor Eurico Figueiredo, a quem devo muito do que sei e o encorajamento constante que permitiu o ínicio desta aventura. A sua confiança em mim, desde a primeira hora em que me convidou a trabalhar consigo, constitiu um suporte forte em exigência mas rico em estímulo. O

seu interesse e conhecimentos da problemática da adolescência levou-nos a uma colaboração que se tem caracterizado, em particular, em diversos projectos de investigação que temos vindo a desenvolver.

Também o Professor Doutor Carlos Amaral Dias da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra, esteve ligado ao período de hesitação inicial, quando nos perguntávamos se seríamos capazes de levar a cabo este projecto. A ajuda que nos prestou na altura, nomeadamente, pondo-nos em contacto com o Professor Fred Streit, da Universidade de New Jersey, autor do instrumento que viemos a utilizar, foi o primeiro "abrir de porta".

Não esqueço também o encorajamento que sempre recebi da Doutora Celeste Malpique, do I.C.B.A.S..

Para o Doutor Jorge Vala, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, vai também o enorme reconhecimento pela orientação que nos prestou, desde o início ao final do trabalho, nas questões metodológicas e de análise estatística. Apesar da distância geográfica, a sua orientação preciosa, os seus conselhos, a sua imensa generosidade foram essenciais à realização deste trabalho.

Mais próximo espacialmente, o Doutor José Miguez, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação do Porto, foi o complemento eficaz na mesma área.

E ainda uma referência agradecida ao Doutor Luís Sozcka, do I.C.B.A.S., um outro "ancien" do I.S.P.A. (onde a minha breve passagem, como docente, criou laços perduráveis) pela ajuda inicial que nos prestou.

Cartesianamente, porém, continuo a duvidar se encontrei as respostas mais adequadas às questões levantadas.

A ajuda constante, tenaz, da Dr. Alda Sousa, do I.C.B.A.S. no tratamento estatístico dos dados foi decisiva e as palavras não saberão exprimir a minha gratidão e amizade. Partilhando comigo, dia após dia, o

écran do computador, permitiu superar as inúmeras dificuldades que foram surgindo e tornou-me familiar um "instrumento de trabalho" que até então encarava com algum distanciamento e receio.

Também a colaboração prestada pelo Professor Dr. António Esteves da Faculdade de Economia do Porto e pela Dr. Maria Rosa Morais, do I.C.B.A.S., na resolução dos problemas ligados à amostragem e do Dr. José Carlos Oliveira, do I.C.B.A.S., na computarização dos dados, foi essencial e por isso lhes estou reconhecida.

Muitas outras pessoas deram o seu contributo generoso a este trabalho. Guardo-as a todas na memória da gratidão e da amizade. Refiro apenas algumas na forma amigável do tratamento quotidiano: Amílcar, Julieta, Ângela, Ana Isabel, Luísa, Selene, Pedro, Fernanda...

Por último, o meu agradecimento vai para os professores das Escolas do Concelho de Matosinhos e também para os adolescentes, seus alunos, que com a sua participação, viabilizaram este trabalho. Adolescentes que, à sua maneira, desconstruíram e construíram o meu "saber" sobre eles.

INTRODUÇAO GERAL

1. As crianças e os adolescentes tornaram-se progressivamente no decorrer dos séculos XIX e XX, objecto de uma solicitude e de uma atenção apaixonada, no seio da família e fora dela: na arte, na literatura, na ciência...

Segundo Ariès (1980), "a partir do século 18, a afectividade retirou-se das praias em que vagabundeava, acumulou-se na lagoa familiar criando assim um meio fechado de alta densidade sentimental" (op. cit., p. 226). Por outro lado, a adolescência, antes etapa transitória curta e palco de rituais iniciáticos facilitadores da separação da família de origem e da aquisição rápida do novo status de adulto, transformou-se, nas sociedades industrializadas do Ocidente, numa fase longa do ciclo de vida.

Após um longo período de imaturidade, dependência e protecção, o filho do Homem, conhece, num curto período de tempo, um surto rápido de crescimento - a puberdade - que pelas mudanças biológicas, fisiológicas, cognitivas e outras, o prepara finalmente para a autonomia. No entanto uma longa moratória o aguarda antes do reconhecimento do seu status de adulto. Prolongada a permanência no seio da família, o processo de transição da dependência para a autonomia, transforma-se não só numa etapa longa do ciclo da vida como numa etapa de alta "densidade sentimental" e densa conflitualidade psicológica específica, adiando a separação física dos pais - a saída de casa.

No entanto, estudos realizados anteriormente por nós próprios em colaboração com outros autores (Figueiredo et al. 1983, 1985b) indicam que o desejo de sair é peri-pubertário, antecede a capacidade de desobedecer e de desidealizar as figuras parentais. Por outro lado, é de admitir que a capacidade de sair bem, de se separar, dependa, do ponto de vista psíquico, da qualidade das relações anteriores: ter "introjectado um bom objecto" (Klein, 1948), duma "dependência madura" (Fairbairn, 1952), ter uma "confiança básica" nos pais (Erikson, 1959), "vínculos seguros" (Szurek, 1971).

A transição de um estado de dependência e vulnerabilidade para um outro de auto-governo, é um padrão comum a todas as culturas, mas as características e vicissitudes da transição estão na dependência de um grande número de factores de ordem individual, familiar e social. Na opinião da antropóloga Ruth Benedict (1938), consoante as práticas educativas usadas para preparar o estado adulto forem mais ou menos contínuas, assim a transição será mais ou menos tumultuosa.

Nas civilizações ocidentais contemporâneas, que elegeram como um valor essencial a independência do indivíduo, o seu direito a uma identidade pessoal, livre e autónoma, a separação dos jovens das suas famílias de origem é culturalmente encorajada. Porém, e contraditoriamente, se a separação é encorajada, a disjunção entre a capacidade procriativa e a capacidade socio-económica tem-se acentuado; por outro lado, espera-se também, que permaneçam fortes laços familiares e obrigações mútuas entre pais e filhos ao longo de toda a vida.

Estes e outros factores condicionam o evolutivo adolescente e reforçam o carácter paradoxal que o processo adolescente já contém: o adolescente que até aí foi amplamente gratificado pelas experiências vividas com os seus pais, aparece com um desejo contraditório de se separar dos seus pais desejados. O paradoxo gera tensão e mudança: os dois pólos entre os quais a mudança ocorre são as gratificações e as limitações da dependência infantil e as gratificações que a autonomia

proporciona. O principal cenário onde a mudança ocorre é o cenário familiar, envolvendo pais e filhos numa teia complexa onde a problemática psicológica de ambas as partes, porque ambas a protagonizam, se sobrepõe e se emaranha.

2. Este paradoxo requer clarificação e uma nova área de estudo, que vai merecer a atenção das diversas ciências. A observação e a investigação sistemática da adolescência, na Psicologia e ciências afins, inicia-se com Stanley Hall (1904). Desde então, a produção científica nesta área cresceu e alargou-se a muitas perspectivas e o leque de observações, estudos empíricos, teorias explicativas é actualmente vasto, discrepante, polémico e até contraditório, mas sempre rico em novas produções.

3. Apesar da notável variabilidade intercultural do comportamento adolescente (Mead, 1970) e da larga disparidade que existe na conceptualização da adolescência, as várias abordagens convergem num ponto comum: **a autonomia**, ou noutros termos, a separação de pais e adolescentes,**é a tarefa desenvolvimental mais importante da adolescência** (Freud, 1917; Jersild, 1957; Douvan & Adelson, 1966; Kandel & Lesser, 1969; Hotch, 1979; Rodick & Henggeler, 1982; Hill & Holmbeck, 1986; Steinberg, 1987, entre outros).

Duma forma mais directa ou indirecta, explícita ou implícita, a autonomia, porque ligada ao processo de individuação e de separação e à formação da identidade, encontra-se no âmago da reflexão sobre a adolescência e a investigação sobre a autonomia tem-se revelado contínua e sistemática ao longo dos anos (Steinberg, 1987).

Porém e curiosamente o corpus de investigação permanece largamente a-teórico e não-cumulativo (Hill & Holmbeck, 1986). Uma das razões apontadas prende-se com o problema da definição e operacionalização do conceito de autonomia.

Outra das razões prende-se com o facto de existirem diferentes conceptualizações teóricas dos mesmos aspectos, tornando difícil derivar hipóteses claras e consistentes, pelo que as conceptualizações predominantes não se têm mostrado muito produtivas e úteis (Hill & Holmbeck, 1986, Steinberg & Silverberg,1986).

Actualmente, verifica-se um interesse acrescido pelos estudos sobre a autonomia e as questões relativas à autonomia e à vinculação (attachment) são consideradas centrais para a compreensão da adolescência, quer na perspectiva individual quer interaccional.

Com efeito, segundo afirmam Sabatelli & Mazor (1985), "os conceitos de individuação e de diferenciação são objecto dum interesse crescente nos últimos anos na literatura sobre o desenvolvimento individual e sobre o sistema familiar" (op. cit., p. 619).

Os estudos nesta área integram-se, segundo a leitura que fazemos da bibliografia disponível, numa linha de investigação que se inicia com McDill (1930, in Dimock, 1937) sobre a emancipação e depois com Murphey et al. (1963), que estudam a questão da autonomia e da proximidade aos pais.

Esta linha de investigação nunca foi abandonada. No entanto, na maior parte dos casos e como iremos explicitar na I PARTE, essas questões - a questão da autonomia e a questão da vinculação aos pais - foram tratadas separadamente, procurando-se encontrar efeitos, relações de cada uma delas com outros aspectos individuais, familiares, sociais e outros. Muitas vezes também a investigação empírica decorreu alheada da teoria não se enriquecendo dialecticamente. Um exemplo ilustrativo desta situação é formulado por Hill & Holmbeck (1986) do seguinte modo: "a principal questão desenvolvimental posta por Blos e por outros autores nunca foi estudada, isto é, se sim ou não as transformações nos vínculos aos pais conduzem a mudança intra-individual na autonomia" (op. cit., p. 182).

Estes autores, marcos de referência obrigatórios nesta área de investigação, em incremento actualmente nos E.U.A., afirmam concretamente o seguinte: "os estudos das inter-relações entre a vinculação e a autonomia adolescente trarão contribuições especialmente significativas para o nosso conhecimento na medida em que eles focam simultaneamente sobre as transformações na vinculação e sobre as mudanças nos processos de auto-regulação dentro e fora do contexto familiar" (op. cit., p. 181).

5. É dentro desta grande área de investigação e de preocupação teórica que situamos o nosso trabalho.

Debruçar-nos-emos sobre uma dimensão da autonomia adolescente: a **autonomia comportamental** e procuraremos contribuir para o aprofundamento do conhecimento, quer dos aspectos evolutivos, quer da inter-relação que prevemos existir entre a autonomia comportamental e a relação pais-adolescentes.

6. A autonomia é um constructo multidimensional e como tal não pode ser objecto de estudo empírico na sua globalidade. Como dissemos atrás e iremos desenvolver posteriormente, várias dimensões têm sido isoladas e o conceito tem sido objecto de inúmeras operacionalizações.

No nosso trabalho, nós decidimos estudar a **autonomia comportamental**, conceito que fomos buscar a Douvan & Adelson (1966), que a definem como a capacidade de fazer tarefas por si próprio, de tomar decisões evidenciando um sentido de auto-orientação.

A nossa opção prende-se com alguns considerandos:

- Douvan & Adelson (1966) trouxeram para o campo da adolescência uma discussão teórica sobre a natureza multidimensional da autonomia e diferenciaram três tipos de autonomia: emocional, comportamental e de valores. A primeira refere-se ao abandono dos laços infantis aos pais, a autonomia comportamental refere-se, como dissemos, ao comportamento e à

decisão autónomos, e a autonomia de valores refere-se à capacidade de manejar com uma visão própria, sendo os valores aceites somente após sérias considerações de alternativas.

- Ora, apesar da autonomia comportamental ter sido identificada como uma dimensão basilar, tão importante como a autonomia emocional e a autonomia de valores e de Douvan & Adelson (1966) terem afirmado que as actividades comportamentais dos adolescentes são marcos altamente salientes da transição da infância para a adultícia, a "autonomia comportamental" não tem merecido tanta atenção por parte dos investigadores como as duas últimas. Curiosamente, apesar de ser uma assunção comumente aceite pelos adultos, que existem diferenciais significativos na quantidade e qualidade de autonomia comportamental esperada e desejada durante a adolescência, esses comportamentos raramente foram examinados empiricamente.

Por outro lado, a importância de estudar este aspecto da autonomia tem vindo a ser afirmado ultimamente por alguns autores de orientação interaccional, que afirmam que lhe deve ser dada uma alta prioridade na investigação, e por autores de orientação psicodinâmica. Destes, Hill & Holmbeck (1986) e Steinberg (1987) em artigos de balanço, apontam não só para a necessidade de proceder a estudos sobre a "ligação/vinculação e sobre a autonomia/independência", mas também a estudos sobre os "aspectos comportamentais da relação entre pais e filhos que se desenrolam no dia-a-dia" (Steinberg, 1987, p. 193). E nesta linha aliás, da interface comportamental entre filhos adolescentes e pais, que se desenvolve actualmente, nos E. U. A., a investigação de várias equipas sobre a adolescência, cujos investigadores seniores são Montemayor, Hill, Hauser, Grotevant, Youniss, entre outros.

Por estas razões, e de acordo ainda com Steinberg (1985), para quem "os realinhamentos normativos" da adolescência são cognitivos, afectivos e **comportamentais**, pensamos portanto ser necessário trazer para esta

área a dimensão da autonomia menos conhecida : a dimensão da **autonomia comportamental**, tal como ela é percepcionado no dia-a-dia, na relação com os pais e com os pares.

Com efeito, o envolvimento em certas actividades tende a ser mais visível do que outros indicadores mais subtis da relação e o reportório comportamental que acompanha o evolutivo adolescente, embora nem sempre explicitado, tem lugar proeminente em todos os paradigmas teóricos que se constituiram em torno da autonomia adolescente.

7. O nosso trabalho foi concebido com o objectivo de estudar em simultâneo, numa grande amostra de adolescentes dos 12 aos 19 anos, dois problemas: a autonomia comportamental e as percepções da qualidade e intensidade da relação com os pais (na dupla dimensão do afecto e das práticas educativas) e estudar ainda a relação entre esses dois problemas.

Trata-se de um estudo de extensão, trazendo para o campo uma contribuição original, dado que não temos conhecimento de outros trabalhos realizados em Portugal ou no estrangeiro, com idêntico figurino.

Explicitando melhor, os nossos objectivos são os seguintes. Pretendemos estudar:

I. Uma dimensão da autonomia adolescente, a **autonomia comportamental**, em diferentes aspectos:

- o desejo de autonomia
- a realização da autonomia comportamental
- a desobediência aos pais nos comportamentos de autonomia e o envolvimento específico das figuras materna e paterna na desobediência
- a idade de início dos comportamentos de autonomia

II. A vinculação, através do estudo da percepção adolescente da qualidade e intensidade da ligação afectiva aos pais e do estudo da percepção adolescente das atitudes parentais reguladoras do seu comportamento.

III. A relação entre a capacidade de realização da autonomia comportamental e as percepções das atitudes parentais, ou seja, os efeitos diferenciais da qualidade e intensidade da relação entre adolescentes e pais, tal como ela é percepcionada pelos adolescentes, sobre a sua capacidade de realização da autonomia comportamental.

IV. Os efeitos, em cada um dos aspectos atrás referidos, do sexo e da idade do adolescente.

8. Alguns paradigmas se confrontam actualmente nesta área da Psicologia do Desenvolvimento e é nesses contextos que basicamente o problema da autonomia tem sido discutido. Esses paradigmas irão ser desenvolvidos na I PARTE deste trabalho.

Resumidamente, e para situarmos apenas algumas linhas de força, desde já diríamos que: segundo o paradigma de orientação "etológico-analítico" de Bowlby, prevê-se que a autonomização não se traduza por uma quebra de laços afectivos aos pais; segundo o paradigma de orientação mais empírica, a predicção é que a autonomização se faça num quadro de relações calorosas e a-conflituais com os pais.

As nossas hipóteses (que explicitaremos em detalhe na SECÇÃO III da I PARTE) derivam dos estudos pré-existentes oriundos de várias posições teóricas, da investigação prévia que nós próprios temos vindo a desenvolver nesta área e da nossa pópria observação e experiência clínica enquanto terapeuta de adolescentes.

De algum modo, o nosso trabalho constitui-se como uma tentativa de responder ao desafio lançado por Hill & Holmbeck (1986), que o formularam nestes termos: "estudos sobre a mudança são aquilo que precisamos e nos dois lados: o do vínculo e o da autonomia" (op. cit., p. 182).

9. Dum modo geral e em última análise, pretendemos também com este trabalho aproximar um processo que reconhecemos de importância básica para a compreensão da transição adolescente: o processo de individuação e separação entre pais e adolescentes.

Com efeito, e isto parece-nos importante dizê-lo desde já, concebemos, tal como outros autores (Josselson, 1980; Sabatelli & Mazor, 1985; Karpel, 1976), o processo de autonomização adolescente como um processo na estreita inter-dependência com a individuação e como tal integrado num processo que se inicia na infância precoce. Concebemos o processo de individuação "a partir da fusão primitiva como um desenvolvimento universal e uma luta existencial e consistente com Mahler, Pine & Bergman (1975) como um princípio organizador fundamental do crescimento humano" (Sabatelli & Mazor, 1985, p.620). Segundo esta concepção, a individuação processa-se ao longo do ciclo de vida do ser humano, conhecendo no entanto períodos de maior intensidade. Um desses períodos é a adolescência, quando o ser humano sente a necessidade de se tornar capaz de viver com maior autonomia. Nesta fase do ciclo de vida a necessidade de se separar psicologicamente dos pais intensifica-se, assim como noutras fases, essa necessidade poderá ser sentida face a outras figuras significativas.

Por outras palavras e servindo-nos do pensamento fecundo de João dos Santos, a adolescência "introduz um novo equilibrio nos conflitos que resultam de primitivos processos de vinculação, identificação,

separação e reaproximação dos pais. O percurso evolutivo permite compreender melhor como pais e filhos persistem ligados pela necessidade de manter e de superar a ligação" (cit. in Figueiredo, 1985a, p. 10).

Se a individuação é um processo intrapsíquico ele pode no entanto ser inferido a partir das manifestações desenvolvimentais observáveis, tal como Malher e seus colaboradores fizeram para estudar o Processo de Separação e Individuação nos primeiros três anos de vida.

O nosso trabalho propõe-se estudar algumas dessas manifestações desenvolvimentais observáveis através do estudo da percepção de comportamentos de autonomia e das percepções de duas dimensões do parenting: o afecto e as práticas educativas.

10. Tivemos como preocupação, quer na concepção quer na discussão dos resultados, não só conseguir uma compreensão integradora das questões em estudo como também integrar tanto quanto possível a dimensão individual com a dimensão familiar/parental, tal como ela nos é dada pela percepção adolescente. Partimos da assunção básica de que os quadros de referência primordiais para a compreensão da autonomia adolescente são o individual e o familiar: por um lado os esforços do adolescente para se individuar e autonomizar, por outro lado, mas de forma interdependente, o sistema familiar (avós, pais, irmãos) enquanto quadro social e emocional através do qual e em relação ao qual a individuação e a separação ocorre e decorre.

Queremos no entanto deixar bem claro que embora o nosso trabalho não abarque, empiricamente falando, o contexto social e mais especificamente o quadro de referência dos amigos e pares de idade, ele estará presente na nossa reflexão. Com efeito, concebemos as relações de amizade como peças fundamentais na matriz relacional onde operam os mecanismos de vinculação e de separação. Partilhamos nesta matéria a

opinião dos investigadores Youniss & Smollar (1985) que sugerem que as relações de amizade deveriam ser consideradas parte do processo de individuação.

A perspectiva em que nos situamos é a de que as relações com os pais e as relações com os pares e amigos têm dinâmicas específicas não se substituindo, e contribuindo ambas para o desenvolvimento adolescente.

Não escamoteamos neste processo a importância da socialização, dos mecanismos sociais e culturais envolvidos na modelação dos comportamentos e da sua variabilidade em função da classe social de pertença. Não trataremos contudo estas variáveis no âmbito da Dissertação.

PLANO DO TRABALHO

Passamos agora à descrição da forma como concebemos e planeámos a apresentação da Dissertação.

Organizámos o nosso trabalho em três grandes PARTES: a I PARTE tratará da fundamentação, a II PARTE dos materiais e métodos e a III PARTE dos resultados, sua discussão e conclusões.

A I PARTE constará de três SECÇOES:

- A SECÇÃO I tratará das questões dizendo respeito à **AUTONOMIA ADOLESCENTE**, e a nossa análise da literatura produzida, abarcará não só as questões relativas à **autonomia comportamental**, como também relativas a outras dimensões da autonomia.

  Mais concretamente:

  * No CAPITULO I, sobre a **Autonomia Adolescente e Contexto Social**, situaremos o tema no contexto socio-histórico das sociedades ocidentais, e tentaremos equacionar algumas contradições na socialização da autonomia, durante o período adolescente.

* No CAPITULO II, sobre **Conceptualizações da Autonomia**, equacionaremos os problemas postos pela definição do conceito de **autonomia** e tentaremos extraír as conceptualizações predominantes e a sua crítica. Tentaremos ainda dar uma panorâmica sobre a forma como a investigação tem operacionalizado o conceito e abordaremos a questão dos instrumentos de medida.

* Nos CAPITULOS seguintes apresentaremos as perspectivas mais representativas, a partir das quais foi teorizada e investigada a autonomia:

. No CAP. III, a **Perspectiva Psicanalítica e Psicodinâmica**

. No CAP. IV, a **Perspectiva Interaccional**

. No CAP. V, a **Perspectiva Social-Cognitiva**

. No CAP. VI, **Outras Perspectivas**, nomeadamente a **Etológica** e a **Sociológica.**

Dentro de cada perspectiva incluiremos os trabalhos de investigação clínica e empírica seleccionados.

- A SECÇÃO II abordará a questão das **PERCEPÇOES ADOLESCENTES DAS ATITUDES PARENTAIS.** Começaremos por fundamentar a nossa opção pelo estudo das percepções adolescentes e equacionaremos em seguida algumas questões metodológicas.

- A SECÇÃO III apresentará o nosso **PLANO DE INVESTIGAÇÃO** e as nossas **HIPOTESES DE INVESTIGAÇÃO**, relativamente à **autonomia comportamental**, às **percepções das atitudes parentais** e à relação entre a **autonomia comportamental** e as **percepções das atitudes parentais.**

A II PARTE constará de três CAPITULOS:

- No CAPITULO I, sobre a **AMOSTRA**, começaremos por definir os critérios de amostragem e faremos depois uma descrição sucinta da amostra a partir da qual foi realizado o trabalho de campo.

- No CAPITULO II, sobre o **PROCEDIMENTO**, será descrito o procedimento seguido na realização do trabalho de campo.

- No CAPITULO III, sobre os **INSTRUMENTOS**, discutiremos o problema dos instrumentos de medida: apresentaremos o trabalho prévio que conduziu à construção do instrumento destinado ao estudo e medida da **autonomia comportamental** e descrevemos o instrumento utilizado para o estudo e medida das **percepções das atitudes parentais.**

A III PARTE constará de quatro SECÇOES:

- Na SECÇÃO I apresentaremos e discutiremos os resultados dos estudos que efectuámos, dizendo respeito a vários aspectos da **AUTONOMIA COMPORTAMENTAL.** Dentro de cada capítulo, serão explicitados os objectivos do estudo, amostragem, análises estatísticas, processamento informático, resultados encontrados, conclusões e discussão.

* No CAPITULO I, discutiremos as conceptualizações adolescentes da autonomia comportamental.

* No CAPITULO II, apresentaremos os resultados dos estudos relativos às dimensões: (1) do **desejo** de realizar a autonomia comportamental, (2) da **realização** efectiva de comportamentos de autonomia e (3) da **desobediência** aos pais para exercer a autonomia comportamental.

* No CAPITULO III, apresentaremos os resultados do estudo sobre o envolvimento das figuras materna e paterna: ou seja, a quem desobedecem e a quem se submetem os adolescentes no exercício da autonomia comportamental.

* No CAPITULO IV, iremos apresentar os resultados relativos à idade de início dos comportamentos de autonomia.

* No CAPITULO V, apresentaremos os resultados do estudo sobre a dimensionalidade do constructo de autonomia comportamental, tendo por base uma Análise Factorial em Componentes Principais.

- Na SECÇÃO II, apresentaremos e discutiremos os resultados dos estudos que efectuámos dizendo respeito às **PERCEPÇOES ADOLESCENTES DAS ATITUDES PARENTAIS.**

* No CAPíTULO I, apresentaremos a estrutura factorial do "Inventário de Percepções Adolescentes" (Youth Perception Inventory), instrumento de medida por nós utilizado para o estudo das percepções.

* No CAPITULO II, apresentaremos os resultados relativos às percepções adolescentes das atitudes parentais.

* No CAPITULO III, iremos verificar as correlações que existem entre as dimensões das atitudes parentais estudadas.

- Na SECÇÃO III, apresentaremos os resultados dos vários estudos que efectuámos, no sentido de encontrar a relação entre a **CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL** e as **PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS**, e também a relação com a **IDADE** e o **SEXO** do adolescente.

- Na SECÇÃO IV, faremos, por fim, uma síntese de todas as **CONCLUSOES** a que conduziram os estudos efectuados.

O trabalho incluirá ainda um conjunto de ANEXOS:

ANEXO I - Questionário.
ANEXO II - Determinação da Amostra.
ANEXO III - Características da Amostra.
ANEXO IV - Versão Original do YPI traduzida em Português.
ANEXO V - Versão do YPI aplicada na nossa Amostra.
ANEXO VI - Escalas do "Inventário de Percepções Adolescentes" isoladas após factorização.
ANEXO VII - Quadros de Análise de Variância das PAP e da CRA, por Grupos de Idade.

P R I M E I R A P A R T E

E N Q U A D R A M E N T O T E Ó R I C O

INTRODUÇÃO

Agora, como na altura em que Stanley Hall (1904) delineou as fronteiras da Psicologia da Adolescência, a transição dum estado de dependência dos pais para um estado de maior auto-governo, tem sido apontada como a característica principal que define a etapa de desenvolvimento adolescencial.

Mas agora muito mais do que na altura, o leque de disciplinas, de perspectivas sobre o processo de autonomização adolescente é vasto e diversificado, como vastas e diversificadas são também as utilizações que os autores fazem do conceito de autonomia.

Rever o corpus teórico existente sobre a matéria não se revelou tarefa fácil, tanto mais que nenhum dos modelos explicativos se impôs de maneira determinante. Por outro lado, o trabalho de revisão sistemática, a nosso conhecimento, não foi feito previamente por nenhum autor.

Tentaremos pela nossa parte, dar uma panorâmica tão completa quanto possível, numa perspectiva de actualidade, das diversas posições teóricas que se têm debruçado sobre o tema da autonomia adolescente, centrando o foco da revisão nos problemas que norteiam a nossa Dissertação.

Trata-se dum trabalho de recolha mas também, e em simultâneo, de um trabalho de reflexão e de crítica, de sistematização e de balanço do material recolhido, numa elaboração pessoal progressiva que inevitavelmente se constituirá no cadinho da nossa própria investigação.

Numa área tão complexa como a que nos propomos rever, nenhum estudo pode ser considerado definitivo. Tentaremos no entanto encontrar evidência empírica sempre que trabalhos usando diferentes métodos e diferentes amostras, conduzem a resultados congruentes.

Dado que a nossa investigação trabalha com hipóteses relativas a adolescentes "normais" e portanto numa amostra não-clínica, passaremos em revista apenas os trabalhos que, na área da clínica ou da psicopatologia em geral, se mostrem relevantes para o nosso trabalho.

Embora tendo sempre como foco a adolescência, muitas vezes se revelou necessário fazer incursões à infância, reatando o fio condutor do desenvolvimento à luz do qual o processo adolescente ganha em compreensibilidade.

Deparámos no decorrer do nosso trabalho de revisão da literatura, na sua quase totalidade em língua inglesa, com conceitos cuja tradução exacta em português nem sempre se revelou imediata. Nesses casos, optámos pela sua tradução, mas deixando entre parêntesis o termo na sua língua original.

Utilizaremos os termos individuação e individuado, que correspondem à tradução literal dos termos em inglês individuation e individuated, também traduzidos por alguns autores portugueses por individualização e individualizado.

SECÇÃO I: A AUTONOMIA ADOLESCENTE

C A P Í T U L O I

AUTONOMIA ADOLESCENTE E CONTEXTO SOCIAL

O nosso trabalho de investigação, debruça-se a partir de um campo de observação e de reflexão particular, o da Psicologia, sobre a **autonomia**. Não iremos aprofundar aqui portanto os aspectos sócio-históricos ligados à autonomia nas diferentes épocas históricas, no sentido sincrónico e diacrónico, mas tão só tecer considerações sobre alguns aspectos sociais.

Entendemos a autonomia como uma tarefa desenvolvimental iniciada desde cedo na infância do Homem e conhecendo a partir daí períodos de intenso crescimento.

Um desses períodos é a adolescência (do latim adolescere que significa crescer) e é para dentro desse período do ciclo vital que iremos dirigir o nosso olhar, lançar a nossa interrogação...

A passagem de um estado simbiótico com a mãe na infância precoce (Mahler, 1968) para um estado de diferenciação e de autonomia pode ser considerada uma invariante no crescimento humano; já as condições em que essa passagem se processa conhece uma grande variabilidade consoante os diversos contextos em que decorre.

Começaremos por abordar a problemática das condições socio-históricas, o contexto mais alargado, dentro do qual outros e outros se configuram e dentro do qual necessariamente qualquer estudo sobre a autonomia deve ser enquadrado.

Nenhuma sociedade pode funcionar efectivamente ou perdurar, se cada um dos seus membros não funcionar competentemente por si mesmo, se não contribuir com a sua parte pessoal para a sobrevivência. Por outras palavras, todas as sociedades esperam que os seus membros adultos sejam auto-suficientes em determinado grau e esperam que os seus membros jovens se tornem mais autónomos (ou mais auto-suficientes) durante o período do seu maior crescimento, desenvolvimento e socialização.

Todas as sociedades esperam portanto que um certo grau de autonomia e de responsabilidade social seja atingido após a adolescência dos seus membros. A "quantidade e qualidade" de autonomia requerida difere, de acordo com as expectativas relativas aos esteriótipos dos papéis sexuais e de acordo ainda com o sistema de valores de cada sociedade.

As sociedades industrializadas ocidentais, quadrante em que nos englobamos como país e como realidade cultural, erigiram como um dos seus valores centrais a liberdade individual, a possibilidade de atingir um estatuto de indivíduo autónomo, capaz de decidir sobre a sua própria vida. A terapeuta Vivian Rakoff (1978) afirma mesmo que "até muito recentemente a individuação, a independência, e o direito de dar prossecução a uma identidade pessoal têm sido percebidas como expressões do maior bem estar social. Esta tem sido a ideologia essencial do século vinte" (op.cit., p.119).

No entanto, as sociedades ocidentais diferem na forma como preparam as suas crianças e adolescentes para a autonomia e dentro de cada sociedade, os valores erigidos pelas diferentes classes sociais moldam diferentes expectativas relativas à autonomia do adolescente . Por exemplo, na opinião do sociólogo português Moisés Espírito Santo, teria havido uma mudança na sociedade portuguesa na forma como socializa os seus membros mais jovens, em direcção a um menor grau de autonomização destes: "a educação moderna (à maneira citadina) está cada vez mais

difusa. A antiga educação popular previa a independência, ou como se dizia, fazer homenzinhos e mulherzinhas e não bébés. Hoje, procura-se levar as crianças e os jovens à infantilização".[1]

Infelizmente não dispomos de informação de historiadores ou sociólogos portugueses sobre esta matéria, o que nos permitiria contextuar mais solidamente a nossa própria investigação .

A arte de criar e transformar em homem ou mulher o bébé humano não é contudo fácil. A antropóloga Ruth Benedict (1938) afirma mesmo que "a natureza dispôs a situação dramaticamente: num lado, o novo recém-nascido, fisiologicamente vulnerável, incapaz de singrar por si próprio ou de participar por sua própria iniciativa na vida do grupo, no outro lado, o homem ou a mulher adultos" (op. cit., p. 161). Acresce ainda que a nossa cultura enfatizou, muito mais do que outras, os contrastes entre a criança e o adulto (criança assexuada / adulto apreciado pela sua virilidade; criança protegida dos aspectos feios da vida / adulto enfrentando-os sem poder claudicar; criança obedece / adulto comanda), o que a leva a considerar a existência de três grandes padrões de descontinuidade entre os papéis de adulto e de criança: Estatuto responsável - Estatuto não-responsável; Domínio - Submissão; Papéis sexuais contrastantes.

Na sua opinião, estes três padrões de descontinuidade nos papéis esperados enquanto criança e mais tarde enquanto adulto (pai ou mãe), seriam em grande parte responsáveis pelo stress e pela natureza tumultuosa ("storm and stress") da adolescência nas culturas ocidentais.

---

1. In " O Jornal Ilustrado", suplemento ao nº 683 de " O Jornal" de 25 a 30 de Março de 1988, p.39.

Um outro padrão de descontinuidade que as sociedades industrializadas ocidentais conhecem actualmente é, segundo a antropóloga Margaret Mead (1970), o padrão pré-figurativo: o fosso inter-geracional criado pela impossibilidade da transmissão da herança cultural (transmissão do saber e da experiência dos pais para os filhos) devido à acelerada mutação social (inovação tecnológica, novos recursos postos à disposição dos adolescentes não conhecidos na adolescência dos pais, etc.), o que coloca os adolescentes perante novos desafios situacionais, transformando-os mais em " criadores de cultura" do que em herdeiros da cultura dos progenitores.

No entanto, esta visão não é partilhada por alguns historiadores que minimizam a importância do "fosso inter-geracional" e trazem uma outra perspectiva que nos parece interessante contrastar com a anterior.

Segundo Gillis, um historiador que tratou a questão da juventude e da História na perspectiva da tradição e da mudança nas sociedades europeias: "Os membros jovens de uma classe particular experienciam o mundo diferentemente da forma como os membros mais velhos o experienciam, mas ambos partilham uma herança comum. A noção popular de "fosso geracional" ignora esta totalidade e deve ser usada só com grande precaução. Existem,é certo, diferentes gerações [...] mas existe também uma enorme continuidade dentro duma classe, género, ou grupo étnico que liga as gerações numa visão e em comportamentos comuns [...] . Os jovens são tanto executores como herdeiros da tradição. Cada geração redefine as suas tradições de modo a dar resposta às suas necessidades particulares " (Gillis, 1981, cit. in Youniss & Smollar, 1985, p.173).

Também determinados mecanismos sociais podem afectar de modo contraditório o desenvolvimento da autonomia durante a adolescência.

Fasick (1984), um sociólogo canadiano, dá-nos um exemplo de como, na sociedade norte-americana do vigésimo século, dois mecanismos sociais afectam de modo contraditório o desenvolvimento da autonomia adoles-

cente: o sistema escolar e a economia de mercado em larga-escala. A contradição situa-se, segundo o autor, no facto que a primeira contribui para o fomento e institucionalização da dependência no adolescente, o segundo pressiona para a capacidade dum funcionamento autónomo e competitivo.

A contradição entre a pressão do mecanismo económico que põe muito peso na autonomia do jovem adulto e o sistema escolar que fomenta a dependência infantil, representa para o autor um padrão de descontinuidade no condicionamento cultural de que fala Benedict (1938).

A cultura juvenil seria então na sua perspectiva e de acordo com outros autores (Parsons, 1950, Burlingame, 1970, cit. in Fasick, 1984), uma invenção social do século XX, que serve para tornar difuso o stress provocado pelas contradições dos mecanismos sociais: a pressão provinda da dependência em que é colocado o adolescente, cuja estrutura de vida, quer na escola quer na família,é uma extensão da infância e da sua necessidade de atingir um sentido de autonomia. Segundo o autor, a integração do adolescente na cultura dos pares representa um difícil mas primeiro maior passo em direcção a uma vida autónoma, e o comportamento a área fundamental que mediatiza a autonomia:" a arena dentro da qual os adolescentes afirmam a sua autonomia e realizam um estilo de vida distinto é no reino do comportamento -não todo o comportamento, mas as actividades não essenciais orientadas para os tempos livres que consubstanciam a sua vida social com os pares"(op.cit., p.150). O compromisso com a cultura juvenil permite ainda na opinião do autor, deixar intactos compromissos maiores com os valores básicos partilhados pelos pais e pela comunidade.

Uma outra situação paradoxal, relativamente à posição da sociedade americana perante a autonomia adolescente, é identificada pelos investigadores americanos,Hill e Holmbeck.

O paradoxo está, segundo os autores referidos, em que se continua a associar adolescência com luta-pela-autonomia ao mesmo tempo que se tem perante ela uma enorme atitude de protecção, ou ainda uma atitude que visa retardar a chegada à adultícia: "a pressão sobre os jovens para adiar a transição para a adultícia é enorme apesar de ser evidente que eles atingem a maturidade física mais cedo do que no passado" (Handlin et al., 1971, cit. in Hill & Holmbeck, 1986, p. 147).

O trabalho, as experiências educacionais, raramente oferecem oportunidades para o desempenho de papéis sociais regulados pelos próprios adolescentes ou para o desempenho duma conduta autónoma já que, se por um lado, lhes é dada maior liberdade, por outro lado, pais e professores controlam largamente o seu dia-a-dia passado quase em full-time na escola.

Segundo os autores ainda, esta situação teria levado alguns analistas do sistema escolar de nível secundário nos E.U.A., a criticar a passividade do papel de estudante e a recomendar reformas destinadas a promover a autonomia.

Nós próprios, em trabalho anterior (Fleming, 1983), sublinhámos que a disjunção entre a capacidade procriativa do jovem (maturidade biológica mais cedo atingida do que no passado) e a sua capacidade socio-económica (acesso à casa e ao emprego retardados) se tem vindo a acentuar, encorajando-se por um lado a separação do jovem da família de origem e retardando-a por outro lado, já que dum modo geral o jovem permanece hoje até mais tarde no seio da família, situação que parece ser comum tanto nos jovens europeus como norte-americanos.

Com efeito, o sociólogo francês Chamboredon (s/d)[2] identificou alguns índices do prolongamento do período de coexistência entre as

---

2. Comunicação apresentada no "Colóquio Nacional sobre a Pós-Adolescência", Grenoble, Abril-Maio, 1983.

gerações: a permanência duradoura nos estatutos pré-matrimoniais e pré-parentais (casamento retardado e acesso retardado à paternidade), afirmando que "tudo se passa como se houvesse um atraso ou uma transferência do momento do establishment" (op. cit., p. 16).

Com maiores ou menores contradições, num contexto mais ou menos descontínuo entre gerações, a socialização dos adolescentes é sem dúvida um factor importante na forma como adultos e adolescentes lidam com os problemas da autonomia .

Generalizado, contudo,é o desejo que cada sociedade tem que os seus membros adolescentes se tornem indivíduos autónomos das suas famílias de origem e venham a integrar a comunidade adulta e a partilhar os seus valores básicos: que assegurem em suma, a reprodução biológica da espécie e a reprodução cultural da sociedade.

Mas será que o desejo de autonomia é partilhado pelos próprios adolescentes? A investigação prévia responde afirmativamente à questão formulada: a autonomia aparece como um valor fundamental na vida dos adolescentes (Konopka, 1983, Meyer, 1988), como uma das questões mais importantes e aliciantes, associadas à expectativa da entrada na adolescência (Williamson, 1985), como um dos aspectos mais interessantes da idade (Benaches, 1981). Nós próprios, em colaboração com outros autores (Figueiredo et al., 1983) em trabalho de investigação prévio, pudemos verificar empiricamente a presença do desejo de autonomia, em adolescentes portugueses, no período peri-pubertário: colocados perante o dilema entre a autonomia e a dependência da família, 48.Ø % dos rapazes e 46.8 % de raparigas de 12-13 anos optam já pela autonomia e essa proporção sobe de forma significativa com o aumento da idade.

No contexto das ciências mais empenhadas no estudo do desenvolvimento do ser humano, também a questão da autonomia merece um lugar proeminente. Teóricos de diferentes orientações são unâmines em con-

siderar a autonomia como uma questão central para a compreensão da segunda década da vida, seja a autonomia entendida como constructo crucial, estádio ou tarefa desenvolvimental.

Greenberger (1984), autora de importantes obras sobre a adolescência, afirma concretamente - e a sua afirmação é sumamente ilustrativa do interesse posto pelas teorias psicológicas no tema da autonomia - que: "o funcionamento competente do indivíduo como uma entidade separada ou independente é um ponto focal de todas as teorias psicológicas do desenvolvimento, [...] o tema **major** nas teorias da personalidade é que os indivíduos se desenvolvam a partir duma posição de total vulnerabilidade e dependência face a outros para uma subsequente condição de competência e autonomia " (op. cit., p. 4).

Não queremos no entanto terminar esta introdução, de carácter mais sociológico, sem referirmos o pensamento da terapeuta Vivian Rakoff (1978), que alerta para os perigos duma tónica excessiva posta pela cultura no culto do ser individual criando na sua opinião a ilusão da desvinculação.

Após ilustrar a "ilusão da desvinculação" através de alguns casos clínicos, Rakoff comenta: " através do processo histórico de evolução democrática, foi-nos dada, e numa escala sem precedentes, o direito de sermos indivíduos e independentes. E um grande privilégio, mas ele contém um grande perigo. O perigo é que podemos facilmente perceber erroneamente o self como totalmente independente" (op. cit., p. 129).

Somos pela nossa parte muito sensíveis à importância que assume no evolutivo humano a relação humana, a necessária interacção permanente entre o self e o outro, ou ainda o self-no-outro e, neste sentido, partilhamos o sentir de Rakoff ao criticar uma excessiva valorização cultural da independência como meta individual a atingir, porque " talvez não tenhamos suficientemente percebido na natureza da identidade individual a extensão do quanto o self está sempre contido nos outros" (op. cit., p. 129).

Sublinhámos que a transição dum estado de dependência e vulnerabilidade para um outro de maior auto-governo,é um padrão comum a todas as culturas. Afirmámos também que as práticas educativas usadas para preparar o estado adulto variam com as características do meio social e que os dispositivos sociais postos à disposição do adolescente, contraditórios ou paradoxais, afectam o decurso da transição.

Introduzida a questão da importância do contexto sócio-histórico, iremos a partir de agora centrar-nos na sistematização da informação científica disponível, na área de estudo em que nos situamos, tentando apreender as diferentes conceptualizações, teorizações e experimentações que a questão tem merecido por parte da grande comunidade científica, também ela trabalhando em contextos e condições socio-históricas diferentes.

C A P I T U L O II

CONCEPTUALIZAÇOES DA AUTONOMIA

1. Conceptualizações da autonomia adolescente.

Apesar da importância conferida à adolescência pelas sociedades industrializadas ocidentais no decorrer deste século, apesar da autonomia permanecer ao longo do tempo, uma questão central para os investigadores interessados no estudo do desenvolvimento psicossocial do adolescente, apesar ainda da autonomia ser uma das questões consideradas como muito importantes pelo próprio adolescente no seu vivido existencial, a operacionalização do conceito de autonomia não parece ter merecido investigação suficiente.

Alguns autores afirmam mesmo que a investigação nesta área permanece largamente a-teórica e conceptualmente obscura por natureza (Steinberg & Silverberg, 1986; Hill & Holmbeck, 1986) apesar dum corpo teórico vasto e consistente dentro de cada perspectiva.

As primeiras abordagens específicas datam dos anos 30, mas o maior volume de investigações surgiria a partir dos anos 60, período em que se enfatizou o conflito de gerações, a adolescência concebida enquanto rebelião, rejeição dos pais e dos seus valores , tese que viria a obter mais tarde pouca comprovação empírica.

Para as conceptualizações produzidas em torno do termo autonomia não são alheios os discursos ideológicas surgidos no seio da sociedade sobre os fenómenos juvenis, bem como as produções teóricas surgidas no seio da comunidade intelectual, mas o apuramento de uma conceptualização rigorosa e cumulativa parece longínquo.

Acresce ainda que o desenvolvimento da autonomia (envolvendo pais, pares, sociedade) é um processo complexo, exigindo uma abordagem compreensiva, multivariada, das variáveis ou factores que a determinam. Complexo ainda pelas várias dimensões que envolve e pelas diversas conceptualizações que a abordam.

Com efeito, já em 1966, Douvan & Adelson, ao equacionarem e desenvolverem uma discussão teórica sobre a natureza multidensional da autonomia, sublinham que "o termo [autonomia] tem sido usado de forma variável e idiossincraticamente por autores de diferentes convicções e perspectivas" (op. cit., p. 130) e a situação descrita não se tem alterado substancialmente até aos nossos dias.

Afim de captar as conceptualizações predominantes e a sua crítica, a partir do corpo de literatura disponível, começaremos por nos debruçar sobre a questão da conceptualização e operacionalização da autonomia, passando em revista, dos primeiros trabalhos às publicações mais recentes.

As primeiras abordagens empíricas sobre a autonomia adolescente utilizam o conceito de emancipação (Dimock, 1937; Sherman, 1946).

Este último autor, enfatiza a importância do estudo da relação entre pais e filhos adolescentes para a compreensão da autonomia e desde logo sublinha a necessidade duma conceptualização rigorosa. O autor propõe o uso do conceito de desmame psicológico (psychological weaning), porque mais apropriado para o estudo do processo de atenuação do domínio

parental que, quanto a ele, envolve mudanças tanto nos filhos como nos pais e o uso do conceito de emancipação quando se pretende estudar as mudanças progressivas nos hábitos dos indivíduos em crescimento.

Esta conceptualização não conhece no entanto grande incremento por parte dos investigadores que vêm a utilizar progressivamente os termos de autonomia, independência, desvinculação (detachement) e mais recentemente os termos de individuação (individuation) ou individualidade (individuality) e ainda de auto-governo. Os termos autonomia e independência, nem sempre contêm duma forma explícita a conceptualização teórica do autor, remetendo mais para uma conceptualização implícita, perceptível através da operacionalização adoptada.

No entanto, é possível encontrar na literatura disponível algumas conceptualizações:

Jersild (1957) considera que o elemento essencial de independência é "a liberdade, o desejo e a capacidade de ser responsável pelos próprios pensamentos, sentimentos, julgamentos morais e decisões práticas" (op. cit., p. 231). Refere que, mais importante que a independência formal ou económica é a independência psicológica, mais difícil de adquirir, por implicar um processo de separação emocional dos pais, de desidealisação.

E muito semelhante a definição dada por Murphey et al. (1963) para autonomia: "capacidade de fazer escolhas separadas e responsáveis, demonstrada pelo sentimento de ser uma pessoa separada e não uma extensão de outras, um desejo de liberdade para fazer escolhas, seleccionando ou rejeitando influências externas e assumindo responsabilidade pelas próprias decisões"(op.cit.,p. 645).

Kandel & Lesser (1969, 1972), num importante estudo conduzido com adolescentes, nos E.U.A. e na Dinamarca, sobre os factores familiares que promovem a independência, definem este conceito como um sentimento subjectivo de liberdade ("sentir-se livre").

Martin (1975), em trabalho de revisão sobre as "Relações Pais-Filhos", refere que o conceito de independência inclui habitualmente as seguintes características: iniciativa, auto-confiança e uma luta pela obtenção de objectivos, sem ajuda. Neste sentido uma pessoa sugestionável, procurando ajuda e conformando-se será pouco independente. Embora reconhecendo alguma ligação entre os conceitos de independência e dependência Martin preconiza a sua separação conceptual, vendo no último uma réplica do conceito de vinculação (attachment).

Para Berzonsky (1981), "uma pessoa autónoma é razoavelmente auto-suficiente e relativamente independente, pelo menos, das pessoas que primeiramente cuidaram dela" (op. cit., p. 101). Aprofundando mais esta definição, o autor refere o modelo de Greenberger & Sorensen (1974, in Berzonsky, 1981). Neste modelo, a autonomia é definida enquanto capacidade para funcionar competentemente e considera-se que as realizações desenvolvimentais que promovem o funcionamento autónomo são: a auto-confiança -sendo esta básica - uma orientação positiva para o trabalho e um claro sentido de identidade.

Turnbull & Turnbull (1985) utilizam o termo independência, que definem como "a escolha de viver a própria vida com as capacidades e meios que lhe são inerentes, de forma consistente com os valores pessoais [...] como sinónimo de liberdade de escolha, auto-determinação e autonomia de interferências externas" (op. cit., p. 108).

Outra definição semelhante é a de Margalit & Schulman (1986), para quem a autonomia é "o desejo da pessoa controlar as suas próprias acções e ficar livre do controlo coercivo do seu comportamento pelos outros" (op. cit., p. 291).

Alguns autores, porém, avançaram mais na definição de autonomia, isolando diferentes tipos: a autonomia não seria um conceito unidimensional, mas pluridimensional como viria a ser demonstrado.

Ausubel (1954) distingue a autonomia volitiva, que consiste na capacidade de tomar decisões, da autonomia executiva, que se traduz na capacidade de realização, fazer as coisas por si próprio.

Douvan & Adelson (1966), como dissemos, propõem um conceito de autonomia de carácter multidimensional constituída por: autonomia emocional, comportamental e de valores. A autonomia emocional refere-se "ao grau em que o adolescente conseguiu abandonar os laços infantis à família" (op. cit., p. 130), a autonomia comportamental "diz respeito ao comportamento e à decisão" (op. cit., p. 130) e está mais ligada à capacidade de fazer coisas, de agir e de decidir por si próprio. Segundo os autores, estes são os dois níveis mais básicos de autonomia; é mais difícil de alcançar a autonomia de valores, que resulta mais da exploração pessoal de valores em conflito com os dos pais e da sociedade do que duma simples internalização dos valores parentais.

A autonomia emocional tem vindo a ser estudada por alguns autores, como veremos no Capítulo seguinte.

Steinberg e Silverberg (1986, 1987), por exemplo, estudam-na num quadro de referência preciso, as teorias de Blos sobre o processo de individuação e conceptualizam a autonomia emocional enquanto abandono das dependências e das concepções infantis face aos pais.

Turnbull & Turnbull (1985), por seu lado, consideram duas dimensões básicas de autonomia: consentimento e escolha. O consentimento tem a ver com a capacidade intelectual de tomar e expressar uma decisão, com a capacidade de adquirir informação e ficar informado sobre a natureza da decisão e com a capacidade de agir voluntáriamente. A escolha é a direcção ou manifestação do consentimento, ou seja, é a selecção de uma actividade consentida ou recusada.

Finalmente, citemos as dimensões isoladas por Shouval et al.(1975, 1977, in Margalit & Shulman, 1986) para a autonomia:

- capacidade de resolver um problema de forma independente, sem procurar ajuda exterior;

- aquisição de relativa independência dos pais e capacidade de funcionar sem ser em contacto próximo com eles;

- ajustamento aos pares mas de modo a ajustar as necessidades próprias em função das exigências do grupo.

Alguns investigadores têm, por seu lado, trazido contribuições importantes para a conceptualização e identificação das componentes da separação psicológica pais-adolescentes, na adolescência tardia.

E o caso de Hoffman (1984), que partindo do quadro teórico desenvolvido por Blos, identifica quatro componentes: a independência funcional (capacidade de manejar e dirigir os seus assuntos pessoais com assistência mínima por parte dos pais); a independência de atitudes (imagem de si próprio como único e ter o seu próprio conjunto de crenças, valores e atitudes); a independência emocional (libertação duma necessidade excessiva de aprovação, intimidade e suporte emocional por parte dos pais); e a independência conflitual (libertação duma excessiva culpa, ansiedade, ressentimento, responsabilidade e raiva em relação aos pais).

Também Moore (1987), partindo das conceptualizações dos próprios adolescentes sobre a separação, identifica a estrutura de componentes envolvida na separação psicológica na adolescência tardia. Nos seus estudos de Análise Factorial isola oito dimensões: (1) Auto-governo; (2) Desvinculação Emocional; (3) Independência Financeira; (4) Residência Separada; (5) Separação Física; (6) Afiliação Escolar; (7) Constituir Família; (8) Graduação Académica.

Todos estes trabalhos evidenciam o carácter multidimensional do constructo, apontando para a necessidade de desenvolver e aprofundar este tipo de estudos relativamente aos diferentes aspectos da autonomia e aos diferentes períodos etários em que se investiga.

A análise das definições produzidas leva-nos a concluir, e de acordo com a análise de Hill & Holmbeck (1986), que dois grandes conceitos subjazem à maior parte das definições produzidas.

São eles: um conceito baseado na desvinculação (detachment) e outro conceito baseado na libertação das influências sociais (em grande medida parentais).

A tónica central destas duas conceptualizações é posta na independência, no pressuposto de que a luta pela independência é característica da adolescência e que a direcção da mudança é no sentido duma libertação a partir dum presumível alto grau de ligação e de influência parental. Implícito ainda a esta conceptualização está a noção de descontinuidade no desenvolvimento: a orientação-para-a-independência faria a sua emergência na puberdade.

Estes conceitos estão na base da maior parte da investigação realizada, quase toda ela reclamando-se da área das teorias psicodinâmicas ou de orientação psicanalítica.

Diferente é a conceptualização da autonomia encontrada em outras áreas da Psicologia e mais concretamente no domínio das teorias socio-cognitivas, onde a autonomia aparece conceptualizada como parte integrante de desenvolvimentos específicos, nomeadamente do desenvolvimento moral.

Hogan (1969, 1973, 1976, cit. in Kurtines, 1978) por exemplo, concebeu um modelo de desenvolvimento moral que inclui cinco dimensões independentes, (socialização, empatia, conhecimento moral, raciocínio moral e autonomia) sendo uma delas a autonomia. Cada uma destas dimensões define cinco tipos de relação que se estabelecem entre o indivíduo e o grupo social e as regras morais.

No domínio do desenvolvimento moral, a autonomia é ainda conceptualizada como estádio final do desenvolvimento moral, no modelo hierárquico de Kohlberg. Também o modelo hierárquico de desenvolvimento do ego de Loevinger inclui como estádio final do desenvolvimento do self um estádio designado autónomo.

Mais recentemente e nesta mesma grande área das teorias cognitivas e socio-cognitivas, alguns investigadores têm vindo a alargar o campo de conceptualização a outros quadros de referência, nomeadamente o quadro de interacção familiar e tendem a conceptualizar a autonomia adolescente em termos relacionais.

A autonomia não é aqui concebida enquanto atributo pessoal, que se atinge ou não consoante o nível de desenvolvimento cognitivo, mas sobretudo como uma característica da relação.

A autonomia é conceptualizada enquanto individuação ou ainda enquanto individualidade (individuality). Esta conceptualização, de raiz social-cognitiva, incorpora as perspectivas psicanalítica de Mahler sobre a infância, a de Blos sobre a adolescência, e constructos derivados das teorias sistémicas sobre a família. Nesta interpretação do conceito de individuação entende-se que os adolescentes transformam mais do que abandonam, a sua relação com os seus pais.

Destacamos nesta área as conceptualizações de autonomia usadas por algumas equipas de investigação, cujos trabalhos daremos conta mais adiante:

White et al. (1983) têm por base um conceito de autonomia que chamam individuação, entendida esta enquanto um estádio precoce na transformação das relações dos jovens adultos face aos pais. Nesta perspectiva, a mudança na relação pais-filhos passa de uma posição de autonomia/individuação para uma maior mutualidade (posição semelhante é relação adolescente - pares de idade).

Bell & Bell (1983) conceptualizam a individuação como um processo relacional no qual os parceiros, ao validarem um com o outro os seus pontos de vista pessoais sobre o mundo, promovem o desenvolvimento duma auto-consciência diferenciada em ambos.

Cooper, Grotevant e Condon realizam, por sua vez, desde 1982 um importante trabalho de conceptualização e de investigação nesta área. Os autores desenvolvem e testam um modelo de individuação na adolescência, em que a autonomia ou a individualidade seria uma das componentes, complementar à componente de ligação (connectedness).

Os seus estudos, incluíndo várias análises factoriais de dados recolhidos na interacção familiar (análise de comportamentos comunicacionais individuais a partir de um instrumento de medida da interacção familiar, o "Family Interaction Task") conduziram à elaboração dum modelo relacional de individuação que se tem revelado um instrumento conceptual válido no estudo de competências adolescentes, na interface indivíduo-família.

A individuação neste modelo é definida como "uma qualidade da relação diádica, gerada por ambos os seus membros" (Grotevant & Cooper, 1986, op. cit., p. 87) e nesta conceptualização a individuação incorpora duas componentes complementares: a individualidade (individuality) e a ligação (connectedness).

A individualidade é reflectida por duas dimensões: a separação (separatness) e a auto-asserção (self-assertion) e a ligação por duas dimensões: a mutualidade (mutuality) e a permeabilidade (permeability).

A separação envolve a capacidade de exprimir diferenças entre o self e os outros e, a vontade de aceitar a responsabilidade pelos seus próprios sentimentos e pensamentos e a capacidade de comunicar e de diferenciar claramente as suas ideias. A auto-asserção envolve a consciência do seu próprio ponto de vista e a responsabilidade de o comunicar com clareza. A mutualidade envolve a demonstração da sen-

sitividade e o respeito pelas crenças, pensamentos e ideias dos outros; e a permeabilidade diz respeito à abertura às ideias dos outros, permitindo e encorajando que o outro desenvolva um ponto de vista (Grotevant & Cooper, 1986).

Na perspectiva de Youniss & Ketterlinus (1987), cujo trabalho tem servido de suporte ao desenvolvimento deste modelo, a componente individualidade reflecte "o movimento de saída duma definição de self, válida durante a infância, para a construção dum self que se consubstancia nas experiências pessoais mais do que nos desejos parentais" (op. cit., p. 267) e a componente ligação consiste em "permanecer ligado aos pais de maneira a que seja possível solicitar e receber a sua validação para o que de individual se construíu" (op. cit., p. 267).

A componente individualidade é a que melhor exprime o constructo de autonomia e a sua definição no contexto deste modelo parece-nos ser de grande riqueza conceptual e abrir vias de investigação numa área ainda por estudar: a da inter - relação entre os processos de separação e de vinculação e definida por Hill & Holmbeck (1986) como área prioritária na investigação adolescente, como dissemos na Introdução Geral.

Esta conceptualização tem estado aliás na base de alguns trabalhos compilados por Grotevant & Cooper (1983) no livro: Adolescent Development In The Family, todos eles convergindo num mesmo foco: o papel da relação no desenvolvimento do indivíduo e a contribuição deste desenvolvimento para a qualidade das relações do indivíduo.

Uma variedade de outras variáveis têm sido associadas, pelo menos conotativamente, com a autonomia: locus de controlo (interno), (in) dependência de campo, (não) conformidade, instrumentalidade (agency), resistência à persuasão.

Não existem no entanto, segundo Hill & Holmbeck (1986) muitos trabalhos sobre a adolescência, sob estas rúbricas, e o que existe não é cumulativo. Os autores referem contudo que, implícito a esses trabalhos, estão concepções de processos de "auto-governo" de interesse para o problema da autonomia, porque enfatizam o que é suposto ser adquirido mais do que aquilo que é abandonado durante o processo de autonomização. Ou seja, "poucos estudos sobre a relação pais-filhos se têm centrado na auto-regulação enquanto legado da modificação das relações próximas com os pais, durante a adolescência" (op. cit., p. 150).

2. Discussão crítica

Passámos em revista as conceptualizações predominantes sobre a autonomia adolescente, a partir da leitura que fizemos da literatura disponível .

Algumas críticas têm sido tecidas em torno dessas conceptualizações. As mais sistemáticas e pertinentes, e com as quais nos identificamos, têm vindo a ser equacionadas por Hill & Holmbeck (1986) e referem-se sobretudo à concepção da autonomia enquanto independência.

Na opinião dos autores, os processos normativos e as saídas ou os resultados finais da aspiração adolescente pela independência raramente são especificados pelos investigadores que usam essa conceptualização. Estes não têm descrito o que é retido ou mantido quando a libertação ocorre, fazendo pressupor que os pares substituem os pais como objectos de ligação e influência. Ora, tem-se verificado empiricamente (faremos referência a esses trabalhos em capítulos posteriores) que os adolescentes mantêm não só relações calorosas com os pais ao longo do processo adolescente como continuam a contar com a influência parental na

regulação das suas opções . Além disso, lembram os autores, a "libertação da influência social" não se enquadra em nenhum modelo psicossocial de relações sociais adultas na nossa sociedade.

Uma outra crítica diz respeito aos limites conceptuais da noção de independência que não integra a noção de relação. Segundo Hill & Holmbeck (1986), as noções de "libertação de" situam o processo dentro do adolescente e não na relação entre ele e os pais.

Esta crítica tem sido protagonizada também por outros autores, em trabalhos sobre a adolescência. Sprinthall & Collins (1984), por exemplo, referem que, paralelamente ao processo de maturação do jovem ocorrem transformações importantes na família. Assim, a autonomização não é apenas uma questão dos adolescentes, é-o também familiar, pelo que se deve falar em desenvolvimento da família: "enquanto os adolescentes passam um período de formação de identidade para os seus futuros papéis de adultos, os pais também questionam as bases nas quais se fundaram as suas vidas de jovens adultos" (op. cit., p. 227).

Estes autores corroboram portanto a crítica de Hill & Holmbeck (1986), os quais por sua vez fundamentam a sua argumentação nas mudanças da família: "sabe-se que os pais respondem às mudanças biológicas da adolescência que pressagiam a aparência adulta, a estatura e a maturidade reprodutiva - com mudanças nas suas próprias expectativas e nos seus comportamentos face aos filhos, dando-lhes mais liberdade, exigindo maior responsabilidade ou sendo mais severos" (op. cit., p. 149).

Quanto à emergência da aspiração pela independência na puberdade, e a noção de descontinuidade, Hill e Holmbeck lembram que se escamoteia o facto de muitos pais valorizarem a independência desde muito cedo na vida dos filhos.

Duma outra perspectiva, também o conceito de individuação, utilizada pelos teóricos e investigadores de orientação psicanalítica e psicodinâmica, é criticado em trabalho exaustivo de Franz & White

(1985) que fazem sobretudo uma crítica à teoria do desenvolvimento psicossocial de Erickson, por não ter devidamente em conta os aspectos da vinculação interpessoal.

Para estes autores, uma teoria do desenvolvimento deve ter em devida conta a individuação e a vinculação interpessoal. Franz & White (1985) propõem um modelo de desenvolvimento em hélice dupla no qual "dois eixos psicológicos de individuação e de vinculação, separados mas interligados, ascendem numa espiral representando o ciclo de vida. Cada estádio representa uma mudança desevolvimental intrapsíquica quer na individuação quer na vinculação" (op. cit., p.247). Estes autores fundamentam o seu modelo em conceitos oriundos das teorias socio-cognitivas de Selman e da teoria das relações objectais de Horner, Mahler, a partir do quadro da referência primeiramente concebido por Erickson.

De certa forma, poderíamos dizer então, que o modelo de individuação de Cooper et al., ao incorporar as duas vertentes - a da autonomia e a do vínculo emocional -responde às críticas enunciadas atrás porque propõe um modelo que integra a estrutura relacional interpessoal.

Também a crítica de Grotevant & Cooper (1986) aos modelos de relação entre pais e filhos, que subjazem às conceptualizações de autonomia adolescente, é pertinente para o trabalho que nos propusemos aqui.

Na opinião destes investigadores, três perspectivas sobre a relação pais - adolescentes têm predominado na literatura: (1) a que defende que a tarefa do adolescente é tornar-se independente da influência parental (2) a que argumenta que a qualidade da relação permanece contínua desde a infância e através da adolescência pelo menos para a maioria dos adolescentes (3) a que defende que a relação se transforma consideravelmente desde a adolescência precoce até a idade de jovem adulto, à medida que é renegociada pelos pais e pelo adolescente.

A primeira perspectiva argumenta que o desenvolvimento da relação passa pelo rompimento dos laços infantis aos pais e desconsidera as importantes continuidades na relação pais-adolescentes e que se estendem na adultícia.

Esta perspectiva tem tido expressão, na opinião dos autores referidos, sobretudo em duas áreas - sociológica e clínica - e nestas duas áreas a visão que se tem sobre a autonomia é a de que o adolescente muda das afiliações familiares para as afiliações aos pares.

Na opinião dos autores, esta visão deve-se sobretudo, quer ao tipo de metodologias utilizadas nos trabalhos que a fundamentam, que não captam as interacções mais igualitárias entre pais e filhos, quer ao facto da investigação clínica apenas trabalhar em amostras seleccionadas de adolescentes que se envolvem em comportamentos considerados ameaçadores pelos adultos.

Os autores argumentam que os estudos empíricos, tais como o de Kandel & Lesser (1972), desmentem a visão do adolescente arrancando à força os privilégios da maturidade aos seus pais adversários e dão uma visão do adolescente solicitando o apoio e influência parentais.

A segunda perspectiva baseia-se sobretudo nos resultados dos trabalhos de Offer (1969) e de Douvan & Adelson (1966), que reflectem relações de continuidade e de harmonia entre pais e adolescentes. Estes trabalhos foram porém criticados por Coleman (1978) que argumenta que estes estudos não captaram suficientemente os sentimentos do adolescente e por isso não identificaram os pontos de conflito. As limitações metodológicas poderão assim ter provocado bias na natureza dos resultados.

Finalmente, a terceira perspectiva, a que serve de suporte ao modelo relacional de individuação que descrevemos atrás, concebe uma relação entre pais e adolescente contendo aspectos de mudança e de continuidade.

Esta perspectiva baseia-se também ela em estudos empíricos realizados por outros autores e sustenta que: "a relação pais-adolescentes é vista como um laço durável que continua ao longo do ciclo de vida (Youniss, 1983) mas que conhece transformações significativas na adolescência e no estado jovem adulto (Hill & Steinberg, 1976; White et al., 1983) à medida que é renegociada a partir dos padrões de uma autoridade relativamente unilateral para a mutualidade (Youniss, 1983)" (Grotevant & Cooper, 1986, p. 84).

Voltando à crítica de Hill e de Holmbeck sobre as conceptualizações da autonomia adolescente, esses autores acentuam a importância de trabalho produzido na área das teorias socio-cognitivas, onde os trabalhos de Cooper, Grotevant, Condon e os outros autores referidos se inserem, e preconizam que se considere esse corpo de literatura em justaposição a outros mais tradicionalmente colocados sob a rúbrica de autonomia adolescente.

3. Operacionalização do conceito e instrumentos de medida.

O que ressalta de todas estas definições, quer do conceito de autonomia quer das suas dimensões ou tipos, é quanto a nós, o facto de serem demasiado complexas, tornando-as dificilmente operacionalizáveis em termos experimentais.

O que encontramos na literatura empírica é uma grande variedade de operacionalizações sugerindo que, sob a rúbrica de autonomia, se estudam um conjunto de fenómenos relacionados com a autonomia, acentuando o seu carácter multidimensional.

Assim, a autonomia tem sido mais frequentemente operacionalizada em termos de:

(1) auto-relatos de autonomia subjectiva ("sentir-se livre") (Kandel & Lesser, 1972; Elder, 1963);

(2) auto-relatos de confiança na tomada de decisão e auto-governo (Elder, 1963; Greenberger, 1984; Steinberg & Silverberg, 1986);

(3) auto-relatos sobre a participação nas decisões familiares relacionadas com o adolescente (Douvan & Adelson, 1966; Kandel & Lesser, 1972);

(4) resistência à pressão dos pais ou dos pares (Berndt, 1979; Steinberg & Silverberg, 1986);

(5) uso de raciocínio independente na resolução de problemas de ordem moral, política e social (Kohlberg & Gilligan, 1972, Lewis, 1981 in Steinberg & Silverberg, 1986);

(6) escolha independente numa tarefa de grupo (Ferreira, 1963; Alexander, 1973, in Hill, 1980).

Contudo Steinberg & Silverberg (1986) notam que os investigadores não examinaram se estes fenómenos estão ligados entre si e como estão ligados.

Quanto aos instrumentos usados pelos investigadores, verificamos que a generalidade dos estudos sobre a autonomia utilizam questionários construídos pelos próprios autores, alguns deles refeitos a partir de instrumentos prévios. Alguns estudos, embora em menor número, utilizam a entrevista e ainda a observação em meio familiar como metodologia.

O primeiro estudo empírico sobre autonomia referido na literatura, foi desenvolvido pelo reverendo James McDill em 1930. Tratava-se de um questionário sobre emancipação que foi refeito em 1937 por Dimock. O instrumento destinava-se a medir o estatuto de emancipação em adolescentes do sexo masculino. Foi com base neste instrumento que Sherman (1946) desenvolveu um questionário aplicável a ambos os sexos. Tratava-se de uma recolha de afirmações, que se pretendia deviam indicar o grau de independência do jovem face aos seus pais e continha questões acerca da capacidade para manter encontros com os amigos, tomada de decisões próprias, dependência económica e/ou emocional aos pais.

Psathas desenvolveu em 1957 um outro instrumento, com o objectivo de estudar a relação entre a autonomia adolescente e a etnia e a classe social de pertença em adolescentes norte-americanos. Para tal, isolou 25 ítens, alguns retirados dos estudos anteriores (de Nye, 1951 e de Landis & Stone, 1952 in Psathas, 1957), outros construídos por si próprio. Os ítens incluíam afirmações sobre saídas com amigos, modos de gastar o dinheiro, participação nas discussões familiares, escolha de vestuário, aprovação ou não dos amigos, e cada ítem permitia escolha múltipla, variando entre "alta" independência e "baixa" independência. A realização de uma Análise Factorial permitiu isolar quatro dimensões definidoras de autonomia:

1 - Permissividade nas actividades fora de casa (actividades que impliquem supervisão parental);

2 - Consideração pelo julgamento dos pais (tem a ver com as discussões familiares e as decisões tomadas em casa);

3 - Actividades com implicação no estatuto (actividades que parecem afectar a reputação do adolescente);

4 - Permissividade nas actividades relacionadas com a idade (comprar roupas, marcar encontros com os amigos, etc.).

Kurtines (1978) desenvolveu uma escala de autonomia dentro dum modelo teórico multidimensional da conduta moral. O primeiro passo da construção do teste foi seleccionar um critério para a derivação dos ítens. Para isso, 20 indivíduos descreveram a sua concepção do indivíduo autónomo, após o que foi construído um perfil compósito, combinando as 20 descrições.

Margalit & Shulman (1986) utilizaram no seu estudo para testar a autonomia em adolescentes com problemas de aprendizagem, o Autonomy Multiple Choice Measure (AUTMC), desenvolvido por Shouval et al. em 1975. Trata-se de uma escala composta por 28 afirmações incompletas, divididas em 4 grupos de situações conflituosas: pressão dos obstáculos; pressão dos pais; pressão dos pares; pressão dos traumas. Para cada frase incompleta, eram apresentadas três hipóteses de a completar, de acordo com o grau de autonomia.

O Inventário de Maturidade Psicossocial concebido por Greenberger, cujo modelo já fizemos referência anteriormente, contém três sub-escalas na dimensão de Autonomia: "auto-confiança", "orientação para o trabalho" e "identidade". A sub-escala de "auto-confiança" foi utilizada por Steinberg & Silverberg (1986) para avaliar um aspecto da autonomia adolescente que os autores designaram por "sentimento subjectivo de auto-confiança".

Também o Questionário de Desenvolvimento Psicossocial de Coulbaut (1981) - o EDPS/74 - integra a dimensão da Autonomia Comportamental (sendo as outras dimensões do Questionário a "Integração Social" e a "Inteligência Social"). Os ítens constitutivos referem-se à "autonomia pessoal perante necessidades materiais" (escolha de roupa e obectos

pessoais), à "autonomia nas deslocações e nas relações" (saídas de casa, viagens) e à "autonomia ideológica e de decisão" (orientação nos estudos, na profissão).

Berndt (1979), nos seus estudos sobre a resistência à pressão, concebeu um conjunto de dilemas hipotéticos e perguntava ao adolescente para escolher entre dois cursos de acção - um sugerido pelo "melhor amigo" o outro pelo que o adolescente "realmente" pensava sobre o que devia fazer. Alguns destes dilemas foram usados para avaliar esse aspecto de autonomia, por Steinberg & Silverberg (1986).

Na avaliação e medida da "autonomia emocional" Steinberg e Silverberg (1986, 1987) construíram eles próprios o instrumento através da criação de 28 ítens. Os autores usaram como guia de referência teórica a perspectiva de Blos sobre a individuação adolescente e a Análise Factorial efectuada isolou quatro componentes da autonomia emocional: percepção dos pais como pessoas, desidealização parental, não dependência aos pais e individuação.

Campbell et al. (1984) utilizam como instrumento de medida da independência e da ligação aos pais, a medida das percepções adolescentes dadas pelo Questionário de Relações Pais-Adolescentes (Parent-Adolescent Relationship Questionnaire - PARQ) de Sullivan & Sullivan (1980). Este questionário contém quatro sub-escalas (de 5 a 10 ítens cada uma) que medem o (1) afecto, (2) a comunicação, (3) a independência e (4) a satisfação com o grau de independência.

Poole et al. (1986), num estudo sobre a autonomia e a coesão familiar, construiu o seu próprio instrumento concebendo os ítens relacionados com aspectos comportamentais do dia-a-dia do adolescente (actividades fora de casa, horas, amigos etc.).

Também Smith (1985) constrói o seu próprio instrumento para medir a influência parental vs. influência dos pares, na autonomia comportamental e os ítens referem-se a: "gasto do dinheiro", "clubes frequentados", "comportamentos com os amigos fora de casa", "roupa e penteado" e "horas de entrada em casa à noite".

Equacionámos algumas orientações predominantes na conceptualização da autonomia adolescente tentando simultaneamente chamar a atenção para os limites e/ou para as vantagens de cada uma delas. Passámos em revista também algumas operacionalizações do conceito e abordámos o problema da sua medida. As dificuldades metodológicas da abordagem empírica do fenómeno permanecem, não existindo, como vimos, instrumentos de medida bem estabelecidos.

*
* *

Pela nossa parte, a perspectiva em que nos colocamos, tende a conceber a autonomia adolescente mais enquanto auto-regulação no sentido de Blos, quando afirma que "a psicologia da adolescência deve ser vista em termos dum sistema energético que tende para atingir níveis cada vez mais elevados de diferenciação até que eventualmente se estabiliza a ele próprio num padrão" (Blos, 1962, p. 158). Ou ainda, concebemos a autonomia no sentido da própria vocação semântica do termo: auto-nomia, auto-designar-se, dar-se um nome, o que corresponde a dizer : viver-se como portador duma individualidade e de uma identidade, vocação e destino do processo de separação-individuação.

Trata-se de certa forma de reabilitar o termo de autonomia. Estamos de acordo mais uma vez com Hill & Holmbeck (1986) quando afirmam que "o conceito de autonomia torna-se útil para explicar a investigação actual e para orientar a investigação futura quando deixa de ser definido negativamente em termos de libertação dos vínculos e da influência parental e começa a ser definido positivamente em termos de processos de auto-governo ou auto-regulação" (op. cit., p. 181).

Concebemos o processo de autonomização num quadro de relações entre pais e adolescentes com pontos de continuidade e de mudança, e aqui em sintonia com a perspectiva de Cooper e Grotevant, mas não escamoteamos a importância e inevitabilidade do conflito entre pais e filhos que, na nossa perspectiva, são inerentes à mudança intra-psíquica e inter-pessoal.

Nos capítulos seguintes iremos desenvolver não só as diferentes ópticas teóricas a partir das quais se tenta uma compreensão e uma explicação dos processos envolvidos na autonomia, como também daremos conta dos resultados a que a investigação tem conduzido dentro de cada perspectiva teórica. Os trabalhos ora citados serão portanto retomados e desenvolvidos, bem como as questões que entretanto fomos levantando.

C A P I T U L O I I I

A PERSPECTIVA PSICANALITICA E PSICODINAMICA

Abordaremos sob esta rúbrica, as posições oriundas não só das teorias psicanalíticas como também dos seus derivados, como sejam a teoria psicossocial de Erikson ou a teoria etológica-evolucionista de Bowlby.

1. CONTRIBUIÇOES TEORICO-CLINICAS

As teorias psicanalíticas sobre a adolescência, desde Freud até às contribuições mais recentes, porque de natureza essencialmente clínica, permitem uma compreensão extremamente rica do processo de autonomia adolescente. Dentro delas mostram-se particularmente pertinentes para o nosso trabalho as contribuições que, numa linha de desenvolvimento, discutem o problema da autonomia no contexto do **processo de individuação e de separação** entre pais e adolescentes.

Em recente trabalho de revisão sobre a "individuação adolescente" Steinwand (1984) afirma que o conceito de individuação fornece um meio coerente de conceptualizar e de integrar vários aspectos do desenvolvimento adolescente relativos à autonomia.

O lugar que este conceito tem ocupado na reflexão psicanalítica sobre a autonomia, e a importância que nós próprios lhe atribuímos no nosso trabalho, merece que relembremos algumas noções:

- A contribuição de Mahler e colaboradores insere-se, dentro do campo analítico, na teoria das relações de objecto.

- Mahler descreve o processo de separação-individuação durante a primeira infância na base de dois conjuntos de desenvolvimentos complementares e interdependentes: a **separação**, que diz respeito à "emergência da criança fora da fusão simbiótica com a mãe" e a **individuação**, que diz respeito "às realizações que marcam a assunção pela criança das suas próprias características individuais" (Mahler et al., 1975, p. 16). Duas mudanças básicas operam neste modelo: a mudança **comportamental** e a **representacional**.

O grau e a flexibilidade com que a criança realiza uma actividade comportamental independente remete para uma **mudança comportamental**; o grau e a estabilidade da diferenciação entre o self e as representações objectais remete para uma **mudança representacional**, ambas se influenciando mutuamente.

- A individuação é um processo que "não conhece fim e permanece sempre activo" (Mahler et al., 1975, p. 15) e a sua conceptualização tem vindo a ser alargada, quer por autores de orientações psicodinâmica, quer interaccional. Dentro desta última orientação, Karpel (1976) define-o como sendo um "processo através do qual a pessoa se torna cada

vez mais diferenciada dum contexto passado e presente. Este processo compreende uma multitude de mudanças intrapsíquicas e interpessoais que partilham uma direcção comum" (op cit., p. 66).

- O processo de individuação ocorre portanto ao longo de todo o ciclo de vida e conhece ocorrências desenvolvimentais nodais distintas ao longo do ciclo vital de que se conhecem algumas: diferenciação inicial entre self e objecto, estabelecimento da constância do objecto, diferenciação do self e mudança nas representações objectais.

O processo de individuação, que se inicia na primeira infância, caracteriza-se nesse período por um alto grau de ligação à família (e sobretudo à mãe) e um baixo grau de separação. æ medida que as capacidades do bébé crescem e o tornam capaz de estabelecer uma maior autonomia na família, o grau de ligação e de separação modificam-se, mas a criança continua a viver com uma forte necessidade de proximidade e dependência dos pais. Na fase de constância libidinal do objecto, ganham preponderância os comportamentos de autonomia, e diminuem os comportamentos de adesão (clinging behaviors) e negativistas (negativistic behaviors).

A criança passa por um conjunto de estádios: **diferenciação** (differentiation)/4-10 meses, **ensaios** (practicing)/10-16 meses, **reaproximação** (rapprochement)/16-24 meses, **consolidação** (consolidation) / 24-36 meses e à medida que aprende a agir com mais autonomia e se vê a ela própria como um ser separado, torna-se menos dependente emocionalmente da mãe. As vicissitudes deste processo estão na estreita dependência da qualidade do "holding" materno, da qualidade do vínculo emocional mãe-bébé: se a relação é caracterizada pelo predomínio da ansiedade, hostilidade ou rejeição, a separação psicológica é perturbada e a internalização da imagem materna pode não se realizar totalmente.

A progressão satisfatória do processo de separação-individuação nos primeiros 3 anos de vida é portanto condição sine-qua-non para que o desenvolvimento posterior da autonomia da criança e do adolescente prossiga. Se a qualidade do par simbiótico não for suficientemente boa, "a criança em vias de individuação sofre uma falha evidente do quadro de referência para perceber a realidade exterior extrasimbiótica e, consequentemente, o seu universo intrapsíquico de representações não possui nenhuma fronteira nítida entre o self e o objecto" (Mahler, 1981, p. 43) e nestes casos é de prever maiores dificuldades na separação adolescente.

Mas se pelo contrário a qualidade do "holding" materno for boa, o que pressupõe que a mãe seja capaz também ela de se separar psicologicamente do seu bébé e de tolerar a sua autonomização progressiva, "uma larga porção do investimento disponível retira-se da esfera simbiótica para se fixar nos aparelhos autónomos do self e das funções do Eu - marcha, percepção, aprendizagem" (op. cit., p. 37) e nestes casos é possível prever uma evolução posterior favorável à autonomização.

Durante a latência consolidam-se as internalizações e identificações às instâncias egóicas e super-egóicas parentais que vão continuar a exercer uma influência dominante no desenvolvimento da personalidade adolescente. A individuação adolescente vai lidar com estas internalizações (introjectos parentais) e com as identificações ao ego parental. Com a puberdade, as mudanças corporais e cognitivas vão ter um impacto crucial ao nível da visão que o adolescente tem de si próprio e das suas relações objectais, potenciada agora com a emergência do pensamento formal. A diferenciação do self e as mudanças nas representações objectais conhecem de novo um momento de intensificação nesta fase adolescencial do desenvolvimento.

- A individuação adolescente não é uma recapitulação do processo infantil, como alguns autores sugerem (Ernest Jones, por ex.), mas a continuação dum fenómeno desenvolvimental progressivo que tende, nesta fase, para o estabelecimento do que Erikson (1968) designou por aquisição da identidade do ego ou ainda para o que Blos (1977) designou por aquisição do carácter.

A individuação pode ainda ser conceptualizada em termos de "linha desenvolvimental", tal como foi descrita por A. Freud (1965), para quem a progressão da "dependência para uma auto-confiança emocional e para relações objectais adultas" (op. cit., p. 64) ocorre durante a adolescência.

Voltando a Steinwand (1984), na opinião do autor, o conceito de individuação permite uma conceptualização larga, abrangendo e integrando vários aspectos desenvolvimentais: "o ênfase em tal conceptualização apoia-se nos aspectos progressivos, adaptativos e cada vez mais auto-reguladores do funcionamento humano. A individuação durante a adolescência normal diz respeito a três áreas de desenvolvimento inter-relacionadas: emergência do pensamento operacional formal dentro da esfera do "apparatus" egóico da autonomia primária; adaptação funcional crescente a um maior e mais complexo ambiente social através do "apparatus" da autonomia secundária que se cristaliza, no final da adolescência, numa estrutura de carácter individual; e desvinculação ou separação emocional dos objectos infantis internalizados" (op. cit., p. 49).

As contribuições que, na perspectiva psicanalítica, iremos rever, tratam estes e outros aspectos que nos parecem pertinentes para a questão da autonomia e portanto para a fundamentação do nosso trabalho.

1. 1. As perspectivas de S. Freud, Anna Freud, P. Blos e outros autores de orientação analítica.

Foi, quanto a nós, Freud quem primeiro destacou a importância primordial da individuação-separação ao equacionar, no início do século, os fundamentos básicos do desenvolvimento adolescente.

Freud, vê na separação adolescente - progenitores, uma tarefa dolorosa mas essencial ao desenvolvimento do Homem e da Sociedade: "o desligar do indivíduo da autoridade dos pais é uma das mais necessárias mas também uma das mais penosas realizações do desenvolvimento. E inteiramente necessário que se realize e devemos supor que todo o ser humano normal consegue, em certa medida, consumar essa separação. Com efeito, o progresso da sociedade depende, em geral, da oposição das duas gerações" (Freud, 1909, p.237).

Subordina a aquisição do estatuto de adulto, em termos maturacionais, à realização da tarefa da separação interna dos objectos primitivos, acentuando os aspectos pulsionais e mudanças envolvidas pela ocorrência da puberdade. Freud afirma que "na puberdade, quando o instinto sexual faz as suas primeiras exigências o antigo objecto familiar incestuoso é retomado de novo e carregado de líbido [...]. A partir daí, o indivíduo humano tem que dedicar-se à grande tarefa de se separar dos seus pais e até que esta tarefa não esteja cumprida, ele não deixa de ser criança e não pode tornar-se membro da comunidade social. Para o rapaz a tarefa consiste em separar os seus desejos libidinais da mãe empregando-os na escolha de um objecto de amor exterior" (Freud, 1917, p. 336).

O processo adolescente é desde logo definido por Freud, no duplo registo, um reflectindo o outro, em que ocorre: no registo da realidade externa, contemporâneo e contextual, expresso na forma dum conflito de

gerações e no registo da realidade interna, no abandono das ligações aos primeiros objectos de amor e investimento em novos objectos heterossexuais extra-familiares.

Um motivo poderoso para o adolescente se separar dos pais seria pois, na perspectiva freudiana, a ressurgência da problemática edipiana. Defender-se da ligação edipiana implica o repúdio inconsciente dos pais e por essa via, dos outros adultos apanhados no papel de pais substitutos. O exercício da autoridade adulta encontra inevitavelmente aí uma área de conflitualidade a que o adolescente responde idiossincraticamente.

O registo externo, modelado pelas circunstâncias históricas, cruza-se com o registo interno dum passado e presente internalizado, ou seja, representado e interpretado pelo próprio indivíduo.

Anna Freud (1958), que enfatiza as mudanças quantitativas e qualitativas das pulsões instintivas e as defesas do ego enquanto determinantes da separação, afirma que a líbido do púbere "está na altura de se desligar (detaching) dos seus pais e de catexizar novos objectos. O luto pelos objectos do passado é inevitável" (op. cit., p. 262).

A teorização do processo de separação interno da líbido dos primeiros objectos de amor é retomada pelos autores de orientação analítica em termos de perda de objecto e processo de luto, permitindo este, novas identificações e novos investimentos em objectos exteriores à família. Loewald (1962) fala de trabalho de luto enquanto processo de abandono gradual do objecto perdido mas envolvendo também processos de internalização de elementos da relação com o objecto a ser abandonado e adquirindo daí o significado de emancipação. Max Sugar (1968) descreve o "luto normal adolescente" em três fases: separação-protesto na adolescência inicial, desorganização, caracterizada de tumulto, rebelião, vazio e depressão, na adolescência média e a fase de reorganização caracterizada por uma acalmia, na adolescência tardia.

A importância do luto dos imagos parentais e a escolha do objecto heterosexual é reforçada por Dias Cordeiro (1979) que vê nessas tarefas dois organizadores do psiquismo adolescente, o segundo não podendo ocorrer satisfatoriamente, sem a realização do primeiro.

Amaral Dias & Nunes Vicente (1984), aprofundam o conceito, afirmando que o luto adolescente pelo abandono do passado opera através de lutos parciais obrigatórios: luto pela fonte de segurança, luto renovado do objecto edipiano, luto pelo Ideal do Eu, luto pela bissexualidade e luto pelo grupo. A escolha de novos objectos de amor exteriores à família, pressupondo já a capacidade egóica de funcionar autonomamente dos pais, estaria portanto na estreita dependência do trabalho intrapsíquico dos vários lutos.

Retomando a questão da autonomia adolescente, poderíamos então concluir que, segundo a concepção psicanalítica clássica, um motivo poderoso para o adolescente se tornar autónomo seria a ressurgência da problemática pré-edipiana e edipiana. O adolescente torna-se autónomo porque repudiando o laço incestuoso (edipiano) aos pais, como meio para evitar a regressão a fixações edipianas e pré-edipianas, abandona também todos os laços egóicos aos pais (Josselyn, 1952, Balser, 1966, in Josselson, 1980).

Esta conceptualização, na estreita dependência do paradigma dinâmico ou pulsional de Freud, tende a preconizar a existência, na fase adolescente, dum "ego fraco" perante um "sistema pulsional forte", a existência duma turbulência (turmoil) emocional forte, necessária, desejável e sinónima de normalidade (A. Freud, 1958) e postula a existência de relações conflituosas e pouco calorosas entre pais e filhos.

Peter Blos alarga e modifica as conceptualizações psicanalíticas dominantes.

Ao sugerir que durante a adolescência tem lugar um segundo processo de separação - individuação, Blos reintroduz a sistemática de Mahler na compreensão da autonomia adolescente pondo a tónica na importância das relações de objecto.

Blos(1962), que inicialmente tinha descrito as fases da adolescência, enfatizando a sua heterogeneidade em termos de posições e movimentos das pulsões e do ego, confere, mais tarde, ao segundo processo de individuação, o estatuto particular de motor ou estruturador de todo o processo adolescente: "Para lá destes aspectos típicos das fases adolescentes reconhecemos um componente na reestruturação psíquica que puxa como um fio condutor, através de todo o trabalho da adolescência. Este inexorável componente manifesta-se com igual pertinácia tanto na pré-adolescência como na adolescência tardia. E conceptualizado aqui enquanto segundo processo de individuação da adolescência" (Blos, 1967, p. 62).

Blos (1967) acentua a perda das dependências familiares, de natureza emocional e afectiva e põe o ênfase na mudança das relações objectais aos pais. Postula como objectivos desenvolvimentais desta segunda individuação a aquisição dum sentimento de self autónomo e com limites bem determinados: "o que na infância é a ruptura da membrana simbiótica para se tornar uma criança individuada" (Mahler, 1963) torna-se na adolescência a perda das dependências familiares, o abandono dos laços objectais infantis" (op. cit., p. 163).

As mudanças no self (introsado na infância com o self parental) e nas representações objectais opera-se numa linha de continuidade relacional, contribuindo para estas mudanças os aspectos infantis e contemporâneos da relação: "o afecto acompanhando a perda de objecto tem sido ligado ao estado de luto e trabalho de luto. Permanece normalmente uma continuidade na relação com o pai actual depois do abandono do carácter infantil da relação. O trabalho da individuação adolescente está relacionado com ambos estes aspectos infantis e contemporâneos"

(op.cit., p.182), e a propósito da possível confusão entre as representações dos objectos parentais afirma: "esta confusão é agravada quando os pais participam nas posições mutativas do adolescente e se revelam incapazes de manterem o seu lugar de adulto fixo perante uma criança em maturação" (op. cit., p. 182).

Referindo-se ainda ao esforço que o adolescente faz para se separar das dependências infantis, identifica modalidades de separação que podem inviabilizar a separação interna, referindo como ilustração disso, os adolescentes que ao forçar uma distância fisíca, geográfica, moral e ideativa da família ou do local da sua infância, tentam evitar uma separação interna.

No que diz respeito às mudanças estruturais que permitem o desalojar dos objectos infantis internos, Blos introduz o conceito de perda do Eu parental, o qual funcionaria até à adolescência, como auxiliar do Eu infantil. Esta perda implicaria o pôr a descoberto duma estrutura egóica mais ou menos intacta ou defeituosa, consoante as condições em que ocorreu o primeiro processo de separação - individuação. O fracasso do processo de individuação na adolescência deveria ser portanto atribuído, pelo menos em parte, a uma organização defeituosa do Eu, precocemente alicerçada.

Esta perspectiva tem sido apoiada por numerosos autores, que numa linha de investigação psicopatológica e desenvolvimental têm compreendido os quadros clínicos adolescentes à luz das vicissitudes da separação infantil.[1]

---

1. (1) Os trabalhos desses autores foram por nós revistos e encontram-se em artigo: Fleming M. (1983). A separação adolescente-progenitores. Análise Psicológica, 4 (III), 521-542.

Ainda no que diz respeito às mudanças estruturais, assume particular importância a tarefa da desidealização dos pais da infância, considerada por Blos como a parte mais difícil da separação adolescente. Na adolescência tardia e na pós-adolescência, a emergência de qualidades integrativas associadas ao self permite um processo adaptativo - uma revisão das primeiras identificações rejeitadas, provisórias e aceites. O "ego ideal" formação psiquíca do final da adolescência e herdeira do complexo de Edipo negativo toma conta da função reguladora do super ego.

A plasticidade e fluidez do desenvolvimento típico da adolescência diminui: "a psicologia da adolescência deve então ser vista como um sistema energético que tende para alcançar cada vez mais altos níveis de diferenciação até que se estabilize a si próprio num padrão" (Blos 1962, p. 158).

Nesta perspectiva, poderíamos dizer que a autonomia é conceptualizada enquanto um processo gradual de auto-regulação cada vez menos na dependência da esfera externa parental, conduzindo a padrões de comportamento regulados agora essencialmente por uma instância propulsora: o ego ideal, onde se conglomeram as partes do self mais identificadas às partes boas dos objectos internos parentais e permitindo ao adolescente projectar-se e projectar o seu próprio futuro com confiança.

A contribuição de Blos, se bem que de indiscutível valor, não esclarece, na perspectiva de Erna Furman (1973), a articulação entre o funcionamento psíquico em termos metapsicológicos e a individuação, embora Blos se lhe refira quando afirma que "a individuação adolescente é o reflexo das mudanças estruturais que acompanham a separação emocional dos objectos infantis internalizados" (Blos, 1967, p. 164).

Na perspectiva da autora essa articulação deveria constituir-se como um desafio para o trabalho dos psicanalistas e ela própria tenta, através da apresentação de dois casos clínicos de adolescentes, uma compreensão aprofundada da relação entre as "lutas psíquicas adolescentes" e o conceito de separação - individuação. Constata clinicamente

que existem muitas similitudes e paralelismos entre o funcionamento mental da criança e do adolescente (a intensidade dos impulsos, a presença de componentes pulsionais pré-genitais, o uso de defesas primitivas, as mudanças na natureza do self e das representações do objecto, as novas identificações e os novos investimentos da imagem do corpo e da actividade do Eu) e embora ponha reservas em considerar a adolescência como uma repetição desenvolvimental - a diferença entre as tarefas desenvolvimentais da infância e da adolescência é grande - reconhece a importância do estudo e da compreensão entre as duas fases de desenvolvimento: infantil e adolescente.

As posições de Ruthellen Josselson (1977 a, b; 1980) apoiadas em material clínico (psicanálise de adolescentes) e observações empíricas na adolescência, aprofundam a conceptualização de Peter Blos e constituem um ponto de reflexão importante para a compreensão da autonomia adolescente.

Com efeito, para Josselson (1980), o conceito de individuação é central para a compreensão do desenvolvimento do ego, permite ligar a adolescência a um processo contínuo de desenvolvimento e permite ainda articular entre si outros processos centrais dizendo respeito ao ego adolescente: a autonomia e a formação de identidade.

A articulação operar-se-ía, segundo a autora, do seguinte modo: "A Autonomia é o outro lado da individuação.

A medida que a individuação se processa, a autonomia cresce. Isso depende se se olha para aquilo de que o adolescente se afasta (individuando-se) ou para aquilo de que ele se aproxima (ganhando autonomia) [...]. Os aspectos do sujeito que se tornaram individuados e autónomos devem ser incorporados na identidade. Então, há uma sequência interdependente entre: individuação/autonomia/formação de identidade" (op. cit., p. 191).

De acordo com esta perspectiva e à qual já fizemos referência na Introdução Geral, seria possível estudar o processo de individuação adolescente através do estudo dos comportamentos de autonomia, tal como Mahler et al. (1975) fez para o período infantil, já que a "individuação é primáriamente um processo intrapsíquico que é apesar disso afectado pela e expresso na realidade" (Josselson 1980, p. 193). Josselson encontra aliás um paralelo entre as dinâmicas de individuação infantil e adolescente: a adolescência precoce apresenta muitas das características da sub-fase dos ensaios (practicing) na sua ausência de ambivalência face aos pais, a adolescência média com a sub-fase da reaproximação (rapprochment) no seu desejo ambivalente de se ligar e de repudiar o apoio egóico parental, traduzindo-se numa ambivalência sobre a autonomia.

Encontramos assim uma conceptualização da autonomia alicerçada em dois pólos, o da distância e o da reaproximação aos pais: "tal como acontece com a criança, a individuação do adolescente envolve ao mesmo tempo alguma distância face aos pais e esforços compensatórios para reestabelecer a ligação" (Josselson, 1980, p. 195).

Nesta conceptualização, o crescimento da autonomia do ego processa-se através de acréscimos graduais de competência mas preservando as relações com os pais a cada momento. Assim sendo, se os laços objectais edípicos podem ser abandonados, tal como foi conceptualizado por Blos, eles não são cortados.

Para concluir e tentando sintetizar o pensamento de Josselson sobre a autonomia adolescente diríamos que, de acordo com aquela psicanalista e investigadora:

- a autonomia, a individuação e a formação de identidade são fenómenos intimamente ligados e interdependentes; a individuação envolve a separação psicológica da "realidade" pais e dos pais introjectados; o processo de individuação decorre ao longo da vida e envolve mudanças no grau de autonomia vs. ligação (connectedeness); durante a adolescência

subsiste a necessidade de ligação aos pais tal como subsiste a ambivalência sobre a autonomia; a essência destes processos refere-se à consciência progressiva da necessidade de reorganizar o mundo interno de acordo com as mudanças desenvolvimentais.

Encontramos esta mesma ideia desenvolvida em Schafer (1973), que acentua os aspectos representacionais e comportamentais do processo.

Aos dois conjuntos de mudanças interdependentes: as mudanças nas representações objectais e na diferenciação do self, a partir das quais Mahler (1981) descreveu o Processo de Separação e Individuação, Schafer chama "diferenciação representacional". A esta diferenciação, diz corresponder uma "actividade independente no mundo objectal que também muda em grau e em flexibilidade" (Schafer, 1973, p. 42) a que chama "diferenciação comportamental".

Estas duas diferenciações são interdependentes, embora a primeira constitua o âmago do conceito de separação/individuação. Schafer sublinha no entanto que nenhuma teoria foi ainda capaz de ter em simultâneo no seu foco os dois aspectos, interno e externo: "não penso que disponhamos já dum poder de compreensão empírico para estas diferenciações direccionais, representacionais e comportamentais dos pais da infância: sabemos que elas ocorrem, alguma coisa sobre porque ocorrem e as suas consequências mas muito pouco sobre <u>como</u> é que elas ocorrem" (Schafer, 1973, p. 45).

A esta questão do <u>como</u> Josselson (1980) responde dizendo ser necessário clarificar as experiências que na adolescência servem as relações do ego com a realidade e as que servem as relações do ego com os objectos internos, embora, como ela própria refere, essa tarefa seja árdua, dada a tendência no adolescente em "obscurecer estas fronteiras, projectando objectos internos e tratando-os como problemas de realidade e introjectando realidade de forma a controlá-la melhor" (op. cit., p. 193).

Sem o referir, Josselson fala do mecanismo da Identificação Projectiva (Klein, 1946), modo predominante da relação interpessoal entre pais e filhos na pré-adolescência, segundo Amaral Dias (1988).

Amaral Dias (1988) trouxe recentemente para o campo de reflexão analítica sobre a autonomia adolescente um contributo original, de inspiração na obra de Bion e de Meltzer, que na nossa opinião, aprofunda a reflexão.

Na sua perspectiva, o adolescente faz um ataque ao continente parental, recusa o espaço envolvente porque "saturados que estão, os objectos e espaços parentais ameaçam agora o jovem na sua autonomia e ânsia de liberdade" (Amaral Dias, 1988, p. 207). O luto interno e externo dos pais (mantidos até aí como auxiliares da criança), a rejeição activa dos objectos parentais (Blos) é na perspectiva do autor, uma consequência das ansiedades claustrofóbicas vividas pelo adolescente. A crise de identidade (Erikson) é compreendida, neste contexto, na transição do continente parental para o continente grupal, sendo este último espaço privilegiado agora, para a projecção das ansiedades arcaicas reactivadas.

O "conflito de gerações" jogar-se-ía então dentro do grupo de pares, onde o adolescente pode ensaiar o contacto com as partes idealizadas e persecutórias de si (pais idealizados e pais persecutórios) contidas por identificação projectiva, em outros iguais a si.

Se o grupo de pares permitir novos arranjos de objectos e novos jogos identificatórios, responde não só à ameaça de perca de identidade e concomitantes ansiedades agorofóbicas, como também cria condições para o estabelecimento duma identidade. Se não permitir, porque continente rígido, ou porque apenas contentor de partes idealizadas e projector de partes persecutórias, torna-se um grupo que fomenta a idealização om-

nipotente (de que o grupo de toxicómanos é ilustrativo) mas não a possibilidade de crescer, de querer ser diferente sendo embora igual a si mesmo.

Assim, e seguindo o pensamento de Amaral Dias, se o primeiro luto, pelos selfs parentais auxiliares, anuncia a autonomização da família, o último luto, pelo grupo, anuncia o homem individual, capaz de estar só e de estar com outros: com os pais, outros grupos ou adultos significativos, em novas ligações e novos desafios desenvolvimentais... "retornado a si, o adolescente terminal deve trazer consigo uma família interna, inteira e unida, onde antes existiam objectos ameaçadores, exigindo o preço do resgate pela raiva ou pelo desejo" (Amaral Dias, 1988, p. 209).

Uma outra leitura do "conflito de gerações" faz Eurico Figueiredo (1985a) que vê o conflito pais - adolescentes como "inevitável e obrigatóriamente estruturante do devir humano" (op. cit.,p. 198).

O autor, que desenvolve em simultâneo uma reflexão sobre a autonomia adolescente, alicerça e fundamenta a sua tese sobre a invariância do conflito de gerações nos resultados duma vasta e diversificada pesquisa sobre a dramaturgia clássica e literatura contemporânea (Tragédia Grega, Efesíacas, Romeu e Julieta, Hamlet, Amor de Perdição, Sequestrados de Altona). Na tragédia, tal como na ficção mais actual sobre os "amores contrariados", o impasse entre gerações centrar-se-ía essencialmente em torno de conflitos agressivos entre membros do mesmo sexo e ligações eróticas entre membros do sexo oposto.

A capacidade destrutiva dos impasses no evoluir normal do conflito de gerações e o medo que eles provocam nas sociedades humanas encontrar-se-íam pedagógica, catártica e esconjuratoriamente presentes na dramaturgia da Tragédia Grega, depositária de conflitos universais.

Retomando alguns aspectos da sua perspectiva mais directamente relacionados com a separação adolescente, diríamos que o autor situa o conflito no cerne da relação pais-adolescentes, definindo-o como uma

área de tensão entre gerações e articulando-o por um lado à problemática da idealização/desidealização dos pais e por outro lado à problemática do narcisismo ou do amor próprio.

Na sua perspectiva, o adolescente, na procura de maior autonomia emocional face aos pais, depara com uma situação nova e conflitualizante da relação: a decepção que lhe provoca o progenitor real quando comparado este objecto ao objecto parental interiorizado e idealizado durante a infância.

Este progenitor real e decepcionante funcionaria como uma dupla ameaça para o adolescente: a ameaça de renúncia precoce a projectos ideais e apreciados pelo adolescente e a ameaça de depressão provocada pelo luto interno de aspirações que o adolescente teme não poder realizar. Nesta configuração, "os jovens não podendo renunciar a algo investido internamente como protecção contra a depressão virarão a agressividade reactiva e preventiva contra aqueles que os procuram decepcionar antecipadamente" (op. cit., p. 198). O ataque adolescente contra aquilo que nos pais o decepciona, seria portanto inevitável, despoletando por sua vez nos pais um ataque contra a origem da decepção destes, situada nos filhos.

O conflito de gerações estaria então no cerne duma dupla luta pelo Amor Próprio, travada quer pelos pais quer pelos filhos adolescentes, os primeiros para não perderem o que foi capitalizado ao longo da vida, os segundos para aumentarem o Amor Próprio rudemente abalado pela desidealização dos pais.

Eurico Figueiredo verifica ainda a partir da análise do material literário, ilustrativo da conflitualidade fantasmática em torno das problemáticas adolescentes, que o desejo de autonomia encontra um eco conflitual nos pais, mais intenso e dramático nas díades mais atravessadas pelo conflito edipiano. Segundo o autor, "os exemplos da literatura (...) são bem sugestivos do drama vivido pelos progenitores face ao processo de autonomia dos filhos, que passa por relativo desin-

vestimento dos laços afectuosos ligando os filhos aos pais (...) mais sentido pelos progenitores mais investidos no conflito edipiano, os do sexo oposto" (op. cit., p. 186).

Nesta matéria, a reflexão do autor encontra eco em numerosos outros autores (de que Stierlin é uma referência importante), que numa perspectiva mais interaccional do que psicanalítica, se referem também eles ao "drama" da separação e aos modos como as gerações envolvidas, pais e filhos, lidam com ela.

O autor postula que, sendo o movimento de separação psicológica da família de origem um movimento universal e presente em todas as épocas históricas ele se deverá traduzir em aquisições psicológicas também elas universais. Postula ainda que essas aquisições se fariam conflitualmente e com repercussões intra e inter-psíquicas. A investigação que delineou, e em que participámos como co-autor, pretendeu ser uma contribuição ao esclarecimento do conflito interno. Os resultados empíricos a que conduziram os estudos (Figueiredo et al., 1983, 1985 b) - e que apresentaremos com mais detalhe a seguir - demonstraram a natureza evolutiva dos conflitos: autonomia vs. dependência, desautorização vs. submissão e desidealização vs. idealização, com predominância do primeiro pólo em todos eles, à medida que se transita para o estado adulto.

O autor discute os resultados integrando-os na perspectiva mais global da sua elaboração pessoal sobre o conflito de gerações e vê a sua ultrapassagem maturativa pela conquista da autonomia: "dar-se-ía assim tradução psicológica à revolução biológica puberal ao nível das motivações, modificando-se as proibições infantis interiorizadas a partir das imagens parentais idealizadas na infância, de molde a permitir a realização das tarefas adultas, como as da sexualidade, e fortalecer-se-ía o eu, preservando as aspirações pessoais progressivamente autonomizadas das imagens parentais agora decepcionantes e, como tais, irreconhecíveis em relação aquelas que na infância estiveram na origem da organização do ideal do eu" (Figueiredo 1985a, p. 1006).

A resolução do conflito estaria ainda sob a influência da capacidade dos pais assumirem as perdas narcísicas decorrentes da perda de amor, autoridade e idealização, forma como vivenciam a assunção nos filhos duma maior autonomia. A decepção mútua, quer nos pais quer nos filhos, bem como os conflitos externos daí decorrentes estruturariam assim o conflito de gerações na sua forma intra-familiar.

Uma outra leitura seria ainda a de Emílio Salgueiro (1987). O autor não corrobora a tese do desinvestimento ou da desvinculação das figuras parentais durante a adolescência e advoga que as figuras parentais ganham em espessura e complexidade ajudando a remodelar os objectos internos primordiais, enquanto o palco do conflito edipiano se passa "fora de casa", nos investimentos amorosos com figuras extra-familiares.

O amor pelos pais manter-se-ía, embora muitas vezes sob a forma de ódio positivo (+ O) no sentido de Bion. Este ódio positivo deriva da decepção sofrida pelo adolescente perante as figuras parentais reais pouco ou nada coincidentes com as figuras idealizadas da infância. Esta decepção "forçaria" o ódio aos pais mas facilitaria também os investimentos objectais amorosos fora de casa. Assim, se por um lado o adolescente se vê forçado a atacar os próprios objectos parentais esse movimento é feito na base da confiança na benignidade e benevolência dos objectos internos materno e paterno, confiança consolidada nos primeiros anos de vida. Na opinião do autor esta confiança nos objectos internos seria fundamental para a consolidação do narcísismo no adolescente.

Mas, e é neste aspecto que a contribuição de Salgueiro mais nos interessa, diz o autor que "este conflito que o adolescente tem inevitavelmente com os pais creio pois ser muito mais uma reivindicação genérica de autonomia, uma aceleração imprimida ao processo de separação /individualização, do que a procura duma solução específica para a sua evolução psico-sexual" (op. cit., p. 10).

A sua perspectiva é crítica face às formulações de Blos sobre a adolescência, que o autor diz sofrerem de "nostalgia romântica por um passado idealizado, a infância" e não ver o movimento fundamentalmente prospectivo da adolescência.

Esta tónica no desejo de autonomia como movimento de progressão, mais do que nos aspectos defensivos e regressivos da adolescência, que também estão presentes, encontra eco na perspectiva de Figueiredo e na nossa própria, aspecto que temos vindo a desenvolver nos trabalhos de investigação realizados.

1. 2. A perspectiva de Erikson

Autonomia, individuação e formação de identidade são, como vimos e de acordo com Josselson (1980), fenómenos ligados entre si, influenciando-se mutuamente e, segundo pensamos, constituem os ingredientes psicológicos principais da separação pais - adolescentes. A formação de identidade é facilitada por uma maior autonomia, a qual por sua vez é tanto maior quanto mais o processo da individuação estiver avançado.

Nesta linha de reflexão importa introduzir aqui os aspectos da obra de Erikson, referência clássica fundamental quando se aborda o conceito de identidade na adolescência.

Se como vimos, a individuação é um processo que se inicia na infância precoce, também de acordo com Erikson (1968), a formação de identidade não é um produto exclusivo da experiência adolescente mas uma consequência desenvolvimental duma multitude de experiências do passado e do presente que se organizam num todo coerente.

De acordo com a teoria psicossocial do desenvolvimento de Erikson (1950, 1968), a personalidade desenvolver-se-ía segundo uma sequência de estádios, cada um deles caracterizando-se por uma crise ou um conflito dominante. Da resolução do conflito resultaria a possibilidade de avançar, com maior ou menor maturidade, para as tarefas desenvolvimentais do estádio seguinte.

Na perspectiva de Erikson, o conflito dominante na adolescência seria entre a formação de identidade vs. difusão de identidade. Os "produtos" das crises prévias são integrados num todo coerente, num sentimento de ser distinto e diferenciado dos pais. O processo de formação de identidade inclui nesta perspectiva, a integração das identificações infantis precoces com outros aspectos psicológicos e psicossociais e a aquisição da identidade do ego liquida a necessidade desenvolvimental de novas identificações. O indivíduo ingressa no entanto em novas crises desenvolvimentais (intimidade, generatividade) ao longo do ciclo de vida.

Segundo Erikson, esta procura de identidade força o adolescente a rejeitar e a revoltar-se contra os seus pais e aqui o seu pensamento vai ao encontro das conceptualizações de alguns autores que revimos anteriormente. A função desta rejeição é libertar o adolescente das identificações infantis aos pais e do controlo e da autoridade parentais, tendo aqui lugar importante os contextos psicossociais envolventes: pares, escola, outras instituições.

Infere-se portanto do seu pensamento que a formação da identidade só é possível com movimentos concomitantes de separação psicológica interna e de distância física face aos pais, traduzidos em comportamentos de autonomia ou em experimentação. Através dos comportamentos de autonomia o adolescente ensaia papéis e adquire capacidades: ele deve ser capaz de se comprometer com uma ocupação e com uma ideologia e desenvolver a capacidade da intimidade. Marcia (1968) que desenvolveu o trabalho de Erikson, propondo uma tipologia dos estatutos de identidade,

afirma ser necessário do ponto de vista desenvolvimental, que o adolescente experiencia um período de crise, caracterizado por um questionamento, por uma tomada de decisão activa, uma experimentação em vários contextos sociais antes dos compromissos de que fala Erikson, sob pena de não atingir um estatuto de "achiever" ficando preso às identificações e expectativas parentais.

Trata-se portanto dum trabalho de integração das identificações infantis maternas e paternas, mas integradas agora numa nova configuração de objectos internos e externos onde os pares são agora figuras proeminentes e cuja articulação ganha nova compreensibilidade à luz da conceptualização de Amaral Dias (1988).

Vimos portanto o lugar de destaque que a experimentação (de papéis, capacidades, decisões, envolvimentos afectivos) assume na obra de Erikson e seguidores, para os quais a identidade é consequência das experiências psicossociais ao longo da vida e "no seu melhor..... é um processo de crescente diferenciação" (Erikson, 1968, p. 23). Neste contexto, poder-se-á postular então que os comportamentos de autonomia de exploração e experimentação ao longo da adolescência configuram os quatro estatutos de identidade definidos por Marcia: **Difusão, Forclusão, Moratória** e **Aquisição** conceptualizados como pontos de um continuum que vai da menor para a maior maturidade.

Existe actualmente um imenso corpus teórico e empírico consistente acerca das questões relacionadas com a formação e os estatutos de identidade, cuja revisão não cabe fazer aqui. Gostaríamos apenas de sublinhar que alguns destes trabalhos têm questionado a assunção de que a tarefa desenvolvimental de aquisição de identidade esteja terminada no final da adolescência (Donovan, 1975) e de sublinhar que muitos destes trabalhos têm posto em evidência a extrema importância das **percepções das atitudes parentais** para as vissicitudes da formação da identidade.

1. 3. A perspectiva de Bowlby

A inclusão das teorias de Bowlby, nesta revisão da literatura sobre a autonomia adolescente, parece-nos de grande interesse, dada a riqueza que o modelo maturacional contém para a compreensão de mecanismos tão importantes como a vinculação e a separação.

Embora não tendo trabalhado directamente com a problemática adolescente, tanto Bowlby como Ainsworth, afirmaram que as teorias da vinculação são tão pertinentes na infância como em qualquer outra época da vida e a própria Ainsworth manifestou o desejo de alargar a sua própria investigação a outras épocas da vida: "o que eu mais quero fazer é explorar as componentes da vinculação das várias relações ao longo do ciclo de vida" (Ainsworth, 1985, p. 29).

Com efeito, as teorias da vinculação são compatíveis com um grande número de observações e posições teóricas (psicodinâmicas, biológicas, sociológicas) e constituem um modelo explicativo geral sobre o comportamento e sobre o desenvolvimento (Steinberg, 1983).

Nesta perspectiva, parece-nos ser útil e necessário trazer para o campo da adolescência uma reflexão sobre os comportamentos de autonomia, indubitavelmente ligados à vinculação, à luz desta perspectiva.

Pensamos aliás, que o modelo etológico-evolucionista de Bowlby constitui um paradigma teórico fundamental para a compreensão em simultâneo da problemática da vinculação e da autonomia e como tal, ele é um suporte teórico básico para a nossa própria investigação.

De acordo com Bowlby, a partir das tendências instintivas do bébé para a vinculação à mãe (ou à figura fornecedora de cuidados), que se exprimem através de comportamentos de vinculação (sucção, abraço, sorriso, tendência para agarrar-se), desenvolve-se um sistema interactivo

entre o bébé e a mãe ou a figura substituta. Neste sistema interactivo tem particular importância o papel do "feed-back" ambiental como parte dum sistema de controlo que medeia o comportamento de vinculação.

Tecendo considerações genéricas relativamente à adolescência, Bowlby refere-se ao desenvolvimento das ligações de vinculação nestes termos: "durante a adolescência, a vinculação da criança aos pais cresce mais fracamente. Outros adultos podem vir a assumir importância maior ou igual à dos pais e a atracção sexual pelos pares de idade entra em jogo [...]. Num extremo, há os adolescentes que rompem com os pais; no outro extremo há os que permanecem intensamente vinculados e são incapazes ou recusam dirigir o seu comportamento de vinculação para outros; entre estes dois extremos, encontra-se a grande maioria dos adolescentes cuja vinculação aos pais permanece poderosa mas em que as ligações a outros, têm também muita importância [...]. Para a maior parte dos indivíduos a ligação aos pais continua ao longo da vida adulta e afecta o comportamento de inúmeras maneiras. Apelidar o comportamento de vinculação na idade adulta de regressivo é não ver o papel vital que ele desempenha na vida do homem desde o berço até à sepultura" (Bowlby, 1969, p. 282 da trad. francesa).

Não há portanto nesta perspectiva, desvinculação aos pais durante a adolescência mas sim crescimento da vinculação, embora de forma menos intensa do que na infância, podendo esses laços alargar-se a outras figuras.

Lytton (1980) contribui para esta reflexão ao defender a vantagem de distinguir conceptualmente o comportamento de vinculação e a vinculação em si mesma, sendo esta o laço, o sentimento de se estar ligado a uma pessoa e que inspira o comportamento. O vínculo persiste ao longo de toda a vida mas exprime-se comportamentalmente de formas diferentes. Relativamente à adolescência, Lytton acentua os aspectos comportamentais de afastamento físico, de passar mais tempo fora de casa, fora da relação de grande proximidade com os pais, como índices do

vínculo e não como comportamentos desvinculadores e na sua opinião "aparentemente, e só aparentemente, um processo de desvinculação sucede à vinculação" (op. cit. p. 285).

Steinberg (1983) descreveu o modelo de Bowlby em cinco proposições que nos parecem duma grande clareza descritiva e de que nos iremos servir para a nossa própria reflexão:

1. Um indivíduo deve ter um modelo funcional interno do seu meio ambiente e este modelo-do-mundo interno desenvolve-se ao longo do tempo e tem aspectos afectivos e cognitivos.

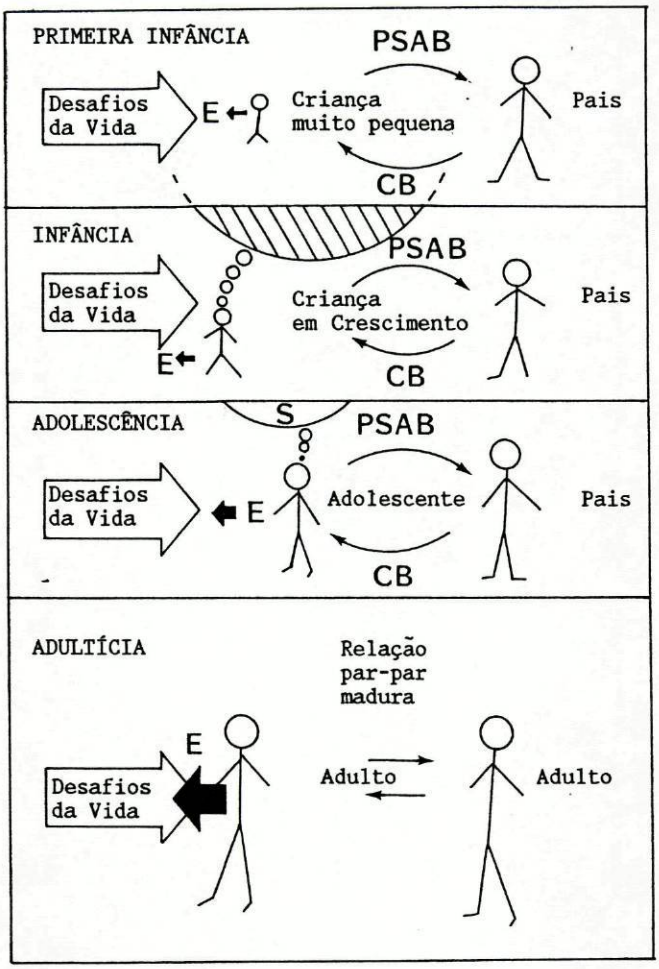
2. O indivíduo em desenvolvimento precisa de manter proximidade com os seus pais (e esta necessidade é particularmente duradoura na infância).

3. O comportamento correspondente através do qual os pais respondem a esta necessidade é um comportamento de cuidados (care-taking behaviour).

4. A criança em desenvolvimento precisa também de explorar o meio ambiente o que requer o afastamento das figuras parentais. O balanceamento entre o comportamento de aproximação e de afastamento dos parceiros muda à medida que a criança cresce.

5. Estes quatro componentes do modelo: elaboração dum modelo-do-mundo interno; comportamento de vinculação à -procura-de-proximidade (PSAB); comportamento de dar-cuidados (CB); comportamento exploratório (E) arranjam-se entre si num sistema de controlo dinâmico.

Este arranjo operacional entre os componentes muda ao longo da vida e a sua evolução foi esquematizada e figurada por Steinberg (1983) da seguinte forma:



Legenda: S = Auto-estima, auto-confiança,
PSAB = Comportamento de vinculação à-procura-de-proximidade,
E = Comportamento exploratório,
CB = Compotamento de dar-cuidados

De acordo com este modelo, na adolescência, o reportório de comportamentos exploratórios (E) aumenta e diversifica-se enormemente mas num sistema de interacção com as figuras parentais: o adolescente mantém um comportamento de procura-de-proximidade com os pais (PSAB) e espera receber deles um comportamento de cuidados (CB). Desta interacção resulta uma maior capacidade de desenvolver comportamentos de exploração, os quais por sua vez accionam em "feed-back" o sistema interactivo pais-adolescentes. A experiência do meio ambiente (E) e de laços vinculativos fortes aos pais contribuem para a elaboração do modelo interno do mundo (S). Nesta elaboração interna cabem as conceptualzações psicanalíticas anteriores, que na nossa perspectiva, não contradizem mas complementam o modelo de Bowlby.

Nesta perspectiva e de acordo com o paradigma etológico de Bowlby a(s) figura(s) de vinculação servem então de base segura a partir da qual se "parte" para uma exploração activa do meio ambiente, num balanceamento gradual maturativo entre proximidade e afastamento aos pais e da qualidade dos vínculos primitivos e actuais dependerá a maior ou menor capacidade de autonomização.

Através deste modelo é possível explicar não só a persistência dos laços familiares aos pais, mas também e em simultâneo a sua transformação, pressupondo concomitantes transformações e rearranjos quer dos objectos internos quer das relações que esses mesmos objectos internos tecem entre si. Neste contexto, a vinculação (se não for excessiva, como acentua Bowlby) é entendida como um laço afectivo persistente que promove os comportamentos de autonomia no adolescente e não como um laço que promove a dependência.

Bowlby (1973) sugere que a auto-confiança e consequentemente a autonomia, não é tanto "contar consigo próprio" como por vezes os estereotipos culturais sugerem ou certas conceptualizações da autonomia têm veiculado, mas contar com o apoio dos outros para a partir daí

construir a sua própria autonomia. Na sua opinião, "uma auto-confiança bem fundada não só é compatível com a capacidade para contar com os outros mas cresce com ela e é complementar dela" (op. cit., p. 359).

Este modelo de compreensão da autonomia adolescente aproxima-se das mais recentes conceptualizações psicanalíticas que acentuam a importância das vivências emocionais com os pares e outros adultos significativos, continentes (no sentido de Bion) auxiliares do processo de separação-individuação, permitindo em simultâneo a manutenção de fortes laços vinculativos aos pais e a autonomia, onde os pais funcionam como porto de abrigo seguro, caldeadores da auto-estima e da auto-confiança do adolescente.

Assim, o adolescente confrontado com o desafio da mudança interna e externa (mudanças corporais, de papéis, de relações perdidas e ganhas; novas ideias e conceitos; novos ambientes e situações vivênciais) conta não só com o seu "mundo interno", povoado (ou não) de "bons objectos" propiciadores de confiança básica e de segurança mas também com as relações actuais com os seus pais, pares, amigos e adultos significativos.

Pensamos ter colectado posições significativas, sem obviamente termos esgotado todas as posições teóricas e clínicas que, no seio do vasto campo das teorias psicanalíticas e psicodinâmicas, têm contribuído para o aprofundamento do conhecimento sobre a adolescência.

Iremos agora debruçar-nos sobre os resultados da investigação que, de um modo ou outro, se refere à perspectiva psicanalítica ou psicodinâmica.

2. ESTUDOS SOBRE A AUTONOMIA ADOLESCENTE

INTRODUÇÃO

Apesar do carácter dominante das teorias psicanalíticas como quadro de referência e como inspiradoras dos estudos realizados nos E.U.A. sobre a adolescência - onde encontrámos maior produção bibliográfica - a investigação empírica, segundo a opinião dos investigadores Hill & Holmbeck (1986), raramente derivou directamente as suas hipóteses a partir das teorias psicanalíticas. No entanto, e apesar disso, a interpretação e a discussão dos resultados empíricos encontrados foram quase sempre feitos à luz dessas mesmas teorias, no sentido de as validar, as questionar ou de as infirmar.

Por essa razão resolvemos inserir sob a rúbrica geral da "Perspectiva psicanalítica e psicodinâmica" a revisão dos estudos sobre a autonomia adolescente, que de um modo ou outro, directa ou indirectamente a essas perspectivas se referem.

Os trabalhos revistos foram organizados sob as seguintes rúbricas: - A Cultura; A Família; Os Cuidados Parentais; O Conflito na Relação Pais-Adolescentes; As Interacções Familiares na Adolescência Inicial; Estudos na Adolescência Tardia e Pós-Adolescência; a Idade e o Sexo.

2.1. A CULTURA

O adolescente faz a transição dum estado de dependência para um estado de maior autonomia, entendida esta enquanto um grau mais elevado de auto-governo.

Esta transição sofre naturalmente a influência do tipo de socialização que ocorre no contexto mais largo do meio social e no contexto mais específico da família. A extensão, em quantidade e qualidade, de autonomia está associada entre outros factores, às normas, valores e expectativas culturais, bem como ao tipo de socialização, de práticas educativas, que de alguma forma exprimem a cultura.

A variabilidade inter-cultural dos valores associados ao conceito de autonomia na adolescência foi comprovada empiricamente em estudos específicos e estudos de orientação familiar. De acordo com a revisão de Poole et al. (1986) constata-se, por exemplo, que: (1) as sociedades com mais altos níveis de desenvolvimento económico, como os E.U.A., valorizam mais a individualidade e a autonomia, do que outras menos desenvolvidas, (2) os adolescentes americanos apresentam maior capacidade de auto-decisão do que os adolescentes hindus, mais guiados pelas decisões parentais e (3) as estruturas familiares anglo-americanas atribuem um alto valor ao desenvolvimento da autonomia nos filhos.

Num estudo conduzido por Keith et al. (1969 in Poole et al.,1982), em adolescentes dos E.U.A. e das Filipinas, verifica-se que embora não se tenham encontrado diferenças entre o grupo rural e o grupo urbano nas Filipinas, 53 ítens (em 75) diferenciam claramente os adolescentes das duas culturas, evidenciando uma direcção comum em relação a uma expectativa mais precoce de realização de comportamentos de autonomia nos adolescentes americanos.

Também, Poole et al. (1982) ao comparar 3 amostras de adolescentes, nos E.U.A., na India e na Austrália, ao nível das suas percepções sobre a sua própria autonomia e ao nível do controlo exercido pelos membros de família nos seus comportamentos e planos, encontra grande variabilidade inter-cultural: os adolescentes americanos comparativamente aos outros, apresentam uma percepção mais elevada de autonomia e uma maior influência sobre as decisões familiares. O estudo permite ainda identificar diferenças intra e inter-culturais nas atitudes, materna e paterna, relativamente à autonomia.

O estudo é replicado, comparando adolescentes na Austrália e em Singapura (Poole et al., 1986) e a influência do factor cultural é de novo posta em evidência: os adolescentes australianos têm uma percepção de maior autonomia e vivenciam um grau mais baixo de coesão familiar. Os autores concluem pela importância do factor cultural principalmente na emergência da autonomia adolescente e na manutenção da coesão familiar.

Também Kandel & Lesser (1972), num importante estudo inter-cultural conduzido em duas sociedades industrializadas ocidentais: nos E.U.A. e na Dinamarca, trazem suporte à tese da variabilidade inter-cultural.

Os autores examinam, numa amostra emparelhada de 2118 adolescentes americanos e dinamarqueses, os sentimentos subjectivos de autonomia em alguns aspectos de interacção familiar. Relativamente ao factor cultural (controlado que foi o factor socio-económico) os resultados indicam que os adolescentes dinamarqueses relatam mais sentimentos subjectivos de autonomia do que os adolescentes americanos. O estudo permitiu correlacionar estes resultados com padrões de interacção familiar diferentes numa e noutra cultura, a que faremos referência posteriormente.

Estes resultados evidenciam a importância da cultura na transição para a autonomia: ela modela as expectativas sociais, não só quanto à idade de emergência dos comportamentos de autonomia como também a quantidade e qualidade de autonomia conseguida.

2.2. A FAMILIA

Se, por um lado, constatamos que as diferentes normas e valores culturais produzem alterações na forma como as famílias e os adolescentes em geral lidam com as questões da transição adolescente para o estatuto de adulto, por outro lado, essas normas, dentro dum mesmo contexto cultural, nem sempre são explícitas nem uniformes.

Nas sociedades industriais ocidentais, onde as mudanças sociais são rápidas e onde são por vezes os próprios adolescentes os definidores da cultura (Mead, 1970), a indefinição quanto ao estatuto de autonomia adolescente permanece e encontra expressão na variabilidade intercultural dos deveres e direitos deste grupo etário.

Argumenta-se mesmo que a ambivalência quanto aos direitos dos adolescentes decorre em parte da incerteza sobre se os adolescentes podem ser considerados "pessoas autónomas" ou não. As dúvidas sobre a autonomia adolescente radicam no problema da competência ou incompetência dos adolescentes em tomar decisões. Na opinião de Melton (1983), por exemplo, a competência do adolescente em tomar decisões foi largamente comprovada pela investigação psicológica e o seu reconhecimento como pessoa autónoma, plenamente capaz de tomar decisões quanto às questões privadas (tratamentos médicos, contracepção, aborto, etc.) traria grandes benefícios psicológicos e sociais.

E de admitir que a indefinição das normas sociais, juntamente com outros factores, alguns deles equacionados no Cap. I, contribuam para transformar a socialização da transição do estado de dependência para um estatuto de pessoa adulta, numa questão altamente dependente das práticas educativas e das interacções familiares.

Algumas famílias, numa mesma sociedade, concedem um grande grau de autonomia aos seus filhos adolescentes, outras, pelo contrário, reforçam os padrões de controlo.

Uma das questões que, nesta área, tem interessado os investigadores é conhecer a relação que existe entre a autonomia concedida ao adolescente e a classe social de pertença. Vários estudos foram conduzidos nesse sentido: encontrar as correlações entre o estatuto sócio-económico dos pais e o grau de autonomia nos seus filhos adolescentes.

Psathas (1957) estuda a influência da variável classe social em adolescentes do sexo masculino, de origem étnica diferente (italiana, judia e outras etnias) vivendo nos E.U.A., e correlaciona a classe social dos pais com a percepção da quantidade de autonomia que os adolescentes sentem ter em quatro dimensões: **Permissividade nas Actividades fora de Casa, Consideração pelo Julgamento dos Pais, Actividades com Implicações no Estatuto e Permissividade nas Actividades Relacionadas com a Idade.**

Estas dimensões foram isoladas factorialmente de acordo com a metodologia referida atrás, no Cap. II. Psathas verifica que controlando a classe social não se encontram diferenças devidas à etnia, o que o leva a concluir terem os grupos étnicos sido assimilados à cultura americana. A primeira constatação que nos ocorre realçar é que os adolescentes não percepcionam a autonomia como uma simples libertação da influência parental mas os seus sentimentos face à autonomia reflectem uma preocupação pelo julgamento que os pais fazem das suas opiniões.

Quanto à influência da classe social, os resultados indicam que as classes sociais mais baixas dão mais autonomia aos filhos nas "actividades fora de casa" e "actividades relacionadas com a idade" e que as classes sociais mais elevadas têm mais em conta as opiniões dos

seus filhos nas decisões. As famílias são equivalentes no que diz respeito às actividades que afectam a reputação ou o estatuto dos seus filhos.

Psathas verifica ainda que, nas classes médias, a expectativa quanto à emergência dos comportamentos de autonomia se situa mais cedo no tempo do que nas outras classes.

Para Psathas, os resultados do seu estudo estão de acordo com trabalhos anteriores, segundo os quais as classes médias se preocupam mais em favorecer a independência dos filhos mas são menos permissivas que os das classes baixas.

A vida nas famílias de classe baixa, segundo Erickson (1947, in Psathas, 1957) é menos estritamente organizada, pelo que menos exigências são feitas à criança. Então, os padrões menos rígidos, nas classes baixas, levam a maior independência. Há mais permissividade nas actividades exteriores e naquelas relacionadas com a idade, o que parece reflectir um maior relaxamento do controlo do que propriamente um treino positivo para a independência, na opinião do autor.

O nível mais baixo de independência dado pelas famílias de classe média nestas mesmas dimensões pode reflectir, segundo Psathas, uma atitude deliberada para socializar a ansiedade, isto é, a manutenção de supervisão pode servir para tornar o jovem consciente da importância de um comportamento adequado em relação às normas sociais.

O facto de as famílias de classe média concederem maior participação na tomada de decisões é interpretado pelo autor como uma forma de os pais estabelecerem regras de conduta e avaliarem o grau de aceitação destas normas nos filhos. Tratar-se-á então de treino para a independência, mas também não será alheio o facto de as discussões familiares servirem a função de induzir maior conformidade às normas parentais.

As conclusões de Psathas vão no sentido das de Nye e Kohn e os seus resultados contrariam os primeiros resultados encontrados nesta área por Dimock (1937), que não encontrou nenhuma correlação entre a classe social e o estatuto de emancipação do adolescente.

Nye (1951, in Psathas, 1957) considera que o ajustamento pais-adolescente é "melhor" nos níveis socio-económicos elevados, onde os adolescentes obtêm scores mais elevados no sentimento de serem amados e de terem a confiança dos pais.

Kohn (1977 in Hill, 1980) estudou as relações entre a participação parental no mundo do trabalho e comportamento face aos filhos, concluindo que: (1) as classes trabalhadoras, comparativamente às classes médias, valorizam mais, nos filhos, a sua conformidade à autoridade (obediência) do que o auto-controlo e (2) os filhos são punidos, mais pelas consequências daquilo que fazem, do que pelas intenções.

Segundo a revisão à bibliografia, feita por Hill(1980), encontram-se regularmente na literatura resultados consistentes com a formulação de Kohn sobre as variações entre o "parenting" e a classe social.

Também Fasick (1984), baseando-se na literatura americana existente sobre esta questão, constrói um quadro síntese onde põe em correlação a "classe social", a "quantidade de autonomia comportamental" e a "importância da cultura juvenil", que passamos a apresentar:

Classe Social	Quantidade de Autonomia Comportamental	Importância da Cultura Juvenil
Estrato Superior	Pouca. Actividades rigorosamente supervisadas. No ensino privado. Socialização para funções de leadership.	Pouco importante. Actividades lúdicas cooptadas pela socialização pró-adulto.
Estrato Médio	Limitada. Usualmente no ensino oficial. Actividades supervisadas mas muito mais liberdade.	Importante. Fornece conteúdo cultural às relações com pares, orientadas para a autonomia.
Estrato Inferior	Considerável. Frequente abandono escolar para trabalho com responsabilidade.	Pouco importante. Autonomia lata.

Adaptado de: Fasick (1984). Parents, Peers, Youth Culture and Autonomy in Adolescence.Adolescence. 19(73), 143-157.

O autor conclui que o controlo e a influência parental tendem a variar directamente com os recursos socio-económicos que os pais dispõem para ajudar os seus filhos a conseguirem um estatuto social e que a autonomia comportamental concedida tende a estar inversamente relacionada com o posicionamento dos pais na hierarquia social.

Quanto à importância da cultura juvenil na socialização do adolescente, os estudos indicam que a tendência vai no sentido duma relação curvilinear: a importância é menor nos graus extremos da hierarquia social, ou seja nas classes mais elevadas e nas classes menos elevadas. Nas classes sociais médias, onde o controlo e a influência parental não são nem muito fortes nem muito fracos, a cultura juvenil tem mais tendência a florescer e a cooptar os adolescentes.

Os resultados dos trabalhos revistos dizem-nos que os padrões familiares diferem quanto ao início no tempo do "training" para a autonomia, quanto à quantidade de autonomia concedida, mas também que dentro da mesma família o padrão familiar difere em função do tipo de autonomia: por exemplo, no estudo de Psathas, algumas famílias restringem a autonomia nas actividades fora de casa mas promovem a autonomia na tomada de decisão, nà expressão de ideias, opiniões e juízos dentro de casa e noutras famílias encontra-se o padrão inverso.

Qual o impacto de cada um desses padrões no desenvolvimento psicossocial do adolescente?

Hill (1980), responde a esta questão afirmando que, as teorias sobre o desenvolvimento adolescente defendem como mais desejáveis para o desenvolvimento da autonomia, as atitudes parentais mais orientadas para o desenvolvimento do auto-controlo do que para a conformidade à autoridade externa.

O efeito da classe social de pertença da família, na forma como esta lida com as questões da autonomia durante a adolescência dos seus filhos, encontra-se demonstrada.

No entanto, "muitas formas de educar as crianças transcendem as circunstâncias sociais e económicas das famílias. Nos anos mais recentes identificaram-se algumas diferenças importantes entre as famílias na socialização dos seus filhos" (Sprinthall & Collins, 1984, p. 216) e é no efeito desses diferentes tipos de socialização - reflectidos em dis-

tintas práticas educativas, formas de exercício da autoridade, e outros aspectos de comportamento parental - sobre a autonomia que iremos centrar-nos agora.

2. 3. OS CUIDADOS PARENTAIS

Descrever ou caracterizar um sistema social tão complexo como a família, a fim de lhe poder estudar os efeitos, as interacções entre os seus membros, é uma tarefa difícil a que numerosos investigadores se têm dedicado desde sempre.

Merece particular destaque nesta matéria a obra de Diana Baumrind que forneceu uma tipologia familiar consistente relativamente às formas de exercício dos cuidados parentais e as correlacionou com características da autonomia na criança e no adolescente. Baumrind encetа a partir de 1965 um trabalho de observação de famílias com crianças e adolescentes. Os resultados das suas primeiras experiências, feitas num estudo longitudinal em 110 famílias, mostra-lhe não só a existência duma relação entre as características da criança e o seu "background" familiar, como também a existência de três tipos distintos de estilos na forma como os pais faziam ou exigiam satisfação aos seus pedidos e no quanto afecto e aceitação punham na relação com os seus filhos.

Baumrind designou esses três tipos de famílias por: **autoritárias** (authoritarian), **permissivas** (permissive) e **autoritárias-recíprocas** (authoritative).

Nas famílias de tipo "autoritário", os pais são controladores, rígidos e severos no exercício da disciplina, fomentando nos filhos o respeito e obediência à autoridade. A tonalidade emocional da relação é, na maior parte das vezes, fria e rejeitante.

Nas famílias de tipo "permissivo", os pais fazem poucas ou nenhumas exigências aos seus filhos, não impõem normas ou restrições ao seu comportamento. Usam a persuasão e o raciocínio, como base para a aceitação dos seus pedidos, mais do que a força ou o poder autoritário. Permitem ao filho que tome as suas próprias decisões e auto-regule o seu comportamento sem exigir que faça prova de maturidade, não se apresentando como agentes de socialização, responsáveis pela conduta dos filhos, face a determinados objectivos.

Nas famílias de tipo "autoritário-recíproco", os pais estabelecem limites e expectativas claras e firmes quanto ao comportamento dos seus filhos mas oferecem-se como guião através do uso do raciocínio e de regras. Assumem-se como figuras de autoridade perante filhos com direitos, ou, como diz Baumrind: "reconhecem os seus próprios direitos específicos como adultos mas também os interesses individuais e maneira especial de ser dos seus filhos" (Baumrind, 1968, p. 261). A tonalidade emocional das relações entre pais e filhos é geralmente quente e de aceitação.

Mas o aspecto da investigação de Baumrind que mais nos interessa para o nosso trabalho é a correlação que a autora encontra entre os diferentes tipos de parenting e as características de submissão ou de autonomia nos filhos.

Com efeito, os resultados a que conduziu a sua investigação (Baumrind, 1966, 1967, Baumrind & Black, 1967, in Baumrind, 1968) levam-na a concluir que:

- o tipo de relação predominante nos pais "autoritários" encontra-se associado nos filhos a características de submissão, pouca responsabilidade e orientação para a realização e pouca autonomia .

- o tipo de relação predominante nos pais "permissivos" encontra-se associado nos filhos a características de auto-confiança, mas menor sentido de responsabilidade do que no tipo "autoritário-recíproco".

- o tipo de relação predominante nos pais "autoritários-recíprocos" encontra-se associado nos filhos a características de auto-confiança, auto-controlo,

Baumrind verificou ainda que as diferenças que encontrou nestas características durante a infância se encontravam também durante a adolescência (Baumrind, Comunicação pessoal 1980, in Sprinthall & Collins, 1984).

Em trabalhos posteriores, a autora vem a definir um quarto tipo: "negligente-rejeitante" (neglecting-rejecting) em que os pais não exprimem pedidos de maturidade e de responsabilidade aos filhos e desencorajam a dependência emocional. A tonalidade é de grande frieza, rejeição, com recurso a meios disciplinares duros sempre que a sua existência é perturbada pelo comportamento dos filhos.

Mas o essencial dos resultados das suas primeiras investigações não é posto em causa: a maior ou menor autonomia no adolescente estaria portanto associada a dimensões do comportamento parental. Dimensões essas que viriam a revelar-se, em investigações produzidas também por essa altura (Schaefer, 1965; Becker, 1964), serem dimensões relativamente independentes e reflectindo o essencial do comportamento parental: a dimensão do afecto - "amor vs. hostilidade" - e a dimensão das práticas educativas -"autonomia vs. controlo". Também nesta área a investigação de Baumrind vem trazer contributos, pondo a tónica não tanto nestas dimensões, mas nas dimensões ortogonais "respondingness" e "demandingness"; não nos parece importante contudo, para o trabalho que nos ocupa, alongarmo-nos nesta matéria.

O essencial é que, de acordo com os resultados das diversas investigações de Baumrind, verifica-se que a autonomia na adolescência é fomentada por atitudes parentais que conjuguem em simultâneo a definição clara de limites e regras para o comportamento e uma relação calorosa e de aceitação. Esta mesma orientação vem a ser confirmada por outros trabalhos, utilizando metodologias e conceptualizações diferentes e trabalhando com outras variáveis do comportamento parental embora, se tenha produzido pouca investigação sobre os efeitos dos cuidados parentais na autonomia adolescente (Enright et al., 1980). Iremos rever aqui alguns desses trabalhos.

As implicações das diferenças parentais no seu relacionamento com os filhos, durante a adolescência, foram profundamente estudadas por Elder (1963). A sua investigação forneceu uma descrição prototípica dos estilos parentais, ou níveis de poder e os seus efeitos concomitantes na autonomia adolescente.

O autor analisou a relação entre o grau de legitimação do poder parental, dado pela frequência das explicações das normas e três aspectos no adolescente: a autonomia (definida pela capacidade em tomar decisões e pelo sentimento de auto-confiança nos objectivos pessoais e nos padrões de comportamento), o desejo de se parecer aos pais e a obediência às regras parentais. Fez esta análise em três níveis de poder parental, caracterizado por três tipos de interacção entre pais e adolescentes:

autocrático: os pais não permitem que o adolescente expresse as suas posições face a assuntos que têm a ver com o seu comportamento, nem lhe permitem qualquer forma de regulação do seu próprio comportamento;

democrático: o adolescente é encorajado a participar na discussão de assuntos relevantes para o seu comportamento, embora a decisão final seja sempre tomada ou aprovada pelos pais ;

permissivo: o adolescente tem mais influência do que os próprios pais na tomada de decisões sobre assuntos que lhe dizem respeito.

Trabalhando com uma grande amostra de 7680 estudantes norte-americanos, representativa dum universo de 19.200 estudantes do 7º ao 12º ano de escolaridade, Elder concluiu que a autonomia é mais típica nos adolescentes cujos pais são simultaneamente permissivos ou democráticos e dão frequentemente explicações como forma de legitimação do seu poder. Os adolescentes que raramente recebem explicações encontram-se menos aptos a exibir comportamentos autónomos. Entre os pais que explicam as suas decisões, os de estilo democrático são os que mais favorecem a autonomia dos filhos.

Outra conclusão de Elder é que os adolescentes são mais conformes aos pais como modelos, nas famílias de estilo democrático.

No mesmo sentido vão os resultados dum importante estudo, realizado nos E.U.A. e de âmbito nacional (considerado hoje referência fundamental nos estudos sobre a autonomia adolescente), levado a cabo por Douvan & Adelson no início dos anos 60. Esta pesquisa foi realizada numa amostra estratificada de estudantes americanos, representativa da população estudantil geral e abarcou 3050 adolescentes, de idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos. A pesquisa utilizou como metodologia base a entrevista e estudou diversos aspectos da adolescência: orientação para o futuro, mobilidade social, valores, família, amizade, desenvolvimento feminino, estrutura familiar, sub-culturas, e dentro destes aspectos, tópicos como a autonomia comportamental, a autonomia emocional e os conflitos sobre a autonomia na relação com os pais.

Os autores desenvolveram também na altura uma importante discussão sobre o carácter multidimensional da autonomia tendo distinguido a autonomia comportamental, emocional e de valores, a que já fizemos referência nos Capítulos anteriores.

Dizíamos portanto, que no mesmo sentido vão os resultados de Douvan & Adelson (1966), para quem um estilo democrático de controlo parental se associa a maior autonomia no adolescente; pelo contrário, pais autocráticos ou muito permissivos têm com grande frequência filhos com baixa auto-confiança e dependentes ou revoltados.

A autonomia está mais presente em adolescentes cujos pais permitem e encorajam os filhos a separarem-se gradualmente da família. Segundo os autores, os jovens mais autónomos representam os pais como preocupados e orientadores, mas não como severos. Eles participam na definição das leis que os governam e são capazes de se ver, nas histórias projectivas, a discordar dos pais. Os dependentes e revoltosos dizem que a coisa mais importante que os pais esperam é a obediência e raramente admitem discordar dos pais.

Os resultados de Douvan e Adelson vão também em apoio das teses defendidas por Elder (1963) quanto à importância da fundamentação do poder exercido pelos pais.

Com efeito, Douvan & Gold (1966) comentam que as diferenças entre os sistemas de controlo, autoritário ou democrático, podem ser concebidas enquanto diferenças na natureza dos sinais cognitivos fornecidos pelos pais aos filhos: os pais democráticos, mais do que os autoritários, apelam ao pensamento, à compreensão das regras e podem exercer um controlo mais consistente em caso de desvio às regras estabelecidas. Na verdade, a inconsistência das regras e dos modos de as controlar, encontram-se com mais frequência nas famílias de adolescentes não autónomos e imaturos (Bowerman & Elder 1962, Peck & Havighurst 1960, in Douvan & Gold, 1966).

Estas questões são tanto mais importantes quanto se sabe empíricamente que os padrões parentais continuam a desempenhar um papel determinante na orientação do comportamento adolescente: no estudo que

temos vindo a referir, as raparigas em geral e os rapazes de 16 anos, ainda indicam os padrões parentais como os que mais pesam na tomada de decisão.

Nesta linha de investigação importa realçar o trabalho de Enright et al. (1980) que aprofundam a investigação conduzida por Elder (1963). Os autores criticam a ausência de perspectiva desenvolvimental em Elder, na medida em que não estuda os efeitos diferenciais ligados à fase de desenvolvimento do adolescente.

Enright et al. conduzem o seu estudo sobre a autonomia e sobre a identidade adolescente, em duas amostras de adolescentes em fases de desenvolvimento distintas, que designam por adolescência inicial (12-13 anos) e por adolescência tardia (16-17 anos). Retomam as categorias de Elder, mas utilizam outro instrumento para medir a autonomia: o instrumento desenvolvido por Kurtines (1978), referido por nós no Capítulo II, I Parte.

Os resultados encontrados pelos autores, se por um lado demonstram uma forte correlação entre os estilos parentais e o nível de identidade alcançados encontram uma correlação menos nítida entre a autonomia e os estilos parentais, quer no início quer na fase final da adolescência. No entanto Enright et al. concluem que a autonomia beneficia com um estilo parental permissivo e afirmam que os seus resultados apoiam a investigação prévia de Elder (1963).

Sugerem no entanto que a operacionalização que foi feita do conceito de autonomia num e noutro estudo (2 ítens no estudo de Elder) podem ter contribuído para resultados menos coincidentes.

O efeito principal ligado à variabilidade da autonomia proveio, neste estudo, da variável sexo, o que levou os autores a concluir que "a autonomia parece ser mais influenciada pela socialização dos papéis sexuais do que pelo nível de poder parental" (op. cit., p. 544).

Na mesma direcção vão os resultados dum estudo longitudinal realizado durante 40 anos por Allaman et al. (1972, in Sprinthall & Collins, 1984) que demonstram a correlação existente entre um estilo autoritário de parenting durante a infância e um comportamento não autónomo na adolescência e adultícia.

Os autores estudam num mesmo grupo de sujeitos durante a primeira infância, aos 18 anos e aos 26 anos - a relação entre os padrões de cuidados parentais e a autonomia revelada na adolescência e na adultícia.

Concluem que os sujeitos cujos pais foram exigentes e simultaneamente rejeitantes, frios e repressivos eram, na adolescência e na idade de jovens adultos indivíduos não-autónomos e ansiosos procurando permanentemente a aprovação dos outros. Estes adolescentes vindos de famílias de tipo "autoritário" tinham tendência para pensar que tinham pouco ou nenhum controlo sobre aquilo que lhes, acontecia.

Comentando os resultados de alguns trabalhos que aqui revimos, Sprinthall & Collins (1984) afirmam que "as famílias democráticas e autoritárias - recíprocas preparam o terreno na infância e na juventude para o assumir mais tarde de papéis de adulto. Estes pais demonstram eles próprios atitudes responsáveis, controlando o comportamento dos filhos e respeitando as suas opiniões. Ao mesmo tempo, fornecem oportunidades para praticar a responsabilidade dentro de princípios orientadores largos e usam esclarecimentos e respostas claras face aos comportamentos dos filhos, para lhes ensinarem comportamentos maduros. Além disso, o calor, a aceitação e respeito que estes pais demonstram de modo característico face aos seus filhos, encorajam relações de respeito mútuo que os ajudam a ser professores efectivos e modelos durante a adolescência" (op. cit., p. 227).

As duas principais dimensões dos cuidados parentais: o grau de controlo e a qualidade da aceitação (a que iremos fazer uma larga referência na SECÇÃO II, I PARTE), enfatizadas pelos autores,

revelam-se indubitavelmente de grande importância para o desenvolvimento da autonomia durante a adolescência, como temos vindo a constatar. Estudadas isoladamente ou em conjunto, os resultados são todavia convergentes.

A relação entre a qualidade da aceitação, ou seja o tipo de afecto predominante na interacção entre pais e adolescentes (estudada isoladamente ou em simultâneo com o grau de controlo) e a autonomia, tem sido estudada directa ou indirectamente e encontra-se evidenciada em alguns trabalhos empíricos.

Martin (1975) e Anderson (1981), em trabalhos de revisão da bibliografia produzida sobre as relações pais-filhos, concluem na rúbrica sobre a independência (termo usado pelos autores) adolescente que o padrão de interacção que menos favorece a autonomia é aquela em que se conjuga a hostilidade com extremos de restritividade ou de permissividade.

Martin (1975) afirma concretamente que "a evidência mais convincente nesta altura é a de que o comportamento independente está associado com um padrão de interacção pais-filho em que os pais solicitam um comportamento apropriado à idade, fazem cumprir as regras firme e consistentemente, encorajam, escutam e são ocasionalmente influenciados pela comunicação vinda dos filhos e fornecem uma quantidade generosa de afecto e aprovação" (op. cit., p. 508). O autor lamenta contudo que os trabalhos de investigação publicados até à altura não permitam ainda avaliar a contribuição relativa de cada uma destas características.

Anderson (1981), por seu lado, refere que se verifica uma evidência consistente entre o locus de controlo interno e a autonomia, sugerindo que o treino precoce da autonomia nos filhos, por parte dos pais, favorece nestes a existência de locus de controlo interno.

O autor conclui pela importância das configurações parentais que se caracterizam pelo afecto caloroso e pelo controlo enquanto modelos facilitadores da autonomia adolescente: "padrões de interacção

familiares de natureza predominantemente positiva e recíproca parecem contribuir para um meio ambiente que pode ser o mais conducente ao desenvolvimento individual, especialmente quando esses padrões ocorrem num contexto de comunidade e de sociedade que os valorizam e lhes dão apoio" (op. cit., p. 41).

Berzonsky (1981) sistematiza a informação disponível nessa área pondo em confronto dum lado uma tipologia de padrões familiares e do outro lado as correspondentes características comportamentais prováveis nos adolescentes. Assim a um estilo "autoritário" nos pais (rejeitantes e controladores) corresponderia um estilo de comportamento obediente à autoridade e pouco autónomo; a um estilo "excessivamente protector" (aceitantes e controladores) corresponderia um estilo dependente, passivo, cortês e conformista e a um estilo "autoritário-recíproco" (aceitantes e flexivelmente fomentadores de autonomia) corresponderia um estilo de comportamento auto-governado e independente.

Partindo dum quadro de referência teórica mais específico do que os anteriores, - as teorias de Bowlby -Murphey et al. (1963) desenvolvem uma interessante pesquisa sobre a relação entre a capacidade de realizar comportamentos autónomos e a interacção familiar, em adolescentes tardios, em fase de ingresso na Universidade.

Os autores postulam que os adolescentes se confrontam com o problema de encontrar formas de desenvolver a sua própria autonomia sem que, ao mesmo tempo, tenham de sacrificar grandemente as suas relações com os seus pais. Assim, uma das tarefas da adolescência tardia envolveria, na perspectiva dos autores, a integração do desejo de independência dos pais e o desejo de continuar relações positivas e próximas com eles.

Partindo desta perspectiva e do referencial bowlbyano de desenvolvimento, Murphey et al. propõem-se explorar a relação entre a capacidade de realizar a autonomia mantendo simultaneamente a proximidade (relatedness) aos pais e os modelos de interacção familiar. A autonomia

foi definida enquanto "capacidade de fazer escolhas separadas e autónomas" e proximidade enquanto "satisfação numa relação predominantemente positiva com os pais".

Os autores consideraram duas hipóteses para o desenvolvimento de um comportamento autónomo: jovens cuja autonomia se desenvolvia a par com um sentimento de proximidade com os pais e aqueles cuja autonomia se desenvolvia à custa dele.

Segundo Murphey et al., os pais de jovens com resultados mais elevados, tanto em autonomia como em proximidade, tinham como principais características: não eram completamente centrados no filho, mães com carreiras profissionais satisfatórias, pais e mães com grande clareza na área dos valores e modelos, dando muito valor à independência e à autonomia e comportando-se de forma congruente com estes valores. Há nestas famílias uma definição clara de fronteiras entre pais e filhos. Os pais/mães preocupam-se com que o filho internalize alguns dos seus valores mas deixam-no livre para pedir ajuda apenas quando julgar necessário. Nestas famílias, a diminuição do controlo parental é gradual. Os pais tendem a ter valores mais estáveis e consistentes e são capazes de os comunicar aos filhos. Na vida diária, demonstram congruência entre as suas crenças e acções tornando-se modelos para os filhos.

Inversamente, os pais do adolescente com baixa autonomia e proximidade, reflectiam dificuldades em comunicar e reconhecer as necessidades e interesses dos seus filhos.

Este trabalho permitiu ainda verificar que os adolescentes "autónomos-e-próximos" eram aqueles que melhor lidavam com os problemas postos pela separação física (saída de casa e ingresso no College).

Partindo de uma outra perspectiva teórica, próxima das teorias sistémicas, os resultados da investigação de Stierlin et al. (1971) - trabalho que apresentaremos no Cap.IV, desta I PARTE - produzidos mais tarde, vieram dar consistência aos resultados de Murphey.

O estudo da relação entre o estilo de controlo parental e a autonomia, bem como o estudo da relação entre a autonomia subjectiva no adolescente e a qualidade do afecto percepcionado na interacção com os pais são questões centrais na investigação de larga-escala, conduzida por Kandel & Lesser (1969, 1972), a que já fizemos referência.

Os resultados encontrados dão consistência à investigação prévia no que diz respeito à influência do estilo de controlo parental: os adolescentes dinamarqueses, provenientes de famílias predominantemente democráticas -em contraste com as famílias americanas que, comparativamente, os autores dizem ter um estilo mais autoritário - apresentam scores mais elevados de autonomia. Porém o tipo de afecto, a qualidade de aceitação entre pais e filhos aparece claramente neste estudo como a variável crucial, comum aos dois tipos de estilos parentais.

Quer nas famílias dinamarquesas quer americanas, os autores concluem que o sentimento no adolescente de ter alcançado autonomia está associado com interacções positivas com os pais: (1) a percentagem de adolescentes que discute os seus problemas com os seus pais aumenta de 19% para 48% quando se passa dos 14 para os 19 anos; (2) os que referem sentimentos subjectivos de autonomia mais vezes também referem que se sentem mais próximos dos seus pais, que gostam de fazer coisas com eles, que consideram os seus conselhos e que querem ser como eles; (3) os que referem sentimentos subjectivos de autonomia vêm os seus pais como "fora de moda" menos frequentemente e referem também menos frequentemente não só terem conflitos na relação com os pais como também serem as relações mais difíceis agora do que na infância.

Os autores concluem que a autonomia subjectiva nos adolescentes se associa com relações próximas e calorosas com os pais, numa atmosfera de aceitação da influência parental.

A importância dos factores parentais, quer na dimensão do controlo quer na dimensão da qualidade de aceitação, para o desenvolvimento da autonomia durante a adolescência, parece não merecer contestação. Já o

carácter mais ou menos conflitual, mais ou menos de ruptura, ou de harmonia, parece estar no centro duma controvérsia entre investigadores e que iremos abordar seguidamente.

2.4 - O CONFLITO NA RELAÇÃO PAIS-ADOLESCENTES

Os resultados do trabalho de Kandel & Lesser, em conjunto com o de outros importantes trabalhos realizados nas décadas de 60 e 70, visando não directamente o estudo da autonomia mas a relação pais-adolescentes em geral e abordando-a portanto indirectamente, estão no centro duma controvérsia sobre o carácter mais ou menos conflitual do processo de autonomia:

- A autonomia adolescente processa-se predominantemente num contexto de ruptura e de conflito com os pais ou num contexto de transformação e de harmonia?

A questão teórica, tal como a colocam os investigadores, é, grosso-modo, a seguinte: (1) as teorias psicanalíticas sobre a adolescência argumentam que o conflito, a rebelião, a ambivalência e a desidealização caracterizam a adolescência normal e são necessárias para atingir a autonomia; (2) nesta perspectiva, os sinais de autonomia deverão estar correlacionados mais com uma orientação neutra ou negativa para com os pais (desvinculação ou rebelião) do que com uma orientação positiva (Hill, 1980).

Esta questão esteve presente na discussão dos resultados dos mais importantes estudos realizados com grandes amostras de adolescentes normais nos E.U.A., na década de 60, tais como The Adolescent Experience

(Douvan & Adelson, 1966) The Psychological World of the Teenager (Offer, 1969), Youth in Two Worlds (Kandel & Lesser, 1972), que temos vindo a referir.

Em 1966, Douvan & Gold (1966) escreviam que "tradicionalmente, a questão da autonomia na adolescência tem sido concebida como uma luta: pai contra filho numa contestação pelo domínio, filho contra mãe numa mais branda mas mais difícil e envolvente luta pela auto-definição e integridade, lidando o filho com a partida de casa somente por meio da rebelião, mascarada ou fortemente representada, muda ou estridente" (op. cit., p. 485).

Ora, os resultados da investigação levada a cabo por Douvan & Adelson (1966) contrariam esta visão. Os autores afirmam não ter encontrado adolescentes clamando por liberdade ou tentando desprender-se, nem mostrando uma resistência rebelde à autoridade. De acordo com os resultados, os autores concluem que a maioria dos adolescentes tentam conseguir a sua autonomia gradual e apropriadamente e numa relação de respeito e consideração pelos pais.

Resultados idênticos são encontrados por Offer (1969) num primeiro estudo efectuado em 306 rapazes e depois por Offer & Offer (1975). Este último trabalho consistiu num estudo longitudinal que contrastou as relações de adolescentes do sexo masculino com os pais, durante dois períodos: os anos da adolescência própriamente dita passados no nível educacional secundário e a adolescência tardia já no nível superior. Neste estudo os autores referem que encontraram apenas 21% de adolescentes do nível secundário tendo experienciado um "crescimento tumultuoso" caracterizado por interacções pais-filho tumultuosas e tensas (stormy and stressful),mas apresentando fortes laços familiares. Segundo os autores "a maioria dos sujeitos descrevem os seus pais como dignos de confiança e as suas mães como compreensivas" (op. cit., p. 27).

Hill (1985), tomando por base a literatura, é peremptório nas suas conclusões: "os estudos empíricos major disponíveis (Bandura & Walters, 1959 ; Douvan & Adelson, 1966; Kandel & Lesser, 1972; Montemayor, 1983; Rutter et al. 1976) e as revisões major da totalidade do corpo de investigação (Coleman, 1978; Hill, 1980; Montemayor, 1983) levam a concluir que o período é problemático apenas para uma minoria de adolescentes e suas famílias nas sociedades industrializadas" (op. cit., p. 234).

Hill vê nestas conclusões um importante desafio colocado aos investigadores já que tornam míticas as visões sobre o carácter tumultuoso do processo adolescente e pedem um aprofundamento de investigação.

A controvérsia reside portanto, sinteticamente, entre o que designam por visão "clássica" e visão "empírica", tidas como campos de perspectiva antagónica sobre a natureza das relações entre pais-adolescentes.

Coleman (1978) sistematiza as principais divergências entre os dois campos de visão. Segundo o autor, a visão "clássica", também conhecida pela tese do "storm and stress",insere-se na linha de S. Hall e mais tarde das teorias psicanalíticas e a partir duma base teórica e clínica tende a perspectivar a adolescência como um período de tumulto e tensão, características inerentes ao próprio processo de desenvolvimento. A visão clássica, segundo a leitura dos investigadores que a têm contestado, descreve as relações entre pais-adolescentes como inevitável e fundamentalente tensas e conflituosas, num contexto de ruptura e desvinculação.

A visão "empírica" por seu lado, com base nos resultados de estudos em larga escala (e defendidos pelos autores dos trabalhos referidos por Hill, 1985), embora não negando que a adolescência é um tempo de mudanças major em todas as áreas de funcionamento, tende a perspectivar

a adolescência como um período calmo, harmonioso e caracterizado por relações entre pais e adolescentes predominantemente calorosas e pacíficas.

Montemayor, autor de importantes revisões sobre a natureza das relações pais-adolescentes (Montemayor, 1986), afirmou recentemente que "depois de 60 anos de investigação, os empiricistas foram incapazes de documentar a existência de angústia (distress) universal nas amostras de famílias não-clínicas com adolescentes" (Montemayor, 1986, p. 15).

Porém, nem todos os autores partilham a opinião de que se tratem de visões antagónicas ou contraditórias.

A crítica tecida em torno da controvérsia entre a visão "clássica" e a "empírica" tem contribuído, na nossa perspectiva, para esclarecer pontos de vista e constitui-se como um desafio para o aprofundamento do conhecimento sobre a adolescência. Por essa razão, pensamos ter interesse referir aqui as críticas que consideramos mais pertinentes e construtivas.

Coleman (1978), por exemplo, que não contesta a natureza contraditória das duas teses, argumenta que a visão empírica não só sub-estimou o vivido interno das experiências emocionais do adolescente, como também não explica como é que os adolescentes lidam com as adaptações major exigidas, em consequência das mudanças físicas, sociais e emocionais. Pensa, no entanto, ser possível reconciliar os dois pontos de vista, que nos seus extremos são irrealistas.

A sua contribuição consistiu em propor, na base dos resultados empíricos que encontrou, o que designou por "teoria focal da adolescência". Trata-se de uma outra conceptualização do desenvolvimento adolescente que tenta resolver as contradições das anteriores visões. Segundo Coleman: "em diferentes idades, padrões particulares de relacionamento estão em foco, no sentido em que se tornam mais proeminentes mas nenhum destes padrões é específico a uma idade apenas.

Assim à medida que os padrões se sobrepõem questões diferentes entram em foco em diferentes tempos, mas só porque uma questão não é o problema mais proeminente duma idade não quer dizer que ele não possa ser crítico para alguns indivíduos" (op. cit., p. 632).

Resulta desta conceptualização que, o stress derivado da necessidade de adaptações específicas a novos modos de comportamento, raramente se concentra numa idade só, o que daria razão à chamada teoria clássica da inevitabilidade do "tumulto e stress" e permitiria explicar também o carácter relativamente calmo e harmonioso defendido pela visão "empírica".

Coleman sugere portanto que um processo de adaptação se espraia ao longo de todo o período adolescente permitindo uma reorganização constante das relações entre pais e adolescentes.

Também para Josselson (1980), "o que pareceu ser um enigmático cisma entre duas visões sobre a adolescência parece pelo contrário tratar-se de dois aspectos complementares de um processo" (op. cit., p. 195).

Berzonsky (1981), por seu turno, afirma que "a controvérsia sobre o storm-and-stress tem sido uma questão major na psicologia adolescente, pelo menos nos últimos oitenta anos" (op. cit., p. 124) e sugere que foi enfatizada a questão errada. Na sua opinião a questão que deveria ser colocada é a seguinte: "quais são os factores e acontecimentos que contribuem para o stress e para as crises durante a adolescência e porque é que uns adolescentes são capazes de lidar melhor com os seus acontecimentos do que outros?" (op. cit., p. 124).

Nesta mesma linha de crítica e de preocupação se insere a reflexão abalizada de Montemayor (1986), já que é autor de importantes trabalhos de revisão e de numerosos trabalhos de investigação na área da conflitualidade adolescente.

O autor afirmou recentemente que "é tempo de abandonar o debate acerca da natureza fundamental das relações pais-adolescentes. E muito claro que as relações são usualmente harmoniosas em algumas famílias e discordantes e conflituosas noutras. A questão importante e a única com resposta empírica é: que factores contribuem para a variação na harmonia pais-adolescentes?" (Montemayor, 1986, p. 16).

A crítica mais fundamentada, e que fazemos nossa, vem de Hill (1985, Hill & Holmbeck, 1986) que pela pertinácia das questões que tem vindo a colocar e tocando aspectos profundamente relacionados com a autonomia adolescente merece a nossa atenção e o nosso acordo.

Um dos aspectos que preocupa os autores é que a contestação da universalidade do "storm-and-stress" possa mascarar e fazer esquecer as potencialidades das teorias psicanalíticas e psicodinâmicas - as únicas teorias compreensivas - fundamentais para o levantamento das questões mais processuais e desenvolvimentais envolvidas no estudo da autonomia e da vinculação adolescentes.

Ora a contestação da hipótese do "storm-and-stress" tem-se baseado fundamentalmente nas conclusões dos trabalhos de investigação sobre os conflitos, e essa investigação merece algumas críticas.

Na opinião de Hill & Holmbeck (1986): (1) a investigação tem-se baseado quase só nos relatos dos membros da família sem averiguar os sistemas de "encobrimento", mais ou menos consciente, dos conflitos ao investigador, (2) os conflitos são classificados de "mundanos", sub-valorizados, e esta avaliação é questionável, (3) os estudos existentes não foram concebidos para testar a teoria psicanalítica directamente (nem nenhuma teoria em muitos casos) e a existência ou não de conflito não é sinónimo de relações próximas ou não, (4) a investigação empírica não diz como é que os conflitos estão implicados na relatada relação entre os sentimentos positivos para com os pais e os sentimentos de autonomia pessoal, (5) os estudos existentes embora dando informação sobre os sentimentos para com os pais não dão informação sobre a

desvinculação (detachment) tal como ela é definida pela teoria psicanalítica, (6) embora quase todos os trabalhos utilizem o conceito de conflito pouca atenção tem sido dada por parte dos investigadores à definição de conflito, o que poderá estar na base duma sub-avaliação.

Também aqui, neste último tópico, Montemayor (1986) chama a atenção para o facto de que o conflito é uma medida imperfeita do stress e lamenta que pouca atenção tenha sido dada à distinção entre conflito "positivo" e "negativo". Na sua opinião "o conflito pais-adolescentes deve ser visto num contexto desenvolvimental, embora pouca investigação exista sobre os padrões desenvolvimentais do conflito" (Montemayor 1986, p. 18).

Pelo nosso lado pensamos ser de grande pertinácia toda a crítica formulada. Realçamos no entanto a questão do desajuste entre a conceptualização e operacionalização empírica dos tópicos estudados e a conceptualização teórica derivada das teorias psicanalíticas desses mesmos tópicos, desajuste que, na nossa opinião, falseia o debate entre investigadores.

Estamos portanto de acordo com as críticas formuladas por Hill & Holmbeck e também com a posição de Montemayor quando questiona a existência duma natureza fundamental e coloca o foco da atenção mais na compreensão dos factores ou variáveis processuais intervenientes no desenvolvimento adolescente do que na natureza conflitual ou a-conflitual das relações pais-adolescentes.

No sentido de apreender a evidência empírica produzida sobre a questão do conflito, procedemos à consulta e análise da literatura disponível nessa área. Resolvemos, no entanto, incluir esse trabalho na forma de **APÊNDICE** (inserido no final deste Capítulo), já que se trata duma questão lateral, relativamente à questão que nos ocupa.

Trataremos aqui apenas alguns trabalhos mais directamente relacionadas com a questão da autonomia.

Montemayor, em colaboração com Brownlee (1987), desenvolveu recentemente um estudo sobre o envolvimento e satisfação de adolescentes com os seus pais, procurando encontrar diferenças nos estilos interaccionais materno e paterno e diferenças devidas a fases distintas de desenvolvimento (adolescência inicial: 12-13 anos e adolescência média, 16 anos).

Os resultados indicam que o envolvimento dos adolescentes com os pais (dado pelo tempo passado com eles) diminui à medida que a idade avança.

Os autores verificam também que, dum modo geral, os adolescentes passam a maior parte do seu tempo trabalhando e em tempos livres afastados dos seus pais, estando o grau de satisfação no tempo passado com os pais associado ao tipo de actividade: trabalhar com os pais é o que dá mais satisfação, mas o tempo de lazer sem os pais é também o que dá mais satisfação; dum modo geral, o trabalho com o pai dá mais satisfação do que com a mãe.

Embora estes resultados não digam directamente respeito à questão da autonomia é no entanto de realçar a importância que assumem na vida do adolescente os dois contextos distintos: o familiar e extra-familiar, não como contextos antagónicos, mas provávelmente como bases de suporte necessárias para o desenvolvimento da autonomia, quer no início quer no final da adolescência.

Também Hill em colaboração com Holmbeck (1987) realizaram recentemente um estudo sobre o desacordo relativamente às regras estabelecidas em famílias com adolescentes de 12-13 anos enquadrando-o na linha de trabalhos produzidos anteriormente sobre a autonomia (Douvan & Adelson, 1966; Kandel & Lesser, 1972).

O estudo conduziu aos seguintes resultados (1) não se encontram diferenças entre os sexos, quer nos pais quer nos filhos, relativamente à quantidade de desacordo (2) o desacordo é maior nas questões do dia-a-dia familiar do que nas questões dizendo respeito aos pares de idade

(3) o desacordo acerca das regras está correlacionado negativamente com a percepção adolescente da aceitação parental, mas apenas na díade pai-filha.

Hakim-Larson & Hobart (1987) concebem um estudo sobre a relação entre a comunicação - uma das variáveis processuais identificadas por Montemayor (1986) - entre mãe e filha e a autonomia adolescente.

Os autores pretendem examinar como é que a regulação maternal e a luta pela autonomia se reflectem na comunicação diádica e se os padrões de comunicação entre mãe e filha são diferentes em distintos períodos do desenvolvimento da autonomia adolescente (na adolescência inicial: 13-15 anos e na adolescência final: 17-18 anos) numa tarefa que consistiu em discutir a resolução de conflitos sugeridos por duas pequenas histórias.

Os resultados da investigação mostraram que, as diferenças encontradas na comunicação diádica na adolescência inicial e na adolescência final entre mãe e filha, eram consistentes com as tarefas desenvolvimentais específicas à mãe (consistindo a tarefa em regular) e à filha (consistindo a tarefa em lutar pela autonomia).

Os resultados demonstraram que à medida que a filha consegue ganhos na capacidade de realização da autonomia, ocorre um balanceamento maior na comunicação da díade mãe-filha, mas que apesar do ganho em certas dimensões da autonomia emocional face aos pais, as adolescentes continuam a ser influenciadas pelo controlo regulador das suas mães mesmo na adolescência final.

Estes resultados são consistentes com os de outras investigações, que referiremos posteriomente, levadas a cabo por Hill et al. (1985), Hauser et al. (1984), Grotevant & Cooper (1985), também elas focando na comunicação entre pais e adolescentes e pondo em evidência transformações na interacção à medida que o processo de autonomia adolescente se desenvolve.

Também, Silverberg & Steinberg (1987), na continuidade de trabalhos anteriores sobre as transformações ocorridas na família durante a adolescência - que iremos abordar em seguida - conduziram muito recentemente uma investigação centrada na relação entre o bem-estar nos pais, o grau de conflito na interacção pais-filhos e o nível de autonomia emocional em adolescentes dos 10 aos 15 anos.

O estudo conduziu aos seguintes resultados: (1) a experiência parental das questões dizendo respeito à sua identidade (mid-life identity) está positivamente relacionada com o nível de autonomia emocional relatado pelo filho-do-mesmo-sexo; (2) o bem-estar das mães, mas não dos pais, está negativamente relacionado com a intensidade do conflito pais-adolescentes (3) o estatuto sócio-económico modera a relação entre o bem-estar parental e as relações pais-filhos.

Os resultados relativos à autonomia emocional merecem-nos atenção particular. Este estudo demonstra que, os adolescentes com um grau mais avançado de desidealização dos pais, maior libertação das dependências infantis e com um mais elevado sentido dum self individuado, são também aqueles em cujos pais se encontra um grau mais elevado de "sentimentos de reapreço e de auto-reavalição" nas suas vidas. Os resultados sugerem ainda que o desenvolvimento da autonomia emocional é vivida de modo particularmente difícil pelos pais de rapazes, porque anunciadora duma partida eminente, o que estaria em consonância com os dados da investigação relativa à "saída de casa" (home leaving) e que iremos tratar posteriormente.

Os autores afirmam ainda que os seus resultados apoiam a perspectiva psicanalítica sobre o desenvolvimento parental, que preconiza que os pais podem considerar melhor as suas próprias opções de vida quando sentem os seus filhos mais autónomos e capazes de autogoverno.

Os autores, cujas hipóteses se fundamentam nas teorias psicanalíticas de Blos (1979) e de Benedek (1959, in Silverberg & Steinberg, 1987) sobre o desenvolvimento parental, discutem os seus resultados no contexto da controvérsia entre as chamadas visão "clássica" e a visão "empírica" e afirmam que os seus resultados confirmam as hipóteses da visão psicanalítica sobre a natureza "storm-and-stress" nas relações entre pais e adolescentes. No seu entender "o facto de as mães serem adversamente afectadas pelo conflito com os filhos ou filhas dá suporte à hipótese do stress e sugere que o conflito (contrariamente ao que acontece com a autonomia emocional nos filhos) parece afectar as mães mais directamente" (Silverberg & Steinberg, 1987, p. 309).

Estes resultados estariam aliás em consonância com os encontrados por Small (1985, in Silverberg & Steinberg, 1987), que encontra que o nível de vinculação emocional dos pais aos filhos está positivamente relacionado com a ocorrência de conflito nas díades e que os pais cujos filhos relatam quantidades maiores de conflito também relatam níveis mais elevados de stress.

Ao estudar separadamente as díades: mãe-filho e mãe-filha e pai-filho, pai-filha, os autores identificam ainda diferenças significativas: na díade mãe-filha as mães apresentam, mais do que na díade mãe-filho, níveis mais elevados de insatisfação, de baixa auto-estima e de sintomas psicológicos. Os autores sugerem que as mães têm relações mais íntimas com as filhas do que com os filhos, o que visto à luz dos resultados de Small, explicaria o maior stress encontrado nessas mães.

Segundo Silverberg & Steinberg (1987) os resultados do seu estudo sugerem que as mães mais do que os pais, sofrem os efeitos prejudiciais do conflito com o adolescente, sendo uma das razões prováveis o maior investimento psicológico na família e no papel de parenting exercido pela mãe.

Os resultados deste trabalho sugerem-nos também que os conflitos rotulados de "mundanos", ou sem importância, por outros autores, parecem não o ser assim tanto, sugerindo que é justamente em questões do dia-a-dia, como: o estilo de roupa, tempos livres, horas de entrada, ocupação, questões estudadas nesta investigação, que a maior parte da interacção entre pais e adolescentes se processa.

Os trabalhos revistos, até aqui, na sua grande maioria realizados nos E.U.A., dizem fundamentalmente respeito a estudos efectuados com amostras de adolescentes estudantes, frequentando o nível da "high-school", (escolas secundárias, no nosso sistema de ensino) e utilizam fundamentalmente uma metodologia de investigação por questionário ou entrevista.

Outros estudos, mais centrados na adolescência inicial, têm sido realizados utilizando uma metodologia baseada na observação das interacções familiares e focalizadas no estudo do impacto do desenvolvimento adolescente nas relações familiares, pondo em evidência transformações nos adolescentes mas também nos pais.

E desses trabalhos que nos iremos ocupar seguidamente.

2.5 - INTERACÇOES FAMILIARES NA ADOLESCÊNCIA INICIAL

Os estudos realizados nesta área, embora incorporando noções e metodologias do campo das teorias sistémicas sobre a família, não se reclamam desse quadro de referência e discutem os resultados predominantemente à luz da perspectiva psicodinâmica.

Embora o foco não seja o estudo da autonomia, resolvemos incluí-los no nosso trabalho porque põem em evidência transformações ocorridas no sistema familiar e apoiam a noção de que a autonomia se desenvolve num meio social em mutação e não é apenas um fenómeno intrapsíquico.

Muito sucintamente, que nos dizem esses estudos?

Num estudo longitudinal conduzido com famílias de adolescentes do sexo masculino em diferentes estatutos: antes, durante e após o período puberal, Steinberg (1981), na base de metodologia usando "uma tarefa de interacção familiar estruturada", verifica que a mudança no estatuto puberal está relacionada significativamente com mudanças nos comportamentos familiares.

O autor identifica mudanças comportamentais nas díades mãe-filho, pai-filho à medida que o adolescente progride no estatuto puberal, com uma intensificação dos conflitos com a mãe no apex da puberdade e um ganho progressivo de influência do filho a expensas da influência materna, mas não paterna. Por outras palavras, verificou-se uma mudança na hierarquia familiar que passa duma estrutura de maior influência de ambos os pais sobre o filho (pai, mãe à filho) no início do período puberal, para uma influência maior do pai sobre o filho e deste sobre a mãe (pai à filho à mãe) no final do período puberal.

Os padrões de interação familiar são, no início do período puberal, mais rígidos, mas tornam-se progressivamente mais flexíveis à medida que o rapaz aproxima o estatuto do adulto.

Os resultados indicam, segundo o autor, que as transformações nas relações entre pais e filho púbere estão ligadas às mudanças ocorridas na sua aparência física.

Steinberg discute os seus resultados à luz da perspectiva etológica: os padrões de relação observados reflectem comportamentos sociais de várias espécies (assertividade dos machos face às fêmeas, deferência por parte das fêmeas para com os machos adultos (mas não os jovens), assertividade por parte dos machos mais velhos face aos mais novos e deferência por parte dos mais novos face aos mais velhos). Mas fundamentalmente Steinberg (1981) afirma que os seus resultados trazem confirmação às teorias psicanalíticas freudianas. Segundo o autor "o conflito entre o rapaz adolescente e a mãe e a assertividade "attendant" por parte do pai podem ser vistas como reflexo da reviviscência do conflito Edipiano" (op. cit., p. 839).

Mas serão estes mesmos padrões de interacção familiar comuns às famílias com adolescentes do sexo feminino? A investigação de Hill et al.(1985), embora encontre também modificações nas interacções familiares relacionadas com o estatuto puberal, encontra no entanto diferenças ligadas ao sexo do púbere.

Hill et al. (1985) conduzem uma investigação, que se pretende uma réplica do estudo anterior, mas incluíndo agora também raparigas de 12-13 anos utilizando contudo uma metodologia diferente: um questionário de auto-relato nos filhos e nos pais e aplicado numa amostra em corte-transversal.

Este estudo conduz a resultados muito semelhantes aos já encontrados por Steinberg (1981) nos rapazes, mas a resultados algo diferentes nas raparigas.

Nas raparigas, a variação entre o estatuto da menarca (antes, durante e após) e as interacções familiares, apontam para relações curvilineares na díade mãe-filha: o padrão de interacção altera-se durante a menarca mas volta a estabilizar-se, após a menarca, no padrão que

predominara antes. Esta tendência altera-se no entanto quando a menarca ocorre antes do "devido tempo": nestes casos as alterações na díade mãe-filha não são temporárias mas persistem ao longo do tempo. Nestes casos em que os efeitos persistem, verifica-se menor participação da filha nas actividades familiares, menor influência parental e menor aceitação.

Dum modo geral, os autores encontram que as mães são percepcionadas como menos aceitantes pelas filhas num estatuto de pós-menarca do que pelas filhas num estatuto pré-menarca, e a família é vista como sendo mais controladora. As filhas relatam com mais frequência serem menos influenciadas pelos seus pais e procuram menos a sua orientação alguns meses após a menarca do que antes.

Os autores concluem, dando de algum modo suporte à tese das relações de "storm-and-stress" entre pais e adolescentes, que "existe certamente um período de stress e de tensão pouco depois da menarca na relação mãe-filha. E se a nossa especulação é correcta, tal stress e tensão podem persistir nas famílias com raparigas precocemente maduras" (Hill et al. 1985, p. 315).

Os resultados encontrados estão em consonância com os resultados da investigação de Cantara (1983, in Hill & Holmbeck, 1986), realizado com adolescentes do sexo feminino, na adolescência inicial (12-13 anos) e utilizando metodologia de observação das interacções familiares. O autor encontra também ele, perturbações temporárias na relação com os pais no apex do crescimento puberal podendo o conflito com os pais (e sobretudo com a mãe) persistir nas raparigas precocemente maduras.

Os resultados destes trabalhos conduzidos na adolescência inicial conjuntamente com outros trabalhos de observação das interacções familiares, no quadro conceptual fornecido pelas teorias sistémicas (que

iremos rever no Cap. IV), põem em evidência a ocorrência de transformações nas relações familiares à medida que o adolescente cresce e se aproxima da aparência física e do estatuto de adulto.

2.6. - A SEPARAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA TARDIA E NA POS-ADOLESCÊNCIA.

Mas se a emergência da puberdade assinala o início dum período de grandes mudanças, quer no adolescente quer no contexto familiar, a emergência da sua saída de casa, na fase final da adolescência, assinala ela também um período com problemática específica, envolvendo pais e filhos em novas tarefas desenvolvimentais necessárias para a concretização da autonomia.

A investigação sobre a saída de casa na adolescência final - questão que nos tem interessado particularmente e sobre a qual temos trabalhado - tem-se desenvolvido sobretudo nos E.U.A.

A partir da década de 60, começa a surgir numerosa literatura vinda das Clinic College, toda ela salientando os problemas da separação e as crises de identidade que a saída de casa e entrada na Universidade propicia.

Apesar de representar uma forma natural de separação, em contraste com a separação induzida por dificuldades emocionais ou familiares, a frequência de manifestações sintomáticas verificadas durante o 1º ano no College, quer nos adolescentes quer na unidade familiar, identifica este período como altamente gerador de stress (Wedge, 1958, Blaine et al. 1961, Dewees et al. 1961, Fountain, 1961, Ichikawa, 1961; Sanford, 1962 in Fleming, 1983).

Benedek (1954) sugere que os pais repetem com os filhos, de diferentes maneiras, degraus do seu próprio desenvolvimento e que em algumas circunstâncias conseguem a resolução de conflitos à posteriori.

Em consonância com Benedek, Elson (1964) verifica que na altura da separação, por ocasião da ida para o College, alguns pais começam a reexaminar os seus compromissos, quer na relação conjugal, quer com os filhos. Podem ainda iniciar uma luta pela sua independência, como competidores contemporâneos dos seus filhos, não em fantasia, mas agindo os seus próprios problemas não resolvidos. Nestes casos, as tarefas do adolescente tornam-se mais difíceis dado que ele deixa de poder ter a iniciativa da separação, e em vez disso, os seus pais estão-se separando dele.

Elson compara dois grupos de estudantes, apresentando como sintomas comuns a depressão, baixa de rendimento escolar, redução de actividades sociais ou super-actividade. Num dos grupos, verificou-se a existência em todos os casos, de dificuldades conjugais nos pais dos adolescentes, tendo estes o papel de depositário de queixas e de intérprete recíproco de necessidades e desejos dos pais. A saída do filho teria provocado a confrontação directa do casal e a ruptura. Este grupo apresentou, em relação a outro onde não existia dificuldades conjugais nos pais, um muito maior grau de sentimentos de raiva e culpa como reacção à interrupção abrupta da sua dependência aos pais. O outro grupo, em que havia uma renúncia voluntária aos laços de dependência, apresentou apenas uma forte componente de dor. O stress em eco que certos pais vivenciam, quando os seus filhos saiem para o College, pode precipitar um abandono parental antes que o adolescente esteja preparado. Elson propõe um tratamento que vise restaurar a iniciativa adolescente para continuar a tarefa de separação emocional, ajudando-o a ultrapassar a depressão reactiva.

Dum modo geral a investigação clínica produzida a partir dos organismos de saúde para Universitários, indica que muitos dos problemas que trazem os estudantes a estes organismos são manifestações sintomáticas da luta pela separação e individuação na adolescência tardia (Elson, 1964).

A investigação realizada com amostras não clínicas traz no entanto uma compreensão mais virada para a dinâmica familiar.

A importância do factor parental na qualidade da separação, bem como a mudança na qualidade dos vínculos adolescentes-progenitores, aquando da saída de casa, é evidenciada pela investigação empírica realizada por Murphey et al. (1963), cujos resultados já apresentámos atrás.

Na mesma linha de orientação, largamente inspirada nas teorias de Bowlby, vai a investigação de Hotch (1979) que estuda em adolescentes tardios a relação entre diferentes estilos de percepção da saída de casa e graus de "auto-suficiência" (self-sufficiency) e de "proximidade" (relatedness), conceitos derivados dos anteriores conceitos de Murphey et al. (1963) "autonomous" e "relatedness".

O autor constata que graus moderados de proximidade aos pais tendem a estar associados a um "estilo activo" (agent style), definido como uma percepção de saída em que o adolescente é um elemento activo na separação por oposição a um "estilo passivo" (patient style).

De um modo geral, os teóricos e investigadores estão de acordo em considerar que a separação da família é uma das experiências mais universais da adolescência (Douvan & Adelson, 1966), que a saída de casa constitui uma transição evolutiva importante na fase final da adolescência e início do estatuto de adulto (Murphey et al. 1963, Sulivan & Sulivan, 1980), transição mobilizando grande envolvimento emocional e dificuldades de separação, quer nos pais quer nos filhos (Margolis, 1981; Wechter, 1983; Fleming, 1986; Giami et al., 1987) e uma

tarefa de cuja melhor ou pior resolução resultam efeitos decisivos para as tarefas desenvolvimentais posteriores (Margolis, 1981; Anderson & Fleming, 1986; Hoffman, 1984).

Contrariando a ideia predominante, oriúnda sobretudo da investigação clínica, que tende a ver a saída de casa como um acontecimento trazendo sobretudo efeitos negativos (conflito, stress), quer para os pais quer para os filhos, Sullivan & Sullivan (1980) afirmam, pelo contrário, que "a separação física deve ser um acto positivo de autonomia permitindo que filhos e pais exibam duma forma mais livre o afecto e a comunicação sem medo de inibirem a luta pela autonomia" (op. cit., p. 94).

Sullivan & Sullivan referem que a autonomia adolescente envolve uma tarefa extremamente paradoxal que é a de aumentar a independência dos pais mantendo em simultâneo o afecto e a comunicação com eles, paradoxo igualmente vivido pelos pais, mas por ambos desejado. Os resultados da sua investigação, trazem grande confirmação aos seus pontos de vista.

Comparando dois grupos de rapazes, de 17 e 18 anos, um ingressando pela primeira vez no College, outro não, os autores verificam que o primeiro grupo exibiu um aumento no afecto, comunicação, satisfação e independência na relação com os seus pais. Também encontraram um aumento na afeição das mães e da dependência em alguns pais, face ao filho.

Os autores afirmam que a separação imposta pelo ingresso na Universidade facilita o crescimento do rapaz em direcção ao objectivo desenvolvimental de se tornar funcionalmente independente dos seus pais reforçando simultâneamente os laços emocionais a eles.

No mesmo sentido vão os resultados de Keny (1986) que encontrou uma associação positiva entre o relacionamento harmonioso com os pais e o bem estar psicológico na adolescência tardia, e entre sentimentos de proximidade aos pais e a competência social em contexto universitário.

Também Pipp et al. (1985), partindo das teorias que os adolescentes constroem sobre o desenvolvimento das suas relações com os seus pais, encontram, numa amostra de universitários com idade média de 19 anos, residindo fora de casa, sentimentos de grande proximidade aos pais (comparáveis aos níveis infantis) a par com um sentimento mais forte do que no passado de responsabilidade, domínio e autonomia.

Os resultados sugerem, na opinião dos autores, que o processo de individuação está ainda em movimento por volta dos 19 anos e concluem que o "processo crescente de autonomização e responsabilização ocorre num contexto de relação entre pai e filho, enlaçada e talvez protegida, por um forte laço afectivo de amor" (op. cit., p. 1001).

Hoffman (1984), cujo trabalho já referimos no Cap. II, propôs, a partir fundamentalmente das teorias psicanalíticas sobre a separação-individuação (Mahler, Blos), uma conceptualização das diferentes dimensões da separação psicológica adolescente e desenvolveu um instrumento de auto-relato destinado à sua avaliação.

Os resultados da investigação de Hoffman, realizada numa amostra constituída por adolescentes universitários entre os 18 e os 22 anos, 62% dos quais caloiros revelam que: (1) uma maior independência conflitual está relacionada com melhor ajustamento pessoal, e sobretudo nas relações amorosas e (2) uma maior independência emocional está relacionada com melhor ajustamento escolar. Contrariamente ao esperado, o autor encontra uma correlação negativa entre a independência de atitudes e o ajustamento pessoal. Na sua interpretação, atitudes extremamente diferentes entre o adolescente e os pais podem reflectir uma reacção de rebelião ou uma ausência de independência conflitual.

Na mesma linha de preocupação - conceptualizar e medir o constructo de separação psicológica - vão os trabalhos de Moore e de Hotch.

O primeiro trabalho destes autores (Moore & Hotch, 1981) representa uma tentativa de obter dados normativos sobre a saída de casa adolescente.

A saída de casa não é conceptualizada a partir dos paradigmas teóricos existentes mas a partir das próprias conceptualizações adolescentes. Ou seja os autores equacionam as perguntas: (1) Como é que os adolescentes tardios definem a saída de casa ou a separação da família e (2) Qual é o significado subjectivo destas definições para eles?

Para isso, Moore & Hotch (1981) estudam as percepções sobre a saída de casa, numa amostra de adolescentes de ambos os sexos, de 18 anos de idade, através de entrevista semi-estruturada. O seu trabalho conduziu à identificação de oito categorias definidoras do constructo saída de casa: controlo pessoal, independência económica, residência separada, separação física, afiliação escolar, dissociação, separação emocional e graduação. Os autores verificaram que as categorias "separação emocional" e "controlo pessoal" são duas configurações indicadoras de saída de casa associadas respectivamente a uma separação pais-adolescentes relativamente perturbada e não perturbada.

Em trabalho posterior, Moore & Hotch (1983) investigam a importância relativa atribuída pelos adolescentes a cada uma destas oito categorias. Os autores verificam que numa amostra de universitários entre os 18 e os 21 anos, vivendo fora de casa, o grau de importância atribuída decresce, segundo esta ordenação: "Controlo Pessoal", "Independência Económica", "Graduação", "Residência Separada", "Separação Física", "Afiliação Escolar", "Dissociação" e "Separação Emocional".

A categoria "Controlo Pessoal" - definida pelos ítens: "tomar as suas próprias decisões", "menor controlo parental", "fazer as coisas por si próprio", "sentir-se suficientemente maduro" - aparece portanto, na percepção adolescente, como a dimensão mais importante associada à saída de casa. A dimensão "Separação Emocional" - definida pelos ítens: "sentir-se como uma visita em casa", "sentir que já não pertence mais à casa", "não se sentir ligado à família" - aparece como a dimensão menos importante.

Curiosamente os autores não encontram neste estudo diferenças significativas entre os sexos embora considerem que o sexo é uma variável muito importante, mediando a percepção da saída de casa.

Moore (1987), após ter identificado as dimensões do constructo "separação pais-adolescentes", a partir das conceptualizações adolescentes (tal como referimos atrás, no Cap. II) verifica que a forma como os adolescentes tardios realizam a separação física está associada com o seu bem estar psicológico e com a maneira como percepcionam a relação com os seus pais.

As dimensões "independência económica", "residência separada", "controlo pessoal" e "vinculação emocional", revelaram ser, em trabalho realizado por Anderson & Fleming (1986), variáveis com alto poder preditivo, quer da "identidade do ego" quer do "ajustamento à Universidade".

O estudo, conduzido numa amostra de universitários cuja média de idades era de 20.7 anos, pôs em evidência uma forte associação entre as variáveis em estudo: tanto uma forte identidade do ego como um melhor ajustamento psicossocial no adolescente, estavam relacionados com percepções adolescentes de maior controlo sobre as suas vidas, independência económica e residencial e sentimentos positivos de vinculação emocional aos pais.

Estes resultados apoiam os resultados empíricos prévios de Moore & Hotch (1981, 1982, 1983) que sugerem que as estratégias de saída de casa acima tratadas estão positivamente associadas com uma separação dos pais bem sucedida.

O facto de que são as duas dimensões "controlo pessoal" e "residência separada" que contribuem para uma maior proporção de variância, mais do que a vinculação emocional, sugere que se por um lado é importante a manutenção de laços positivos aos pais (Sullivan & Sul-

livan, 1980), a separação física e o controlo pessoal sobre as suas próprias vidas, é um importante factor de "contra-peso" na balança "autonomia-vinculação".

Partindo do quadro conceptual concebido por Cooper e por Grotevant - que referimos atrás, no Cap.II - Campbell et al. (1984) avaliam a utilidade preditora das dimensões individualidade (individuality) e ligação (connectedness) na diferenciação dos quatro estatutos de identidade preconizados por Marcia. Os autores utilizam como medidas da ligação as percepções de afeição e de comunicação com os pais e como medidas da individualidade as percepções de autonomia.

Os resultados encontrados trazem confirmação às teses defendidas por Cooper e por Grotevant, segundo as quais um balanceamento entre a ligação familiar e o encorajamento à individualidade são necessários e facilitam uma saudável formação de identidade no adolescente.

Nesta mesma área conceptual - o modelo de individuação construído por Cooper e Grotevant - se alicerça a investigação de White et al. (1985, in Hill & Holmbeck, 1986), que conduzem um estudo longitudinal sobre a individuação e a vinculação, em grupos de jovens adultos, solteiros e casados, de 22, 24 e 26 anos.

Os autores descrevem três níveis hierárquicos de maturidade nas relações, principal foco da sua investigação: Nível 1 - "Focado nele próprio" (self-focused), Nível 2 - "Focado-no-papel" (role focused) e Nível 3 - "Individuado-ligado" (individuaded-connected). No nível 3, que nos interessa mais particularmente, incluem-se os "indivíduos que são altamente individuados mas que também são capazes de se ligar a outros muito próximos em laços mútuos, recíprocos e íntimos" (White et al. 1985, cit. in Hill & Holmbeck, 1986, p. 168).

Os resultados preliminares indicam que poucos indivíduos, entre os 22 e os 26 anos, se encontram neste terceiro nível de maturidade. As relações mantidas pelas raparigas situam-se a níveis mais elevados do que as relações dos rapazes e os scores de maturidade na relação com a mãe são mais altos do que com o pai.

De algum modo estes resultados estão em consonância com os de Loevinger e de Kohlberg, na área das teorias socio-cognitivas, que iremos abordar no Cap. V.

A inclusão nesta investigação de jovens adultos, casados, é inovadora, dado que a tendência geral é trabalhar com amostras de adolescentes tardios, solteiros, e de certo modo numa situação privilegiada - a de estudantes universitários - o que por si só não permite grandes generalizações a outras camadas da população.

A saída de casa é também, nos trabalhos revistos, motivada pelo ingresso na Universidade, o que cria circunstâncias especiais de análise: o adolescente sai mas, regra geral, mantém-se num estatuto de dependência económica face aos pais e não constitui ainda família própria.

As saídas de casa por outros motivos e noutras circunstâncias sociais, não têm merecido a atenção dos investigadores. Exceptuam-se os trabalhos de Lefebre & Morval (1983) e de Giami et al. (1987) que realizaram investigações com adolescentes canadianos e franceses respectivamente.

Lefebre & Morval (1983) analisam em dez famílias o período de saída de um membro adolescente motivado pelo casamento. Os resultados sugerem que o casamento é um excelente rito de passagem na delineação da separação entre pais e adolescentes verificando-se uma desvinculação progressiva nos casos de coabitação. Os autores sugerem ainda que os rituais escolhidos para a cerimónia são bons indicadores de alterações do sistema familiar.

Giami et al. (1987) analisam um outro tipo de circunstância: jovens entre os 18 e os 23 anos, sem filhos, vivendo em residência separada dos pais, casados ou não.

Os autores constatam que "a partida do domicílio familiar, longe de significar uma ruptura entre gerações, é marcada pelo deslocamento das transações que reactivam os processos de comunicação" (op. cit., p. 854), quer ao nível do afecto, quer ao nível do comportamento. Os autores põem em evidência os movimentos de vai-e-vem, movimentos de separação e de ligação, períodos de permanência em casa e outros fora de casa, sugerindo um processo de separação por ensaio e erro.

A maior parte da investigação empírica revista aborda a problemática da saída de casa num contexto de contemporaniedade: o adolescente encontra-se na fase de saída ou já saiu de casa. Não conhecemos trabalhos que estudem a forma como o adolescente antecipa ou fantasia a saída.

Interessados nós próprios pela investigação nesta área e deparando com a inexistência de trabalhos que abordem a dimensão mais interna da representação imaginária da saída de casa, realizámos dois trabalhos de investigação sobre esse tema.

O primeiro trabalho (Fleming, 1986), foi realizado numa amostra constituída por estudantes do ensino secundário, dos 18 aos 23 anos. O segundo trabalho (Fleming, 1988), numa amostra de universitários, dos 18 aos 25 anos. A partir da análise de conteúdo das histórias contadas pelos sujeitos acerca de um personagem imaginário que saía de casa, elaborámos e tratámos as seguintes categorias de resposta: (1) o contexto relacional e motivacional da saída, (2) a atribuição do sucesso ou fracasso após a saída e (3) a vivência afectiva da situação.

A análise comparativa dos resultados encontrados nas duas investigações conduziu aos seguintes resultados:

Prevalecem, nos dois trabalhos, aqueles que concebem a saída num contexto de alta conflitualidade com os pais, embora seja superior a percentagem de sujeitos universitários capazes de imaginar a saída num contexto relacional sem conflitos.

Por outro lado, enquanto que 64% do total da amostra do primeiro trabalho imaginaram uma saída por rejeição do meio familiar, a maior parte dos jovens universitários imaginam já uma saída cuja motivação principal se prende exclusivamente com questões relacionadas com a afirmação de autonomia.

Tomadas em conjunto, os resultados revelam também uma grande diferença quanto ao modo como os jovens das duas amostras fantasiam o futuro após a saída de casa: a maioria dos jovens universitários antevê um sucesso total para o herói das suas histórias, ao passo que a maioria dos jovens e do ensino secundário fantasiam um futuro negro ou adoptam uma posição de grande reserva, acentuando as dificuldades. Tal como o estudo anterior, estão igualmente representados nas respostas dos jovens universitários os factores de sucesso/insucesso de ordem externa (emprego, formação) e os de ordem interna (personalidade, esforço, persistência, preparação para a vida).

Os resultados atrás descritos para a terceira e última categoria de análise diferem, uma vez mais, dos encontrados para a amostra dos estudantes do ensino secundário: enquanto que aí predominavam os afectos negativos, a maior parte dos protagonistas das histórias dos estudantes universitários associam a saída a um envolvimento afectivo positivo.

Tornou-se-nos evidente, de acordo com os resultados das duas investigações, que a maioria dos jovens concebem a saída num contexto de alta conflitualidade com os pais, como se lhes fosse difícil representá-la num ambiente não conflitual que os obrigaria a assumirem-se como os principais agentes dessa separação. Subjacente a esta dificuldade estarão sobretudo dificuldades ao nível da desidealização dos progenitores, que uma vez transformados em maus pais facilitam o

processo de separação, necessáriamente doloroso devido à persistência, pelo menos durante a adolescência tardia, de fortes vínculos e dependências afectivas aos pais.

O segundo trabalho (Fleming, 1988), que incorporou a amostra dos pais, contemplou ainda a análise das expectativas do pai e da mãe, quanto à capacidade de autonomização dos seus filhos. Os resultados apontaram claramente para a prevalência de expectativas positivas quanto à capacidade de os filhos se autonomizarem com sucesso e para a manutenção de fortes laços afectivos entre pais e filhos.

2.7 - A IDADE E O SEXO

Os trabalhos revistos e comentados até aqui, põem em evidência a variabilidade da autonomia adolescente e todos eles identificam factores ou variáveis, principalmente de índole cultural e familiar, que dum modo ou de outro contribuem e explicam essa variabilidade.

Duas outras variáveis: o sexo e a idade, revelam também elas contribuir para explicar as diferenças entre adolescentes na quantidade e tipo de autonomia conseguida. No entanto são poucos os trabalhos que adoptaram claramente uma perspectiva desenvolvimental, tendo-se a investigação centrado, na maior parte dos casos, na procura de correlações entre a autonomia e outras variáveis, negligenciando os aspectos diferenciais ligados ao sexo e à idade.

A evidência empírica mais consistente, provinda da investigação prévia existente, diz respeito à idade.

Passamos a apresentar os estudos que, utilizando quer amostras em corte-transversal quer longitudinal, conduziram a resultados consistentes e que permitem evidenciar o carácter desenvolvimental da autonomia.

A maior parte desses estudos puseram ainda em evidência diferenças entre rapazes e raparigas, mas a evidência empírica neste tópico, é mais controversa.

O estudo de Douvan & Adelson (1966), já por nós numerosas vezes referido, pôs em evidência que a autonomia comportamental sobe rápidamente durante a adolescência. Os resultados revelaram que os adolescentes entre os 11 e os 18 anos exercem uma autonomia cada vez maior na escolha dos amigos e duma ocupação, na gestão do seu próprio dinheiro e em actividades fora de casa passadas com os amigos.

Já no que diz respeito à autonomia emocional, os resultados não mostram uma mudança tão nítida: "os adolescentes, e mais particularmente as raparigas, não abandonam os laços emocionais aos pais com a facilidade com que mudam de companheiros" (Douvan & Gold, 1966, p. 486).

Na opinião dos autores, os adolescentes lutam primeiro pela autonomia comportamental e deixam esperar os problemas mais críticos da "desvinculação".

No que diz respeito ainda às diferenças entre sexos, Douvan & Adelson (1966) discutem os seus resultados no contexto da "autonomia moral", e concluem que os rapazes, mas não as raparigas, desenvolvem progressivamente os seus julgamentos na base de princípios auto-definidos.

Greenberger (1984) realiza importantes estudos de avaliação da maturidade psicossocial, um em 1972 e outro em 1982, incluíndo medidas de Autonomia e de Integração Social, em grandes amostras de adolescentes, entre os 11 e os 17 anos. Quer num estudo (longitudinal) quer no outro (em corte-transversal) os resultados são consistentes: verifica-se um aumento nítido nos scores de autonomia quando se passa dos 11 para os 17 anos, sendo a subida nítida e gradual.

No mesmo sentido vão os resultados de Cooper & Peterson (1984, in Silverberg & Steinberg, 1987) que indicam que à medida que o adolescente transita para a adultícia, se envolve em cada vez mais actividades orientadas para os pares e outros adultos, se torna cada vez mais como-um-adulto em postura e aparência, deseja e exibe cada vez mais autonomia.

Nós próprios, em colaboração com outros investigadores (Figueiredo et al., 1983, 1985b), desenvolvemos uma investigação destinada a analisar, do ponto de vista desenvolvimental, alguns conflitos em torno da autonomia adolescente: desejo de autonomia versus desejo de dependência, a obediência versus desobediência aos pais, a idealização versus desidealização dos pais.

O primeiro estudo (Figueiredo et al., 1983), foi realizado numa amostra de 1118 adolescentes, frequentando estabelecimentos de ensino preparatório e secundário do Porto, entre os 10 e os 19 anos, e o segundo estudo (Figueiredo et al., 1985b), realizado 2 anos mais tarde e utilizando a mesma metodologia, foi realizado numa amostra de adolescentes entre os 12 e os 23 anos, estudantes, residentes no concelho de Matosinhos.

Os resultados do primeiro estudo indicaram que: (1) o desejo de autonomia sobe em ambos os sexos, em sintonia com o aumento de idade, não se encontrando diferenças estatísticamente significativas entre os sexos (2) a obediência tem tendência para diminuir com o aumento da idade em ambos os sexos com diferenças significativas entre os sexos, no sentido de uma mais importante diminuição no sexo feminino a partir dos 14 anos e (3) a preferência pelo progenitor do mesmo sexo tem tendência para diminuir com o aumento da idade, sendo essa preferência mantida até mais tarde (16-17 anos) pelas raparigas.

Concluímos na altura que "o desejo de autonomia na adolescência aparece como profundo e precoce, antecedendo cronológicamente o processo de diminuição da tendência para obedecer e idealizar o progenitor do

mesmo sexo. Como diferença entre os dois sexos temos o facto de no sexo masculino este aspecto ter um carácter progressivo, a desidealização precedendo a capacidade de desobedecer, enquanto que no sexo feminino a ordem de precedência se inverte e o processo tem um aspecto mais brusco" (op. cit., p. 51).

O segundo estudo (Figueiredo et al., 1985b), constituído como uma réplica do primeiro, foi realizado na amostra e em simultâneo com o trabalho de investigação que serve de base a esta Dissertação.

Os resultados deste estudo, que utiliza como instrumento de medida do "desejo de autonomia" e da "desobediência" três histórias ou dilemas ilustrativos dos conflitos, permitirão uma confrontação com os nossos próprios resultados, já que medem na mesma amostra, através de diferentes instrumentos, alguns tópicos comuns aos dois estudos: o desejo de autonomia e a desobediência aos pais em torno da autonomia.

Os resultados encontrados mostram que: (1) o desejo de autonomia predomina em todos os grupos etários, prevalecendo de maneira altamente significativa a partir dos 14 anos, vindo a exprimir-se em 100% das respostas do grupo etário de 22/23 anos; (2) o desejo de desobediência exprime-se maioritariamente a partir dos 16 anos ultrapassando ligeiramente os 80% no grupo etário dos 22/23 anos; (3) a preferência por Ideais Extra-Familiares aparece ainda mais tardiamente: aos 18/19 anos nos rapazes e 22/23 anos nas raparigas.

A desobediência não tem, de acordo com a literatura disponível, merecido tratamento empírico substancial.

Talcott Parsons refere-se a propósito das diferenças entre sexos que "as raparigas são mais dóceis, mais capazes de se conformar com as expectativas dos adultos enquanto que os rapazes são mais recalcitrantes à disciplina e desafiam mais a autoridade e as expectativas adultas" (1942, cit.in Peppitone, 1980, p. 147).

A investigação realizada por Celeste Malpique (1984), em meio piscatório (Afurada), leva-a a constatar diferenças nos estereótipos e expectativas culturais relativamente à educação a dar aos rapazes e às raparigas.

De acordo com Malpique "a maior parte das Mães entrevistadas pensa que a educação dos rapazes deve ser diferente das meninas: os rapazes com mais liberdade, as meninas devem obedecer a outra disciplina, ficar mais presas, aprender a serem mulheres [...]. Na prática as meninas são mais vigiadas" (op. cit., p. 154).

Segundo Peppitone, (1980) os resultados da pouca investigação empírica que existe sobre este tópico tendem a confirmar as posições de Parsons, ao porem em evidência uma tendência para a obediência mais significativa nas raparigas do que nos rapazes.

Smith (1985), num estudo sobre a influência de pais e pares na autonomia comportamental (já referido por nós no Cap. II), constata um aumento nítido na autonomia comportamental, dos 13 para os 16 anos com uma diminuição da influência parental, o que na opinião do autor, deve ser entendido "mais como uma tentativa de estabelecer a sua própria independência do que um movimento em direcção à influência dos amigos" (op. cit., p. 151).

Os autores revelam-se surpreendidos por terem encontrado resultados idênticos nos dois sexos, resultados opostos à antecipação do autor, baseada na assunção veiculada pela literatura, duma maior rebeldia e independência nos rapazes do que nas raparigas.

A investigação de Peppitone (1980), (este estudo será referido com mais detalhe no Cap. seguinte), permite concluir também pelo carácter desenvolvimental da autonomia adolescente. Os resultados apontam para uma diminuição da dependência e um aumento gradual na afiliação aos pares, entre os 12-13 anos e os 17-18 anos. Mas contrariamente ao esperado, não se encontram diferenças significativas neste estudo entre rapazes e raparigas, tal como no estudo atrás referido.

Seguindo uma outra metodologia - as teorias construídas pelos próprios adolescentes sobre a evolução da sua relação com os pais desde a infância até à adolescência tardia - Pipp et al. (1985), em trabalho já por nós referido na rúbrica anterior, verificam que os adolescentes se percepcionam como indivíduos cada vez mais autónomos face aos pais, desde a infância até à adolescência.

Na percepção dos adolescentes, o "salto" desenvolvimental maior situa-se entre os 6-10 e os 11-15 anos, períodos de maiores aquisições. Curioso também verificar que na opinião do adolescente os pais teriam uma percepção duma evolução menos acentuada (flutuações menos drásticas) na independência dos filhos.

Os autores encontram também que, é nessa fase (entre os 6-10 e os 11-15) de maiores aquisições ao nível de autonomia, que os adolescentes descrevem uma descida nítida na percepção de amor quer nos pais quer neles próprios face aos pais.

Quanto à autonomia emocional, os resultados da investigação de Greenberger (1975, in Greenberger, 1984) confirmam as primeiras formulações de Douvan & Adelson (1966).

Greenberger constata, num estudo realizado em 1975, que as aquisições ao nível da autonomia emocional são menos acentuadas do que ao nível da autonomia comportamental. A investigação conduzida em mais de 2000 adolescentes, no 11º ano de escolaridade (idade modal 17 anos) leva-a a concluir que a maioria dos adolescentes se sente ainda muito próximo dos seus pais e que as raparigas têm graus significativamente mais elevados de emaranhamento nas relações familiares do que os rapazes. A autora é no entanto prudente na avaliação dos seus resultados admitindo que o envolvimento e a proximidade aos pais não implica necessariamente falta de autonomia emocional.

A investigação recente de Steinberg & Silverberg (1986), concebida com o objectivo de estudar a inter-relação entre três aspectos da autonomia: a autonomia emocional, a susceptibilidade à pressão do grupo

e sentimentos subjectivos de auto-confiança ou auto-governo e de estudar a variação de cada um destes aspectos em função do sexo e da idade, numa grande amostra de adolescentes entre os 10 e os 16 anos, torna mais clara a questão do desenvolvimento da autonomia emocional e traz evidência empírica importante para esta área.

Os resultados deste estudo indicam que a autonomia emocional sobe em função do aumento de idade. No período etário estudado, os adolescentes tornam-se emocionalmente mais autónomos dos pais: formam de si próprios um sentimento de self mais individuado, abandonam algumas das suas dependências infantis e adoptam imagens menos idealizadas dos seus pais. Contudo, para a maioria dos adolescentes, este desenvolvimento acompanha-se por uma crescente susceptibilidade à influência dos pares de idade.

No que diz respeito à "auto-confiança", os resultados indicam também um aumento neste aspecto da autonomia à medida que a idade cresce embora com alguma flutuação. No que diz respeito às diferenças entre sexos os autores encontram resultados inesperados.

Verificam que as raparigas são mais autónomas do que os rapazes em todos os aspectos da autonomia estudados: as raparigas exibem uma maior autonomia emocional, são mais resistentes à pressão do grupo e descrevem-se como mais auto-confiantes.

Estes resultados, em conjunto com os anteriores, questionam a evidência empírica predominante relativamente às diferenças entre sexos. Com efeito, quer no domínio da Sociologia quer da Psicologia, os rapazes são descritos como mais autónomos do que as raparigas (Gallatin, 1978). A cultura impõe que os homens devem ser mais "independentes e agressivos" e as mulheres mais "dependentes e passivas" e a informação empírica existente indica não só que a a maioria dos indivíduos, independentemente da sua classe social, se adapta durante a adolescência aos

estereótipos de papel sexual adequados, como ainda atribui como características ou papéis adequados ao homem, ser "activo e independente" e à mulher ser "passiva e dependente" (Gallatin, 1978).

De facto, o que verificamos, é a inexistência de investigação empírica que analise na área específica da autonomia adolescente, e nas suas diferentes dimensões, as diferenças entre sexos. Esta questão prende-se com o problema mais global da quase inexistência de estudos contemplando as raparigas, largamente ignoradas pela literatura (Adelson, 1985; Smith, 1985) e quando são referidas é de forma a reforçar acriticamente as imagens estereotipadas das mulheres (Smith, 1985).

De acordo com Poole et al. (1986) "a investigação dizendo respeito ao crescimento da autonomia durante a transição adolescente para a adultícia nem sempre orientou as diferenças entre adolescentes na base do género" (op. cit., p. 314).

Os resultados da sua própria investigação, conduzida com adolescentes da Austrália e Singapura, a que já fizemos referência na rúbrica sobre a **Cultura**, sugerem-lhe que o funcionamento da família é percepcionado diferentemente num sexo e noutro, embora o factor sexo seja mais fraco do que o impacto da cultura.

Na investigação de Enright et al.(1980), também já por nós referida na rúbrica **Os Cuidados Parentais**, concebida para analisar a influência parental no desenvolvimento da autonomia, os autores verificam que "a variável mais crucial mediando o desenvolvimento da autonomia na adolescência é o género" (op. cit., p. 543). Os seus resultados indicam que os rapazes têm scores mais elevados de autonomia do que as raparigas, o que os autores interpretam à luz da socialização dos papéis sexuais, encorajadora da autonomia nos rapazes e da passividade e dependência nas raparigas.

Compreende-se portanto que a predição de Steinberg & Silverberg (1986) não fosse no sentido dos resultados encontrados. A interpretação que fazem os autores é curiosa: por um lado, sugerem que as noções acerca das diferenças entre sexos na autonomia, válidas há 25 anos atrás, não se revelam mais adequadas e precisam de ser revistas, por outro lado, sugerem que os rapazes exibem maior autonomia comportamental, precisamente porque têm mais dificuldade em estabelecer a autonomia no seu sentido genuíno.

Pela nossa parte pensamos que uma conceptualização mais rigorosa do conceito de autonomia, poderia esclarecer as diferenças encontradas entre investigações; saber exactamente que dimensão da autonomia se está a medir tornaria possível uma confrontação de resultados e de elaboração de hipóteses explicativas mais fundamentadas.

Estamos, de um modo geral, de acordo com Adelson (1985) quando afirma ser necessário, na área da adolescência, incrementar a investigação baseada na diferença entre sexos. Na sua opinião, as mulheres têm estado profundamente sub-representadas e, por vezes, não representadas, nos estudos com adolescentes - como aliás temos vindo a verificar ao longo deste trabalho de revisão da literatura - o que constitui sem dúvida uma possível fonte de erro na Psicologia da Adolescência.

APÊNDICE

O CONFLITO NA RELAÇÃO PAIS-ADOLESCENTES

De acordo com os estudos revistos por Hill & Holmbeck (1986) e por Montemayor (1983,1986), sabemos que 15% a 25% de adolescentes (e suas famílias), nas sociedades industrializadas, experienciam dificuldades e conflitos na relação com os pais; a frequência dos conflitos é variável mas alguns estudos encontram uma frequência de conflitos uma vez por mês, em 11% de rapazes e em 7% de raparigas; a adolescência inicial é um período mais conflituoso do que a adolescência média mas não se verifica um aumento da incidência e da prevalência dos conflitos da infância para a adolescência.

Norrell (1984) comenta que o aumento de conflitos no início da adolescência se deve ao facto de haver um desenvolvimento rápido no adolescente, mas não haver uma auto-revelação correspondente para com os pais, pelo que estes não "compreendem" os filhos.

Mas uma das questões que mais tem prendido a atenção dos investigadores refere-se ao estudo das áreas ou tópicos onde o conflito ocorre.

Uma primeira constatação interessante refere-se ao facto que "desde que esses tópicos começaram a ser estudados na década de 1920, eles não mudaram muito: uma réplica em 1982 dum estudo realizado em 1929 indica que os tópicos onde se verifica maior discordância entre pais e filhos permanecem sensivelmente os mesmos" (Caplow et al. 1982, in Hill & Holmbeck 1986).

Mas que tópicos são esses? Em que áreas de comportamento adolescente a investigação encontrou maior quantidade de conflito entre pais e adolescentes?

Dum modo geral, "se conflito existe, ele tende a ocorrer em volta de questões mundanas relacionadas com horas, namoro, graduação académica, aparência pessoal, hábitos de alimentação e "a ajuda em casa". Conflitos acerca dos valores básicos económicos, políticos, religiosos ou sociais são raros" (Hill & Holmbeck, 1986, p. 155).

Com efeito, encontrou-se uma larga concordância entre adolescentes e os seus pais nas atitudes dizendo respeito aos valores morais, políticos ou religiosos e atitudes de ordem sexual e uma zona de conflito major nas questões dizendo respeito ao namoro, actividades dos tempos livres, aparência física (Douvan & Adelson, 1966) pontualidade, barulho, asseio, namoro (Coleman, 1978), hábitos religiosos, companhias, tempo passado em casa e fora, horas de refeição, "respontar" (Kinloch, 1970), namoro, gastar dinheiro, estilo de roupa e penteado (Sebald, 1968, in Blood & D'Angelo, 1974).

Troll & Smith (1976) comentam que a incidência dos conflitos major entre pais e filhos se situam em áreas minor, sugerindo que o adolescente desloca áreas de raiva intensa para áreas onde é mais fácil lidar com as já frágeis relações familiares.

Alguns trabalhos puseram em evidência diferenças entre rapazes e raparigas adolescentes.

Kinloch (1970) verificou que as raparigas experienciam mais conflitos que os rapazes, e estes conflitos centram-se em assuntos emocionais (discussões, sair com certos rapazes e raparigas). Há mais conflitos interpessoais e com menos soluções construtivas. Os rapazes experienciam menos conflitos e estes são mais objectivos e posicionais (e não tanto pessoais) como por exemplo em questões como: usar o carro, ir à Igreja, responsabilidade em casa.

Thompson (1985) refere, na sua revisão de literatura, que a natureza exacta das diferenças rapazes/raparigas não é clara. As raparigas amadurecem mais cedo que os rapazes e têm mais tendência a conformar-se aos modelos da mesma idade. Os rapazes são mais críticos dos pais e têm atitudes menos favoráveis. No seu estudo com adolescentes precoces, verificou que, nas situações em que as raparigas se comportam de modo diferente dos rapazes em relação aos pais, elas aparecem mais orientadas para estes do que os rapazes, o que comprova os estudos que indicam que os rapazes são mais orientados para os pares que as raparigas na adolescência precoce.

Algumas linhas de força predominantes na área são delineadas por Chand (1975): frequentemente os jovens são caracterizados como cada vez mais rebeldes, abandonando as ideias e valores da geração anterior, adoptando crenças e práticas mais radicais, alienados dos padrões tradicionais ou normas familiares. Embora este seja o esteriótipo, a forma como ele reflecte a realidade é problemática, pois se existem muitos cientistas sociais que concordam que cada vez há mais conflito entre pais e filhos, para outros, o "fosso entre gerações" é uma ilusão e as diferenças entre os grupos de idade têm sido exageradas. Em vez de rebelião e rejeição há aceitação e continuidade nas ideias e ideais básicos.

Poucos investigadores defendem a visão de que existem grandes conflitos e os estudos existentes parecem dar suporte à percepção dos jovens como aceitando básicamente os valores dos adultos, embora aspectos específicos do seu comportamento possam não estar de acordo com as expectativas dos pais.

No seu próprio estudo, Chand (1975) encontra resultados ambíguos quanto aos conflitos pais-filhos e conclui que provavelmente há semelhanças e diferenças entre as gerações: os jovens podem aceitar umas ideias dos pais e rejeitar outras. O desacordo percebido é maior para os "comportamentos orientados para a juventude", isto é, actividades

típicas dos jovens, e se se estudam só estes comportamentos, o esteriótipo do jovem rebelde tem alguma validade. Mas os dados não apoiam a imagem do jovem como rejeitando as normas e condutas dos pais para ítens designados como "comportamento geral", em que os índices de desacordo são menores.

O conflito pode então estar ligado a actividades do dia-a-dia em que o adolescente se vê a si próprio como suficientemente "adulto" para tomar as suas próprias decisões, enquanto os pais o vêm como "demasiado jovem".

Nesta mesma linha, Thompson (1985) refere que apesar de vários autores defenderam que os adolescentes cortavam com o mundo adulto, tendo a cultura jovem os seus interesses, símbolos e valores, a investigação tem posto em causa este tipo de abismo entre gerações afirmando não haver tão grande descontinuidade de valores mas uma certa harmonia.

Brittain (1963) fez a ponte entre as duas posições anteriores elaborando a "hipótese de situação": a conformidade aos desejos dos pais ou às pressões do grupo dependem largamente da situação; em esferas diferentes pode haver diferenças e os adolescentes optam pelas expectativas dos pares em situações que têm implicações para o estatuto actual e necessidades de identidade, e pelas dos pais em situações que têm implicações para o estatuto futuro e valores a longo termo. Esta tese foi na globalidade confirmada pelos trabalhos de diversos autores.

Os resultados de Hunter (1985) revelam que os domínios relacionados com o futuro estão sob maior influência dos pais do que dos pares. As discussões com os pais são maiores em domínios que contribuem para os aspectos sócio-económicos na idade adulta, e isto até à adolescência tardia, vindo depois os amigos a ter influência semelhante aos pais.

Que outras características de pais e adolescentes afectam a sua relação? O sexo, quer do adolescente quer do progenitor revelou ser uma variável importante, bem como a idade do adolescente.

Revimos atrás alguns trabalhos que encontraram diferenças entre rapazes e raparigas. Quanto ao sexo do progenitor, verifica-se que os adolescentes de ambos os sexos têm mais conflitos com as mães do que com os pais (Montemayor, 1982), facto que tem sido mais frequentemente explicado (1) porque os adolescentes passam mais tempo com as mães do que com os pais e (2) porque as mães estão mais envolvidas na socialização dos filhos. O facto de a mãe estar empregada, também se verificou estar associado a níveis mais altos de discórdia sobretudo com os rapazes (Montemayor, 1986).

Quanto à idade do adolescente a evidência empírica é a de que o conflito sobe dos 10 aos 15 anos de idade e decresce posteriomente, facto atribuído a uma reorganização das interacções familiares e para a maioria das famílias essa conflitualidade não é indicativa de ruptura nas relações (Montemayor, 1986).

Também se verifica que existe maior quantidade de conflito na relação entre mães e filhas do que entre mães e filhos, facto atribuído pelos investigadores ao mais tempo passado junto e a um estilo de vida mais interligado (Montemayor, 1982).

Muitas outras variáveis têm sido identificadas enquanto factores de influência na conflitualidade entre pais e adolescentes.

Montemayor sistematiza-as em grandes classes de variáveis (1) o contexto social familiar (2) a estrutura familiar (3) características dos pais e dos adolescentes (4) o estilo de interacção pais-adolescentes.

Relativamente à primeira os resultados são bastantes inconsistentes não se encontrando sempre a mesma associação entre o conflito e o estatuto socio-económico; a estrutura familiar está apenas moderadamente relacionada com o conflito sendo a tendência para que quanto maior o

tamanho da família menor seja a percepção adolescente de pais afectuosos e dando apoio e para a existência de maior quantidade de conflito nas famílias dissociadas (um ou ambos os pais biológicos ausente); nas características de pais e adolescentes já referimos a importância das variáveis sexo, no adolescente e nos pais e da idade no adolescente.

Quanto ao estilo de interacção pais-adolescentes, Montemayor (1986) identificou sobretudo três tipos de variáveis, que ele designa por variáveis processuais e que na sua perspectiva explicarão as razões da ocorrência de conflitos numas famílias e noutras não:

(1) comunicação/estilos de resolução de problemas (2) competências parentais no fornecimento de cuidados e (3) troca de comportamentos positivos e negativos.

O autor lamenta que pouca atenção tenha sido prestada por parte da investigação empírica a estas variáveis processuais, tanto mais que o conflito e o stress persistente afectam adversamente os adolescentes e as famílias de várias formas. A evidência empírica é clara nesta matéria: "uma relação com os pais caracterizada pelo conflito é sintomática de muitos problemas no adolescente e na família" (Montemayor, 1986, p. 16).

Passámos em revista, muito sumariamente, algumas tendências para que apontam as conclusões da investigação relativamente à natureza das relações pais-filhos durante o processo adolescencial, conclusões essas que têm servido de base de argumentação na controvérsia entre as duas visões, "clássica" e "empírica", supostamente antagónicas.

C A P I T U L O IV

PERSPECTIVA INTERACCIONAL

As perspectivas de orientação mais psicanalítica ou desenvolvimental, cujas principais contribuições passámos em revista, enfatizam primordialmente os aspectos intra-individuais da individuação na sua relação com factores internos e externos, mas não explicam a natureza do impingement mútuo que ocorre entre o adolescente e o seu meio.

No presente capítulo iremos passar em revista as principais contribuições que directa ou indirectamente abordam a autonomia adolescente e questões com ela relacionada, sob a perspectiva da interacção pais-adolescente, derivada das teorias sistémicas sobre a família.

Esta perspectiva, em contraste com as anteriores, enfatiza primordialmente os processos interactivos ou transacionais dentro de família, inter e intra-geracionais, ligados ao processo de autonomização adolescente.

As teorias sistémicas, desenvolvidas a partir dos anos 40, permitem pela primeira vez conceptualizar a família enquanto um sistema mantido através de processos de feed-back e esta nova conceptualização introduz uma nova dimensão na explicação dos comportamentos humanos.

As contribuições vindas desta área aprofundam e permitem uma compreensão complementar aos processos adolescentes, os quais pelas mudanças biológicas, psicológicas e sociais que acarretam, envolvem

profundamente todo o sistema familiar. A dimensão familiar é ainda mais crucial quando se trata de analisar o processo de autonomia adolescente, envolvendo a separação entre adolescente e pais, eminentemente relacionada com o contexto familiar, como temos vindo a constatar.

Aliás a autonomia adolescente tem merecido um lugar de destaque na literatura sistémica, conceptualizada embora sob diversas designações: **separação, autonomia, emancipação, individuação** ou ainda **diferenciação** e abordada sob múltiplas perspectivas. Do ponto de vista clínico, as terapias derivadas dos modelos sistémicos são, de um modo geral, particularmente indicadas nas situações "em que existe uma falha na emergência do adolescente duma relação de dependência simbiótica com um dos pais ("problemas de separação") e em que cada membro da família projecta qualidades ou sentimentos em um outro" (Bruggen & Davis, 1977, p. 435).

Em 1965, Boszormenyi-Nagy e Framo, tentando construir uma ponte entre o intrapsíquico e os conceitos sistémicos, publicam uma obra pioneira: Intensive Family Therapy, onde afirmam que "a separação dos filhos da família nuclear é um dos objectivos mais importantes a atingir no que se refere à sua saúde [e a] expressão duma fase crucial do desenvolvimento da família" (op. cit., p. 105 da trad. francesa).

Os autores expõem nessa obra uma teoria das relações, que não pretende dispensar as teorias freudianas mas alargar o campo de abordagem aos fenómenos supra-individuais, transacionais. Descrevem o processo relacional através duma sucessão de cinco fases, às quais corresponderiam experiências intrapsíquicas específicas, ao longo das quais a integração das percepções e das atitudes relacionais internas e externas aumenta: a fase **embrionária**, a fase de **afiliação** ou **simbiótica**, a fase de **individuação**, a fase de **separação** e a fase de **reinvestimento**. A fase de **separação** é, seguindo sempre os autores, um processo extremamente complexo e a sua realização requere que os objectivos das fases anteriores tenham sido atingidos: é só após o estabelecimento e a

interiorização de relações íntimas, confiantes e recíprocas com os membros da família que os adolescentes poderão separar-se dos laços familiares e substituí-los por ligações extra-familiares. "Forças familiares variadas e complexas podem obstaculizar a separação dum membro, mesmo numa família "normal"" (op. cit., p. 106 da trad. francesa) afirmam Nagy e Framo.

E o estudo dessas forças familiares que vai estar no centro das atenções de alguns investigadores e clínicos. Desses trabalhos, merecenos particular destaque a obra de Helm Stierlin, psicanalista e terapeuta familiar, que trouxe para a problemática dos processos de individuação na família e mais especificamente para o processo de separação adolescente-progenitores, contributos teóricos e clínicos importantes.

A separação é entendida, na perspectiva intergeracional, enquanto movimento em direcção a uma relativa individuação mútua e o seu estudo exige uma abordagem dialéctica, que permita pôr a descoberto as forças e padrões (propriedades sistémicas) da relação, que moldam o seu curso e reciprocamente afectam a contribuição das partes que se separam.

A contribuição activa dos pais ao processo vai ser evidenciada num trabalho (Stierlin et al., 1971), onde se sublinha a importância das percepções parentais sobre a separação, as quais seriam determinantes sobre todas as outras: As percepções e expectativas sobre a capacidade de separação dos filhos são conceptualizadas enquanto factores, podendo em determinadas condições, induzir ou inibir a separação: as percepções de confiança nas capacidades do adolescente de crescer e tornar-se autónomo fomentariam a separação, a ausência dessa percepção, inibiria a separação; as percepções parentais teriam tanto menor influência quanto maior o grau de diferenciação e maturidade do Eu adolescente (Stierlin et al., 1971). Estas conclusões apoiam, como se vê, os resultados da investigação de Murphey et al. (1963) a que já fizemos referência no capítulo anterior.

A influência da crise de integridade dos pais, tal como foi descrita por Erikson, nos problemas de separação e formação de identidade em adolescentes do sexo masculino perturbados, foi também constatada, tendo o sucesso do tratamento desses adolescentes sido atribuído à capacidade dos pais, e especialmente do pai, elaborarem a depressão e a crise de integridade (Stierlin et al., 1972).

Mas a contribuição teórica mais vasta de Stierlin, deve-se à construção de um modelo conceptual sobre a separação adolescente-progenitor, que sintetiza as sequências transaccionais do processo, bem como os seus padrões de interacção recíproca. Este modelo, teria sido sugerido por Hegel nos seus escritos sobre "O Senhor e o Escravo", onde se descreve o paradigma duma relação diádica entre seres desiguais e em que mudanças de posição podem ocorrer como resultado da mudança súbita e dramática da composição psicológica da relação.

Para Stierlin, tal conceito dialéctico das transacções humanas, introduz uma perspectiva que alarga a visão psicanalítica tradicional das relações de objecto. Stierlin (1974) define a separação como "uma espiral em expansão gradual de mútua diferenciação e individuação ocorrendo em níveis emocionais, cognitivos e morais" (op. cit., p. 3) e conduzindo a uma relativa independência para ambas as partes.

A partir do estudo das forças que interagem no seio do sistema familiar, o autor conceptualiza dois modelos de separação: o modelo centrípeto e o modelo centrífugo, que corresponderiam às vicissitudes extremas do processo. O modelo centrípeto seria altamente captativo, gratificante dos comportamentos regressivos,indiferenciador e provocando no adolescente sentimentos de culpa face à separação, incapacidade e dependência. O modelo centrífugo seria rejeitante, mistificador da realidade exterior apresentada como fonte de gratificação e segurança, provocando no adolescente a tendência para estabelecer relações precoces com o exterior. Os dois modelos teóricos descrevem dinâmicas familiares, que, sem serem necessáriamente patogénicas (depende da altura em que se

manifestam, da forma como se combinam), podem agir negativamente na recíproca individuação e estar associados a certas formas de patologia, particularmente esquizofrenia, no modelo centrípeto, e certas formas de sociopatia no modelo centrífugo.

A estes dois modelos corresponderiam diferentes conflitos de separação (Stierlin & Ravenscroft, 1972) ou modos transaccionais de separação (Stierlin, 1974): o acorrentamento (binding), em familias de tipo centrípeto e que corresponderia a uma forma de encadeamento, afectivo, cognitivo ou moral,entre adolescentes e pais; a expulsão (expelling), em famílias de tipo centrífugo, que corresponderia ao abandono e/ou rejeição contínua do adolescente e a delegação (delegating), em famílias onde agiriam forças centrífugas e centrípetas e que corresponderia a delegar no adolescente missões que serviriam as instâncias psíquicas conscientes e inconscientes dos pais e em que a autonomia é permitida ou encorajada consoante a missão que se espera que ele realize.

Estes modos transaccionais implicam diferentes potenciais de crescimento e portanto diferentes vicissitudes no processo de autonomização adolescente.

Quando prevalecem os conflitos de acorrentamento, pais e adolescentes não podem separar-se adequadamente: o adolescente pode permanecer ligado quer por uma excessiva gratificação regressiva, quer por mistificação, quer ainda por laços duma lealdade arcaica. Uma das possíveis "soluções do conflito" é a expulsão dramática e quando isto acontece, a dor pode ser grande mas pressagia um crescimento posterior. As oportunidades de crescimento falham se os conflitos são evitados ou abordados levando ao retraímento progressivo do adolescente e ao abandono da sua luta pela autonomia. Quando prevalecem os conflitos de delegação, é a capacidade de perceber as missões que lhe são incubidas que permitirá ao adolescente mudar a balança do poder psicológico e reclamar o seu lugar no mundo dos pares, mesmo que os pais, explorando a

sua lealdade, usem mais massivamente manobras de acorrentamento, intensificando-se a luta, geralmente bem sucedida, pela autonomia. Quando prevalecem os conflitos de expulsão, a facilidade com que o adolescente pode contrair relações extrafamiliares não pressagia necessariamente uma autonomia conseguida, porquanto as experiências de intimidade com os seus pais falharam e o adolescente revela-se incompetente para estabelecer relações profundas, estáveis e consistentes.

Stierlin (1974) estuda ainda os comportamentos de fuga na adolescência enquanto modo de separação patológica e correlaciona diferentes tipos de fuga com os modos transaccionais prevalentes na família.

Uma outra problemática, essencial à compreensão do processo, e estudada pelos autores, é a chamada crise da "meia-idade", altura em que normalmente ocorre a adolescência nos filhos. Stierlin (1974) sistematiza os modos de resolução dos conflitos entre casais e descreve a tendência que os pais têm para replicar junto dos seus filhos os modos como eles próprios se ligaram às suas famílias de origem.

A importância dos conflitos não resolvidos, relacionados com a autonomia e dependência dos pais face às suas famílias de origem, tem sido sublinhada por vários autores, enquanto factor decisivo nas perturbações borderline e narcísicas, em adolescentes[2] .

A assunção básica presente nesses trabalhos é a de que a separação envolve as gerações presentes e também as do passado numa cadeia de ligações e separações que apenas a perspectiva intergeracional permite compreender.

---

2. Trabalhos que tivemos ocasião de rever e se encontram publicados em: Fleming (1983).A separação adolescente-progenitores.Análise Psicológica,4,III,521-542.

Ainda sobre as vicissitudes da separação pais-adolescentes, merecem particular destaque, os trabalhos de Shapiro e colaboradores que têm utilizado os conceitos derivados das teorias de Bion (1961) sobre os pequenos grupos e também os conceitos de **Identificação Projectiva, Parentificação e Lealdade.**

Correndo embora o risco de simplificação excessiva, não nos alongaremos na descrição do conceito de Identificação Projectiva, conceito demasiado complexo para que a sua abordagem em profundidade possa ser feita aqui.[3]

A Identificação Projectiva é, no dizer de Zinner & Shapiro (1972), um modo de percepção e de comportamento nas famílias com adolescentes, e consoante o recurso mais ou menos maciço a esse mecanismo, ele pode indicar "qualidades empáticas salutares" entre os membros da família ou reflectir "atribuições encadeadas, nas quais o filho permanece cativo da economia defensiva parental" (op. cit., p. 526). Segundo ainda os autores, os pais podem usar a Identificação Projectiva para negar uma parte da sua própria vida instintiva ou ainda para manter a auto-estima, "transformando" o filho adolescente numa extensão narcísica do self parental (maternal ou paternal).

A forma como Zinner & Shapiro (1972) compreendem a importância da Identificação Projectiva na relação pais-adolescentes recorre a uma compreensão do passado dos próprios pais: "a natureza do material projectado [...] contém elementos altamente conflituosos duma relação de objecto com os pais da sua própria família de origem. Nestas situações a projecção por parte dos pais de elementos das suas próprias relações previamente internalizadas serve não somente uma função defensiva mas

---

3. A esse propósito, remetemos para Amaral Dias (1988), Para uma Psicanálise da Relação, Porto, Ed. Afrontamento.

também a função de restaurar: a de trazer de volta à vida, através dos descendentes, os seus próprios objectos perdidos, bons e maus" (op. cit., p. 526).

O conceito de Parentificação expande-se a partir do anterior. No mecanismo de Parentificação, o filho "colocado" num lugar de progenitor fica preso da necessidade de dependência e de gratificação infantil sentidas por um ou ambos os pais. Esta tentativa de reviver uma relação passada numa relação presente com o filho adolescente reflecte dificuldades do processo de separação dos pais da sua família de origem: "independentemente de, na realidade, os seus pais terem ou não gratificado as suas necessidades (de dependência), os seus objectos introjectados são sentidos como maus, privadores e não prestadores de cuidados. Estes sentimentos infantis podem ser transferidos e reprojectados no parceiro marital ou no filho (Spark, 1968 cit in Peppitone, 1980, p. 63).

Quanto ao conceito de Lealdade, um conceito chave na teoria intergeracional desenvolvida por Nagy & Spark, ele descreve as "fibras fortes mas invisíveis que mantêm juntas as peças complexas das relações comportamentais nas famílias" (cit. in Peppitone, 1980, p. 63), em que o afecto posto na relação é secundarizado face à lealdade.

O medo da perda de objecto (Zinner & Shapiro, 1972), o ganho do poder e controlo sobre os pais, mesmo a expensas do sacrifício da sua autonomia são alguns dos factores apontados como motivações no adolescente, tornando a dinâmica relacional recíproca e mutuamente gratificante.

A chave para uma separação bem sucedida no adolescente, seria a capacidade de romper com as "velhas e invisíveis lealdades", a renúncia ao sacrifício da liberdade pessoal pese embora os ganhos secundários das perdas e lutos sempre adiados. Por outras palavras e parafraseando Nagy & Spark "a liberdade ou a potencialidade para novos envolvimentos

(compromisso amoroso, casamento, paternidade) tem de ser confrontada com as velhas obrigações que puxam para os laços simbióticos duradouros" (cit. in Peppitone, 1980, p. 67).

O medo primitivo da perda de objecto, reactivado na adolescência, foi também reflectido por Williams (1973), terapeuta familiar, que advoga o recurso à terapia familiar como forma de resolver perturbações no adolescente e relacionadas com os vínculos de dependência versus independência.

Williams (1973) chama a atenção para o facto de que o adolescente na sua luta pela realização da autonomia no seio da família, muitas vezes ameaça, dentro dele e nos seus pais, medos muitos primitivos de perda de objecto e da separação a partir de envolvimentos simbióticos.

Os movimentos de autonomia poderão mesmo ser sentidos como uma rejeição da família, provocando por sua vez, movimentos de hostilidade nos pais para com o filho.

Uma forma de tentar resolver os seus problemas intrapsíquicos e os da sua família, postos pelos laços de dependência e independência, aparece actualmente em muitos adolescentes na forma duma saída de casa precoce. No entanto, e Stierlin debruçou-se longamente sobre estas questões, estas saídas de casa, com a criação imediata de fortes laços de dependência a um grupo de pares, é uma pseudo-autonomia. De acordo com Williams (1973) "tais ligações de dependência aos pares - sem o desenvolvimento de mutualidade e de intimidade significativas - pode resultar num grupo de adolescentes que se apoiam mutuamente como orfãos numa tempestade, brincando meramente ao jogo da maturidade" (op. cit., p. 326). Se alguns conseguem atingir a maturidade com sucesso outros fracassam e permanecem dependentes e sem possibilidade de transformar os laços que os ligam à família, simbolizados nas novas ligações aos pares.

Também Bowen (1966,1978) trouxe contributos importantes para a compreensão deste tipo de dificuldades ao introduzir o conceito de **corte emocional** (emotional cut-off). O conceito descreve a maneira como certos

adolescentes lidam com os mecanismos de fusão não resolvidos e descreve modalidades de **corte emocional**, tais como o evitamento de contactos com grande carga afectiva com a família ou a distância física, tentativas falhadas de conseguir a autonomia.

Voltemos agora à questão dos laços de lealdade.

O estudo da lealdade entre pais e filhos adolescentes esteve presente num trabalho de investigação realizado por Peppitone (1980) que encontra um forte suporte empírico para o seu modelo sobre a separação adolescente-progenitores, onde os conceitos de **dependência, afiliação aos pares** e **lealdade** são considerados os três componentes major da separação.

Numa perspectiva holística, tentando integrar uma perspectiva desenvolvimental e intergeracional, e na base de fundamentação teórica e empírica prévia de orientação psicanalítica, interaccional e cognitiva, Peppitone (1980) constrói um modelo sobre a separação constituído por três estádios. O modelo contempla três linhas de desenvolvimento: as relações com os pares, as relações com os pais e as capacidades cognitivas, e descreve três estádios hierárquicos de progessão da separação.

Este estudo, realizado com sujeitos na adolescência inicial (12-13 anos), tardia (17-18 anos) e jovens adultos (22-23 anos), confirmou a importância das questões relacionadas com a lealdade familiar em todos os estádios do processo de separação. O grupo de jovens adultos revelou-se no entanto ser aquele onde os conflitos sobre a lealdade são mais pertinentes. Enquanto que, no grupo de adolescentes tardios, metade denegava a lealdade familiar, os jovens adultos mostravam-se capazes de reconhecer e verbalizar de que modo as questões da lealdade os afectam e afectaram no passado.

Relativamente aos outros aspectos estudados, de igual importância para o nosso trabalho, o estudo confirma que os conflitos normativos mais salientes na adolescência inicial são em torno da dependência e

contra-dependência. O grupo dos adolescentes tardios aparece neste estudo, como um grupo em transição: "eles não estão mais centrados na dependência e contra-dependência face aos pais mas envolvidos, em vez disso com os seus pares de idade duma forma mais pessoal" (Peppitone, 1980, p. 195).

Genericamente, os resultados de Peppitone (1980) demonstram uma evolução gradual do processo de separação, com um aumento da capacidade de realização de autonomia à medida que se aproxima o estatuto de adulto. A autora vê como muito conveniente na abordagem dos problemas da separação, a convergência das teorias intergeracionais e das teorias psicanalíticas da relação de objecto, dois paradigmas teóricos centrais na sua investigação.

Os fenómenos da regulação da distância entre os membros da família têm também merecido a atenção dos investigadores. Ajustar a distância psicossocial à medida que as fases de desenvolvimento são negociadas o que a composição do agregado familiar se altera são tarefas nem sempre facéis. Medos simultâneos de separação e intimidade numa díade podem, na perspectiva de Byng-Hall & Campbell (1981), ser estabilizados por uma terceira pessoa (ou grupo de pessoas) sintomática, que agirá os seus sintomas ou não, consoante os medos de separação ou de intimidade se manifestem.

Pensamos existir já, nesta área das teorias sistémicas e terapias familiares, uma vasta gama de conhecimentos, à luz dos quais a compreensão do processo de separação adolescentes-progenitores se aprofunda e enriquece mas que pela sua extensão, não é oportuno explanar aqui.

Recolocando as manifestações emocionais num contexto epistemológico novo, com implicações dinâmicas específicas, comportamentos que antes se fixavam numa significação psicodinâmica individual, ganham novas significações quando vistos na sua implicação sistémica familiar.

Muito sintéticamente, diríamos que, na perspectiva sistémica, quer a entrada na adolescência quer a saída de casa de um dos membros da família é sempre um factor de desiquilibrio da homeostase familiar. O adolescente está empenhado em tornar-se autónomo e preparando a sua saída de casa, muda a quantidade e a qualidade das suas relações com o sistema extra-familiar, torna-se sexualmente activo e pode vir a ser ele próprio pai ou mãe. A família entra necessáriamente em transição: as funções homeostáticas e de mudança do sistema familiar são mobilizadas no sentido da procura da manutenção do equilíbrio anterior ou procura dum novo equilíbrio, à custa de negociações explícitas e implícitas entre pais e filhos.

Por outras palavras e como diz Minuchin (1971), "quando a criança entra na adolescência e tem de se adaptar quer à sua família quer ao cada vez mais importante grupo de pares, ela exerce pressão para uma maior autonomia. Se a família quiser continuar como uma unidade saudável e encorajadora do crescimento, deve evoluir do estado de família duma criança para uma família de adolescente" (op. cit. p. 91).

A partir daí a família tem de inter-agir não só com um membro mais competente como também com um sistema forte e por vezes competitivo: o grupo de pares, com as suas regras e valores próprios acerca de questões como o sexo, droga, moda, estilos de vida, etc. "As questões dizendo respeito à autonomia e ao controlo têm de ser renegociadas a todos os níveis" afirmam Minuchin & Fischman (1981).

Uma outra fonte de pressão dentro do sistema familiar, contemporânea muitas vezes com os rearranjos provocados pela autonomização do filho adolescente, são os acontecimentos relacionados

com os avós : os pais do adolescente em crescimento têm ainda de negociar uma re-entrada na vida dos seus próprios pais, em fase de declínio ou viuvez.

E quando a fase da separação física ou da saída de casa do adolescente se aproxima, essa mudança ressoa em todos os membros da família.

O sucesso ou fracasso da saída de casa do adolescente está inextricavelmente ligado à reorganização da família, quer ao nível dos rearranjos hierárquicos, quer dos novos canais de comunicação.

Se o filho que sai de casa desempenhava uma função importante na homeostase familiar: veículo de comunicação entre os pais, filho parentificado, função de "pára-raios", a família vai ter sérias dificuldades em reorganizar-se. Por vezes os pais ameaçam separar-se ou divorciar-se.

Uma das formas de o jovem estabilizar a família é desenvolver sintomas ou fracassar na autonomização, de modo a que os pais continuem ou voltem a ocupar-se dele e a comunicar entre si. A instalação dum comportamento sintomático ou desviante no adolescente tardio, assume nesta perspectiva, o significado de uma função necessária à manutenção da unidade familiar, ou ainda "a função do fracasso é permitir que os pais continuem a comunicar através e acerca do jovem, mantendo a mesma organização" (Haley, 1980, p. 31).

Outras vezes é o filho a seguir que é catapultado para o lugar ocupado pelo anterior: "A tendência a recriar estruturas já existentes, passando um novo membro para o padrão previamente estabelecido é grande. Quando isso acontece, pode representar uma falha na adaptação à exigida mudança familiar" (Minuchin & Fischman, 1981, p. 26).

Estas algumas das significações que podem assumir as dificuldades de separação e fracasso na autonomização do adolescente.

O trabalho de Braverman (1981), baseado num conjunto de Terapias de Casal de pais de adolescentes, é ilustrativo do reflexo que pode ter no sistema familiar a autonomia do filho adolescente, quando este é visto pelos pais como uma extensão narcísica e depositário das suas

projecções. A sua separação psicológica, que neste estudo decorria de um processo psicoterapêutico individual, sentida sobretudo pelo par como uma perda a evitar, resultou no aparecimento de graves conflitos no casal até aí inexistentes, fracassada que foi a tentativa de catapultar outro filho, ou a esposa, para o papel que desempenhava o filho em processo de separação.

Centremo-nos agora nas contribuições de índole mais empírica, que a perspectiva interaccional tem trazido para as questões relacionadas com autonomia.

Na perspectiva interaccional, o processo de autonomização envolve necessáriamente as dimensões do **conflito** e do **poder**. O adolescente deseja assumir uma maior responsabilidade pelos seus actos e a mudança da responsabilização dos pais para o adolescente envolve necessáriamente mudanças significativas nas estruturas de poder e de autoridade na família.

Este processo nem sempre decorre harmoniosamente: a mudança de papéis, a obtenção de um estatuto mais igualitário, de uma relação mais simétrica em termos de decisão e de responsabilidade, envolve o conflito, a desobediência às regras, o desafio à autoridade parental.

Estas questões têm merecido a atenção dos investigadores, que a partir do quadro conceptual sistémico e utilizando adequada metodologia de observação e medida das interacções familiares, têm trazido importante evidência empírica para a área.

As investigações que se debruçaram sobre o conflito na interacção pais-adolescente utilizaram diversas medidas: acordo, desacordo, interrupções, discursos em simultâneo, e no seu conjunto os resultados destas investigações indicam que as famílias normais por oposição às famílias disfuncionais evidenciam maior acordo entre os seus membros, comportamentos de cooperação e maior capacidade de funcionar em tarefas de grupo. Nas famílias normais uma grande quantidade de conflitos não as

incapacita de realizarem tarefas de grupo, o mesmo não acontecendo em famílias disfuncionais (cf. revisões da literatura de Riskin & Faunce, 1972, Doane, 1978, Rodick & Henggeler, 1982).

As investigações que se debruçaram sobre os padrões de domínio utilizaram também elas diversas medidas: interrupções com sucesso, tempo de tomada da palavra, desempenho na escolha, duração da afirmação, mas os resultados destes estudos revelaram-se bastante inconsistentes. Apesar disso, é possível perceber uma tendência para que nas famílias normais, por oposição às disfuncionais, se verifique um menor exercício do poder por parte do adolescente (Riskin & Faunce, 1972; Doane, 1978; Rodick & Henggeler, 1982).

Embora alguns dos trabalhos revistos não se debrucem directamente sobre a autonomia adolescente, os autores das revisões de literatura, sugerem que as famílias normais respondem à emergência da adolescência duma forma mais adaptativa do que as famílias disfuncionais, o que por inferência, nos permite postular menores dificuldades no processo de autonomização do adolescente nas primeiras.

Alguns trabalhos merecem que nos debrucemos um pouco mais sobre eles.

Ferreira (1963) estuda a capacidade de tomada de decisão, uma dimensão importante da autonomia, através da observação da interacção familiar em torno duma tarefa, em famílias "normais" e "patológicas" com um filho na adolescência inicial. O estudo revela que, nas famílias com um adolescente perturbado, a tomada-de-decisão entre os membros é caótica e a participação do adolescente na tarefa é progressivamente menor.

No mesmo sentido vão os resultados dos estudos de Alexander (1973,in Hill,1980) que compara a tomada-de-decisão em famílias com e sem problemas de delinquência num filho adolescente entre 13 e 16 anos.

O autor conclui que os seus resultados demonstram a existência, nas famílias normais e adaptativas, de mecanismos de apoio recíproco, que mantêm a integridade do sistema.

Ou ainda, como sugere um outro estudo com o mesmo figurino dos anteriores (Hetherington et al. 1971, in Hill & Holmbeck, 1986): "os membros de famílias sem delinquência podem discordar inicialmente mas são suficientemente flexíveis para mudar as suas posições num modo mutualmente mais aceitável" (cit. in Hill & Holmbeck, 1986, p. 162).

A evidência duma capacidade de adaptação e de mudança por parte do sistema familiar funcional, durante a adolescência de um dos seus membros, encontra também confirmação num outro estudo interaccional (Jacob, 1974, in Hill, 1980). O autor verifica que as relações interpessoais no seio da família se transformam ao longo da idade. O estudo compara padrões de interacção familiar em famílias com rapazes de 11 e de 16 anos e pertencendo a estratos sócio-económicos baixo e médio. Os resultados indicam que os rapazes de 16 anos ocupam uma posição de maior influência e menor conflito na interacção com os pais do que os de 11 anos. A estrutura de influência progride de pai = mãe -> filho para uma estrutura pai > mãe -> < filho nas famílias de classe média e para uma estrutura mais instável pai = mãe = filho nas famílias de mais baixo estatuto social.

O ganho de influência do filho de 16 anos far-se-ía a expensas do descréscimo da influência da mãe nas famílias de classe média e a expensas da influência do pai nas famílias de mais baixo estatuto. Estes resultados viriam a obter confirmação, no estudo de observação das interacções familiares, realizado por Steinberg (1981), e já referido por nós no Capítulo anterior.

Estes trabalhos, bem como os estudos atrás referidos sobre as transformações ocorridas nos padrões de interacção familiares por altura da puberdade e menarca (cf. rúbrica: **As interacções familiares na**

adolescência inicial, Cap. III), põem em evidência mudanças no sistema familiar, provavelmente na procura dum novo equilíbrio mais consentâneo com as mudanças ocorridas nos seus membros.

Neste contexto, as mudanças cognitivas no adolescente, e que iremos desenvolver no capítulo seguinte , revelam-se de particular importância, já que permitem mudanças substanciais na conceptualização adolescente das suas relações familiares, passadas e presentes.

Noutras famílias porém, a investigação clínica tem identificado padrões de interacção que são particularmente estáveis, e quando envolvem o adolescente podem ser inibidoras das mudanças sistémicas necessárias para que a sua autonomia progrida.

Stierlin, descreveu, como vimos, algumas dessas interacções. Referimo-nos agora aos conceitos de **fusão** e **triangulação**, dois conceitos inter-relacionados, indicadores do nível de diferenciação do sistema familiar (Bowen, 1978) e que descrevem interacções inibidoras da mudança.

A **fusão** refere-se à tendência para dois membros da família se misturarem um no outro de maneira tal que os limites entre indivíduos são esbatidos (Karpel, 1976) e a **triangulação** refere-se a uma relação estável intergeracional, em que na maior parte das vezes um dos progenitores está aliado ao filho adolescente e coligado contra o outro progenitor.

Nestas formas de interacção, o adolescente pode vir a ver o seu esforço para a individuação altamente inviabilizado, já que aí desempenha funções necessárias para a manutenção do sistema familiar, e a sua individuação pode pôr em risco a homeostase familiar.

Terapeutas familiares têm posto em evidência algumas funções mais frequentemente desempenhadas pelo adolescente triangulado: (1) a de "bode-expiatório", para o qual são canalizadas tensões e conflitos familiares e que pode conduzir uma identidade negativa no adolescente (Minuchin, 1974), (2) a de parceiro numa coligação de um dos

progenitores contra o outro e aqui o risco é do sacrifício da sua própria individuação ao serviço da regulação emocional do sub-sistema parental (Bowen, 1978) e ainda (3) a de terceiro elemento, coligado ora com um progenitor ora com outro, correndo o risco duma identidade difusa e de ser acusado de deslealdade em caso de opção por um dos progenitores (Minuchin, 1974).

As situações descritas e postas em evidência pela investigação clínica, têm em comum o facto de que nessas famílias a aliança parental é fraca ou até inexistente.

Ora, uma fraca e inconsistente aliança entre os pais tem sido mais frequentemente encontrada em famílias com perturbações. Segundo a revisão de Doane (1978) "existe forte evidência quanto ao facto de que as famílias perturbadas são marcadas pela preponderância de coligações pais-filho e uma correspondente coligação parental fraca, bem como por uma relação marital conflituosa" (op. cit. p. 372).

A importância do poder "tóxico" destas interacções parece estar por demais ilustrada clínicamente, mas o mesmo não se poderá dizer quanto à sua ilustração empírica. No entanto, algumas investigações têm sido produzidas nesta área, utilizando metodologia de auto-relato.

Um estudo realizado por Teyber (1983), compara famílias com um adolescente do sexo masculino, em que numas a relação primordial (a relação mais importante da família) é a relação marital e noutras a relação primordial é uma coligação intergeracional (um dos progenitores com um dos filhos). O estudo demonstrou que nas famílias em que o adolescente refere como relação primordial a que existe entre o pai e a mãe, o adolescente realiza com mais sucesso a sua autonomia (maior locus de controlo interno e maior sucesso na Universidade).

No mesmo sentido vão os resultados de um outro estudo (Bell & Bell, 1982 in Anderson & Fleming, 1986) que verifica que raparigas adolescentes com mais altos scores na Escala de Desenvolvimento do Ego de Loevinger são também aquelas que se encontram menos trianguladas na relação marital dos seus pais.

O poder preditor do grau de fusão e de triangulação na formação de identidade em adolescentes tardios (18-23 anos) é também posto em evidência num estudo realizado por Anderson & Fleming (1986). Estes autores constatam que os adolescentes menos individuados ou mais pobremente diferenciados dentro da família são também aqueles que tiveram mais dificuldades em negociar os primeiros estádios que precedem e que conduzem ao estádio da formação de identidade.

Os adolescentes mais individuados e mais diferenciados relatam mais características tais como: "um sentido de continuidade que integra o passado com o presente e com o futuro, um sentimento de auto-confiança e independência, uma flexibilidade na experimentação de vários papéis de molde a descobrir e desenvolver capacidades inatas e um sentido geral de conforto com as suas próprias concepções e objectivos futuros" (op. cit., p. 793).

Os autores comentam os resultados da sua investigação afirmando que a **fusão** e a **triangulação** "ambos têm o potencial de inibir o processo de individuação e desenvolvimento duma identidade do ego madura durante a adolescência tardia" (op. cit., p. 786).

Esta investigação traz forte confirmação às formulações teóricas e clínicas que têm enfatizado a importância do estudo das interacções familiares contemporâneas do processo adolescencial e do papel activo dos pais e do sistema familiar na compreensão dos processos de individuação adolescente.

Alguns autores têm preconizado uma abordagem integrada das duas perspectivas desenvolvimentais, a individual e a sistémica familiar (Peppitone, Cooper & Grotevant, Sabatelli & Mazor) como forma de chegar a uma compreensão mais aprofundada do processo de individuação.

Nesta linha de preocupação realçamos o trabalho de conceptualização de Sabatelli & Mazor (1985) em torno dos conceitos de **individuação** e de **diferenciação**, em defesa duma integração das perspectivas teóricas: sistémica familiar e desenvolvimental individual.

A sua reflexão centrada em torno da formação de identidade na adolescência é no entanto pertinente para a análise das questões dizendo respeito à automomia,intimamente ligada aos processos de individuação e diferenciação.

Para esta análise os autores partem do princípio básico de que as duas perspectivas devem ser consideradas como interdependentes porque o processo de individuação envolve os dois quadros de referência, o individual e o familiar, sem os quais não seria possível a sua compreensão.

A perspectiva desenvolvimental individual conceptualiza a separação a partir da família tal como ela é vivida no mundo real e no mundo interno, mas a teia de relações na qual o indivíduo inter-age e muda só pode ser esclarecida pela perspectiva sistémica familiar.

Os autores argumentam a necessidade duma conexão interdisciplinar ao mesmo tempo que advogam também a necessidade duma distinção conceptual mais rigorosa entre o conceitos de **individuação** e de **diferenciação**, ambos usados das mais diversas maneiras por autores tanto duma orientação como da outra.

Sabatelli & Mazor (1985) propõem que a **individuação** seja entendida como um "processo através do qual o indivíduo procura renegociar a sua dependência psicológica face aos outros [o que] envolve uma mudança fenomenológica reflectindo a forma como uma pessoa se vê na relação com

os outros [...] e o grau até onde evolui reflecte-se no grau até onde uma pessoa está emocionalmente fusionada com a família" (op. cit., p. 622).

Quanto ao conceito de diferenciação os autores propõem que ele seja definido "como uma propriedade do sistema que se refere aos modos através dos quais as distâncias psicológicas são mantidas e as adaptações sistémicas feitas" (op. cit., p. 622). Decorre desta conceptualização que a forma como a individuação se processa em cada membro da família está sob a dependência do nível de diferenciação do sistema familiar e que este será tanto maior ou menor quanto o esforço individual posto na renegociação.

Os autores desenvolvem ainda uma crítica às teorias de Erikson e Josselson sobre a formação de identidade. Na sua opinião, Erikson ignora a natureza das relações pais-adolescentes tratando todas as famílias como uma constante e Josselson, embora enfatizando a necessidade da renegociação com a díade parental, ignora o papel da interacção familiar na determinação da forma como a individuação no adolescente se processa. Em suma, a individuação processar-se-ía independentemente das características ou qualidades do sistema de relações pais-filho. Ora, segundo afirmam os autores, a investigação empírica tem posto claramente em evidência a existência de factores familiares mediando a formação de identidade.

Esta mesma crítica seria extensível às questões dizendo respeito à autonomia, onde a investigação empírica tem posto em evidência, como vimos, a existência de factores familiares mediando as tentativas do adolescente para se autonomizar.

Em contraste, afirmam os autores, a orientação sistémica sobre a individuação teria as duas perspectivas em atenção: a desenvolvimental individual e a familiar. Sabatelli & Mazor (1985), tomando por base os trabalhos de teóricos sistémicos, tais como McCullough e Meyer, afirmam que: "a perspectiva desenvolvimental na literatura sistémica familiar

enfatiza os esforços individuais na individuação e construção duma identidade emocional separada durante a adolescência como um pré-requesito para o desenvolvimento da capacidade para a intimidade e para o estabelecimento duma nova família" (op. cit., p. 628).

Esses esforços estariam - de acordo com a investigação produzida - na dependência do grau de diferenciação do sistema familiar, a característica do sistema mais crucial para a individuação e responsável pelos níveis de coesão e adaptabilidade do sistema.

E falar de individuação é falar de autonomia, já que "o processo de individuação tem um impacto no grau de autonomia e na separação psicológica dentro da relação pais-filho a qual por seu turno fornece feed-back ao sistema, reforçando por aí o nível sistémico de diferenciação" (op. cit., p. 628).

Nesta perspectiva, o processo de autonomia nos adolescentes estaria facilitado num sistema familiar bem diferenciado, por oposição ao sistema pobremente diferenciado, onde a mudança imposta pela acomodação às necessidades adolescentes se veria mais dificultada. "A família pobremente diferenciada, dizem os autores, cria stress no indivíduo porque os esforços para conseguir uma maior autonomia psicológica, necessários durante a adolescência a caminho da adultícia, são bloqueados pelo sistema" (op. cit., p. 629).

O emaranhamento (quer físico, quer emocional) cada vez maior na família ou uma ruptura súbita, são nesta perspectiva, indicadores de dificuldades na separação, significando que a capacidade de sair de casa não é necessariamente um indicador de individuação, já que o adolescente pode continuar psicológicamente ligado à família por um alto grau de emocionalidade reactiva de coloração rancorosa. Esta questão prende-se aliás com o que atrás ficou dito, a propósito da **lealdade** e do **corte emocional**.

A autonomização do adolescente estaria portanto seriamente comprometida num sistema pobremente diferenciado. Referindo-se à obra de Boszormenyi - Nagy e Spark, os autores sugerem que o adolescente em processo de separação é "mantido em linha" através de processos de feed-back que anulam os desvios aos padrões interaccionais existentes, fazendo sentir por exemplo ao adolescente que ele está em dívida ou a ser desleal para com os seus pais.

Por outras palavras, e citando ainda Sabatelli & Mazor(1985), "embora à superfície pareça que o fracasso no desenvolvimento e na maturação torna o adolescente desleal para com as aspirações da sua família, a verdade é que cada passo conduzindo a uma verdadeira emancipação, individuação ou separação tende a tocar na questão altamente emocional que todas as mães denegam mas desejam - permanecerem simbioticamente todos juntos na família de origem" (op. cit., p. 629).

A individuação do adolescente, entravada nas famílias pobremente diferenciadas, pode no entanto vir a desenrolar-se em fases posteriores, acelerada até pela entrada na adolescência de um outro membro da família ou pelo acumular de tensões que forçam o sistema à mudança para novas formas de homeostase familiar.

Sabatelli & Mazor (1985) terminam a sua reflexão afirmando que a relação recíproca e interdependente que Josselson afirmou existir entre individuação, autonomia e identidade está incompleta se não se tiver em conta a relação de diferenciação-individuação.

A reflexão que acabámos de sintetizar retoma e sistematiza algumas das noções teóricas básicas que neste capítulo expusemos e que no nosso entender reflectem áreas de conhecimento essenciais para um aprofundamento da compreensão dos processos envolvidos na autonomia adolescente.

Quer os conceitos de Identificação Projectiva, Parentificação, Lealdade, quer os de Fusão e de Triangulação, remetem para os conceitos mais globais de Individuação e de Diferenciação e contêm, na nossa opinião, grande riqueza em termos de compreensibilidade da relação humana.

Não temos naturalmente a pretensão de ter esgotado tudo o que nesta área se tem produzido em torno destes conceitos e muito menos em torno das questões que directa ou indirectamente dizem respeito à autonomia. Quisemos antes equacionar algumas linhas de força que têm orientado a reflexão e a investigação nesta área e que nos parece ser necessário ter presente na fundamentação do nosso próprio trabalho.

C A P Í T U L O V

A PERSPECTIVA SOCIAL-COGNITIVA

A contribuição dos aspectos cognitivos, quer para processos de vinculação quer de individuação, encontra-se devidamente estabelecida na literatura sobre a infância. Não cabe portanto aqui fazer-lhe referência exaustiva.

A problemática mais relevante para o processo de separação - individuação e de crescente complexidade cognitiva, é a das relações de objecto e da permanência de objecto sendo a aquisição da capacidade de perceber a mãe como uma entidade separada, a maior e mais necessária tarefa dos primeiros três anos de vida; da sua realização, com maior ou menor sucesso, depende o prosseguimento, mais ou menos harmonioso e saudável, do desenvolvimento psicológico da criança.

Segundo Mahler et al. (1975), "a partir de um estado cognitivo-afectivo primitivo, sem consciência da diferenciação self/outros, vai desenvolver-se uma das organizações maiores da vida intra-psíquica e do comportamento, centrada sobre a separação e sobre a individuação" (op. cit., p.16 da tradução francesa).

E se os processos de vinculação e de individuação pressupõem o desenvolvimento de capacidades cognitivas, também a transição do estado de criança dependente e vinculada para a realidade de adulto autónomo pressupõe uma profunda mudança cognitiva.

Embora os conhecimentos sobre o desenvolvimento adolescente não encontrem o mesmo grau de profundidade daqueles que já existem sobre o desenvolvimento infantil, pareceu-nos importante juntar à nossa reflexão, as teorias que, no campo da perspectiva social-cognitiva, trazem contributos importantes para a compreensão da autonomia adolescente.

Sabemos pela teoria dos estádios de desenvolvimento cognitivo de Piaget que durante a adolescência os indivíduos desenvolvem uma nova forma de pensamento e de raciocínio, e atingem o estádio das operações formais caracterizado por um pensamento abstracto, complexo e flexível. A mudança qualitativa do pensamento operacional-concreto para o pensamento operacional-formal, em resultado da equilibração, é gradual e o nível de maturidade atingido em todas as áreas de funcionamento não é necessáriamente idêntico (a competência social do adolescente pode ser inferior à competência académica, por exemplo).

Sabemos, em suma, que - graças ao crescimento das estruturas cognitivas, em complexidade e nível de abstracção - o pensamento do adolescente se caracteriza pelas capacidades de pensar através de hipóteses, de pensar diferentes possibilidades e alternativas, de pensar acerca dos próprios pensamentos, de pensar segundo as perspectivas de outros, de pensar o passado, o presente, e antecipar o futuro.

Três aspectos da transição do pensamento concreto para o pensamento formal são particularmente importantes para o desenvolvimento psicossocial do adolescente: "(1) os adolescentes tornam-se mais capazes de considerar uma variedade de circunstâncias e de acontecimentos que podem ocorrer e então são capazes de reconhecer as discrepâncias entre o real e o possível; (2) os adolescentes inferem cada vez mais as

características pessoais, motivações e outras causas, que estão por detrás dos comportamentos e acontecimentos sociais; e (3) os adolescentes desenvolvem uma consciência de que diferentes indivíduos, incluindo ele próprio, formam diferentes perspectivas no mesmo conjunto de circunstâncias" (Sprinthall & Collins, 1984, p. 170).

Estas mudanças cognitivas capacitam o adolescente a poder imaginar futuros papéis sociais, a equacionar possibilidades e escolhas, a atingir um raciocínio social-cognitivo. As características do pensamento e raciocínio formal-abstracto estendem-se ao pensamento do adolescente sobre o seu meio social, ao mundo das diferentes relações, perspectivas e pontos de vista. E se como refere Elkind (1967), no inicio do processo adolescente a "audiência" é imaginária e construída pela própria fantasia,à medida que o adolescente cresce a "audiência" torna-se cada vez mais real, mais social, e susceptível de ser pensada e integrada.

Neste contexto, a emergência do desejo de novos comportamentos de autonomia coloca o adolescente numa situação complexa: "sair à noite" por exemplo, é simultaneamente um desafio às regras familiares, a possibilidade de encontro com os pares, experimentar-se num novo papel social, "roubar" tempo aos estudos... obrigando-o a um raciocínio complexo sobre as múltiplas perspectivas que deve contemplar na tomada de decisão.

Alguns teóricos de orientação cognitivista e social-cognitivista têm vindo a discutir mais especificamente a autonomia, ou conceitos afins, no contexto de modelos hierárquicos do desenvolvimento social-cognitivo. Referimo-nos ao modelo de Selman sobre a compreensão interpessoal, ao modelo de Loevinger sobre o desenvolvimento do ego e ao modelo de Kohlberg sobre o desenvolvimento moral.

A ênfase subjacente a estas conceptualizações reside nos conceitos de tomada múltipla de perspectiva e de raciocínio social inferencial.

Antes porém de abordarmos esses autores, parece-nos importante referir brevemente o pensamento de Piaget sobre a autonomia e a perspectiva crítica em que se colocou perante alguns teóricos cognitivistas, que na opinião de Piaget dotaram o conceito de autonomia com demasiado individualismo e egoísmo (Youniss & Smollar, 1985).

1. As perspectivas de Piaget, Selman, Loevinger e Kohlberg

PIAGET

Piaget discute o problema da autonomia no contexto do desenvolvimento moral da criança. A articulação desta área de desenvolvimento com a autonomia volitiva é formulada por Berzonsky (1981) nos seguintes termos: "o ponto capital duma moralidade avançada é o processo de tomada de decisão - realizar a autonomia volitiva" (op. cit., p. 410).

Sucintamente, a teoria de Piaget consiste em considerar duas fases no desenvolvimento moral: numa primeira fase a criança desenvolve um raciocínio moral heterónomo e a partir dos 8 anos a criança começa a desenvolver um raciocínio moral autónomo. Esta mudança coincidiria aliás com a emergência do pensamento operacional - concreto.

A criança inicialmente vê as normas como concretas e absolutas e capitula perante as regras dos pais e dos adultos. Mas, na segunda fase, que se inicia desde a infância, a criança começa a poder internalizar essas normas e a lidar com as questões morais de outra forma: controlando as suas atitudes a partir de dentro, mais do que de estímulos exteriores. Os valores começam a poder ser relativizados e a noção de responsabilidade pessoal acentua-se.

Mas o aspecto que nos interessa aqui realçar é o carácter interaccional do conceito da moralidade autónoma. Piaget afirma que só através da relação e da interacção com os pares de idade, os amigos, é que o indivíduo consegue atingir um grau superior de internalização das regras e normas sociais.

E por sua vez a capacidade cognitiva de admitir várias hipóteses, de lidar com valores antagónicos e considerar várias perspectivas e alternativas que lhe permitirá na adolescência, um nível superior de autonomia: gerir a sua própria vida de acordo com as suas próprias ideias e princípios.

Na sua opinião, a pessoa autónoma "toma as suas posições na base de normas de reciprocidade e da discussão objectiva... e sabe como submeter-se às [normas] de forma a fazer-se compreender" (Piaget [1932], 1965, p. 95). No pensamento de Piaget a autonomia co-constrói-se, numa base de cooperação e de interdependência e o contexto relacional assume particular importância para o crescimento cognitivo.

Esta perspectiva relacional sobre a autonomia foi retomada, na presente década, por investigadores americanos de que Youniss, Grotevant e Cooper são referências importantes. O primeiro tem conduzido estudos sobre as modalidades de comunicação na relação do adolescente com os pais e os amigos, e o seu impacto no processo de autonomização e os segundos sobre a relação entre a individuação, a formação de identidade e capacidade de assumir papéis.

SELMAN

Tendo por suporte as ideias de Piaget e Elkind, Selman desenvolveu uma teoria sobre o desenvolvimento da tomada-de-perspectiva social (social perspective-taking) e um modelo sequencial de estádios sobre o desenvolvimento da compreensão interpessoal das relações sociais.

A relação é, na concepção de Selman, uma forma particular de interacção entre duas pessoas, pressupondo a capacidade cognitiva de fazer raciocínios sobre o self e sobre a outra pessoa envolvida na relação. Este raciocínio complexo só é possível num nível de pensamento operacional-formal.

As mudanças na compreensão de si próprio e dos outros são duma importância muito significativa no desenvolvimento do adolescente e Selman identificou duas vias primordiais através das quais ela ocorre: (1) "no reconhecimento de que os outros têm perspectivas diferentes da sua, e (2) na compreensão das formas através das quais essas diferentes perspectivas podem afectar o comportamento de uma pessoa sobre a outra" (Selman, 1980, in Sprinthall & Collins, 1984, p. 171).

O modelo da compreensão interpessoal elaborado por Selman, compreende cinco níveis de progressiva complexidade, na capacidade de tomada de perspectiva:

-Nível 0: Perspectiva Egocêntrica (0 - 6 anos)
-Nível 1: Perspectiva Subjectiva (5 - 9 anos)
-Nível 2: Auto-reflexão ou perspectiva recíproca (7-12anos)
-Nível 3: Perspectiva Mútua (10 - 15 anos)
-Nível 4: Perspectiva Societal-Simbólica (12 anos-idade adulta)

São estes dois últimos níveis que nos interessam particularmente para a compreensão das mudanças sócio-cognitivas envolvidas na autonomização do adolescente. Ao nível "societal" Selman faz corresponder um nível de "amizade interdependente autónoma" (autonomous interdependent friendship) que pressupõe já um nível de mutualidade na relação e um nível societal-simbólico ou seja, a capacidade de perceber uma ordem societal de nível superior (legal, moral, espiritual).

O adolescente adquire pela primeira vez na sua vida a competência para reconhecer objectivamente o carácter interaccional das suas relações (o nível de mutualidade): percebe a perspectiva do outro e reconhece o efeito do comportamento mútuo. Pode assim conceber as necessidades mútuas de autonomia nos parceiros e chegar ao nível de inter-dependência autónoma: o reconhecimento da necessidade da ligação,

do laço emocional de suporte, mas também o reconhecimento da necessidade da liberdade do outro para se envolver em múltiplas relações (necessidade de autonomia).

A elaboração de Selman, tendo por suporte a sua própria investigação e a informação prévia que recolheu sobre a matéria, leva-o a concluir que: "à medida que as crianças crescem têm concepções de amizade que se apoiam duma forma cada vez maior na compreensão da interdependência psicológica entre pessoas (as pessoas precisam uma das outras), que vêm as relações como sistemáticas e coerentes (os amigos ligam-se ao longo do tempo) e que implica uma compreensão da profundidade e complexidade dos pensamentos, sentimentos e da personalidade dos indivíduos (um amigo ajuda-nos a perceber que tipo de pessoa somos nós)" (1981, cit. in Hill & Holmbeck, 1986, p. 172).

O desenvolvimento das capacidades cognitivas do adolescente e a sua repercussão na compreensão cada vez mais crítica e elaborada das relações sociais e afectivas que o envolvem, constitui sem dúvida um importante factor de mudança nas relações e interacções familiares.

Selman aplicou o seu modelo de compreensão interpessoal às relações entre pais e filhos e identifica 5 níveis de compreensão, cujo desenvolvimento acompanha em pararelo os níveis de compreensão descritos atrás.

Neste modelo, descrito no Quadro 1, a concepção de relação evolui de um primeiro estádio infantil de compreensão egotista (Selman utiliza a metáfora "Parent as Boss", satisfazendo as necessidades imediatas do filho) para níveis mais elaborados de compreensão, que emergem na adolescência.

QUADRO 1 - NIVEIS DE CONCEPÇÃO DAS RELAÇÕES PAIS-FILHOS DE SELMAN

Nível	Relação Pais-Filhos
Ø	Pais como chefes
1	Pais como fornecedores de cuidados e de ajuda aos filhos
2	Pais como conselheiros guias e satisfazendo as necessidades
3	Pais e filhos mostram tolerância e respeito mútuo
4	As relações pais-filhos mudam à medida que as circunstâncias, as capacidades e as necessidades de cada um muda

Reproduzido de Sprinthall & Collins (1984), Adolescent Psychology, Addison-Wesley Publ., p. 224

Mais precisamente, Selman descreve na adolescência um estádio de compreensão baseado na tolerância e no respeito (nível 3), possível a partir das novas capacidades cognitivas que tornam o adolescente capaz de conceber o carácter mutual da relação e a seguir um estádio de compreensão mais complexo da relação: o reconhecimento das relações familiares enquanto sistema, susceptível de adaptação às mudanças individuais de cada membro.

No nível 3, a compreensão envolve a consciência de necessidades específicas nos pais e nos filhos e níveis desiguais de autoridade e poder na família. Esta compreensão tem naturalmente consequências importantes para a forma como pais e adolescentes lidam com os

conflitos, com a desobediência ou com a submissão em torno das regras e normas parentais, que a mudança comportamental ao nível da autonomia no adolescente, necessáriamente desafia.

Neste contexto, a reflexão de Selman parece-nos de grande acuidade quando afirma que: "Um bom entendimento não pressupõe um acordo absoluto mas sim o respeito pela posição dos outros. A exigência de obediência por parte dos pais, está ligada à sua necessidade de respeito uma vez que constituem a fonte de autoridade no sistema familiar. Os conflitos entre a necessidade de obediência aos pais e a necessidade de autonomia e independência, são articulados no nível 3" (Selman, 1980 in Sprinthall & Collins, 1984, p. 224).

Selman conceptualiza a autonomia adolescente numa perspectiva de articulação e de transformação das relações familiares, argumentando na base das competências do "pensar-em-perspectiva", que emergem na adolescência. Num nível mais elevado de concepção da relação pais-filhos (nível 4), a compreensão subjacente é claramente sistémica (as relações familiares mudam conforme as circunstâncias) e a autonomia é concebida num contexto de negociação entre pais e filhos.

LOEVINGER

Loevinger desenvolve o pensamento de Erickson sobre o conceito de identidade - um sentido emocional sobre o self, uma percepção de bem estar e de coerência entre o passado, o presente e o futuro - e procura compreender como é que esse sentido, essa percepção sobre o self se desenvolve. Postula que a estrutura cognitiva conseguida sobre os pensamentos acerca do self é um aspecto fundamental para a realização da identidade e sugere uma sequência de estádios no desenvolvimento do ego.

Esta sequência ilustra, na sua concepção, o processo de emergência da identidade à medida que o raciocínio social se torna mais abstracto e flexível.

A cada estádio corresponde um estilo interpessoal que passamos a descrever, adoptando a sua própria descrição (Loevinger, 1976, p. 24-25):

QUADRO 2 - ESTADIOS DE DESENVOLVIMENTO DO EGO E RELAÇOES INTERPESSOAIS DE LOEVINGER

ESTADIOS	CODIGO	ESTILO INTERPESSOAL
.Pré-social	1	Autista.
.Simbiótico	2	Simbiótico
Impulsivo		Receptor, dependente,explorador
Auto-Protecção		Conflitual, manipulador,explorador
.Conformista	3	Pertença, agradabilidade superficial
.Consciência--Conformismo	3/4	Self vigilante relativamente ao grupo, protector
.Consciência	4	Intensivo, responsável,mútuo, preocupação com a comunicação
.Individualismo	4/5	Ad: Dependência percebida como um problema emocional,separada da dependência física ou financeira
.Autonomia	5	Ad: Respeito pela autonomia, interdependência
.Integrado	6	Ad: Apreciador da individualidade

Adapatado de: Loevinger (1976). Ego Development, San Francisco, Jossey-Bass, Inc., pp. 24-25

Ad: Informação adicional à descrição do estádio anterior

Ainda segundo a investigação de Loevinger (1976), os estádios predominantes durante a "adolescência precoce" (12-15 anos) seriam os estádios 2, 3 e 4, durante a "adolescência média" (15-18 anos) os estádios 3, 4 e 5 e durante a "adolescência tardia" (18-21 anos) os estádios 4, 5 e 6.

A evolução far-se-ía de acordo com uma cada vez maior diferenciação do self face às normas sociais, progredindo na capacidade duma cada vez maior consciência de si e dos outros, passando do respeito (estádio Individualista) à estima da individualidade (estádio Integrado).

De acordo com este modelo, os adolescentes que atingem o sexto estádio de desenvolvimento do ego são vistos como autónomos. O que se entende então por autónomo, nesta perspectiva?

Loevinger descreve o estádio "autónomo" da seguinte forma: "O controlo do impulso não constitui mais um problema neste estádio tardio de maturidade. O procedimento moral característico é lidar com o conflito interno, deveres conflituais, necessidades conflituais, conflito entre necessidades e deveres, etc. As relações interpessoais permanecem intensas, envolvem a consciencialização da inevitabilidade da interdependência mútua e da necessidade de autonomia. Enquanto uma mãe tipicamente consciente (estádio pré-autónomo) se sente obrigada a proteger o filho dos erros que este possa cometer, uma mãe tipicamente autónoma reconhece que o filho necessita de aprender à custa dos seus próprios erros". (1966, cit. in Hill & Holmbeck, 1986, p. 171).

O adolescente autónomo tem capacidade de integrar e de lidar com necessidades internas conflituosas e de ser tolerante porque respeita as necessidades de autonomia nos outros e tem com eles uma relação de interdependência (e não de independência da influência social como em algumas das conceptualizações que revimos anteriormente, no Cap. II, I PARTE).

A autonomia seria então esta capacidade de crescer com conflitos internos e resolvê-los e tolerar a ambiguidade numa relação interpessoal de interdependência e respeito pelas necessidades dos outros.

Segundo Loevinger, esta autonomia não é portanto só interna mas uma autonomia social-cognitiva, na medida em que o adolescente reconhece e separa as suas necessidades das necessidades dos outros. Pode assim ter um raciocínio social na medida em que reconhece o outro como um ser distinto com o qual interage, tendo essa perspectiva em consideração. A tarefa adaptativa às exigências do meio social torna-se possível.

KOHLBERG

O modelo que Kohlberg propôs para o desenvolvimento moral inclui também, tal como o modelo de Loevinger, um estádio dizendo respeito à autonomia.

Kohlberg (1979) retoma a conceptualização de Piaget e estuda o desenvolvimento moral ao longo do período adolescente, estabelecendo um modelo hierárquico constituído por três níveis de desenvolvimento moral: pré-convencional, convencional e pós-convencional. O modelo concebe ainda uma sequência invariante de estádios integrados nos três níveis mencionados, de progressiva complexidade em termos de raciocínio cognitivo. Cada nível descreve a forma como o indivíduo raciocina e processa as questões dizendo respeito aos valores e à moral.

O nível pré-convencional tem sido identificado como predominante no período da infância, e os níveis convencional e pós-convencional como predominantes na adolescência, mas um mesmo sujeito pode funcionar simultâneamente em dois níveis conforme o tipo de questão com que se defronta.

O nível que nos interessa abordar aqui é o nível pós-convencional ou de princípios. Neste nível, Kohlberg identificou dois estádios distintos: no primeiro, o indivíduo já é capaz de reconhecer a natureza arbitária dos valores, no segundo estádio o indivíduo age de acordo com a sua consciência, segundo os princípios adoptados, independentemente da sua integração nos valores socialmente aprovados. Segundo Berzonsky (1981), "o raciocínio moral pós-convencional é verdadeirmente uma moralidade autónoma na medida em que o que se considera mais são os princípios subjacentes às regras" (op cit., p. 380); é esta capacidade de concordância, ou pelo contrário, de inconformidade com as regras sociais, que permite ao indivíduo uma posição crítica e construtiva.

Quer o modelo de Loevinger sobre o desenvolvimento do self, quer o modelo de Kohlberg, remetem, na nossa opinião, para um processo gradual de diferenciação do self, diferenciação conseguida na permanente interacção com os pares, os pais e outros adultos significativos.

Apesar da notável teorização sobre o desenvolvimento social-cognitivo na adolescência, surpreendentemente pouca investigação empírica existe, tendo-se o interesse da maior parte dos investigadores desenvolvimentalistas virado para a infância.

Dispomos no entanto de alguma informação dizendo respeito às duas questões que têm interessado particularmente os investigadores: a epidemiologia e a socialização da autonomia social-cognitiva.

2. Epidemiologia da Autonomia Social-Cognitiva

A questão que nos interessa saber é qual a proporção de adolescentes que atingem os níveis que estão relacionados com a autonomia, tal como é conceptualizada na óptica social-cognitiva.

Surpreendentemente, constatamos que a informação disponível é escassa, mas convergente: todos os autores citados assinalam que a proporção de adolescentes que atingem esses níveis é baixa. Baseando-nos na informação compilada em trabalhos de revisão (Hill & Holmbeck, 1986), sabemos que os estudos epidemiológicos conduzidos por Loevinger (Loevinger & Wesseler, 1970, Loevinger et al. 1970, Loevinger, 1985, in Hill & Holmbeck, 1986), referem que apenas uma fracção de cerca de 10% atingem o estádio Autónomo, embora um outro trabalho (Hauser et al., 1984 in Hill & Holmbeck, 1986) com adolescentes de idade média 14.6 anos e pertencendo a classes sócio-económicas alta e média-alta, tenha encontrado uma fracção mais elevada.

A situação é idêntica relativamente ao nível terminal do modelo hierárquico de Kohlberg: vários estudos mostram que poucos adolescentes atingem o nível de "raciocínio moral na base de princípios" (estádio 5) e quanto aos estádios de desenvolvimento da compreensão interpessoal de Selman, os resultados referem que apenas 12% de adolescentes atingem o nível de "amizade inter-dependente autónoma".

Os autores da revisão que temos vindo a citar, comentam estes resultados afirmando que mais importante do que saber se o indivíduo atingiu ou não um estádio elevado de raciocínio autónomo, é saber que processos sócio-cognitivos antecedem a autonomia cognitiva e de que forma a socialização (parental, social) influi nesse desenvolvimento.

E sobre esta última questão que nos iremos debruçar.

3. A Socialização da Autonomia Cognitiva

Vimos anteriormente que, na perspectiva de Piaget, a natureza da relação pais-filhos na infância é inerentemente hierárquica na medida em que a criança acredita que as regras são externas e para cumprir. E só mais tarde e na interacção com os pares de idade, que a criança desenvolve o sentimento de que pode alterá-las, criar as suas próprias regras tendo por base uma compreensão da interacção. A relação pais-filhos, do ponto de vista da socialização, seria pois, inicialmente, predominantemente unilateral (moralidade heterónoma), assente numa estrutura de autoridade claramente assimétrica em termos de reciprocidade.

Graças à emergência de um conjunto de novas capacidades cognitivas, o adolescente pode pela primeira vez pensar a realidade "pais", pensar a relação com os pais e pensar-se a si próprio nessa relação, quer no passado quer no presente. Esta capacidade de estar simultaneamente dentro e fora, imerso na família e vê-la "à distância", cuja dimensão intrapsíquica foi descrita em profundidade pelas teorias psicanalíticas, coloca a família e o adolescente numa nova situação.

E forçoso então admitir que a socialização parental tenha um impacto diferente no adolescente e que as mudanças ocorridas no adolescente tenham, também elas, um impacto nas estruturas de socialização vindas da infância.

Esta questão tem sido abordada por investigadores na área das teorias sócio-cognitivas, numa preocupação de articulação com outras perspectivas, nomeadamente a perspectiva psicodinâmica e a perspectiva interaccional sistémica. Dessas contribuições iremos destacar aquelas que, do nosso ponto de vista, mais esclarecimento trazem, directa ou indirectamente, à questão da autonomia adolescente.

Uma contribuição teórica interessante para essa questão é a de Coser (1975, in Hill & Holmbeck, 1986) sobre a relação dos papéis sociais e a autonomia individual. Na sua essência, a teoria de Coser consiste em afirmar que, quanto maior for o leque de papéis sociais que o indivíduo tem de assumir e quanto mais complexa for a articulação desses papéis, maior é a probabilidade do indivíduo desenvolver a sua autonomia e se tornar um adulto autónomo.

Uma questão que se coloca é a da relação entre a autonomia e o conflito entre pais e pares, ao nível das novas expectativas de cada um destes sistemas de socialização. Segundo Coser, um nível moderado de conflito entre as normas e as expectativas de pais e pares será um factor de desenvolvimento de autonomia no adolescente. O adolescente, ao confrontar-se com diferentes perspectivas, terá não só de desenvolver diferentes papéis sociais como ainda desenvolver a sua própria perspectiva.

Esta visão encontra algum suporte empírico no trabalho de Emmerich et al. (1971, in Hill, 1980), cujos resultados indicam que só a partir da adolescência inicial é que o indivíduo é capaz de conceber dois meios sociais distintos, nos pais e nos pares, e de diferenciar o seu sistema de normas e que, é na medida em que os diferencia, que os pode integrar.

Um outro tópico em que a teoria de Coser pode ser aplicada com vantagens para a sua elucidação é a questão da relação entre a autonomia e uma prática educativa parental, assente na explicação das normas.

Tivemos ocasião de rever anteriormente alguns estudos que concluem que as explicações dadas pelos pais sobre a regras e normas familiares estão correlacionadas positivamente com os sentimentos e os comportamentos de autonomia (cf. a rúbrica: **Os Cuidados Parentais**, Cap.III).

A maior ocorrência de práticas educativas assentes nas explicações parentais, nas famílias mais diferenciadas do ponto de vista sócio-económico, dever-se-ía ao facto de nessas famílias os pais lidarem com um mais vasto leque de papéis sociais e portanto - e esse é o principal contributo de Coser - esses pais seriam adultos mais autónomos.

Por outras palavras, o facto dos pais lidarem com uma rede complexa de papéis sociais, dá-lhes a capacidade de uma maior tolerância em aceitar perspectivas diferentes, maior flexibilidade e maior capacidade de negociar as regras e normas com os filhos adolescentes.

Debrucemo-nos agora sobre as contribuições empíricas ao problema que equacionámos atrás. Merecem particular destaque o trabalho de algumas equipas de investigadores que, embora em linhas distintas, abordam, entre outros, o problema da interacção entre a autonomia e as relações familiares e que têm, com principal referência as pessoas de Youniss, Hauser, Grotevant e Cooper.

YOUNISS e SMOLLAR

Partindo de um quadro de referência que engloba a perspectiva de Piaget - Sullivan e o modelo conceptual de individuação elaborado por Grotevant e Cooper (conforme descrevemos no Cap. II, I PARTE), Youniss e colaboradores têm desenvolvido, desde 1970, uma ampla investigação sobre as relações do adolescente com o pai, a mãe e os amigos e o seu impacto em algumas áreas do desenvolvimento adolescente, nomeadamente a emancipação e a autonomia.

Os resultados de Youniss e Smollar estão em grande parte compilados no livro "Adolescent Relations with Mothers, Fathers and Friends", editado em 1985, e que iremos tomar como base de referência para a nossa síntese sobre a emancipação e autonomia, aspectos que desenvolveram profundamente na sua investigação.

O livro compila os resultados e a discussão de oito estudos independentes (amostragem e metodologia específicas), conduzidos durante quatro anos (1980 - 1983), abrangendo 1049 adolescentes estudantes, com idêntica representação de ambos os sexos, de idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos. Os estudos utilizam uma metodologia mista de observação da interacção familiar, entrevista e questionário.

O objectivo comum e organizador destes estudos é chegar à descrição das características das estruturas relacionais do adolescente com os seus pais e com os seus amigos.

Para isso, os investigadores estudam os seguintes aspectos: "interacções típicas e agradáveis", "comunicação", "conflitos", "obrigações percepcionais", "o self na relação" e recorrem básicamente às percepções do adolescente das interacções e às concepções do seu self, nessas interacções.

Tentaremos sintetizar aqui os resultados mais directamente relacionados com as percepções parentais e a autonomia, problemática em que a nossa própria investigação se insere.

(1) Percepções da relação Pais - Filha:

O pai é percepcionado pela filha adolescente como uma figura autoritária que orienta e define padrões de comportamento. A relação pai-filha é descrita como distante, pouco conflitual, mas desprovida de conteúdo emocional, intimidade, compreensão e aceitação.

A mãe é também percepcionada em termos de autoridade embora a relação mãe-filha seja menos distante e mais complexa. A rapariga adolescente respeita e confia na mãe, sentindo-se livre para confiar mas também para desobedecer, o que permite um espaço de conversação e de intimidade, apesar da qualidade da comunicação nem sempre ser a ideal. A vertente de autoridade implícita na relação mãe-filha é atenuada por momentos de proximidade relacional.

(2) Percepções da relação Pais - Filho:

O pai e a mãe são percepcionados pelo filho adolescente como objectos de respeito, a quem se deve obedecer obrigatóriamente.

A relação com o pai é essencialmente unilateral e distante embora exista um espaço para a realização de actividades em conjunto e discussão de problemas práticos e objectivos.

A relação com a mãe é mais forte e directa o que permite a partilha de confidências e uma maior proximidade relacional. A posição de autoridade e disciplina é temperada com compreensão e "saber ouvir", possibilitando a comunicação nos dois sentidos.

(3) Percepções da relação Adolescente - Amigos:

A relação de amizade é percepcionada pelo adolescente como uma relação de suporte. E um espaço relacional que se caracteriza pela partilha de actividades, cooperação e a ajuda mútua, compreensão recíproca, aceitação e respeito pelas posições e opiniões diferentes. A relação

adolescente - amigos possibilita um contexto em que o adolescente se experiencia como ser individuado e separado dos pais, contribuindo deste modo para o desenvolvimento psicológico e formação da identidade.

(4) Emancipação e Autonomia:

O conceito de emancipação refere-se tradicionalmente ao insight que o adolescente consegue ter sobre a sua dependência ao laço parental no passado. Desse insight progressivo resultariam ganhos no atenuar dos laços aos pais. Ora, Youniss e Smollar argumentam que os resultados dos seus estudos não sugerem que a emancipação seja consequência duma compreensão interna atenuadora do laço emocional até porque a relação parental conserva a sua força; afirmam então que "uma descrição mais apropriada é a que considera que a relação é transformada e não rompida, em que os adolescentes continuam a responder à autoridade parental ao mesmo tempo que se sentem mais livres dela" (op. cit., p. 160).

Quanto ao conceito de autonomia os autores propõem uma revisão do conceito, que tradicionalmente no seio das teorias cognitivas se refere à capacidade do adolescente contar mais com o seu auto-raciocínio do que com a aprovação parental. Contrariando esta concepção, os autores argumentam, tendo por base os seus resultados, que mesmo depois da emancipação ter começado os adolescentes continuam a procurar o apoio dos seus pais para as suas ideias e que mais do que um raciocínio autónomo o que é típico na adolescência é uma co-construção cooperativa com os amigos e pares de idade. Concluem que: "os resultados sugerem que as teorias prévias sobre a autonomia exageraram a independência a expensas do reconhecimento da importância da construção social e da sua base relacional" (op. cit., p. 161).

Os resultados dos estudos de Youniss e Smollar dão claramente suporte empírico às formulações de Piaget e aos autores de orientação social-cognitiva que revimos, questionando uma formulação mais puramente

cognitivista. Nesta última formulação, o conceito de autonomia refere-se à utilização do adolescente do raciocínio auto-reflexivo na conceptualização da realidade, e de si próprio dentro dela.

HAUSER

Os trabalhos de investigação de Hauser e colaboradores, contribuem para a literatura na área das "transformações" na relação familiar durante a adolescência. A variável "período pubertário" é interligada com outras variáveis tais como idade, sexo, estatuto psiquiátrico e nível de desenvolvimento do ego, na tentativa de se avaliar o seu impacto na interacção entre pais e filhos adolescentes.

Em 1984, Hauser et al. com base na perspectiva teórica de Stierlin dos contrangimentos parentais, constatam que o desenvolvimento do ego do adolescente está positivamente relacionado com a maior parte dos comportamentos de mutualidade (aceitação, empatia, explicação), e negativamente relacionado com a maior parte dos comportamentos de constrangimento (desvalorizar, julgar). Por outro lado, verifica-se que os adolescentes que sabem apresentar e defender o ponto de vista próprio, contribuindo deste modo com novas formas para a conversação familiar, têm tendência a apresentar níveis superiores de desenvolvimento do ego. Os padrões de interacção familiar estão pois relacionados com o nível de desenvolvimento do ego do adolescente e, consequentemente, com o próprio desenvolvimento da autonomia, tal como ela é definida pelo modelo socio-cognitivo.

Em 1985, Hauser et al. partindo de um estudo longitudinal com amostras clínicas (grupo psiquiátrico hospitalizado) e não-clínicas (estudantes), constatam que o período pubertário surge como um momento de conflito em que se observa um aumento de comportamentos constrangedores (julgar, desvalorizar) entre pais e filhos; há uma confrontação

viva indispensável ao próprio processo de autonomização, e os padrões de interacção com os pais tornam-se mais estruturados. O sexo é uma variável que encontra um impacto importante em várias situações. Em áreas tais como as relações de amizade, namoro, actividades extra-familiares e escolha ocupacional, a rapariga adolescente necessita de aumentar os comportamentos conflituais com os pais para um nível elevado (comparativamente ao rapaz), de modo a combater a força dos esteriótipos sexuais.

Num trabalho de 1987, Hauser et al. encontram diferenças ao nível do sexo nos padrões familiares de comunicação verbal. A análise do discurso revela que os rapazes e as raparigas falam mais com o pai do que com a mãe; o discurso apresenta características cognitivas e afectivas e centra-se na resolução de problemas. Este viés em relação ao pai, relaciona-se com o facto de apresentar uma orientação mais cognitiva no seu discurso, enquanto a mãe é, por vezes, mais constrangedora. No entanto, deve-se sempre ter presente qual o contexto e a natureza da tarefa subjacente.

GROTEVANT e COOPER

Contrariamente às conceptualizações tradicionais da adolescência, Grotevant & Cooper (1986) apresentam um modelo conceptual - a que já fizemos uma larga referência - e que constitui uma revisão importante das teorias psicológicas do desenvolvimento.

Os seus trabalhos de investigação colocam o ênfase na análise das relações entre os padrões de interacção familiares e o processo de formação da identidade e aquisição de competências de desempenho de papéis. O desenvolvimento é encarado numa perspectiva de continuidade e não de ruptura; o processo de formação da identidade e consequentemente a autonomia, emergem no contexto da redefinição mútua e progressiva da relação pais -adolescentes.

Os dados da investigação convergem para a constatação de que a ligação e a individualidade na interacção familiar, estão relacionadas com a formação da identidade na adolescência tardia e com o aparecimento de índices de autonomia no adolescente.

Num trabalho de 1982, os autores verificam que enquanto para os rapazes apenas as variáveis da interacção pai-filho são preditivas da exploração da identidade, para as raparigas, variáveis das duas díades desempenham um papel preditivo (Grotevant & Cooper, in Hill e Holmbeck, 1986).

Num estudo posterior (1983), constatam que um grau moderado de ligação aos pais relaciona-se positivamente com o processo de formação da identidade, enquanto que níveis elevados ou demasiados baixos de aceitação e abertura parental podem inibir os comportamentos de exploração do adolescente. Os adolescentes com níveis altos de exploração da identidade, parecem percepcionar positivamente o envolvimento com a família, participam activamente nessa interacção e reconhecem que os outros são diferentes mas que podem funcionar como suporte. Concluem que, na interacção pais-adolescente, a dimensão in-

dividualidade facilita o desenvolvimento do self adolescente como distinto e único, e a dimensão ligação fornece a segurança e a auto-estima que permite ao adolescente comportamentos de exploração. Partindo de uma amostra não-clínica de estudantes universitários, Grotevant e Cooper (1982) encontram que o desenvolvimento da identidade e o desempenho de papéis parecem ser facilitados por um sistema familiar individuador, em que os membros apresentam as seguintes características de interacção: responsabilidade na expressão do seu ponto de vista (auto-asserção); respeito pelos sentimentos, ideias e pensamentos dos outros (permeabilidade) e responsividade e abertura às ideias dos outros (mutualidade).

A formação da identidade é um processo multidimensional que abrange diferentes áreas, incluindo a escolha ocupacional, as relações interpessoais, os papéis sexuais, as ideias políticas e religiosas. Grotevant e Cooper orientam os seus trabalhos mais especificamente para a identidade ocupacional (1982) e para as relações de amizade e namoro (1987). Constatam a existência de padrões de interacção familiares distintos, associados com a identidade relacional do adolescente. As raparigas com níveis elevados de exploração ao nível das relações de amizade e namoro, exprimem um maior afastamento da interacção familiar; pelo contrário, nos rapazes, a exploração e a interacção familiar pressupõem a dimensão ligação; a relação pai-rapaz naquilo que implica de tolerância e encorajamento, é preditiva em relação aos comportamentos de exploração no namoro. Estas diferenças de sexo estão intimamente ligadas às expectativas sociais atribuídas ao rapaz e à rapariga relativamente às tarefas desenvolvimentais. Provavelmente, a necessidade de separação dos pais que a rapariga adolescente sente nos seus comportamentos de exploração, reflecte um esforço na tentativa de ultrapassar as restrições que lhe são impostas em domínios tais como as relações de amizade, tempos livres e desenvolvimento da carreira (Grotevant & Cooper, in press, in Cooper & Grotevant, 1987).

Tal como Hauser et al. afirmaram em 1986, (in Cooper & Grotevant, 1987), ao longo do processo de desenvolvimento do ego, a individuação sofre a influência da socialização ao nível dos papéis sexuais.

C A P I T U L O VI

OUTRAS PERSPECTIVAS

Abordaremos neste capítulo as contribuições de alguns autores que, sob o ângulo das perspectivas etológica e sociológica, se debruçaram sobre a questão da autonomia adolescente.

A investigação sobre a separação adolescente - progenitores, na área da etologia humana, embora incipiente, parece-nos promissora, porque, com a sua perspectiva pancultural e funcional, estaria em posição de elaborar uma descrição da adolescência humana normal.

O renovado interesse pela teoria da evolução tem-se concretizado em algumas áreas da psicologia e nomeadamente em estudos de campo de base etológica, em primatas não humanos. São exemplo disso o estudo do processo de dispersão - processo através do qual o animal sai do local onde nasceu para outro local - que tem sido objecto de recentes pesquisas na ciências naturais (Bekoff, 1977; Kleiman & Brady, 1978), bem como o estudo da adolescência nos chimpanzés (Goodall & Hamburg, 1975).

Weisfeld (1979), não se debruçando em particular sobre o processo de separação, mas adoptando uma perspectiva etológica sobre a adolescência humana, afirma a existência duma analogia entre esta e a de muitas outras espécies.

Na base de uma análise evolucionista, Weisfeld aponta como desenvolvimentos básicos da adolescência: a maturação reprodutiva e a aquisição da independência face aos pais.

O autor tenta demonstrar que as mudanças universais da adolescência são de base biológica e mais compreensíveis em termos de funções: "através da análise etológica começamos a perceber não só o que acontece na adolescência mas também porquê e como é que estas mudanças ocorrem" (op. cit., pág. 52).

Weisfeld & Berger (1983) apontam como estratégia de investigação básica, a identificação de comportamentos de base biológica ou evolutiva e a descoberta das suas funções evolutivas. Nessa linha, propõem-se uma primeira abordagem etológica das funções evolutivas dos seguintes aspectos da adolescência: surto de crescimento puberal, características sexuais secundárias, maior agressividade nos rapazes, fricção entre adolescentes e adultos, solidariedade entre grupos do mesmo sexo, interesse pelas crianças, especialmente nas raparigas.

Os autores apontam para a necessidade de estudos inter-culturais, hormonais e comparativos: "sem tal investigação, a natureza da adolescência humana permanecerá obscura" (op. cit., pág. 131). Criticam ainda as teorias da aprendizagem, cognitivas e psicanalíticas porque insuficientes para explicar todos os aspectos envolvidos no desenvolvimento e sugerem uma abordagem teórica geral, através da identificação das características universais da adolescência e o seu enquadramento num sistema explicativo de maior amplidão.

Neste âmbito, a obra de Michael Bloom (1980), Adolescent-Parental Separation, propondo um quadro de referência de base etológica, mas abarcando outras perspectivas, merece a nossa atenção.

O autor desenvolve nessa obra os seguintes tópicos: (1) a correlação estreita existente entre o processo de separação na adolescência e os processos de perda e luto descritos por outros autores (Freud, Bowlby, Parkes, Edelson), estabelecendo a diferença principal na

opção ou desejo de separação que se verifica na adolescência (2) a importância do desenvolvimento cognitivo fazendo depender a identificação adequada da aptidão cognitiva; (3) o processo de separação nos pais, enquanto perda duma parte da identidade parental e da orientação geradora (generative orientation), descrita por Erikson.

Sugere como quadro de referência global, a teoria cibernética dos comportamentos de vinculação (control theory of attachment behavior) de Bowlby (1969). Propõe uma nova avaliação do conceito de identificação e a elaboração dum "mapa etológico" que associe factos antes não associados: os processos de separação, identificação, desenvolvimento moral infantil e os objectivos de vida (life goals) e apresenta por fim, o síndrome borderline como a resposta patológica à separação e discute terapêuticas.

O autor descreve ainda, e essa é uma parte substancial da sua obra, o processo de separação adolescente - progenitores em estádios, segundo a sequência: controlo do impulso para permanecer ligado; realização cognitiva da separação; resposta afectiva à separação; identificação; atenuação da relação pais-filho e nova identidade e novas relações com os pais.

Identifica também as variáveis, que na sua perspectiva, afectam o processo: aptidão individual para a independência; influências cognitivas, incluindo a permanência do objecto e os modos de adaptação assimilação-acomodação; natureza da relação pais-filho; experiências de separação do passado, dos pais e do adolescente; influências culturais no processo de separação.

Bloom avança a hipótese do carácter inato do processo de separação e reavalia o conceito de identificação. Na sua perspectiva, e situando-se na linha de pensamento de Bowlby (1973), o mecanismo de identificação estaria ligado ao processo de separação, enquanto motivação primária

para a identificação, e não como na perspectiva de Freud à problemática edipiana, enquanto identificação ao agressor. Segundo a perspectiva de Bloom, os mecanismos de motivação interna[1] são dirigidos para desencorajar a separação. Se esta ocorre, os mecanismos, nos últimos estádios da separação, são dirigidos para tornar o indivíduo mais apto a sobreviver sem a relação perdida. Para o adolescente isto implicaria a capacidade de conseguir por si próprio, quer física, quer psicologicamente, o que era previamente providenciado pela pessoa que se perdeu, por outras palavras, a capacidade de se identificar aos pais. A identificação seria portanto, primariamente motivada, mais pelo processo de separação, do que pelo complexo de Édipo.

Daí que o autor sublinhe a importância, dada por todas as correntes de psicologia, ao processo de identificação: "A propensão dos adolescentes para internalizar as qualidades dos adultos à medida que se separam é uma característica comum encontrada, quer nas culturas de caçadores e agricultores quer nas culturas de chimpanzés. Este facto confere um suporte adicional ao carácter inato do processo. Torna-se também evidente que nas culturas que promovem o processo de identificação através do desenvolvimento da criança, encontra-se muito menos stress do que nas culturas que não o promovem. Na cultura americana contemporânea, por exemplo, os rapazes raramente veêm os pais em acção no trabalho. As normas culturais inibem de facto esta observação e certamente não existem rituais que promovam a identificação adolescente" (op. cit., p. 49).

---

1. Comportamentos dirigidos para a realização dum objectivo filogeneticamente determinado.

Sabemos que a abordagem etológica está na base de contribuições importantes para a psicologia do desenvolvimento, sobretudo na infância, de que a teoria da vinculação de Bowlby é uma demonstração notável. Neste sentido, pensamos que o constructo teórico desenvolvido por Bowlby (1969), aplicando princípios etológicos ao estudo do comportamento humano, pode revelar-se útil à investigação da separação adolescente - progenitores.

No âmbito da sociologia da família, encontramos um número restrito de referências a estudos sobre a adolescência. Segundo Grelley (1983), "o adolescente parece estar ausente para não dizer excluído da sociologia da família" (op. cit., p. 105) e os estudos que existem abordam o adolescente, não no interior da sua família, mas na maioria dos casos, em ruptura com ela ou já na posição, por sua vez, de jovem chefe de família.

Os estudos que revimos abordando o tema da "contracção" familiar, aquando da saída dum membro adolescente, descrevem esse período como não conflitual, em virtude do carácter gradual do acontecimento e da manutenção dos laços familiares, na forma de visitas e de ajudas mútuas (Blood, 1972).

Num estudo feito a famílias urbanas da classe média, já sem os filhos em casa, Deutscher (1968) verifica que as famílias na sua maioria sentem esse período como tão bom, ou melhor em alguns casos, do que o que antecedeu à partida dos filhos. A pesquisa do grau de satisfação conjugal em diferentes fases do ciclo de vida da família, indicou um maior grau de satisfação em famílias já sem os filhos em casa do que em famílias com filhos de mais de 18 anos ainda em casa (Blood & Wolfe, 1960).

Não podendo ser generalizados, estes dados parecem reforçar a ideia da separação como período natural do ciclo de vida, encorajado pela cultura e conduzindo, se não encontrar vicissitudes, a uma satisfação mútua, nos pais e no adolescente.

S E C Ç Ã O II

PERCEPÇOES ADOLESCENTES DAS ATITUDES PARENTAIS

As interacções no seio da família são factores reconhecidamente muito influentes no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente e existe hoje uma enorme evidência empírica dessa mesma influência. A orientação da investigação desenvolvimental nessa área, seguiu básicamente duas linhas: (a) o estudo da relação entre o comportamento da criança e o comportamento parental observados e (b) o estudo das percepções infantis e adolescentes das atitudes e comportamentos parentais.

Numa e noutra orientação, o investigador encontra dificuldades metodológicas e segundo Martin (1975), que as equacionou, todos os métodos têm dificuldades inerentes. O comportamento parental "real" é em si mesmo inacessível e obviamente todas as metodologias de observação (directa ou indirecta) introduzem bias nos dados recolhidos (Lytton, 1980).

Das estratégias de investigação válidas para o estudo do efeito das atitudes parentais no desenvolvimento da autonomia adolescente, nós optámos por estudar as percepções das atitudes parentais (PAP), opção que fundamentaremos a seguir.

1. Porquê Estudar as Percepções

O estudo das Percepções das Atitudes Parentais (PAP) tem recebido por parte dos investigadores interessados na problemática da relação pais-filhos um lugar proeminente, desde os finais do século passado. Segundo recolha efectuada por Stodgill, e citada na revisão feita por um grande estudioso desta matéria, Earl S. Schaefer (1965), existia já em 1937 grande volume de estudos sobre as PAP, produzidos sobretudo entre 1894 e 1936, tendo dado origem a uma numerosa lista de métodos (tipo inventários) utilizados na medida das percepções. Com efeito, cedo os investigadores se deram conta da importância deste constructo, pela sua validade e utilidade quer teórica quer prática, revelando ser um excelente indicador para o estudo das relações pais-filhos e suas implicações na psicologia do desenvolvimento, psicopatologia, ajustamento social e outras.

Porque recorremos no nosso trabalho à percepção (necessáriamente subjectiva) que os filhos têm do comportamento dos pais, para o estudo da sua influência na autonomia?

Porque, para além das numerosas dificuldades metodológicas que coloca a observação directa dos comportamentos, segundo as conclusões de numerosos autores, a que faremos referência, as PAP podem ser mais importantes para os adolescentes do que o comportamento dos pais em si.

Num trabalho publicado sobre a relação entre as PAP e a estrutura do ego em pré-adolescentes, Ausubel et al. (1954) afirmam que "embora o comportamento dos pais seja um acontecimento objectivo do mundo real, afecta o desenvolvimento do ego da criança apenas na extensão e na forma em que é percebido por ela" (op. cit., p. 173).

A isto Ausubel et al. (1954) acrescentam uma razão metodológica. E que, "parece razoável supor que as percepções das crianças do comportamento e atitude dos pais podem ser medidas com mais validade do que

estes fenómenos em si" (op. cit., p. 173).

Assim, de acordo com este autor e também Schaefer (1965), o modo como as crianças e os adolescentes percebem o comportamento dos seus pais é mais importante para o desenvolvimento da sua personalidade do que o conteúdo do estímulo a que se refere, isto é, o comportamento dos pais propriamente dito. Argumenta ainda, de modo convincente, que os aspectos críticos nas técnicas usadas na medida das práticas educativas, podem ser melhor indexadas através da interpretação adolescente do comportamento parental do que por outros meios.

Siegelman (1965), em artigo publicado nessa mesma data e referindo-se a numerosos trabalhos publicados entre 1954 e 1961 afirma que "a importância teórica da percepção que o filho tem dos seus pais para a compreensão do desenvolvimento da sua personalidade foi largamente reconhecida" (op. cit., p. 163).

Estas afirmações têm sido largamente confirmadas e alargadas a formulações mais globais sobre a psicologia do desenvolvimento humano. Assim e de acordo com Kagan et al. (1978, cit. in Lytton, 1980, p. 292) é mais importante para um desenvolvimento psicológico saudável a maneira como a criança se percebe amada e valorizada em qualquer momento particular da sua vida, do que o afecto real prodigalizado pelos pais. Naturalmente e ainda segundo os mesmos autores, a criança não falseia esses sentimentos e existirá uma alta correlação entre o sentimento de ser amado e o afecto parental dado.

Esta questão levanta o problema mais global da congruência ou discrepância entre as percepções dos filhos e dos pais. A leitura que fizemos dos trabalhos publicados nesta área, leva-nos a concluir que (1) as diferenças entre pais e filhos quanto às respectivas percepções reflectem mais diferenças na **intensidade** da atitude do que na sua **direcção** (Jaworoska, 1981; McHenry et al., 1981; Brook et al., 1980; Lerner & Knapp, 1975) e que (2) a congruência perceptiva entre pais e filhos é maior quando se refere aos aspectos negativos, quer na dimensão

do afecto quer do controlo (Brook et al., 1980).

A abordagem das práticas educativas através do estudo das PAP assume portanto que os comportamentos parentais são mediados pelo significado que o adolescente lhes confere (Schludermann & Schludermann, 1983; Litovsky & Dusek, 1985) e que, dum modo geral, existe congruência nas percepções dos filhos e dos pais.

Interessados no estudo das dimensões mais significativas do comportamento parental e no estudo do seu efeito sobre a autonomia adolescente, optámos, com base na fundamentação explanada, pelo estudo das percepções adolescentes, ou seja pelo estudo das atitudes parentais tais como elas são interpretadas pelo adolescente.

Algumas questões de natureza teórica e metodológica merecem no entanto a nossa atenção.

2. Algumas Questões Teóricas e Metodológicas

A existência de uma vasta literatura científica sobre as PAP já nessa data (Ausubel et al. 1954; Kagan, 1956, Hoffman et al. 1960, Glidewell, 1961, cit. in Siegelman, 1965) bem como de inventários para coligir as percepções (Anderson, 1940, Ausubel et al., 1954, Bronfenbrenner, 1961, Brown et al., 1947, Cooper & Bleir, 1959 Elias, 1952; Hayard, 1935, Itkin, 1952, MacKinnon, 1938, Morrow & Wilson, 1961, Myers, 1935, Stagner & Drought, 1935, Stott, 1941, Swanson, 1950 cit. in Schaefer, 1965), a inclusão de escalas sobre as PAP em inventários de personalidade (Bell, 1934, Berdie & Layton, 1957, Rogers, 1931, Thorpe et al., 1939, cit. in Schaffer, 1965) e o grande incremento que a investigação nesta área tem conhecido até à actualidade, constitui sem dúvida, uma prova do interesse e validade desse constructo para o estudo da infância e adolescência, quer na perspectiva individual quer na

perspectiva da relação familiar.

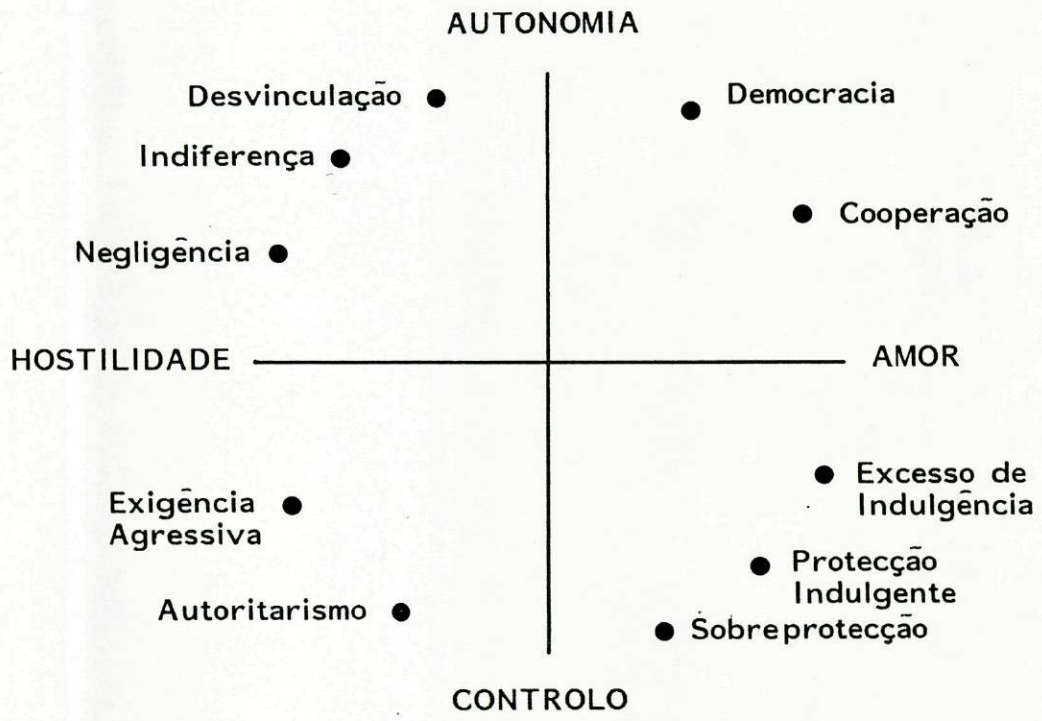
No entanto, o grande número de trabalhos produzidos até aos anos 60 não foi acompanhado por um desenvolvimento rigoroso do modelo teórico e dos instrumentos de medida. A proliferação de inventários, muitos deles usados unicamente uma vez pelo investigador que os criou e sem o aprofundamento construtivo dos estudos anteriores, acabou por ter um efeito negativo, atrasando o processo de apuramento conceptual destes instrumentos. Nas últimas duas décadas, começou então a registar-se um movimento de tentativa de apuramento das medidas usadas para avaliar as percepções que os filhos têm do comportamento parental.

Nessa linha de orientação, merece particular destaque o trabalho de sistematização e de elaboração dos conhecimentos prévios, feito por Schaefer (1959, 1961 cit. in Schaefer, 1965), cujo trabalho se constitui ainda hoje como uma referência básica.

Tendo por base a informação prévia,uma metodologia de recolha de dados provenientes da observação directa da interacção pais-filhos e os resultados das Análises Factoriais dos dados recolhidos, Schaefer concebe um modelo circumplexo do comportamento parental.

Segundo Becker (1964), especialista nesta matéria, o modelo de Schaefer foi desenvolvido para "sumarizar um conjunto de estudos que sugerem que a maior parte dos conceitos desenvolvidos nas duas décadas passadas para descrever os tipos de pais, podem ser reduzidos a uma combinação de dois conceitos dimensionais essenciais" (op. cit., p. 173).

Este modelo organiza os estilos educativos em função da sua posição em torno de duas dimensões ortogonais, que Schaefer designou por **autonomia vs. controlo e amor vs. hostilidade**, ilustrado na figura seguinte:



Este modelo bi-dimensional merece um grande consenso por parte dos especialistas da área.

Com efeito, os trabalhos realizados pelo próprio Schaefer e por outros autores a partir de diferentes dados e utilizando diferentes metodologias de tratamento dos dados (análises factoriais, análise de clusters, análise conceptual das variáveis usadas na investigação) encontram resultados idênticos (Schaefer, 1959, 1961, Zuckerman et al. 1958, Roe, 1957, Slater, 1962, cit. in Schaefer, 1965).

Grande parte da variabilidade dos comportamentos parentais é explicada por estes quatro factores, embora a terminologia usada para os

designar e os índices comportamentais que os traduzem, possam diferir ligeiramente de autor para autor.

Alguns autores propuseram a introdução de alterações ao modelo de Schaeffer. E o caso por exemplo de Becker (1964) que propõe a substituição da dimensão Autonomia vs. Controlo por duas dimensões: Restrição vs. Permissividade (restrictiveness vs. permissiveness) e Envolvimento Ansioso vs. Distanciação Calma (anxious-emotional involvement vs. calm-detachment) ou de Baumrind que propõe duas dimensões ortogonais: "respondingness vs. demandingness", mas o seu modelo remete para quatro grandes estilos educativos que não diferem muito dos contemplados pelo modelo de Schaefer (a que já fizemos referência no Cap. III, I PARTE).

O modelo circumplexo de Schaefer permanece no entanto o mais consensual e o Inventário que construiu na base do seu modelo, para medir as Percepções das Atitudes Parentais - o CRPBI (Children's Report of Parent Behavior Inventory) - permanece um dos instrumentos mais utilizados pelos investigadores.

Mais precisamente, podemos dizer que actualmente, os instrumentos mais utilizados pelos investigadores interessados em medir as PAP são o "Parent Behavior Inventory" (Schaefer, 1965) o "Parent-Child Interaction Rating Scale" (Heilbrun, 1964) e o "Cornell Parent Behavior Description" (Bronfenbrenner, 1961 in Devereux et al., 1969).

Estes instrumentos, utilizados em múltiplas pesquisas com diferentes finalidades, foram recentemente avaliados por Ellis et al. (1976), que procederam a um estudo conjunto destes três instrumentos no sentido de verificar a sua validade, fidelidade, consistência interna das escalas e a medida das inter-relações existentes entre os três instrumentos.

Os autores concluiram não só pela validade destes instrumentos, dadas as altas correlações encontradas, como ainda pelas vantagens oferecidas pelo inventário de Schaefer.

A metodologia que Schaefer utilizou para a construção do CRPBI encontra-se descrita no Cap. III, II PARTE, uma vez que utilizamos uma versão encurtada deste instrumento, na nossa própria investigação. Nesse capítulo, podemos encontrar os 26 conceitos definidores das dimensões, a partir dos quais foram construídos os ítens que compõem o CRPBI.

Dum modo geral podemos verificar que a dimensão **Amor vs. Hostilidade** remete para a qualidade afectiva da relação com os pais e tem subjacente conceitos que vão da aceitação, protecção, calor afectivo, à frieza emocional, rejeição total ou parcial.

Já a dimensão **Autonomia vs. Controlo** remete para as práticas educativas e tem subjacente conceitos de autoritarismo, indução, punição. Conceitos complexos, de operacionalização difícil e nem sempre unívoca.

Numa e noutra dimensão a variação da intensidade da Atitude Parental tem implicações diferentes sobre o desenvolvimento da criança ou do adolescente. Na dimensão do Afecto, uma intensidade excessiva pode, por exemplo, não permitir o desenvolvimento duma identidade separada, necessária ao desenvolvimento das capacidades do filho (Mahler, 1968; Baumrind, 1968). Na dimensão do Controlo terá por certo grande impacto a forma como as regras ou as normas são prodigalizadas: impostas, negociadas, dando (ou não dando) explicações sobre o seu fundamento.

E de admitir ainda que as atitudes parentais sofram modificações consoante o nível de desenvolvimento dos filhos, do seu sexo, das características de personalidade, da classe social, entre outros factores.

Todos estes factores contribuem para complexificar a relação pais-filhos pelo que, qualquer modelo ou qualquer tipologia, é sempre redutor face à enorme variabilidade e complexidade das atitudes parentais. O isolamento das suas dimensões principais e o estudo do seu efeito sobre o desenvolvimento tem no entanto contribuído enormemente para o esclarecimento e aprofundamento da problemática das relações pais-

filhos, objecto de estudo onde a nossa própria investigação se insere e para o qual pretende trazer contributos, no que diz respeito ao aspecto específico do desenvolvimento da autonomia no adolescente.

Vasta é no entanto a investigação empírica que se tem debruçado sobre o estudo das PAP na dinâmica relacional pais-adolescentes.

A fim de fundamentarmos o que acabamos de referir passaremos em revista apenas alguns trabalhos que ilustram a diversidade de campos de investigação tendo por base as PAP. Resolvemos no entanto inserir esta parte do nosso trabalho em Apêndice, já que não diz directamente respeito ao nosso objecto de estudo: a autonomia.

APÊNDICE

PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS E OUTROS ASPECTOS DA RELAÇÃO PAIS-FILHOS.

Uma das questões que tem interessado os investigadores é a da variabilidade das PAP em função da cultura.

Ferreira & Thomas (1984), por exemplo, quiseram comparar a natureza do comportamento de apoio e de controlo dos pais em dois contextos culturais diferentes. Para isso, administraram um questionário de 85 ítens a 194 jovens americanos de 15-19 anos e 199 brasileiros da mesma idade. Os resultados obtidos produziram uma estrutura factorial semelhante em oito dimensões do comportamento parental: coerção, apoio, autonomia, companheirismo, indução, retirada do afecto, afecto fisico e tentativas inconsistentes de controlo. Os rapazes adolescentes apontam mais coerção e companheirismo nos pais do que nas mães. Os adolescentes de classe média percebem menos apoio afectivo e mais controlo inconsistente e encorajamento à autonomia por parte dos pais do que das mães.

No que toca aos efeitos resultantes dos diferentes contextos culturais, os pais brasileiros, em comparação com os americanos, são vistos como mais indutivos, menos coerçivos e dando mais autonomia. O pai brasileiro é visto como mais consistente nas suas tentativas de controlo e menos companheiro do que o pai americano. O pai americano é percebido como relativamente baixo na expressão de afecto fisico pelo filho, em comparação com a filha e em relação ao pai brasileiro, tanto face aos filhos como a filhas.

Noutro estudo, que também teve em atenção o contexto cultural, compararam-se as percepções dos adolescentes com os papéis parentais na Austrália, Inglaterra, Estados Unidos da América e Suécia (Goldman & Goldman, 1983). Trabalhando com sujeitos entre 5 e 15 anos, os autores pretenderam saber como é que estes percebiam as diferenças entre pais e mães e os papéis de ambos. Detectaram cinco categorias entre pai e mãe todas positivamente correlacionadas com a idade nos quatro países.

Interessante registar que os resultados obtidos em qualquer um dos quatro países traduziram o já tradicional enviezamento sexual. A mãe era vista por todos os sujeitos como mais preocupadas com os deveres domésticos e cuidar dos filhos e tendo ocupações de baixo estatuto. O pai era antes visto como dando-se bem em casa numa situação de lazer, ocupando funções de estatuto elevado e desempenhando papéis de autoridade e de liderança na família.

Rohner & Pettengill (1985), por seu lado, analisaram a relação entre a percepção da aceitação-rejeição e o controlo parental em adolescentes coreanos. Os resultados obtidos com adolescentes de Seul entre os 15 e os 18 anos são particularmente interessantes pelas diferenças registadas com jovens provenientes de contextos ocidentais. Os resultados obtidos indicaram que as raparigas percebem a figura paterna como

permitindo ligeiramente menos autonomia que os rapazes. Em todos os outros aspectos não se registaram quaisquer diferenças.

Resultado importante é que, à medida que a percepção de controlo parental aumenta, também aumenta a percepção de amor parental, o que é verdade tanto para as mães como para os pais. Isto é rigorosamente o contrário do que se regista em sociedades ocidentais onde, à medida que aumenta a percepção de controlo parental, as crianças percebem maior hostilidade parental ou mesmo rejeição. Segundo Rohner & Pettengill, na obra citada, o facto de se passar o contrário na Coreia tem a ver com a valorização que nesta sociedade é feita da família, da obediência à sua autoridade.

Ainda na mesma linha, os resultados de Rohner & Pettengill indicam que, na Coreia, pais percebidos como mais severos são também percebidos como menos negligentes e indeferentes que os pais mais permissivos. Já nas mães, um controlo muito severo é também visto como ligeiramente agressivo, hostil e rejeitante.

A questão do controlo parental foi também estudada por Kelly & Goodwin (1983), que investigaram a relação entre a forma percebida do controlo parental e a aceitação/rejeição por parte dos adolescentes e três formas do referido controlo:

- autocrático: pais que raramente deixam os adolescentes expressarem os seus pontos de vista sobre assuntos que têm a ver com o seu próprio comportamento;
- democrático: adolescentes encorajados a participar na discussão de assuntos relevantes para o seu comportamento, embora a decisão tomada seja claramente aprovada pelos pais;
- permissivo: os adolescentes têm mais influência na tomada de decisões que têm a ver com eles ou com os pais.

As respostas ao questionário indicam que 83% dos sujeitos percebiam os seus pais como democráticos, 11% como autocráticos e 6% como permissivos. Como os autores previam, os sujeitos educados em lares democráticos tendem a reagir mais positivamente ao poder parental que os restantes. Mesmo nos sujeitos em lares democráticos, foi detectada uma revolta encoberta contra o poder parental, que se manifestou na afirmação do direito de escolher os próprios amigos e encontros.

As percepções também nos podem dizer alguma coisa sobre a estrutura do ego da criança, em particular sobre os níveis de aspiração e tolerância à frustração. Segundo Ausubel et al. (1954), as raparigas percebem-se como mais aceites e intrinsecamente mais valorizadas pelos pais o que, em sua opinião, tem a ver com o facto de as raparigas conseguirem o seu estatuto na base de relações de dependência pessoal com outros, que as aceitam e valorizam, independentemente das suas competências (o que não acontece com os rapazes).

Ausubel põe a hipótese de as auto-percepções de rejeição e a valorização extrínseca (em contraste com as de aceitação e valorização intrínseca) estarem relacionadas com um auto-conceito concebido de forma

mais omnipotente, níveis mais altos de aspiração do ego e tolerância à frustração, maior independência ideativa dos pais e níveis menos avançados de maturidade da personalidade. No entanto, a hipótese apenas foi confirmada para os sujeitos que se percebiam extrinsecamente valorizados pelos pais mas não para os que se percebiam rejeitados.

Refira-se que também o facto dos adolescentes viverem em famílias intactas ou separadas influencia as suas percepções. De facto, Parish & Wigle (1985) registam que os sujeitos de famílias intactas tendem a avaliar-se a si próprios e aos pais mais positivamente do que os sujeitos de famílias divorciadas. Por seu lado, Ambert & Saucier (1983) registam que os adolescentes percebem os pais separados ou divorciados mais negativamente que os pais viúvos ou ainda casados. Quanto às mães, ainda segundo estes autores, as percepções diferem pouco em função do estatuto marital: percepção menos favorável das mães viúvas, seguidas das mães separadas e mais favorável das que vivem em famílias intactas.

A percepção do comportamento parental é um bom indicador do ajustamento das crianças e dos adolescentes: do rendimentos escolar, dos distúrbios psiquiátricos e sociais.

Segundo Schaefer (1965), que refere uma vasta revisão da literatura até então publicada, o modo como as crianças relatam o comportamento parental está significativamente relacionado com outros elementos da relação pais-filhos.

Segundo um estudo de Hower & Edwards (1979), as transacções parentais mais permissivas, com aceitação elevada e baixo controlo, parecem mais correlacionadas com o desenvolvimento do carácter moral. No entanto, os dois autores notam que o controlo pode ser um facilitador do carácter moral nas crianças pequenas, tornando-se contraproducente nos adolescentes mais velhos.

Wolk & Brandon (1977) trabalharam com adolescentes com comportamentos de fuga e verificaram que esses adolescentes, comparativamente a outros que nunca fugiram de casa, vêem os seus pais como menos apoiantes e mais punitivos. Curiosamente, porém, não há diferenças entre os que fogem e os que não fogem quanto à percepção de controlo por parte dos pais. As raparigas com fugas detectam o máximo controlo por parte de ambos os pais. A diferença entre rapazes e raparigas sem fugas não foi significativa. Os rapazes com fuga percebem menos controlo por parte de ambos os pais do que qualquer dos outros grupos.

Os resultados obtidos pelos autores vão no sentido de outros trabalhos, que afirmam que os adolescentes com problemas comportamentais tendem a ter pais extremamente rejeitantes, punitivos e negligentes.

Também Schaefer (1965) utilizou o seu questionário em dois grupos de adolescentes: delinquentes e não delinquentes. De acordo com os resultados obtidos, submetidos a uma Análise Factorial, o grupo dos delinquentes descreve, tanto a mãe como o pai, como tendo valores muito altos em autonomia extrema e falta de disciplina. O mesmo grupo descreve a mãe como sendo significativamente mais positiva e dando mais afecto e

o pai como menos positivo e dando menos afecto que o grupo dos adolescentes normais. O grupo dos não-delinquentes dá do pai e da mãe uma pontuação mais alta que o grupo de delinquentes quanto às medidas relacionadas com o controlo parental, excepto no controlo através da culpa, onde acontece o contrário.

Ainda segundo Schaefer (1965), os sujeitos delinquentes descrevem de forma muito diferente os modelos de comportamento da mãe e do pai, o que também acontece no grupo dos jovens normais mas com diferenças menos vincadas.

Para verificar as diferenças de tratamento entre pais e mães em ambos os grupos, Schaefer recorreu a correlações tetracóricas que forneceram pistas interessantes. Assim, o grupo normal percebe um comportamento muito similar entre o pai e a mãe. No grupo delinquente, as correlações são ainda positivas mas mais baixas, o que indica que os pais destes jovens podem ter uma política menos unificada e coordenada no seu comportamento para com os filhos ou que enfatizam as suas diferenças nas práticas educativas.

Trabalhando com raparigas de 19-20 anos, estudantes, Heilbrun (1960) considerou dois grupos: ajustadas e não ajustadas. A comparação dos dois grupos mostrou uma tendência para uma maior percepção do controlo maternal nas raparigas menos ajustadas, que também percebem as suas mães como mais hostis e rejeitantes.

Pelo que acabamos de ver, apesar da percepção do controlo parental ser um elemento diferenciador entre adolescentes de populações normais e outros com problemas de ajustamento, não ficou esclarecida a direcção em que influencia o comportamento dos adolescentes. Ou seja, não é possível dizer que mais controlo provoca mais desajustamento nem o contrário, porque o factor controlo não surge isolado, antes aparece a interagir com o sexo, a idade e outros factores de dinâmica familiar na determinação do ajustamento e, assim, actua em direcções diferentes consoante as situações.

Já é mais claro que os adolescentes com problemas comportamentais percebem as suas famílias como menos apoiantes e menos interessadas no bem estar de todos os membros (Fox et al., 1983).

As percepções do comportamento parental também servem para diferenciar os sujeitos normais dos que apresentam distúrbios psiquiátricos. E neste caso é bem mais nítido que uma percepção elevada de controlo parental está associada à presença de distúrbios.

Heilbrun (1960) comparou 26 jovens esquizofrénicas com 27 raparigas normais quanto à percepção do comportamento maternal, utilizando o Parent Attitude Research Instrument de Schaefer & Bell, tendo concluído que as mães das esquizofrénicas eram percebidas como mais controladoras que as do outro grupo. Aliás, segundo Hall (citado por Heilbrun, 1960), uma alta percepção de controlo maternal está associada a indicações esquizóides de aversão social.

S E C Ç Ã O III

PLANO DE INVESTIGAÇÃO. HIPOTESES

1. OBJECTO E OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Delineámos já, na Introdução Geral, as principais linhas de orientação do nosso plano de investigação. Enunciámos aí a problemática que nos interessa investigar e inserimos o nosso próprio projecto de trabalho no contexto actual da investigação na área. Procedemos em seguida à sua fundamentação através da análise crítica do corpus teórico e empírico que seleccionámos.

A par e passo fomos identificando as variáveis que mais impacto parecem ter sobre o processo de autonomização adolescente e identificando as questões que, do ponto de vista teórico merecem ser aprofundadas, bem como as questões deixadas em aberto pela investigação clínica e empírica prévia, sobre o tema da autonomia adolescente.

Explicitado que foi o objecto do nosso estudo: a autonomia comportamental na adolescência, relembramos os objectivos: compreender a variabilidade da autonomia comportamental nos adolescentes, através do estudo dos comportamentos nela implicados (os indicadores) e das suas relações com o sexo, a idade e as percepções das atitudes dos pais, nas

dimensões do afecto e das práticas educativas.

Estas são portanto as variáveis que seleccionámos a partir do trabalho de exploração da literatura que fizemos e que na nossa hipótese geral de trabalho, contêm potencialidades explicativas da variabilidade da autonomia comportamental adolescente: o sexo, a idade e as Percepções das Atitudes Parentais. Relativamente a estas últimas, irão ser estudadas as dimensões reconhecidas como mais representativas do parenting: o Amor, a Hostilidade, a Autonomia e o Controlo.

A abordagem do objecto de estudo far-se-à, numa primeira fase, através do estudo de alguns aspectos da autonomia comportamental que nos parecem poder alargar a sua compreensibilidade:

- o desejo de realizar comportamentos de autonomia
- a capacidade de realizar comportamentos de autonomia
- a desobediência aos pais, implicada na realização da autonomia comportamental.

Como vimos, os dois primeiros aspectos ou dimensões da autonomia comportamental, embora contidos em algumas das conceptualizações que foram produzidas sobre a autonomia (Jersild, 1957; Murphey et al., 1963) não foram objecto, a nosso conhecimento, de abordagem empírica enquanto aspectos separados. Quanto à dimensão da desobediência, se bem que presente de forma implícita em algumas conceptualizações, não mereceu ainda, a nosso conhecimento suficiente investigação.

Para a compreensão desta última dimensão pareceu-nos ser de grande importância introduzir a problemática do envolvimento diferenciado das figuras materna e paterna, pelas razões que invocaremos posteriormente.

Um outro aspecto que resolvemos contemplar na nossa investigação diz respeito à emergência etária (idade de início) dos comportamentos de autonomia. Pensamos que o estudo desta variável nos permitirá um outro tipo de recorte e trazer evidência para uma área que, a nosso conhecimento, está por explorar.

Numa fase posterior da nossa investigação (ver Secção III, III

Parte) focaremos a nossa análise apenas num dos aspectos atrás referidos, a capacidade de realização da autonomia comportamental, que remete para a competência efectiva do adolescente para agir determinados comportamentos e estudaremos relativamente a essa dimensão, a sua relação com as variáveis seleccionadas: o sexo, a idade e as percepções das atitudes parentais.

Estas Últimas variáveis, pela importância que assumem no decurso do desenvolvimento adolescente, irão ser objecto dum estudo em separado onde, serão tratadas como Variáveis Independentes e relativamente às quais iremos formular hipóteses quanto sua variabilidade em função do sexo e da idade.

Estamos agora em condições de explicitar mais concretamente as hipóteses de trabalho que pretendemos testar e que organizam e respondem aos objectivos do nosso trabalho.

2. FORMULAÇÃO DAS HIPÓTESES

Partimos da **hipótese geral** que consiste em afirmar a existência duma correlação entre dois fenómenos: a autonomia comportamental adolescente e o tipo (em quantidade e qualidade) de relação pais-adolescentes, quer no plano da ligação afectiva quer no plano das práticas educativas e que essa correlação varia em função do sexo e também da idade do adolescente.

O trabalho de exploração da literatura, obedeceu já a escolhas, levou ao estabelecimento de analogias, ao reagrupamento de trabalhos, num processo cognitivo complexo, através do qual alargámos a hipótese geral a outras hipóteses dizendo respeito a cada um dos fenómenos que nos propusemos estudar.

A questão de partida: "Que relação existe entre a autonomia comportamental e as percepções das atitudes parentais?", o trabalho de

exploração e reflexão pessoal que se lhe seguiu, conduziu à elaboração progressiva das **hipóteses de investigação.**

As hipóteses avançadas são as seguintes:

1. Hipóteses relativas à Autonomia Comportamental

- Rapazes e raparigas diferem na forma como lidam com o processo de autonomia comportamental durante a adolescência e é de prever a existência de diferenças entre sexos em determinados comportamentos de autonomia.

- Quer o desejo de realizar comportamentos de autonomia, quer a capacidade efectiva de os realizar manifestam-se em cada vez maior número de adolescentes à medida que a idade avança e é de prever a existência de proporções cada vez maiores de adolescentes, quer rapazes quer raparigas, manifestando o desejo de exercer a autonomia comportamental e com capacidade de a realizar.

- A capacidade para realizar os comportamentos de autonomia envolve o desafio ao controlo parental e é de prever a existência de proporções cada vez maiores de adolescentes que não se submetem e desobedecem aos pais, à medida que a idade avança.

- E de prever ainda que os comportamentos de autonomia assumam importância diferente consoante a idade e o sexo do adolescente, pelo que se espera encontrar diferenças na idade de início dos comportamentos de autonomia.

- A realização da autonomia comportamental envolve necessariamente as figuras parentais, pelo que é de prever a existência de padrões diferentes de submissão e de desobediência às figuras materna e paterna, e diferentes ainda consoante o sexo e a idade do adolescente. Antecipamos um envolvimento mais frequente da figura materna, comparativamente à figura paterna.

2. Hipóteses relativas às Percepções das Atitudes Parentais

Prevemos que a aquisição progressiva da individualidade se faz dentro de um contexto relacional, num constante desafio, por parte do adolescente, à estrutura de autoridade parental e num constante balanceamento, à procura do equilíbrio, entre a luta pela individualidade e o desejo de permanecer ligado afectivamente aos pais.

Assim sendo:

- Na dimensão da percepção adolescente da autonomia recebida, prevemos a existência duma relação directa positiva entre a percepção de autonomia e a idade, pelo que é de esperar que os adolescentes mais velhos sejam também aqueles que têm um score médio mais elevado de percepção de autonomia.
  Relativamente ao efeito devido ao sexo prevemos uma percepção de maior autonomia nos rapazes do que nas raparigas.

- Na dimensão da percepção adolescente do controlo exercido pelos pais, prevemos também a existência de uma relação directa, mas negativa, entre percepção de controlo e a idade, pelo que é de esperar que os adolescentes mais novos sejam também aqueles que têm um score médio mais elevado de percepção de controlo. Relativamente ao sexo, prevemos uma

percepção de maior controlo nas raparigas do que nos rapazes.

- Na percepção adolescente do afecto parental, quer na dimensão do Amor quer na dimensão da Hostilidade não prevemos alterações substanciais do score médio ao longo da idade, não estando estas dimensões na nossa previsão, nem sob a influência directa da idade nem do sexo.

3. Hipóteses relativas à relação entre a Autonomia Comportamental, as Percepções das Atitudes Parentais, o Sexo e a Idade

A competência demonstrada pelo adolescente para levar a cabo o processo de autonomia ou seja, a capacidade do adolescente para realizar os comportamentos de autonomia está sob o efeito de numerosos factores (de ordem socio-cultural, familiar, psicológicos, fisiológicos e outros). Na nossa previsão, o sexo do adolescente, a sua idade e as suas percepções das atitudes dos pais, estas últimas, reflectindo a qualidade de relações pais-adolescentes, contribuem para a variabilidade da autonomia comportamental e o estudo da relação entre estas variáveis permitirá um aprofundamento da compreensão da problemática. Assim sendo:

- Antecipamos que cada uma destas variáveis tem poder preditivo sobre a maior ou menor capacidade de realização da autonomia comportamental.

- Antecipamos que o tipo de relação existente entre a capacidade de realização de autonomia comportamental e as percepções das atitudes parentais será diferente consoante a fase desenvolvimental do adolescente, sendo sobretudo de prever alterações no

eixo do afecto (Amor e Hostilidade).

- Antecipamos que a capacidade de realização da autonomia comportamental está relacionada com a qualidade e a intensidade das percepções adolescentes das atitudes parentais.
  Mais especificamente, prevemos que:
  a) A capacidade de realização de autonomia será tanto maior quanto maior for a percepção de autonomia e quanto menor for a percepção de controlo, tanto na fase inicial como na fase terminal da adolescência.
  b) A capacidade de realização de autonomia está associada de forma positiva à percepção de Amor e de forma negativa à percepção de Hostilidade. No entanto, prevemos que um score muito elevado na percepção de Amor poderá ter um efeito inibidor sob a autonomia comportamental, enquanto a percepção de Hostilidade andará sempre (seja qual for o valor da intensidade da percepção) associado a uma menor capacidade de levar a cabo a autonomia comportamental.

3. ESTRATEGIA DA INVESTIGAÇAO

Quatro tipos de estratégias podem ser seguidas na investigação sobre o desenvolvimento humano: as estratégias transversais, longitudinais, sequenciais e biográficas (Lutte, 1988).

Optámos na nossa investigação por um estudo transversal, o mais frequentemente usado pelos investigadores neste tipo de trabalho. Na estratégia transversal "examinam-se os adolescentes divididos por grupos

de idade e reconstrói-se o desenvolvimento a partir das médias de cada grupo" (op. cit., p. 58). Esta estratégia tem, relativamente às outras, a vantagem de ser mais económica, conseguir uma grande quantidade de informação num curto espaço de tempo e de permitir a formação de grupos homogénios.

A técnica de recolha dos dados seguida será o questionário. A amostra será representativa dum grande universo populacional de adolescentes, relativamente aos quais os resultados serão válidos.

S E G U N D A P A R T E

M E T O D O L O G I A

C A P I T U L O I

AMOSTRA

O trabalho de campo necessário ao cumprimento dos objectivos delineados no Plano de Investigação foi efectuado numa amostra de 994 sujeitos, de ambos os sexos, de idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos, estudantes do Ensino Oficial e frequentando as Escolas de Ensino Preparatório e Secundário do Concelho de Matosinhos.

Antes de passarmos à descrição das características da amostra convirá no entanto esclarecer a que critérios obedeceu a escolha da população a estudar e como foi constituída a amostra.

A escolha da população a inquirir obedeceu a alguns critérios que relevam simultaneamente do nível teórico, metodológico e prático da investigação, consentâneos com o quadro de hipóteses avançado.

Uma vez delimitada a população, passou-se à organização da amostra quer quanto à sua dimensão, quer quanto à sua composição.

1. A Escolha da População

Tendo em conta os objectivos e as hipóteses préviamente elaborados, os critérios seguidos na escolha da população, foram os seguintes:

- a investigação far-se-ía numa população não-clínica, estudantil,

de adolescentes inseridos no seu meio familiar e social.

- a faixa etária delimitou-se dos 12 aos 19 anos inclusivé.

As razões prendem-se com considerações teórico-metodológicas: porque nos parece ser este o período que melhor descreve a experiência adolescente, porque corresponde ao intervalo de idades que de um modo geral se tem apontado como correspondendo às médias de idade de início e final da adolescência (Ellis & Davis, 1982) e porque tem sido este o período etário escolhido por investigadores trabalhando com adolescentes estudantes, em áreas afins à nossa (Elder, 1963, Douvan & Adelson,1966, Greenberg et al. 1983; Arnold, 1985; Youniss & Smollar, 1985, entre outros), o que torna a confrontação com os resultados do corpus da investigação prévia à nossa, mais plausível e credível.

- No sentido de alargar ao máximo a representatividade da população a inquirir, optou-se por uma população apresentando características sócio-demográficas muito diversas, conjungando sectores urbanos, semi-urbanos e rurais. O Concelho de Matosinhos, situado na periferia do Porto, pareceu-nos o que melhor respondia a este objectivo: trata-se de um concelho onde a actividade económica se reparte pelos sectores primário (actividade agricola e piscatória), secundário (zona industrial extensa e diversificada) e terciária.

2. A Dimensão e Composição da Amostra da População

Uma vez delimitado o universo populacional, passou-se ao estudo da dimensão e composição da população a estudar, conducente à amostra definitiva.

O estudo realizado, bem como as tabelas de dados de que se partiu, para a constitiução da amostra encontram-se descritos, em pormenor, no Anexo II.

Antes de iniciar o trabalho de campo conducente quer à constituição da amostra quer à recolha de dados, foi feito um trabalho de

sensibilização junto aos orgãos directivos das Escolas no sentido de esclarecer os objectivos da investigação, tendo-se conseguido uma ampla adesão e colaboração ao projecto.

3. A Amostra

A amostra definitiva, na qual realizámos o nosso trabalho, foi extraída do conjunto da população adolescente estudantil do Concelho de Matosinhos, com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos, e é portanto uma amostra representativa dessa população.

Apresentamos aqui uma síntese das características gerais da amostra, encontrando-se a sua descrição detalhada em tabelas de frequência absolutas e relativas, por variável, no Anexo III.

A amostra é constituída por 994 sujeitos de idades compreendidas entre 12 e 19 anos (Quadro 1).

Quadro 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS POR IDADE

IDADE	n	%
12 anos	307	31
13 anos	242	24
14 anos	135	14
15 anos	109	11
16 anos	77	8
17 anos	64	6
18 anos	41	4
19 anos	19	2
TOTAL	994	100

Quanto à sua composição por sexos[1] , 51% (N=505) são do sexo masculino e 49% (N=488) do sexo feminino, e esta representação de rapazes e raparigas é sensivelmente a mesma em todas as idades consideradas, conforme se pode verificar pelo quadro seguinte (Quadro 2).

Quadro 2 - DISTRIBUIÇAO DOS SUJEITOS EM FUNÇAO DO SEXO E DA IDADE

	Sexo Masculino		Sexo Feminino	
IDADE	n	%	n	%
12 anos	163	32.3	144	29.5
13 anos	128	25.5	113	23.2
14 anos	67	13.3	68	13.9
15 anos	54	10.7	55	11.3
16 anos	37	7.3	40	8.2
17 anos	28	5.5	36	7.4
18 anos	21	4.2	20	4.1
19 anos	7	1.4	12	2.5
TOTAL	505	51.0	488	49.0

---

1. Um dos sujeitos não indica o sexo. A sua inclusão na amostra advém do facto de que este sujeito responde a todos os outros ítens do Questionário pelo que se justifica a sua inclusão. O mesmo critério foi seguido relativamente a todos os outros sujeitos que apresentavam "não-respostas" em outros ítens. Apenas se excluíram da amostra os sujeitos cujo nÚmero de "não-respostas" era muito elevado, o que aliás se verificou em apenas 5 casos.

A média de idades é de 13.8 anos e o Intervalo de Confiança a 95% é de [13.739, 13.975].

Os sujeitos frequentam as oito escolas oficiais do Concelho de Matosinhos, sendo quatro do nível Preparatório: S. Mamede, Leça da Palmeira, Matosinhos e Senhora da Hora; e quatro do nível Secundário: Nº 2 de Matosinhos, Secundária de Leça da Palmeira, Padrão da Légua e Nº 1 de Matosinhos. Os sujeitos distribuem-se por oito anos de escolaridade, do 5º ano ao 12º ano, de acordo com a distribuição representada no Quadro 3.

Quadro 3 - DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS EM FUNÇÃO DO ANO DE ESCOLARIDADE FREQUENTADO

ANO DE ESCOLARIDADE	n	%
5º ano	156	16
6º ano	278	28
7º ano	169	17
8º ano	105	11
9º ano	130	13
10º ano	33	3
11º ano	120	12
12º ano	2	0
TOTAL	993	100

A quase totalidade (98%) dos adolescentes residem com os seus pais naturais (ou com pelo menos um deles), os seus pais são na sua grande maioria (96%) casados ou vivendo juntos e em apenas 4% dos casos o adolescente perdeu um dos pais.

A análise dos dados foi conduzida sem ter em linha de conta o estatuto parental, dado o número extremamente baixo de famílias não-intactas e porque nesses casos foi pedido aos participantes que respondessem relativamente à pessoa (ou pessoas) que consideram ser os substitutos do progenitor perdido.

Quase todos (88%) têm irmãos, e 83% vivem com pelo menos um irmão. Apenas 12% são filhos únicos, 33% são o filho mais novo, 19% um dos filhos do meio e 36% são o filho mais velho.

Quanto ao perfil escolar, quase metade (43%) nunca teve uma reprovação (desde o nível básico) e 12% sofreram 3 ou mais reprovações. E uma amostra de adolescentes que no seu conjunto, se auto-avalia do ponto de vista do seu aproveitamento escolar, como sendo alunos razoáveis (71%) e bons (24%).

As famílias dos sujeitos têm as seguintes características sócio-económicas: O Pai encontra-se empregado em 94% dos casos, tem um estatuto sócio-profissional, que o situa num escalão médio e médio-baixo, em 72% dos casos e é trabalhador por conta de outrém em 68% dos casos; a Mãe é doméstica em 44% dos casos e em 50% está empregada, tendo em 34% dos casos um estatuto sócio-profissional médio e médio-baixo e em 56% dos casos o seu trabalho é por conta de outrém.

Quanto ao nível de instrução escolar dos Pais: o Pai tem, em 63% dos casos, o nível da 4ª classe e em 11% dos casos o nível superior universitário e a Mãe tem, em 70% dos casos, o nível da 4ª classe e em 6% dos casos o nível superior universitário.

Trata-se portanto de uma amostra representando um largo espectro sócio-económico indo a ocupação dos Pais dum nível não-diferenciado até um nível altamente diferenciado, o mesmo se passando relativamente ao grau de instrução que abrange desde os níveis menos qualificados (analfabetismo) até aos níveis mais elevados (curso superior universitário).

Comparando as características da nossa amostra com as

características de alguns dados nacionais de que temos conhecimento, a nossa amostra não se afasta muito. Com efeito, a amostra nacional constituída pela equipa de investigadores do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), responsáveis pelo Inquérito à Juventude Portuguesa e relativo ao ano de 1983, num recorte de jovens (estudantes e não-estudantes) entre os 15 e os 24 anos, apresenta as seguintes características: segundo Ambrósio (1985), a maioria dos jovens (71%) vive com os seus Pais, a maioria (74%) dos Pais são empregados e 62% das Mães são domésticas (na nossa amostra há maior percentagem de Pais empregados e menor de Mães domésticas). Quanto ao estatuto sócio-económico, 64% dos pais na amostra IED incluem-se no estatuto médio e só 11% no superior-alto.

Tendo nós utilizado, na estratificação da nossa amostra, a mesma tabela classificativa que o IED (cf. Anexo III, em Apêndice) podemos constatar que na nossa amostra existiria portanto um peso maior de pais pertencendo ao estatuto médio (89% de Pais e 44% de Mães nos estatutos médio-alto à médio à médio-baixo) e um peso menor de Pais pertencendo ao estatuto baixo (no IED: 25% de Pais, na nossa amostra: 4% (Pais) e 9% (Mães).

C A P I T U L O II

PROCEDIMENTO

O procedimento seguido foi o da aplicação de um Questionário anónimo, auto-preenchido, na Amostra de adolescentes, atrás descrita. Os instrumentos de medida utilizados são instrumentos de auto-relato e portanto incorporáveis num questionário de auto-preenchimento. Antes da sua aplicação submetêmo-lo a uma situação de "pré-teste", afim de testar e corrigir a metodologia, os conteúdos, o tempo de duração.

O Pré-Questionário foi passado em turmas de adolescentes de 12 e 13 anos, de ambos os sexos, num estabelecimento oficial de ensino da zona oriental do Porto (bastante distante de Matosinhos portanto) em "setting" escolar, em grupos de 20 a 30 alunos, e em condições de não-comunicação entre si. Teve como objectivos, como dissemos, o aperfeiçoamento dos ítens, testar a clareza das instruções e verificar o tempo necessário para a sua aplicação.

A aplicação do Pré-Questionário foi feita livremente tendo sido pedido ao aluno que colocasse todas as perguntas que entendesse: o investigador intervinha então para responder e esclarecer as dúvidas suscitadas pela aplicação do Questionário, anotando simultâneamente todas as perguntas e dúvidas surgidas.

O Pré-Questionário permitiu corrigir aspectos relacionados com o procedimento, a formulação de alguns ítens e o tempo necessário à sua aplicação oscilou entre 50 a 60 minutos, tempo que viria a confirmar-se na aplicação posterior do Questionário.

O Questionário foi aplicado por uma equipa de inquiridores treinados para o efeito (constituída essencialmente por psicólogos) que se deslocaram às escolas, tendo sido a aplicação efectuada no mesmo dia, por Escola e em situações rigorosamente idênticas. A aplicação do Questionário decorreu em "setting" escolar, em grupos de 20 a 30 alunos em condições de não-comunicabilidade entre si, perante a presença de dois elementos da equipa. A resposta ao questionário decorreu sem dificuldades, durante um tempo que oscilou entre 50 a 60 minutos, e sem perturbação da vida escolar dos participantes.

O Questionário, apresentado no Anexo I (Questionário) é constituído por 3 partes. Uma parte contém um pequeno questionário sobre dados relativos ao sujeito e ao seu rendimento escolar e sobre dados demográficos da família (ítens a e ítens). As outras duas partes constituem os instrumentos utilizados para o estudo da Autonomia Comportamental das Percepções das Atitudes Parentais.

O instrumento utilizado para a recolha dos dados sobre a Autonomia Comportamental é um questionário concebido e construído por nós próprios, para esta investigação, segundo a metodologia que a seguir se descreve.

O instrumento utilizado para a recolha de dados sobre as Percepções das Atitudes Parentais é o Inventário de Percepções Adolescentes (Youth Perception Inventory) de Fred Streit (1978) que passamos também a apresentar.

C A P I T U L O III

INSTRUMENTOS E MODELO DE ANALISE

1. A MEDIDA DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL

INTRODUÇAO

A pesquisa bibliográfica por nós realizada e apresentada no Cap. II, I PARTE, sobre a operacionalização do conceito de autonomia e sobre os instrumentos de medida utilizados na investigação, levou-nos a concluir que as dificuldades metodológicas da sua abordagem empírica permanecem e que não existem instrumentos de medida bem estabelecidos.

A maior parte dos instrumentos, construídos pelos próprios autores e concebidos para os objectivos precisos da sua investigação, raramente são retomados e submetidos a estudos de avaliação das suas capacidades psicométricas.

Constatámos também a inexistência de instrumentos especialmente concebidos para a medida da autonomia comportamental.

Neste contexto, optámos pela construção do nosso próprio instrumento de exploração e medida da autonomia comportamental.

O **Questionário de Autonomia Comportamental** (Q.A.C.) foi concebido para avaliar a incidência das respostas dos adolescentes, num conjunto de comportamentos de autonomia, em várias dimensões da autonomia comportamental: o **desejo** de realizar, a **capacidade de a realizar** e a **desobediência aos pais** envolvida na realização dos comportamentos de autonomia.

Trata-se de um questionário de ítens, de escolha múltipla: o adolescente, posto perante várias alternativas de resposta, escolhe a que melhor se lhe aplica.

Optámos, não por derivar os ítens a partir dos modelos teóricos prévios, mas partir das próprias representações adolescentes sobre a autonomia comportamental. Este procedimento foi aliás utilizado, tal como vimos no Cap. II, por Kurtines (1978), Moore & Hotch (1981) e recentemente utilizada também por Moore (1987). Estes últimos, organizam - como vimos - toda a sua investigação sobre a saída de casa na adolescência tardia, a partir do que designam por conceptualizações adolescentes dos conceitos que querem investigar.

Passamos agora a descrever a metodologia seguida na construção do instrumento e à apresentação da sua forma final.

1. 1. ESTUDOS PRELIMINARES: A CONSTRUÇAO DO INSTRUMENTO

Amostra

Partimos duma amostra de 40 sujeitos de idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos, sendo 55% do sexo feminino e 45 % do sexo masculino. A amostra foi retirada, ao acaso, dum conjunto de alunos em níveis de ensino Secundário e Preparatório, após obtenção da sua concordância em participar na experiência.

Procedimento

Os investigadores deslocaram-se às escolas e as entrevistas foram realizadas em "setting" escolar tendo os alunos participado em condições de total anonimato.

Os 4 sub-grupos unissexuais formados (dos 12 aos 15 anos e dos 16 aos 19 anos) foram entrevistados em tempos diferentes embora sem terem tido contactos entre si. A cada sub-grupo unissexual, foi pedida a participação em duas tarefas: a participação num jogo colectivo e uma tarefa individual.

O jogo colectivo consistiu no seguinte: cada participante, por ordem da sua posição em redor de uma mesa, teria de dizer o que é na sua concepção actual, a autonomia.

O jogo tinha ainda as seguintes regras: cada participante não podia repetir uma "definição" já anteriormente dada por ele ou por outro participante e chegada a sua vez, se não lhe ocorresse nenhuma "definição" sairía do jogo. Ganharia assim aquele que se mantivesse mais tempo no jogo, ou seja, produzisse mais associações rápidas em redor do conceito de autonomia.

A tarefa individual consistiu em cada participante indicar, por escrito e sem ter contactos com os colegas, cinco comportamentos que na sua opinião definissem "o que é ser autónomo".

Após a realização das duas tarefas, os investigadores em conversa informal com o grupo pediram ainda que em conjunto o grupo seleccionasse os comportamentos que mais lhes pareciam ser sinais de autonomia, vividos enquanto marcos ou símbolos de "já não ser criança".

Resultados

O material recolhido foi então objecto de análise quantitativa e qualitativa criteriosa. Seleccionámos os comportamentos que mais vezes foram referidos pelos adolescentes e os referidos com mais ênfase, quer na entrevista colectiva, quer na individual e agruparam-se em categorias que melhor nos pareciam sintetizar as formulações das associações produzidas em torno do conceito de "autonomia comportamental".

Construímos então um conjunto de onze ítens que nos pareceu ser a síntese mais fiel e mais rica de todos os comportamentos enunciados.

A construção desses ítens é naturalmente já um produto secundário, onde a elaboração do autor perpassa. Ela reflecte contudo, no essencial, um conjunto de comportamentos que na representação adolescente são sinónimos de Autonomia Comportamental.

O índex final de 11 ítens, a que conduziu este estudo preliminar, é constituído pelos seguintes indicadores de Autonomia Comportamental :

1. **Decorar a parte de casa onde durmo como quiser**
2. **Usar a roupa e o penteado que gosto**
3. **Gastar o meu próprio dinheiro como quiser**
4. **Sair à noite**
5. **Sair sem dizer onde vou**
6. **Sair e entrar às horas que quero**
7. **Passar fins-de-semana fora de casa**
8. **Passar férias sem a companhia de familiares**
9. **Namorar**
10. **Resolver os meus próprios assuntos ou problemas sem a interferência dos Pais**
11. **Seguir as minhas próprias ideias (religiosas, políticas, áreas de estudo, etc.)**

1. 2. A MEDIDA DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL

Uma vez operacionalizado o conceito de Autonomia Comportamental através do índex de 11 ítens procedeu-se à construção definitiva da medida: o **Questionário de Autonomia Comportamental** (QAC),tendo em vista os objectivos que nos propusemos.

O estudo exploratório que pretendemos realizar sobre a Autonomia Comportamental abarca, como dissemos, vários objectivos. Pretendemos estudar não só a competência do adolescente, ou seja a sua "capacidade de realizar a autonomia" como também outros aspectos relacionados com os comportamentos de autonomia:

(a) o Desejo (versus Não Desejo) de os realizar

(b) a Desobediência (versus Submissão) necessária para os realizar e a conflitualidade na relação com os pais associada ou não à desobediência

(c) a Idade de Início em que na percepção adolescente, esses comportamentos começaram.

No estudo destas dimensões partimos da seguinte conceptualização:

- Entende-se por DESEJO DE AUTONOMIA toda a situação em que o adolescente manifesta o desejo de realizar determinado ítem do Q.A.C., traduzindo-se esse desejo num comportamento agido ou não.

- Entende-se por CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DE AUTONOMIA toda a situação em que o adolescente age determinado ítem do Q.A.C..

- Entende-se por DESOBEDIÊNCIA toda a situação em que o adolescente realiza os ítens do Q.A.C. mas de cuja acção resultam conflitos na relação com os Pais ou outros.

A fim de operacionalizarmos estes conceitos construímos onze categorias de resposta, de escolha única. Assim a cada um dos onze ítens constituintes do Questionário foi aposto o seguinte conjunto de onze categorias de resposta:

1. Não faço porque não desejo fazer actualmente
2. Não faço porque a minha Mãe não me deixa
3. Não faço porque o meu Pai não me deixa
4. Não faço porque a Mãe e o Pai não me deixam
5. Não faço porque os Irmãos / Irmãs não deixam
6. Não faço porque os Outros não deixam
7. Faço e não tenho problemas por causa disso
8. Faço e tenho problemas por causa disso com a Mãe
9. Faço e tenho problemas por causa disso com o Pai
10. Faço e tenho problemas por causa disso com a Mãe e o Pai
11. Faço e não tenho problemas por causa disso com Outros

Para o estudo da Idade de Início concebemos uma segunda parte onde o adolescente indica para cada ítem, a idade em que pensa ter começado a ter aquele comportamento.

O Questionário de Autonomia Comportamental (Q.A.C.) assim constituído e tal como foi concebido graficamente e passado na amostra, encontra-se em **Apêndice**, no final do Cap. II, II PARTE, e também inserido no Anexo I.

*

* *

Esta operacionalização do conceito de Autonomia Comportamental, se bem que original e de inspiração empírica mais do que teórica, está dum modo geral em consonância com a investigação prévia que, como vimos, tem produzido conceptualizações próximas da conceptualização adolescente posta em evidência no nosso trabalho.

Com efeito, o que verificamos é que a maior parte dos comportamentos referidos pela nossa amostra de adolescentes, se encontram em consonância com os comportamentos que têm sido identificados, quer como resultado de elaboração teórica quer de elaboração empírica, como comportamentos relacionados com a idade (age-related) e com significado específico na adolescência, embora alguns tenham sido tratados separadamente e não enquanto associados à questão da autonomia adolescente.

Não pretendemos afirmar que se tratam de ítens representativos do leque total de comportamentos reportariáveis. O estudo da incidência destes comportamentos na amostra da presente investigação, representativa dum grande universo populacinal, constituirá, no entanto, um indicador válido da importância destes comportamentos para os adolescentes.

Retomaremos e discutiremos estas questões com mais profundidade na III PARTE, Cap. I.

2. A MEDIDA DAS PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS

2.1. A Escolha do YOUTH PERCEPTION INVENTORY como Instrumento de Medida das Percepções das Atitudes Parentais

O instrumento de medida utilizada no nosso estudo para avaliar as percepções adolescentes das atitudes parentais foi o YOUTH PERCEPTION INVENTORY (YPI) de Fred Streit, uma versão revista do CHILDREN'S REPORT OF PARENT BEHAVIOR INVENTORY (CRPBI) de Earl S. Schaefer.

Dado não existir uma versão portuguesa do YPI (nem de qualquer outro instrumento de medida dos comportamentos parentais), validada para a nossa população, procedemos à sua validação através de um estudo de Análise Factorial. Esse estudo teve por objectivo reencontrar a estrutura factorial proposta por Schaefer (1965) e Streit (1978) e verificar a validade interna do instrumento (fiabilidade, homogeneidade dos ítens, etc.), e os resultados a que conduziu encontram-se descritos no Cap. I, SECÇÃO II da III PARTE.

Após esse estudo, procedeu-se à transformação das respostas aos ítens das sub-escalas isoladas pela factorização, em scores de percepções para cada sujeito.

A versão encurtada do CRPBI - o YPI - foi utilizada no nosso trabalho porque este instrumento, pelas características que revelou possuir em numerosos trabalhos de investigação, pareceu-nos ser o mais apropriado para a verificação das nossas hipóteses . Tivemos também em conta o facto de que, a sua aplicação anterior, numa população de adolescentes portugueses, conduziu a resultados consistentes (Alarcão, 1986) .

Com efeito, após consulta à literatura verificamos que na opinião de numerosos investigadores (Cooper, 1986, Roe & Siegelman, 1963, Siegelman, 1965, Williams 1958, Ellis et al. 1976, Musser & Fleck, 1983, Schludermann & Schludermann, 1983) o CRPBI apresenta várias vantagens sobre outros inventários destinados a medir o comportamento parental.

Segundo a revisão de Schludermann & Schludermann (1983), este instrumento dispõe de um mapa mais compreensivo e diferenciador dos comportamentos parentais do que outros, as suas propriedades metodológicas (fiabilidade, normas, etc.) estão bem estabelecidas, a estrutura factorial mostra-se altamente replicável, quer noutras amostras quer noutras culturas, e os factores são congruentes com as dimensões do comportamento parental que imergiram a partir de estudos trans-culturais realizados com outros métodos de investigação.

- Do CRPBI à Versão Revista do YPI

Fizemos já referência ao modelo de Schaefer sobre o comportamento parental, bem como aos resultados de outros estudos que o apoiaram (cf. SECÇÃO II, I PARTE).

Schaefer organizou a selecção dos seus conceitos de comportamento parental a partir das análises factoriais realizadas em dados recolhidos por psicólogos sobre o comportamento parental.

As análises factoriais revelaram duas dimensões ortogonais : AMOR vs. HOSTILIDADE e AUTONOMIA vs. CONTROLO e a partir destas duas dimensões mais molares e abstractas e das suas combinações, Schaefer construíu um conjunto de 26 conceitos descritivos do comportamento parental.

As relações hipotéticas entre os conceitos seleccionados e as dimensões das percepções do comportamento parental, tal como foram definidos por Schaefer, encontram-se descritos no Quadro 1.

Quadro 1.Relações Hipotéticas Entre os Conceitos e as Dimensões do CRPBI

Dimensões	Conceitos
Autonomia	Autonomia extrema, disciplina frouxa
Autonomia e Amor	Autonomia moderada, encorajamento da sociabilidade, encorajamento de um pensamento independente, tratamento igualitário
Amor	Avaliação positiva, partilha, expressão do afecto, suporte emocional
Amor e Controlo	Estímulo intelectual, atenção centrada no filho, possessividade, protecção
Controlo	Intromissão, supressão da agressão, controlo através da culpa, directividade parental
Controlo e Hostilidade	Controlo rígido, punição, censura permanente
Hostilidade	Irritabilidade, avaliação negativa, rejeição
Hostilidade e Autonomia	Negligência, abandono

Reproduzido do artigo: Schaefer, E. S. (1965). Children's Report of Parental Behavior: an Inventory.Child Development, 36, 413-424.

Um conjunto de 20 ítens foi então construído para cada um destes conceitos e submetidos à avaliação de três psicólogos segundo o critério: descrição clara do comportamento, relevância do ítem para o conceito, aplicabilidade do ítem quer ao pai, quer à mãe e alta predição ítem-variância.

A partir dos ítens que tinham tido mais elevada cotação na avaliação dos psicólogos, Schaefer desenvolveu uma escala de 10 ítens para cada um dos 26 conceitos.

O inventário final foi aplicado a grupos controlo e experimental, de crianças e adolescentes, e testado. O inventário revelou-se com alto poder discriminador entre grupos e com uma consistência interna elevada (r=.84 para a dimensão AMOR; r=.78 para a HOSTILIDADE; r=.69 para a AUTONOMIA e r=.66 para o CONTROLO ,valores calculados pela Kuder-Richardson Formula 20).

A conclusão tirada por Schaefer (1965) foi então: "A análise das diferenças entre grupos justifica a análise de componentes específicos do comportamento parental... e demonstra o poder discriminador destas escalas. Quer a fiabilidade quer a análise das diferenças entre grupos sugere que este inventário fornece um método sensível para investigar as percepções infantis e adolescentes do comportamento parental" (op. cit., p. 420).

A dimensão de amor vs. hostilidade, também referida por Schaefer pela designação de aceitação vs. rejeição, reflecte percepções de pais afectuosos, que valorizam e dão um suporte emocional vs. percepções de pais negligentes, rejeitantes e abandónicos. A dimensão da autonomia vs. controlo reflecte percepções de pais que permitem que o filho tenha um desenvolvimento diferenciado dos pais vs. percepções de pais usando de restrições e limites ao seu comportamento, que no seu extremo, impedirão um desenvolvimento autónomo do filho.

A partir do Inventário de Schaefer, Streit organizou uma versão encurtada e única (porque permite numa só aplicação recolher as percepções relativas ao pai e à mãe), de modo a tornar mais simples e menos morosa a sua utilização.

Após vários estudos em amostras distintas com o objectivo de testar a validade do poder discriminativo das escalas, Streit (1978) chegou a uma versão revista do CRPBI, composto por 104 ítens e numa versão única dirigida à percepção conjunta e diferenciada da figura parental. Na versão YPI, o sujeito pode responder se naquele ítem a percepção diz respeito a "ambos os Pais", "só ao Pai", ou "só à Mãe" ou ainda se ela não se aplica "nem ao Pai nem à Mãe". O autor demonstra que o uso da versão encurtada, face ao uso do inventário original mais longo, não resulta em perda de fiabilidade e de validade (Streit, 1978).

De facto, o YPI que inicialmente foi utilizado com o objectivo de discriminar entre adolescentes consumidores de substâncias psico-activas e não consumidores (Streit et al., 1974), foi posteriomente utilizado no estudo de outros problemas psicossociais (Streit, 1981) e o poder discriminador das suas escalas é indiscutível.

O YPI constitui-se actualmente como um importante instrumento na investigação das Percepções das Atitudes Parentais adolescentes, no diagnóstico das perturbações na relação pais-adolescentes, diagnóstico de populações em "alto risco" e avaliação de programas de prevenção, particularmente na área do uso/abuso de álcool e substâncias psico-activas.

2. 2. Descrição do YPI, Tradução e Aplicação na nossa Amostra

O YPI consta de 104 ítens, agrupados em oito escalas e a sua versão traduzida em português encontra-se descrita no Anexo IV.

As oito escalas do YPI compõem-se dos seguintes ítens (a descrição dos ítens encontra-se no Anexo IV):

Autonomia	Itens 1 a 8
Amor e Autonomia	Itens 9 a 24
Amor	Itens 25 a 40
Amor e Controlo	Itens 41 a 56
Controlo	Itens 57 a 72
Controlo e Hostilidade	Itens 73 a 84
Hostilidade	Itens 85 a 96
Hostilidade e Autonomia	Itens 97 a 104

O YPI é um questionário de fácil aplicação. E auto-preenchido pelo sujeito, a quem se pede que diga se o item descreve a forma como sente que os seus Pais (Ambos, só Mãe ou só Pai, ou Nenhum) o tratam na maior parte das vezes. Na ausência por falecimento, de um ou ambos os Pais, pede-se ao sujeito que responda relativamente à pessoa (ou pessoas) que o substitui.

- Validade e Fiabilidade do YPI

Os estudos de validade e fiabilidade do instrumento encontram-se descritos no "Technical Manual" que nos foi fornecido pelo autor (Streit, 1978).

A validade do instrumento foi comprovada através do método "predictive validity" (também conhecida pela designação de "criterium-related validity"): a partir dos valores averiguados deduzem-se prognósticos sobre o comportamento dos inquiridos.

Quanto à fiabilidade do inventário, ela foi calculada através do método de "split-half" e o coeficiente de fiabilidade encontrada foi de rSH=.9148.

APLICAÇÃO DO YPI NA NOSSA AMOSTRA

A versão em inglês do instrumento foi primeiramente traduzida em português por um tradutor bilingue e familiarizado com a natureza do trabalho. O instrumento foi depois retraduzido em inglês por um segundo tradutor bilingue. As duas versões, a inglesa original e a segunda versão em inglês foram depois comparadas e sucessivamente corrigidas até se chegar a uma versão em português o mais fiel possível da versão original. A versão final foi comparada com a versão portuguesa de Alarcão (1986) e ainda ligeiramente ajustada na sua construção sintática, após a sua aplicação no Pré-Teste.

A versão final, tal como foi aplicada na nossa amostra, encontra-se descrita no Anexo V.

Embora Streit e Alarcão tenham aplicado o YPI com os ítens agrupados nas respectivas escalas (cf. ANEXO IV), nós optámos, na nossa investigação, por uma aplicação do YPI com os ítens não agrupados (cf. ANEXO V), para evitar o efeito de halo, necessáriamente enviesador das respostas e portanto dos resultados. Na nossa versão, os primeiros oito ítens contêm um ítem de cada uma das oito escalas que compõem o YPI.

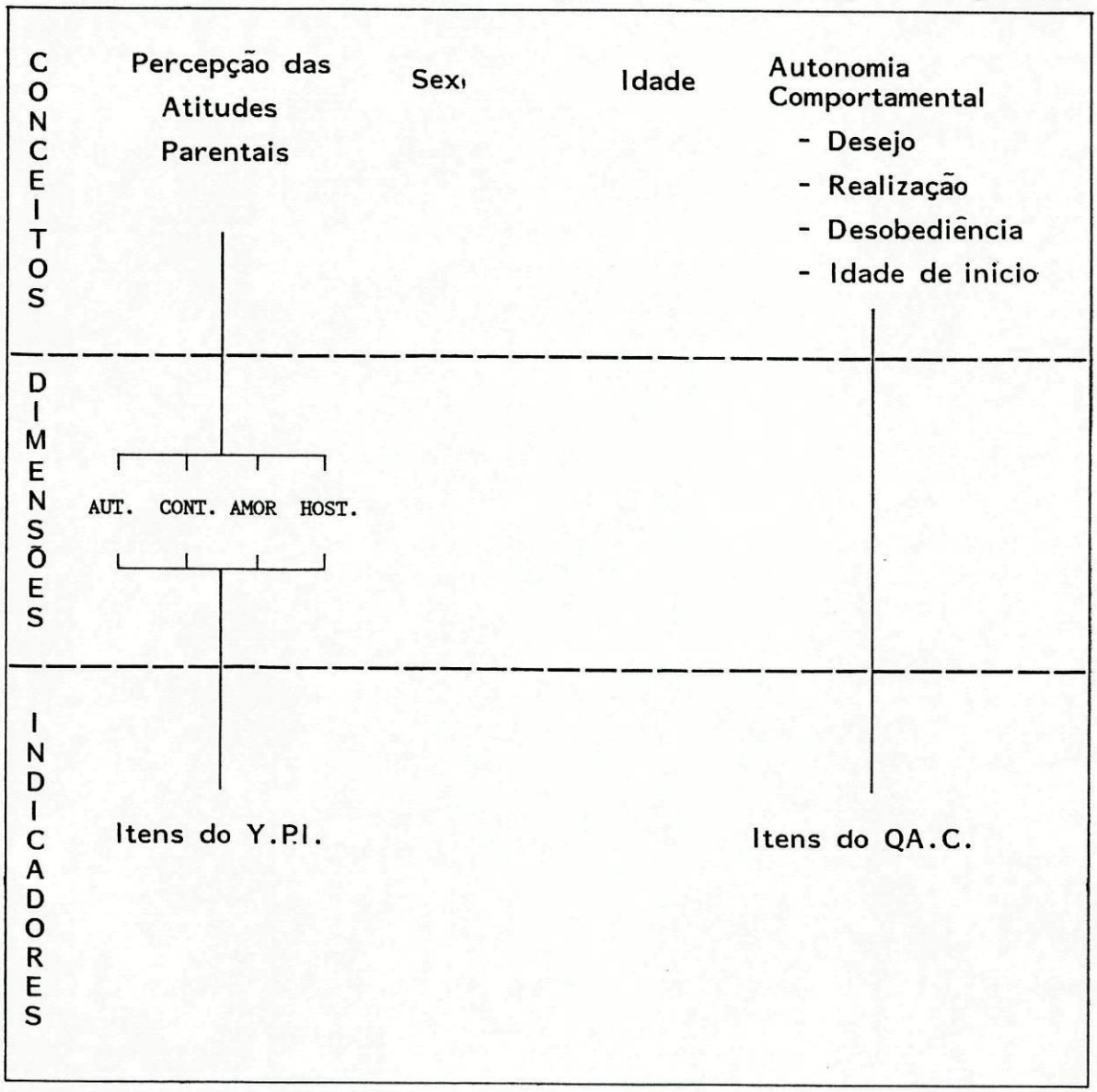
O YPI foi aplicado em "setting" escolar mas garantindo a privacidade do sujeito, de modo a evitar o efeito de contaminação entre os sujeitos e tal como foi dito no Cap. II, II PARTE, sob a orientação de entrevistadores treinados para o efeito.

Procedeu-se depois, tal como dissemos anteriormente, a Análises Factoriais a partir da matriz das respostas, no sentido de validar o instrumento, após o que se procedeu ao estudo dos ítens retidos pelas Análises efectuadas.

Os resultados desse estudo encontram-se descritos na III PARTE, SECÇÃO II, Cap.I.

3. MODELO DE ANALISE

Definimos os **conceitos** e suas **dimensões**, enunciámos os **indicadores** através dos quais os conceitos são operacionalizados e transformados em variáveis. O conjunto do sistema de **hipóteses** e dos conceitos, constitui o **modelo de análise** da nossa investigação, figurado no quadro seguinte:



Legenda: AUT. = Autonomia, CONT. = Controlo, HOST. = Hostilidade

T E R C E I R A P A R T E

R E S U L T A D O S

C O N C L U S Õ E S E D I S C U S S Ã O

INTRODUÇAO

Os dados dos vários estudos constitutivos deste trabalho foram tratados, como já referimos na **INTRODUÇAO GERAL**, em análises separadas, pelo que passaremos a apresentar os **resultados** a que conduziu cada estudo, as **conclusões** e a sua **discussão** dentro de cada capítulo.

Os resultados referem-se sempre aos sujeitos que efectivamente responderam aos ítens em estudo, pelo que o número total de sujeitos de que partimos para o tratamento estatístico dos dados é variável.

No tratamento estatístico dos dados, tivemos como referências básicas as obras de : Snedecor & Cochran (1980), Armitage (1980) e Ferguson (1981).

SECÇÃO I: A AUTONOMIA COMPORTAMENTAL

C A P I T U L O I

CONCEPTUALIZAÇOES ADOLESCENTES DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL

As conceptualizações (no sentido amplo do termo) adolescentes do que é **ter autonomia comportamental** ou **ser autónomo**, do ponto de vista **comportamental**, constituem os primeiros resultados do nosso trabalho.

Apresentámos anteriormente (cf. Cap. III, II PARTE) a metodologia adoptada para captar as representações adolescentes da autonomia comportamental. O estudo conduziu à identificação de onze categorias de respostas ou onze definições de autonomia comportamental, os ítens a partir dos quais operacionalizámos o conceito.

Relembramos que os ítens - os **indicadores** do fenómeno em estudo - bem como as abreviaturas que passaremos a utilizar para os designar, são os seguintes:

Nº	Itens	Abreviatura
1	- Decorar a parte da casa onde durmo como quiser.	Decorar
2	- Usar a roupa e o penteado que gosto.	Roupa
3	- Gastar o meu próprio dinheiro como quiser.	Dinheiro
4	- Sair à noite.	S.Noite
5	- Sair sem dizer onde vou.	S.Onde
6	- Sair e entrar às horas que quero.	S.Horas
7	- Passar fins-de-semana fora de casa (com amigos,por exemplo).	F.Semana
8	- Passar férias sem a companhia de familiares.	Férias
9	- Namorar.	Namorar
10	- Resolver os meus próprios assuntos ou problemas sem a interferência dos pais.	Resolver
11	- Seguir as minhas próprias ideias (religiosas, políticas, áreas de estudo).	Ideias

Trata-se, melhor dizendo, de **elementos conceptuais**, proposições factuais, mas não deixando por isso, de serem proposições teóricas.

Com efeito, parece-nos, a este propósito, importante transcrever o que dizem Ferreira de Almeida & Madureira Pinto (1986) (já que nós próprios não o saberíamos dizer): "o facto de as variáveis ou indicadores da pesquisa e proposições que os relacionem serem instrumentos eminentemente voltados para a observação sistemática e controlada da realidade não lhes retira o carácter de elementos conceptuais: mais especificados do que os conceitos retidos na teoria [...] nem por isso deixarão eles de ser instrumentos de categorização e inteligibilidade do real, isto é, conceitos e relações entre conceitos, no sentido amplo deste termo" (op. cit., p. 69).

Torna-se manifesto que os adolescentes concebem a autonomia como um conceito recobrindo um leque variado de comportamentos distintos.

A sua discussão, tendo por base a informação prévia, que recolhemos e analisámos na I PARTE, leva-nos a constatar com interesse, a convergência entre as conceptualizações adolescentes de autonomia comportamental e o tratamento que a questão tem merecido na literatura.

Verificamos com efeito que, grande parte dos nossos ítens, reflectem dimensões comportamentais estudadas também por outros autores e operacionalizadas através de ítens próximos dos nossos (nomeadamente: Murphey et al., 1963, Psathas, 1957, Poole et al., 1986, Smith, 1985, Coulbaut, 1981, Moore & Hotch, 1981, Hoffman, 1984, Moore, 1987, cujos trabalhos revimos nos capítulos II e III, I PARTE).

Apesar da infuência do factor cultural e socio-histórico, parece existir consonância na forma como os adolescentes concebem a sua autonomia, embora uma análise atenta dos ítens permita também identificar aspectos específicos. A valorização do penteado, da decoração da parte da casa onde o adolescente dorme, do namoro, enquanto sinais ou

atributos de autonomia são exemplo disso. Também a importância dada às saídas de casa, são aspectos que aparecem valorizados pelos nossos adolescentes.

Por outro lado verificamos também uma grande convergência entre as conceptualizações provindas dos autores de orientação psicanalítica e os nossos próprios resultados.

Muito claramente, e como vimos, a literatura de orientação psicodinâmica (incluindo Erikson e Bowlby) salienta a importância dos aspectos narcísicas envolvidos na separação, a importância da separação física e dos comportamentos exploratórios (actividades fora ou dentro de casa mas fora do controlo parental) em direcção aos pares ou outros figuras extra-familiares, a importância do estabelecimento de relações heterossexuais, integrando-os num conjunto coerente.

Na interpretação que deles fazemos, os nossos resultados reflectem as dimensões atrás referidas: os ítens 1 ("Decorar") e 2 ("Roupa") apontam mais explicitamente para a dimensão narcísica, (na nossa opinião, a dimensão narcísica está igualmente presente em todos os outros ítens), os ítens relativos às saídas (ítens 4, 5, 6, 7, 8) apontam para uma dimensão comportamental exploratória em actividades relacionais fora de casa e fora do controlo familiar, com ensaios de separação física mais (ítens 7 e 8) ou menos (ítens 4, 5, 6) prolongada, o ítem 9 ("Namorar") contém a dimensão da autonomia emocional, com a procura de ligações heterossexuais extra-familiares, os ítens 10 e 11 remetem claramente para uma dimensão mais cognitiva, reflectindo aquisições estruturais de suporte a todas as outras esferas de comportamento autónomo.

Alguns destes ítens, têm merecido tratamento mais aprofundado na literatura sobre a adolescência, nomeadamente o "Namoro", e "Roupa", este último tratado em rúbricas como: "atitudes face as vestuário", "aparência física", "imagem corporal". E, no entanto, de sublinhar que a literatura tem realçado mais o "uso de roupa"; ora, no nosso estudo, a

referência ao "penteado" ocupou um lugar identicamente importante, chamando a atenção para um aspecto que Rosembaum (1979, cit. in Lutte, 1988) diz representar simbolicamente o corpo, a sexualidade.

A relação entre esses comportamentos e a autonomia encontra algum eco na literatura.

Salgueiro (1987) vê, por exemplo, na importância do "vestuário", uma "segunda pele", uma luta pela posse do próprio corpo até aí considerado propriedade do objecto primário maternal, implicando também sempre uma relação com o outro, que se aprecia como objecto estético.

Place (1975) afirma, por seu lado, que "a experiência do namoro desempenha um papel major na passagem da adolescente para a adultícia: a "experiência do namoro torna-as capazes de se estabelecerem como indivíduos mais autónomos aos olhos dos pais e ajuda-as a estabelecer padrões de comportamento na relação com o sexo oposto" (op. cit.,p.157).

No entanto, apesar da importância que a literatura tem dado a estes comportamentos, verificamos que eles não foram tratados globalmente como fazendo parte dum mesmo constructo: a **autonomia comportamental.**

Pela nossa parte, pensamos que cada um dos comportamentos, embora englobadas num mesmo constructo, merecem ser distinguidos. Por isso, decidimos proceder ao seu estudo enquanto variáveis separadas, numa primeira fase do nosso trabalho, a fim de melhor captar a sua incidência nos adolescentes e a sua importância relativa, para os rapazes e para as raparigas e nas diferentes fases da sua evolução. Disporemos então duma cartografia mais fina que nos permitirá ler os caminhos e os contornos da passagem da infância para a adultícia, de que a **autonomia comportamental** é um dos muitos indicadores, e que os resultados dos capítulos seguintes consubstanciam.

C A P I T U L O II

COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA:
O DESEJO, A REALIZAÇÃO E A DESOBEDIÊNCIA.

INTRODUÇÃO

Como dissemos (I PARTE, SECÇÃO III), os conceitos de **desejo**, de **realização** e de **desobediência** encontram-se contidos, duma forma mais ou menos explícita, em algumas das conceptualizações produzidas sobre a autonomia.

O **desejo** e a **desobediência** não foram, contudo, tal como vimos através da análise à literatura, objecto de suficiente abordagem. O seu estudo tem, aliás, merecido a nossa atenção em trabalhos que realizámos previamente.

O **desejo** remete para aspectos de dinâmica interna mais próximos da pulsão, a **desobediência** para aspectos conflituais em torno da autoridade parental. A importância destes dois conceitos encontra-se amplamente desenvolvida e aprofundada nas teorias sobre o desenvolvimento infantil, bem como na mitologia, na literatura...

A importância deste último, na relação pais-adolescentes, foi aliás recentemente confirmada pelos investigadores Youniss & Smollar (1985) junto de uma grande amostra de adolescentes. Os autores concluíram que "

as relações com os pais são descritas como relações de autoridade [...] ambos os pais são descritos como objecto de respeito e como pessoas a quem o filho é obrigado a mostrar o seu respeito" (op. cit.,p. 70), usando os pais a sua posição de autoridade quando entram em conflito ou desacordo com o comportamento dos filhos.

A questão do conflito na relação pais-adolescentes tem, como vimos, merecido um lugar de destaque na investigação, tendo-se à sua volta polarizado alguma controvérsia. No entanto, a definição do conceito de **conflito** não tem merecido grande atenção por parte dos investigadores colocando a sua operacionalização algumas dificuldades.

A nossa abordagem empírica da **desobediência** à autoridade parental contém subjacentemente a noção de conflito. Com efeito, a forma como operacionalizámos a **desobediência** em oposição à **submissão** - agir comportamentos de autonomia, apesar da consciência de que dessa acção resultam **problemas**[1] na relação com os pais - pressupõe a existência de conflitualidade na relação com os pais.

A nossa formulação aproxima-se da definição clássica de Peterson (1983, cit. in Hill & Holmeck, 1986) que define **conflito** como "um processo interpessoal que ocorre quando as acções de uma pessoa interferem com as acções de outra". Esta definição tem, quanto a Hill & Holmbeck (1986), bastantes vantagens sobre outras, a principal das quais reside na exclusão do afecto e de uma troca contenciosa enquanto atributos definidores de conflito, cuja inclusão, tem sido nefasta para o estudo da problemática do conflito.

---

1. A formulação "ter problemas" em vez de "ter conflitos" revelou-se no pré-teste ser de mais fácil compreensão e ter idêntica significação para os adolescentes.

Estabelecemos como objectivos deste primeiro estudo:

(a) a obtenção de dados normativos descritivos relativamente à incidência do **Desejo de Autonomia**, da **Realização de Comportamentos de Autonomia** e da **Desobediência aos pais na realização dos Comportamentos de Autonomia.**

(b) a análise dos efeitos ligados ao sexo e à idade para cada comportamento e ao nível das três dimensões.

Para este estudo partimos da matriz de dados recolhidos através do Questionário de Autonomia Comportamental (Q.A.C.), descrito na II PARTE, Cap.III e incluído no final deste Capítulo.

A metodologia seguida no estudo dos conceitos, definidos e operacionalizados nesse mesmo Capítulo , e que passaremos a designar, em abreviatura, por **Desejo, Realização e Desobediência** foi a seguinte: a partir das 11 categorias de resposta do Q.A.C. definimos duas amostras contrastantes: **Amostra Controlo (A.C.)** e **Amostra Experimental (A.E.)**, em função da variável que pretendemos estudar, a saber: a variável **desejo**, a variável **realização** e a variável **desobediência.**

As amostras foram assim constituídas:

1. Para o estudo da variável **Desejo**
   - A.C. - Todos os sujeitos que respondem na posição 1
   - A.E. - Todos os sujeitos que respondem nas posições 2 a 11
2. Para o estudo da variável **Realização**
   - A.C. - Todos os sujeitos que respondem nas posições 1 a 6
   - A.E. - Todos os sujeitos que respondem nas posições 7 a 11
3. Para o estudo da variável **Desobediência**
   - A.C. - Todos os sujeitos que respondem nas posições 8 a 10
   - A.E. - Todos os sujeitos que respondem nas posições 2 a 4

Nesta última análise, resolvemos tratar só a Desobediência aos Pais e excluir da análise as categorias Irmãos e Outros. A análise das distribuições percentuais por essas categorias, quer na **desobediência**, quer na **submissão**, indicou que são os Pais os principais e quase exclusivos protagonistas envolvidos, já que a percentagem de adolescentes que responde nas categorias Irmãos e Outros é muito baixa.

No tratamento dos dados procedeu-se inicialmente ao estudo das distribuições frequenciais pelas duas amostras constituídas e depois ao estudo das diferenças estatisticamente significativas entre as duas amostras, tomando como variáveis independentes (V.I.) o **sexo** e a **idade**. Esta orientação é comum ao estudo do **Desejo**, da **Realização** e da **Desobediência**.

No estudo dos efeitos ligados ao **sexo** e à **idade**, procedeu-se às análises estatísticas apropriadas. Efectuaram-se testes de diferenças entre proporções: o Teste de Qui-Quadrado e o Teste de Tendência Linear (T.T.L.) (Test for Linear Trend), este último utilizado também para a análise das diferenças entre idades, dado tratar-se de uma variável ordenada. Todas as análises foram efectuadas utilizando o "package" BMDP.

A V.I. **idade** foi estudada agrupada em quatro categorias: 12-13 anos, 14-15 anos, 16-17 anos, 18-19 anos.

As conclusões e a discussão dos resultados, relativos aos três fenómenos em estudo, será feita global e também comparativamente no final do capítulo.

Os resultados obtidos e apresentados nos ESTUDOS 1, 2 e 3 são os seguintes:

ESTUDO II. 1 - O DESEJO DE AUTONOMIA

A partir da análise das tabelas de distribuição frequencial dos sujeitos pelas duas amostras constituídas (Quadro 1 e Fig.1) verificamos que:

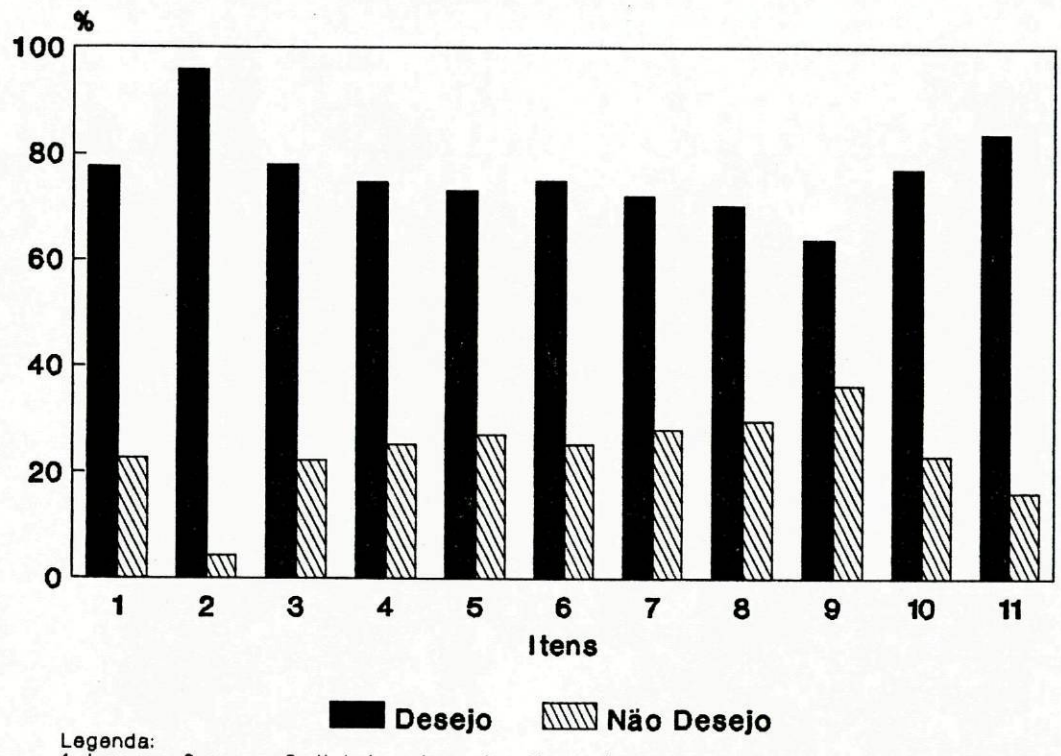
Quadro 1 - DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS EM FUNÇÃO DO **DESEJO vs. NÃO DESEJO** DE REALIZAR COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA

ITENS		DESEJO		NÃO DESEJO	
	N	n	%	n	%
1. Decorar	972	752	77.4	220	22.6
2. Roupa	977	936	95.8	41	4.2
3. Dinheiro	968	754	77.9	214	22.1
4. S.Noite	957	715	74.7	242	25.3
5. S.Onde	955	698	73.0	258	27.0
6. S.Horas	965	722	74.8	243	25.2
7. F.Semana	966	696	72.0	271	28.0
8. Férias	962	676	70.3	286	29.7
9. Namorar	962	613	63.7	349	36.3
10.Resolver	971	748	77.0	223	23.0
11.Ideias	971	814	83.8	157	16.2

- Mais de 63% dos adolescentes manifesta o desejo de realizar <u>todos</u> os ítens de Autonomia.

- A proporção dos que desejam é em cada ítem bastante uniforme (as proporções vão de 64% a 96%) sugerindo que os ítens de autonomia são idêntica e amplamente desejados pelos adolescentes, conforme se pode verificar pela Fig.1.

Fig. 1- Desejo de Autonomia



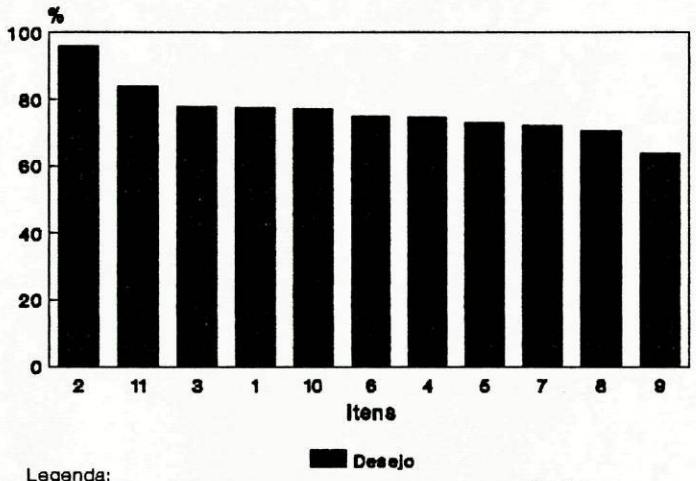
Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
7-f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-ideias

Ordenando agora os ítens em função do seu peso percentual na amostra, indo dos que são desejados por maior número de adolescentes para os que o são menos (Fig. 2), verificamos que:

- Os ítens "Usar roupa" e "Seguir ideias" são os ítens mais desejados (85,8% e 83,8% dos adolescentes, desejam realizar esses comportamentos) correspondendo, poderíamos dizer, a um desejo comum a quase todos os adolescentes.

- Todos os outros ítens de autonomia, são em termos percentuais, com quase igual peso desejados pelos adolescentes, sugerindo que na maior parte dos adolescentes existe um desejo comum de poder vir a realizar todos aqueles comportamentos.

Fig. 2- Desejo de Autonomia



Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
7-f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-ideias

Passemos agora à verificação das nossas hipóteses relativamente aos aspectos diferenciais ligados ao sexo e à idade.

Antecipámos a existência de diferenças entre sexos e um aumento na proporção dos que desejam na transição da adolescência inicial para a adolescência terminal. Mas em que comportamentos se manifestam as

diferenças mais notórias entre sexos e entre idades? Qual o significado dessas diferenças e como podemos a partir delas inferir dados para as questões teóricas que nos preocupam?

A análise dos aspectos diferenciais relativamente ao sexo e à idade no Desejo de realizar comportamentos de autonomia conduziu aos seguintes resultados:

- O DESEJO DE AUTONOMIA E O SEXO

A tabela de distribuição dos sujeitos, em função do desejo *vs* não desejo de realizar os ítens de autonomia e em função do sexo encontra-se no Quadro 2.

Quadro 2 - DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS EM FUNÇÃO DO DESEJO VS. NÃO DESEJO E EM FUNÇÃO DO SEXO

		DESEJO				NAO DESEJO			
		S.M.		S.F.		S.M.		S.F.	
ITENS	N	n	%	n	%	n	%	n	%
1.Decorar	972	377	76.8	375	78.0	114	23.2	106	22.0
2.Roupa	977	467	47.8	469	48.0	28	2.9	13	1.3
3.Dinheiro	968	390	40.3	364	37.6	101	10.4	113	11.7
4.S.Noite	957	379	39.6	336	35.1	107	11.2	135	14.1
5.S.Onde	956	377	39.4	321	33.6	113	11.8	145	15.2
6.S.Horas	965	385	39.9	337	34.9	106	11.0	137	14.2
7.F.Semana	967	352	36.4	344	35.6	138	14.3	133	13.8
8.Férias	962	345	35.9	331	34.4	144	15.0	142	14.8
9.Namorar	962	323	33.6	290	30.1	166	17.3	183	19.0
10.Resolver	971	386	39.0	362	37.3	106	10.9	117	12.0
11.Ideias	971	414	42.6	400	41.2	80	8.2	77	7.9

A partir da tabela de dados procedemos ao estudo das diferenças entre proporções através do Teste de Qui-Quadrado.

Os resultados, apresentados no Quadro 3, indicam que relativamente à maior parte dos ítens não existem diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas. As diferenças encontradas situam-se apenas no desejo de comportamentos de saída (ítens 4, 5 e 6) e no desejo relativo à aparência física (ítem 2). Essas diferenças apresentam-se do seguinte modo:

- A proporção de rapazes que deseja é significativamente superior à de raparigas nos ítens: "Sair noite", "Sair onde" e "Sair horas".

- A proporção de raparigas que deseja é significativamente superior à de rapazes, no ítem "Usar roupa".

Quadro 3 - ASSOCIAÇÃO ENTRE O DESEJO DE REALIZAR COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA E O SEXO DOS SUJEITOS

ITENS	X^2	g.l.	P
1. Decorar	0.131	1	.716 N.S.
2. Roupa	4.609	1	.032*
3. Dinheiro	1.192	1	.275 N.S.
4. S.Noite	5.245	1	.022*
5. S.Onde	7.460	1	.006**
6. S.Horas	6.465	1	.011*
7. F.Semana	0.000	1	.979 N.S.
8. Férias	0.015	1	.901 N.S.
9. Namorar	2.138	1	.144 N.S.
10.Resolver	0.981	1	.322 N.S.
11.Ideias	0.000	1	.000 N.S.

N.S. - Não significativo * - Significativo (P<0.05)
** - Muito significativo (P<0.01).

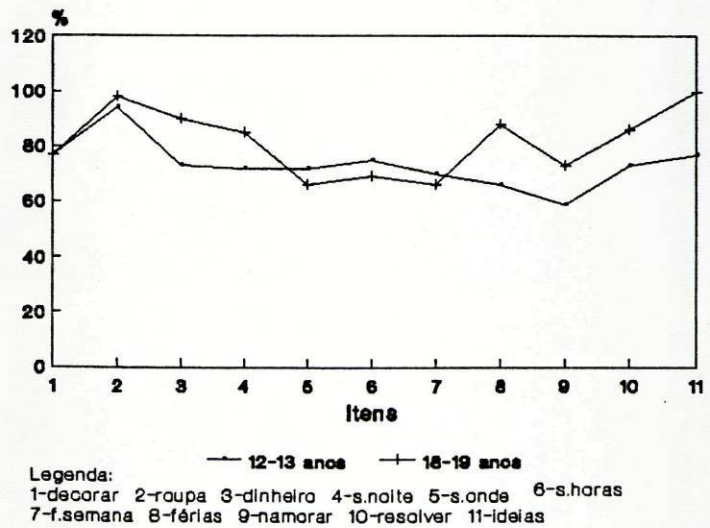
-O DESEJO DE AUTONOMIA E A IDADE, NOS RAPAZES E NAS RAPARIGAS

Como se manifesta o Desejo desde a fase inicial à fase terminal da adolescência?

A análise das distribuições da proporção dos que desejam a autonomia comportamental, na fase inicial (12-13 anos) e na fase terminal (18-19 anos), e ilustradas na Fig.3, indica-nos que:

- O **Desejo de Autonomia** encontra-se já presente na maioria dos adolescentes aos 12-13 anos, com tendência a manifestar-se em cada vez maior número de adolescentes, em alguns ítens, à medida que se transita dos 12 para os 19 anos.

Fig. 3- Desejo de Autonomia



Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
7-f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-ideias

Mas será que os padrões de mudança encontrados em função da idade são idênticos nos dois sexos? E serão as diferenças entre idades estatisticamente significativas?

A fim de elucidarmos estas questões, procedemos a uma análise das diferenças entre proporções, calculadas através do Teste de Qui-Quadrado e do Teste de Tendência Linear (Package BMDP), dentro de cada sexo.

- DIFERENÇAS ETARIAS NO **SEXO MASCULINO**

Os resultados obtidos e apresentados no Quadro 4, indicam que:

- A proporção de rapazes que desejam se mantém sem alterações significativas ao longo da idade nos ítens: "Decorar", "Sair horas", "Fins-de-semana" e "Férias".

- A proporção de rapazes que deseja sobe em função da idade, de forma linear e (1) altamente significativa nos ítens "Dinheiro", "Namorar" e "Seguir ideias", (2) muito significativa no ítem "Sair noite" e (3) significativa nos ítens "Usar roupa" e "Resolver assuntos".

- A proporção de adolescentes que deseja está associada de forma estatística e altamente significativa com a idade no ítem "Sair onde", sendo a associação atribuível ao grupo etário dos 14-15 anos.

Quadro 4 - ASSOCIAÇÃO ENTRE O DESEJO DE AUTONOMIA E A IDADE DOS SUJEITOS, NO SEXO MASCULINO

ITENS	X^2	g.l.	P
1. Decorar	.496	3	.919 N.S.
2. Roupa	6.116(a)	1	.013*
3. Dinheiro	11.749(a)	1	.003**
4. S.Noite	10.642(a)	1	.001**
5. S.Onde	17.575	3	.000***
6. S.Horas	1.540	3	.673 N.S.
7. F.Semana	4.852	3	.183 N.S.
8. Férias	4.337	3	.227 N.S.
9. Namorar	16.725(a)	1	.000***
10.Resolver	6.563(a)	1	.010*
11.Ideias	20.991(a)	1	.000***

(a) Teste de Tendência Linear (T.T.L.)
N.S.- Não sign. * Sign. ** Muito sign. *** Altamente sign.

- DIFERENÇAS ETARIAS NO **SEXO FEMININO**

Os resultados obtidos e apresentados no Quadro 5, indicam que:

Quadro 5 - ASSOCIAÇÃO ENTRE O DESEJO DE AUTONOMIA E A IDADE DOS SUJEITOS, NO SEXO FEMININO

ITENS	X^2	g.l.	P
1. Decorar	.277	3	.964 N.S.
2. Roupa	.750	3	.861 N.S.
3. Dinheiro	8.685(a)	1	.003**
4. S.Noite	3.115(a)	1	.077 N.S.
5. S.Onde	1.423	3	.700 N.S.
6. S.Horas	.490	3	.921 N.S.
7. F.Semana	8.182	3	.042*
8. Férias	13.819(a)	1	.000***
9. Namorar	7.191	3	.066 N.S.
10.Resolver	7.517(a)	1	.006**
11.Ideias	24.017(a)	1	.000***

(a) Teste de Tendência Linear (T.T.L.)

- a proporção de raparigas que deseja se mantém sem alterações significativas ao longo da idade nos ítens: "Decorar", "Usar roupa", "Sair noite", "Sair onde", "Sair horas", "Namorar".

- A proporção de raparigas que deseja sobe em função do aumento da idade de forma linear e (1) altamente significativa nos ítens: "Dinheiro", "Férias" e "Seguir ideias" e (2) muito significativa no ítem "Resolver problemas".

- A proporção de raparigas que deseja está associada de forma estatisticamente significativa com a idade no ítem "Fins-de-semana", atribuível ao grupo etário dos 16-17 anos.

De salientar no entanto que, embora a proporção de raparigas não aumente no ítem "Usar roupa", essa proporção é em todos os grupos de idade muito elevada (quase 100%).

Verificamos também que, relativamente ao ítem "Sair noite", quando agrupadas as idades em dois grupos "12 aos 15 anos" e "16 aos 19 anos" se encontra uma associação estatísticamente significativa com a idade ($X^2_{1(c)}$= 5.22, .01<P<.05). Encontra-se portanto uma tendência para o aumento da incidência deste comportamento nas raparigas mais velhas, conforme se pode também constatar através da análise das curvas de distribuição percentual do Desejo neste ítem (Figs.10 e 11).

Verificamos também que, relativamente ao ítem "Namorar", a diferença entre rapazes e raparigas tende a acentuar-se no final da adolescência, já que calculado o valor do Qui-Quadrado para o grupo dos 12-13 anos, não se encontram diferenças estatisticamente significativas

($X^2_{1(c)}$= .00133, P >.05) entre sexos, mas calculado esse mesmo valor no grupo dos 18-19 anos já se encontra uma diferença estatísticamente significativa ($X^2_{1(c)}$= 5.047, .01<P<.025) entre sexos.

No início da adolescência o desejo de "Namorar" manifesta-se portanto em proporções idênticas nos dois sexos, mas a proporção tende a aumentar mais acentuadamente nos rapazes do que nas raparigas à medida que a idade sobe.

Em síntese conclusiva, os nossos resultados indicam que, na dimensão interna do **Desejo de Autonomia:**

- A proporção dos adolescentes que desejam aceder aos comportamentos de autonomia, face aos que não desejam, é muito elevada e percentualmente maioritária em todos os grupos etários considerados e em todos os comportamentos estudados.

- As raparigas, mais do que os rapazes, manifestam o desejo de "usar a roupa e o penteado que gostam" e o número de raparigas que desejam passar fins-de-semana e férias fora do contexto familiar aumenta progressivamente com a idade.

- Os rapazes, mais do que as raparigas, manifestam o desejo de poder sair sem o controlo parental e o número de rapazes que o deseja, bem como namorar e vestir-se à sua maneira, aumenta progessivamente com a idade.

- O aspecto diferencial mais marcante parece pois andar associado, nos rapazes, ao desejo de ter comportamentos de saída (ítens 4, 5, 6) e nas raparigas ao desejo duma aparência física diferenciada.

ESTUDO II. 2 - A REALIZAÇAO DA AUTONOMIA

O estudo anterior forneceu-nos dados sobre uma dimensão interna: o desejo de concretizar a Autonomia Comportamental. Verificámos que em quase todos os adolescentes existe o desejo de realizar os comportamentos de autonomia e que todos eles são em percentagens muito elevadas desejados.

Mas será que esse desejo encontra expressão comportamental? E em que ítens e com que peso percentual? Em que ítens a capacidade de realização comportamental mais se aproxima ou mais se afasta do desejo?

A análise das distribuições frequenciais pelas duas amostras, em função da existência ou não do comportamento, apresentadas no Quadro 6 e na Fig. 4, indica-nos o seguinte:

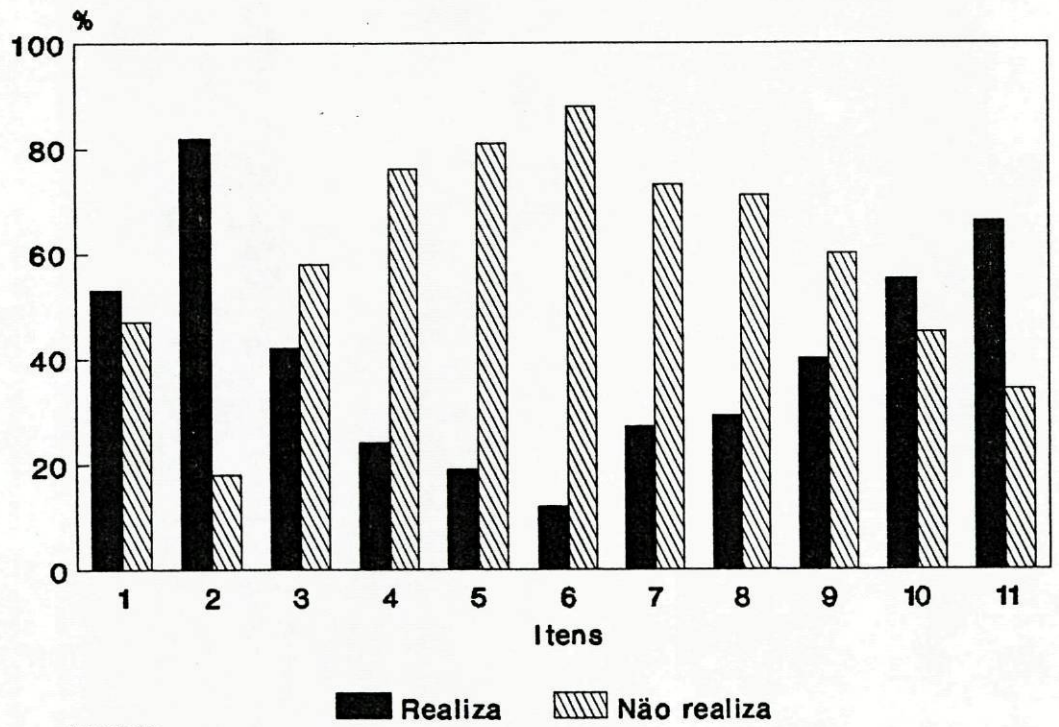
Quadro 6 - DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS EM FUNÇAO DA REALIZAÇAO VS. NAO REALIZAÇAO DOS COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA

		FAÇO		NAO FAÇO	
ITENS	N	n	%	n	%
1. Decorar	973	511	53	462	47
2. Roupa	978	800	82	178	18
3. Dinheiro	969	409	42	560	58
4. S.Noite	958	228	24	730	76
5. S.Onde	956	179	19	778	81
6. S.Horas	966	116	12	850	88
7. F.Semana	967	262	27	705	73
8. Férias	963	281	29	682	71
9. Namorar	963	385	40	578	60
10.Resolver	972	533	55	439	45
11.Ideias	972	646	66	326	34

- Dum modo geral, a expressão comportamental fica aquém do desejo: com efeito, os resultados mostram-nos que se por um lado o peso percentual é muito elevado e em proporções próximas das do desejo em alguns ítens, noutros ítens a expressão comportamental é muito baixa.

- O intervalo, que ao nível do desejo se situava entre 64% (o ítem com menor incidência) e 96% (o ítem com mais incidência) alarga-se aqui para um intervalo muito maior: entre 12% (o ítem com menor incidência) e 82% (o ítem com maior incidência).

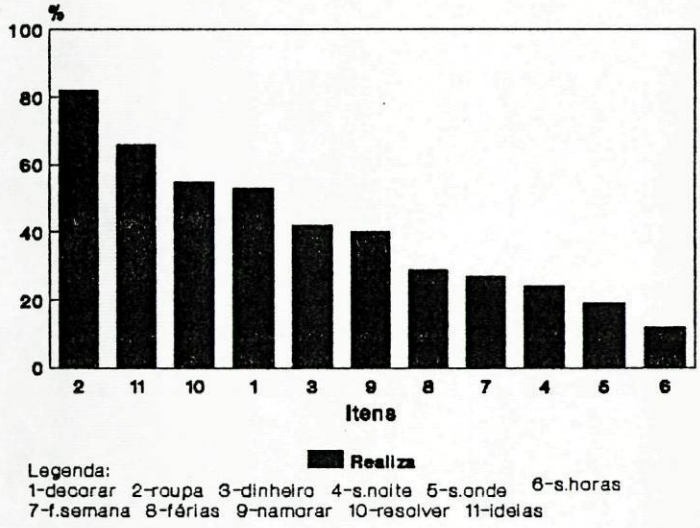
Fig. 4- Realização de Autonomia



Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
7-f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-ideias

A ordenação dos ítens em função do seu peso frequencial na amostra (Fig.5), permite-nos verificar que a maior incidência se verifica nos ítens "Usar roupa", "Seguir ideias", "Resolver problemas", "Decorar" verificando-se estes comportamentos em mais de 50% dos adolescentes. Os ítens menos representados são os que se referem às saídas de casa, temporárias (ítens 6 e 7) e quotidianas (ítens 4, 5 e 6).

Fig. 6- Realização de Autonomia



A análise dos resultados remete-nos portanto para a seguinte configuração:

- Mais de metade dos adolescentes apresentam capacidade de realização da autonomia ao nível da gestão do seu próprio estilo (roupa, penteado, decoração) e manifestam um sentimento subjectivo de terem autonomia face aos Pais ("seguir ideias", "resolver problemas").

- Menos de metade dos adolescentes apresentam capacidade de realização da autonomia nos comportamentos de saída.

Passemos agora ao estudo das diferenças ligadas ao sexo e à idade em cada um dos ítens.

- A REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA E O SEXO

A tabela das distribuições frequenciais pelas duas amostras encontra-se no Quadro 7.

Quadro 7 - DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS EM FUNÇÃO DA REALIZAÇÃO VS. NÃO REALIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA E EM FUNÇÃO DO SEXO

		REALIZAÇÃO				NÃO REALIZAÇÃO			
		S.M.		S.F.		S.M.		S.F.	
ITENS	N	n	%	n	%	n	%	n	%
1.Decorar	972	234	24.1	276	28.4	257	26.4	205	21.1
2.Roupa	977	390	39.9	409	41.9	105	10.7	73	7.5
3.Dinheiro	968	201	20.8	207	21.4	290	30.0	270	27.9
4.S.Noite	957	165	17.2	62	6.5	321	33.5	409	42.7
5.S.Onde	956	134	14.0	44	4.6	356	37.2	422	44.1
6.S.Horas	965	89	9.2	26	2.7	402	41.7	448	46.4
7.F.Semana	967	149	15.4	113	11.7	341	35.3	364	37.6
8.Férias	962	169	17.6	111	11.5	320	33.3	362	37.6
9.Namorar	962	248	25.8	136	14.1	241	25.1	337	35.0
10.Resolver	971	263	27.1	269	27.7	229	23.6	210	21.6
11.Ideias	971	320	33.0	325	33.5	174	17.9	152	15.7

A análise dos resultados do Teste de Qui-Quadrado permitiu identificar as diferenças estatisticamente significativas entre os sexos. São os seguintes os resultados encontrados (Quadro 8):

- Não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre os que realizam e os que não realizam, nos seguintes ítens: "Resolver os seus próprios assuntos", "Seguir as suas próprias ideias", "Gastar o seu dinheiro".

- Encontra-se uma associação estatisticamente significativa entre o sexo feminino e os ítens: "Decorar" e "Usar Roupa" sendo a associação respectivamente muito significativa e significativa.

- Encontra-se uma associação estatisticamente significativa entre o sexo masculino e os ítens:" Sair Noite", "Sair Onde", "Sair Horas", "Fins-de-Semana", "Férias" e "Namorar", sendo essa associação altamente significativa para todos os ítens, à excepção de "Fins-de-semana" onde a associação é significativa.

Quadro 8 - ASSOCIAÇÃO ENTRE OS COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA REALIZADOS E O SEXO DOS SUJEITOS

ITENS	X^2	g.l.	P
1. Decorar	8.824	1	.00 **
2. Roupa	5.632	1	.01 *
3. Dinheiro	0.503	1	.47 N.S.
4. S.Noite	55.979	1	.00 ***
5. S.Onde	49.359	1	.00 ***
6. S.Horas	35.519	1	.00 ***
7. F.Semana	5.188	1	.02 *
8. Férias	13.806	1	.00 ***
9. Namorar	47.447	1	.00 ***
10.Resolver	0.611	1	.43 N.S.
11.Ideias	1.080	1	.29 N.S.

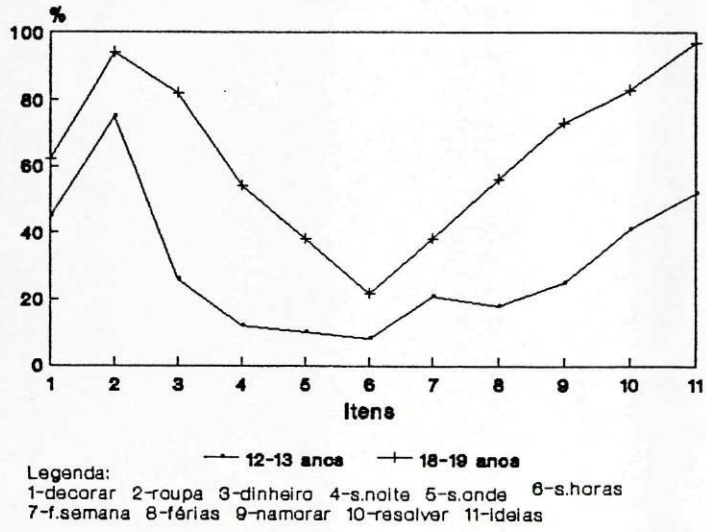
Tal como esperávamos, encontrámos diferenças entre os sexos na realização da autonomia comportamental.

Passemos agora ao estudo do efeito da variável idade sobre os comportamentos de autonomia.

- A REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA E A IDADE, NOS RAPAZES E NAS RAPARIGAS.

A fim de melhor ilustrar a mudança comportamental ao longo da idade, apresentamos na Fig. 6 os valores percentuais, em cada comportamento, no início (12-13 anos) e na fase terminal da adolescência (18-19 anos).

Fig. 6- Realização de Autonomia



Conforme se pode verificar, a autonomia comportamental sobe nitidamente com o aumento da idade, já que as proporções tendem a atingir os 100% em alguns comportamentos, podendo considerar-se estes como comportamentos comuns e típicos do final da adolescência.

- No final da adolescência, quase todos os adolescentes (mais de 80%) dizem já ter adquirido a capacidade de escolher o seu próprio estilo (dão a imagem corporal que querem dar: roupa e penteado) e a capacidade interna de orientar a sua própria vida (resolver os seus próprios problemas e seguir as suas ideias).

- Mas também, no final da adolescência mais de 50% dos adolescentes dizem ainda não ter conseguido adquirir a capacidade de: "Sair sem dizer aos Pais onde vão", "Sair e entrar às horas que querem", "Passar fins-de-semana fora de casa" - apesar de serem ítens amplamente desejados, como vimos atrás - o que parece indicar serem estes os comportamentos que permanecem até mais tarde sob o controlo parental.

Mas serão estes padrões de mudança idênticos nos dois sexos? Tal como no estudo anterior, procedemos seguidamente ao estudo das diferenças entre proporções em função da idade, dentro de cada sexo.

- DIFERENÇAS ETÁRIAS NO SEXO MASCULINO

Os resultados obtidos e apresentados no Quadro 9, indicam que:

- A proporção de rapazes que realiza sobe duma forma linear, muito ou altamente significativa com a idade e este resultado encontra-se em todos os ítens de autonomia.

Quadro 9 - ASSOCIAÇÃO ENTRE A REALIZAÇÃO E A IDADE DOS SUJEITOS, NO SEXO MASCULINO

ITENS	X^2	g.l.	P
1. Decorar	10.278(a)	1	.001**
2. Roupa	19.537(a)	1	.000***
3. Dinheiro	82.947(a)	1	.000***
4. S.Noite	125.340(a)	1	.000***
5. S.Onde	52.876(a)	1	.000***
6. S.Horas	19.400(a)	1	.000***
7. F.Semana	31.829(a)	1	.000***
8. Férias	57.136(a)	1	.000***
9. Namorar	57.458(a)	1	.000***
10.Resolver	54.171(a)	1	.000***
11.Ideias	57.986(a)	1	.000***

(a) T.T.L.

- DIFERENÇAS ETARIAS NO **SEXO FEMININO**

Os resultados obtidos e apresentados no Quadro 10, indicam que:

Quadro 10 - ASSOCIAÇÃO ENTRE A REALIZAÇÃO E A IDADE DOS SUJEITOS, NO SEXO FEMININO

ITENS	X2	g.l.	P
1. Decorar	9.902(a)	1	.001**
2. Roupa	9.467(a)	1	.002**
3. Dinheiro	60.384(a)	1	.000***
4. S.Noite	24.180(a)	1	.000***
5. S.Onde	13.920(a)	1	.000***
6. S.Horas	3.815	3	.282 N.S.
7. F.Semana	3.040	3	.385 N.S.
8. Férias	18.739(a)	1	.000***
9. Namorar	76.028(a)	1	.000***
10.Resolver	45.439(a)	1	.000***
11.Ideias	48.387(a)	1	.000***

(a) T.T.L.

- Também nas raparigas, a proporção das que realizam sobe duma forma linear , muito ou altamente significativa com a idade, em todos os ítens de Autonomia à excepção dos ítens "Sair horas" e "Fins-de-semana".

Mais precisamente, a proporção sobe de forma linear e (1) altamente significativa nos ítens: "Dinheiro", "Sair Noite", "Sair Onde", "Férias", "Namorar", "Resolver Assuntos", "Seguir Ideias" e (2) muito significativa nos ítens: "Decorar" e "Usar Roupa".

Verifica-se portanto que, globalmente, a mudança se opera em moldes idênticos nos dois sexos e que nos comportamentos de "Sair Horas" e "Fins-de Semana" as proporções de raparigas tendem a não conhecer um aumento tão substancial como nos rapazes.

Uma análise mais em detalhe, das distribuições percentuais nestes dois ítens (Quadro 11) permite no entanto verificar um aumento tendencial com a idade. Curiosamente, a proporção de raparigas no ítem "Sair Horas", não chega nunca a atingir, nem aos 18-19 anos, a proporção de rapazes que já realiza esse comportamento aos 12-13 anos.

Quadro 11 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DOS QUE "REALIZAM O COMPORTAMENTO" PELOS QUATRO GRUPOS DE IDADE

ITENS	SEXO	12-13	14-15	16-17	18-19	TOTAL
S.Horas						
	M.	13.3	17.2	33.9	37.0	18.1
	F.	3.6	6.8	7.9	9.4	5.5
F.Semana						
	M.	21.1	34.5	58.7	44.4	30.4
	F.	22.7	20.3	28.9	31.3	23.7

Em síntese conclusiva, os nossos resultados indicam que, relativamente à REALIZAÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA

- Existe uma grande variabilidade nas proporções de adolescentes que realizam os comportamentos de autonomia.

- Apesar da grande variabilidade, todas as proporções aumentam à medida que se transita dos 12 para os 19 anos. Conforme se pode ver através das curvas de realização dos comportamentos em função da idade, representadas gráficamente na Fig.6, o número de adolescentes que concretiza a Autonomia Comportamental é progressivamente maior, chegando as proporções a atingir quase 100% em alguns ítens.

- Os **rapazes** significativamente mais do que as raparigas têm comportamentos de saída quotidiana (ítens 4, 5 e 6) e temporária (ítens 7 e 8) e de namoro (ítem 9) e as **raparigas**, apresentam significativamente mais do que os rapazes, comportamentos de "uso de roupa" e "decoração".

- Como esperado, a mudança comportamental é nítida nos dois sexos, quando se transita dos 12 para os 19 anos: cada vez é maior o número de adolescentes que concretiza os ítens de autonomia, verificando-se que o período de grande aquisição de capacidades comportamentais se situa entre os 12-13 e os 16-17 anos.

A comparação dos resultados anteriores, na dimensão do **Desejo**, com estes resultados, é possível através da observação das Figs.10 e 11, que incluímos mais adiante (pp. 286 e 287).

Verificamos que, enquanto ao nível do **Desejo**, os grupos etários extremos são relativamente homogéneos, não apresentando diferenças notórias (nem entre idades, nem entre sexos), já ao nível da capacidade de realizar a autonomia comportamental, não só o grupo etário dos 18-19 anos se distingue claramente do dos 12-13 anos, como as diferenças entre sexos são nítidas.

ESTUDO II. 3. - A DESOBEDIÊNCIA NA AUTONOMIA

Passar do **desejo de ter autonomia de comportamentos à capacidade de os realizar** envolve seguramente, pelo menos em alguns comportamentos, a **capacidade de desobedecer aos pais.**

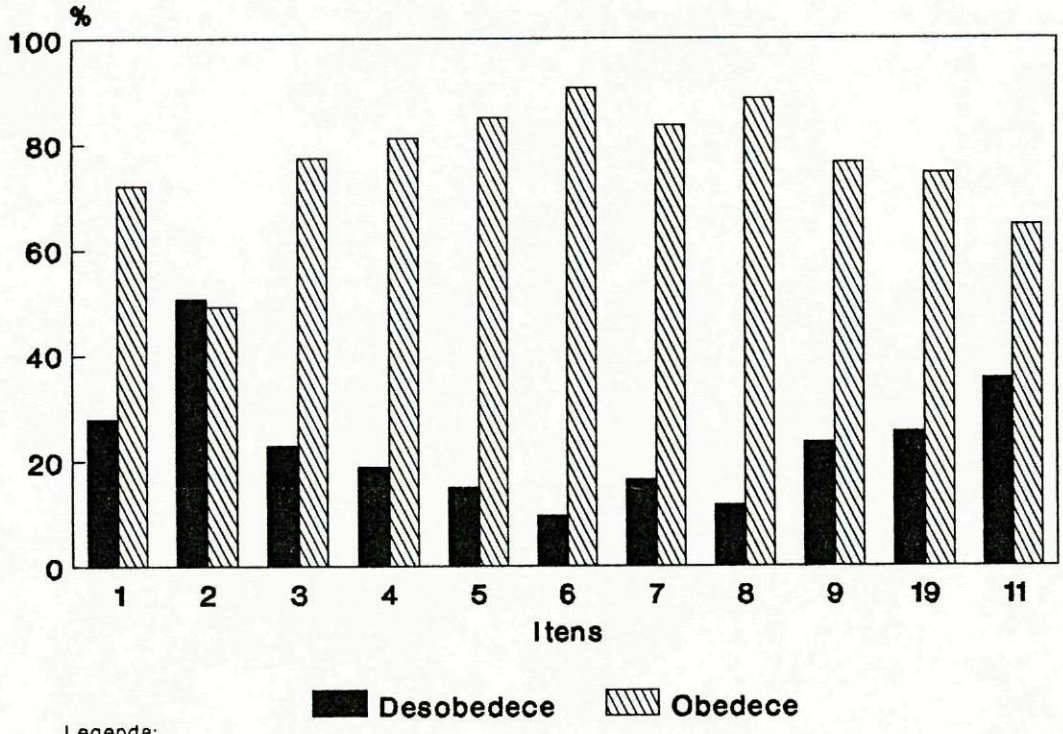
E o estudo dessa questão que nos vai ocupar agora.

A tabela de distribuição dos sujeitos em função da sua desobediência vs. submissão, em frequências relativas e absolutas, encontra-se no Quadro 12 e a sua ilustração gráfica na Fig.7:

Quadro 12 - DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS EM FUNÇÃO DA DESOBEDIÊNCIA VS. SUBMISSÃO

		DESOBEDIÊNCIA		SUBMISSÃO	
ITENS	N	n	%	n	%
1. Decorar	312	87	27.9	225	72.1
2. Roupa	272	138	50.7	134	49.3
3. Dinheiro	441	100	22.7	341	77.3
4. S.Noite	591	111	18.8	480	81.2
5. S.Onde	605	91	15.0	514	85.0
6. S.Horas	665	63	9.5	602	90.5
7. F.Semana	506	83	16.4	423	83.6
8. Férias	437	50	11.4	387	88.6
9. Namorar	289	68	23.5	221	76.5
10.Resolver	278	71	25.5	207	74.5
11.Ideias	245	87	35.5	158	64.5

Fig. 7- Desobediência



Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
7-f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-ideias

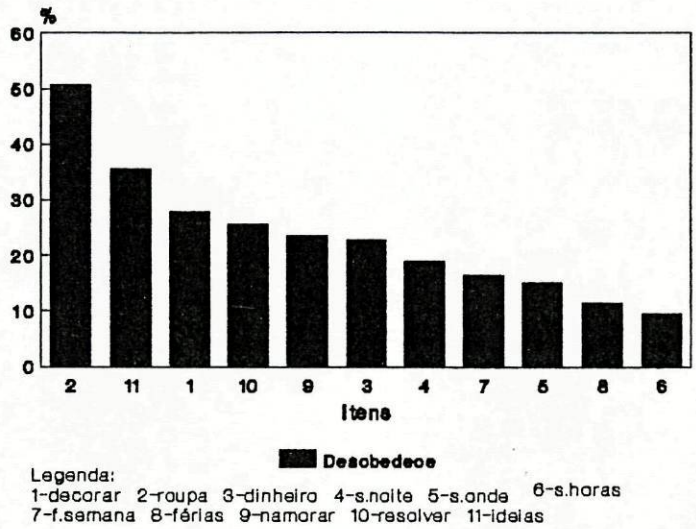
A análise dos resultados obtidos indica-nos que:

- Em todos os ítens o padrão predominante é o da submissão. Com efeito, apenas no ítem "Usar roupa" o número de sujeitos que desobedece é sensivelmente igual ao que se submete.

Pela análise da distribuição das proporções dos que desobedecem, ordenadas de forma decrescente em função do seu peso frequencial na amostra (Fig.8), verificamos que:

- A proporção dos que desobedecem é maior nos ítens de dimensão mais directamente ligada à imagem corporal ("Usar roupa" e "Decorar") e à tomada de decisão ("Seguir ideias" e "Resolver assuntos") e menor nos ítens relacionados com as saídas de casa implicando mais a dimensão relacional e do controlo parental.

Fig. 8- Desobediência



Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
7-f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-ideias

Procedemos agora, tal como nos estudos anteriores, ao estudo dos aspectos diferenciais entre as duas amostras, relativamente ao sexo e à idade.

- A DESOBEDIÊNCIA NA AUTONOMIA E O SEXO

A partir da tabela das distribuições frequenciais pelas duas amostras e em função do sexo (Quadro 13) procedemos ao estudo das diferenças estatisticamente significativas entre proporções (Teste de Qui-Quadrado).

Quadro 13 - DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS EM FUNÇÃO DA DESOBEDIÊNCIA VS. SUBMISSÃO EM FUNÇÃO DO SEXO

		DESOBEDIÊNCIA				SUBMISSÃO			
		S.M.		S.F.		S.M.		S.F.	
ITENS	N	n	%	n	%	n	%	n	%
Decorar	312	51	16.3	36	11.5	132	42.3	93	29.8
Roupa	272	63	23.2	75	27.6	74	27.2	60	22.1
Dinheiro	441	58	13.2	42	9.5	186	42.2	155	35.1
S.Noite	591	77	13.0	34	5.8	209	35.4	271	45.9
S.Onde	605	73	12.1	18	3.0	239	39.5	275	45.5
S.Horas	665	45	6.8	18	2.7	293	44.1	309	46.5
F.Semana	506	44	8.7	39	7.7	197	38.9	226	44.7
Férias	437	29	6.6	21	4.8	171	39.1	216	49.4
Namorar	289	26	9.0	42	14.5	70	24.2	151	52.2
Resolver	278	36	12.9	35	12.6	117	42.1	90	32.4
Ideias	245	52	21.2	35	14.3	89	36.3	69	28.2

Os resultados obtidos e apresentados no Quadro 14, indicam que:

- Apenas nos ítens: "Sair noite", "Sair onde" e "Sair horas", se encontram diferenças estatisticamente significativas entre os dois sexos, apresentando os rapazes mais comportamentos de desobediência nesses ítens do que as raparigas.

Quadro 14 - ASSOCIAÇÃO ENTRE A DESOBEDIÊNCIA E O SEXO

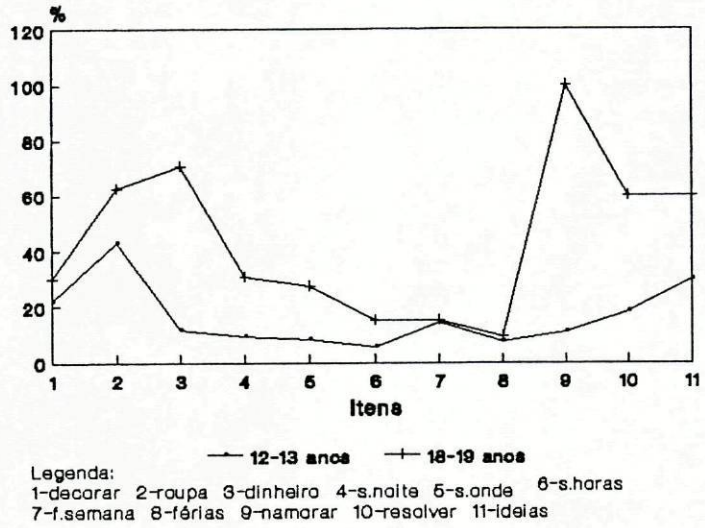
ITENS	X^2	g.l.	P
1. Decorar	0.000	1	1.000 N.S.
2. Roupa	2.123	1	.1451 N.S.
3. Dinheiro	0.247	1	.6194 N.S.
4. S.Noite	23.057	1	.0000 ***
5. S.Onde	33.864	1	.0000 ***
6. S.Horas	10.925	1	.0009 ***
7. F.Semana	.910	1	.3401 N.S.
8. Férias	2.870	1	.0902 N.S.
9. Namorar	.735	1	.3913 N.S.
10.Resolver	.507	1	.4764 N.S.
11.Ideias	.149	1	.6992 N.S.

- A DESOBEDIÊNCIA NA AUTONOMIA E A IDADE, NOS RAPAZES E NAS RAPARIGAS.

Como se apresenta a **Desobediência** no início e no final do período adolescente?

Pela análise da Fig.9, onde se apresentam os valores percentuais das proporções dos que desobedecem, aos 12-13 anos e aos 18-19 anos, constatamos que se verifica uma tendência nítida para o aumento da desobediência ao longo da idade.

Fig. 9- Desobediência



Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
7-f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-ideias

Vejamos agora se o padrão de mudança encontrado em função da idade se verifica nos dois sexos e se as diferenças entre idades são estatisticamente significativas.

- DIFERENÇAS ETARIAS NO SEXO MASCULINO

O cálculo das diferenças entre proporções conduziu aos seguintes resultados, apresentados no Quadro 15:

Quadro 15 - ASSOCIAÇÃO ENTRE A CAPACIDADE DE DESOBEDECER E A IDADE DOS SUJEITOS, NO SEXO MASCULINO

ITENS	X^2	g.l.	P
1. Decorar	5.214(a)	1	.Ø22 *
2. Roupa	8.324(a)	1	.ØØ3 **
3. Dinheiro	41.814(a)	1	.ØØØ ***
4. S.Noite	65.553(a)	1	.ØØØ ***
5. S.Onde	43.977(a)	1	.ØØØ ***
6. S.Horas	21.546(a)	1	.ØØØ ***
7. F.Semana	8.292(a)	1	.ØØ4 **
8. Férias	15.339(a)	1	.ØØØ ***
9. Namorar	19.555(a)	1	.ØØØ ***
1Ø.Resolver	19.79Ø(a)	1	.ØØØ ***
11.Ideias	13.112(a)	1	.ØØØ ***

(a) T.T.L.

A análise dos resultados indica-nos que:

- A proporção dos rapazes que desobedecem sobe de forma linear com o aumento da idade de forma (1) altamente significativa nos ítens: "Dinheiro", "Sair noite", "Sair onde","Sair horas", "Férias", "Namoro", "Resolver problemas" e "Seguir ideias", (2) muito significativa nos ítens: "Usar roupa" e "Fins-de-semana" e (3) significativa no ítem "Decorar".

- DIFERENÇAS ETARIAS NO **SEXO FEMININO**

Os resultados obtidos e apresentados no Quadro 16, indicam que a proporção das raparigas que desobedecem não sofre alterações significativas com a idade nos ítens: "Usar roupa", "Sair horas", "Fins-de-semana", "Férias" e "Seguir ideias".

- A proporção das raparigas que desobedecem sobe de forma linear com o aumento da idade e de forma (1) altamente significativa nos ítens: "Dinheiro", "Namorar" e (2) muito significativa nos ítens: "Sair noite", "Sair onde" e "Resolver problemas".

- A proporção das raparigas está associada de forma estatisticamente significativa com a idade no ítem: "Decorar", atribuível ao grupo dos 16-17 anos.

Quadro 16 - ASSOCIAÇÃO ENTRE A CAPACIDADE DE DESOBEDECER E A IDADE DOS SUJEITOS, NO SEXO FEMININO

ITENS	X^2	g.l.	P
1. Decorar	8.426	3	.038 *
2. Roupa	6.348	3	.095 N.S.
3. Dinheiro	25.917(a)	1	.000 ***
4. S.Noite	8.147(a)	1	.004 **
5. S.Onde	7.189(a)	1	.007 **
6. S.Horas	5.593	3	.133 N.S.
7. F.Semana	5.127	3	.162 N.S.
8. Férias	5.915	3	.115 N.S.
9. Namorar	50.866(a)	1	.000 ***
10.Resolver	7.209(a)	1	.007 **
11.Ideias	.392	3	.941 N.S.

(a) T.T.L.

Em síntese:

Encontramos portanto padrões bem diferenciados: enquanto que no **rapaz** os comportamentos implicando a desobediência aos pais são cada vez em maior número quando se passa dos 12 para os 19 anos e em todos os

ítens estudados, na **rapariga**, os comportamentos de desobediência apenas se manifestam em proporções cada vez maiores com a idade, em certos aspectos como, por exemplo, nos ítens "Gastar Dinheiro" e "Namorar"

Sabendo nós que, ao nível do **desejo**, as proporções são muito elevadas e próximas em valor e que, ao nível da **realização**, os valores das proporções são baixos e apresentam uma grande variabilidade, é de admitir que um dos factores explicativos se encontre na maior ou menor capacidade de **desobedecer** aos pais.

Terminados os estudos parcelares, impõe-se uma leitura e uma compreensão conjunta dos resultados obtidos.

Mais do que uma análise virada para a compreensão ítem a ítem, procuraremos uma compreensão integral, entendidos os ítens como expressões comportamentais, ou indicadores, dum conceito maior - a Autonomia Comportamental - e nunca perdendo de vista os aspectos diferenciais, ligados ao sexo e à idade.

Antes de passarmos à discussão global dos resultados obtidos tornou-se-nos, contudo, necessário estabelecermos uma síntese orientadora dessa reflexão.

SINTESE DOS RESULTADOS RELATIVOS AOS ASPECTOS DIFERENCIAIS (SEXO E IDADE) NO **DESEJO, REALIZAÇÃO E DESOBEDIÊNCIA.**

1. DESEJO DE AUTONOMIA

1.1. Quando comparados os sexos, é maior a percentagem de rapazes que manifesta desejo de realizar "saídas quotidianas" (ítens 4, 5 e 6) e é maior a percentagem de raparigas que manifesta desejo de "usar roupa".

1.2. O padrão de desejo em função da idade não se apresenta da mesma forma para os rapazes e para as raparigas, no entanto verificamos algumas tendências comuns:

E comum aos dois sexos uma subida linear e altamente significativa com a idade nos ítens: "Dinheiro" e "Seguir ideias" e também no ítem "Resolver problemas", embora em menor grau de significância.

São estes os ítens onde, quer nos rapazes quer nas raparigas, o crescimento se acompanha dum gradual e progressivo desejo de aquisição de autonomia.

As tendências divergentes são as seguintes:

Encontra-se nas raparigas um desejo gradual e progressivo com a idade de saídas em fins de semana e férias. Já nos rapazes o desejo de realizar esses ítens se mantém estável ao longo da idade; neles é o desejo de namorar que sobe duma forma gradual e progressiva ao longo da idade.

2. CAPACIDADE DE REALIZAÇAO

2.1. Quando comparados os sexos: (a) é maior a percentagem de rapazes que manifesta capacidade de realização nos ítens relacionados com as saídas de casa -quotidianas e temporárias - e também no ítem "Namorar" (b) é maior a percentagem de raparigas que comparativamente aos rapazes, apresentam a capacidade de realizar os ítens "Decorar" e "Usar roupa".

2.2. O padrão de realização em função da idade é quase idêntico para ambos os sexos (apenas diverge em dois ítens): a realização aumenta linearmente com a idade sendo as diferenças muito e altamente significativas.

Apenas nos ítens "Sair horas" e "Fins-de-semana" a realização não aumenta com a idade, nas raparigas.

3. CAPACIDADE DE DESOBEDECER

3.1. Quando comparados os sexos, os rapazes apresentam mais capacidade de desobedecer do que as raparigas apenas nos ítens de "saídas quotidianas" (ítens 4, 5 e 6). Nos restantes ítens não se verificam diferenças significativas entre os dois sexos.

3.2. O padrão de desobediência em função da idade varia no entanto para cada um dos sexos:

Enquanto que nos rapazes a tendência é para um aumento gradual e linear da capacidade de desobedecer em todos os ítens, à medida que a idade sobe, nas raparigas essa capacidade mantem-se constante ao longo da idade em cinco ítens (como, por exemplo, "usar roupa" e "seguir ideias"), e aumenta gradualmente nos restantes ítens ("namorar" , "dinheiro", "saídas quotidianas" e "resolver problemas").

Passemos agora à discussão dos resultados obtidos com vista a uma integração global dos aspectos estudados.

A fim de tornar mais fácil uma observação conjunta dos aspectos estudados, resolvemos incluir um conjunto de Figuras (Fig.10 e Fig.11), onde se ilustram as diferenças encontradas, relativas ao sexo e aos grupos etários, em todos os comportamentos de autonomia.

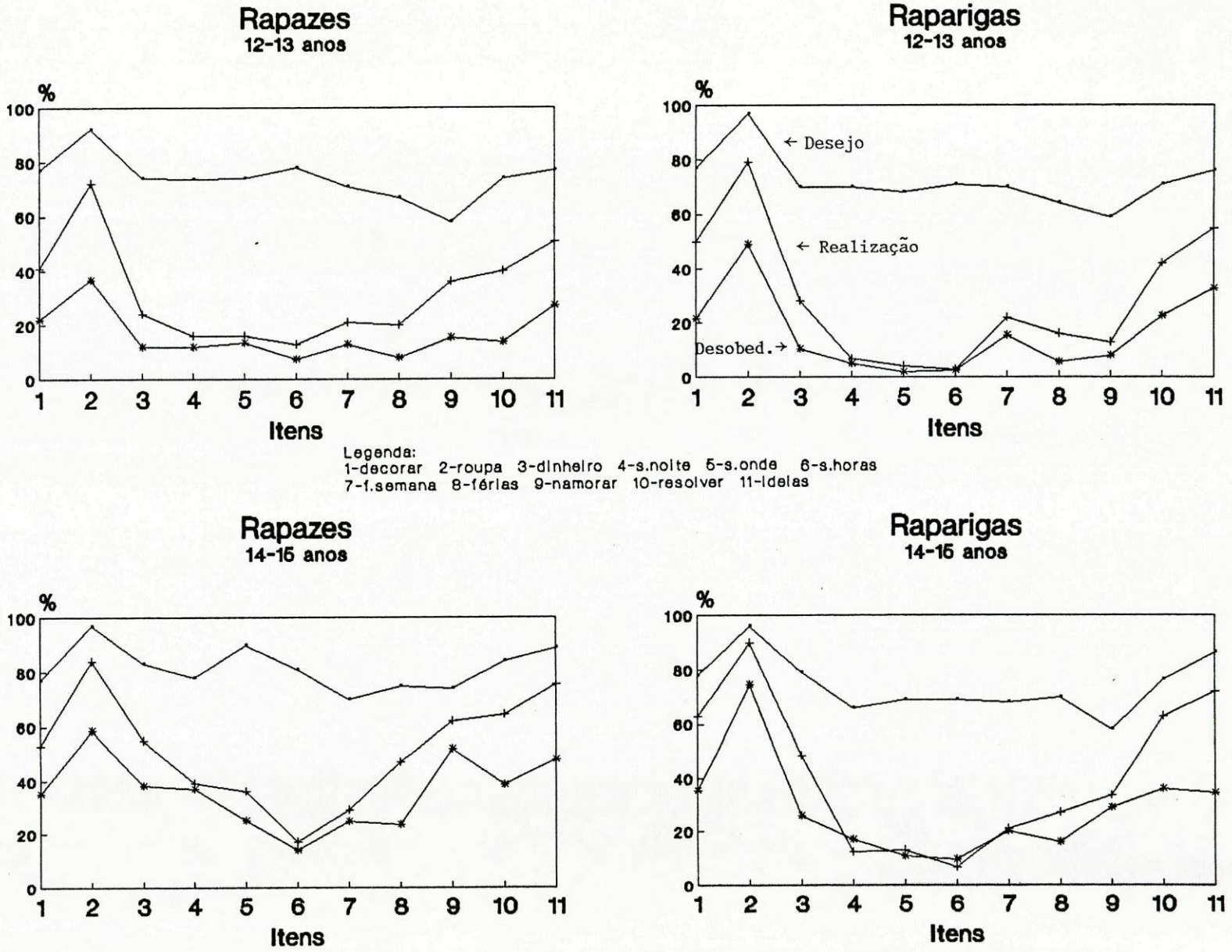


Fig. 10 - Desejo, Realização e Desobediência nos grupos etários 12-13 e 14-15 anos, nos rapazes e nas raparigas.

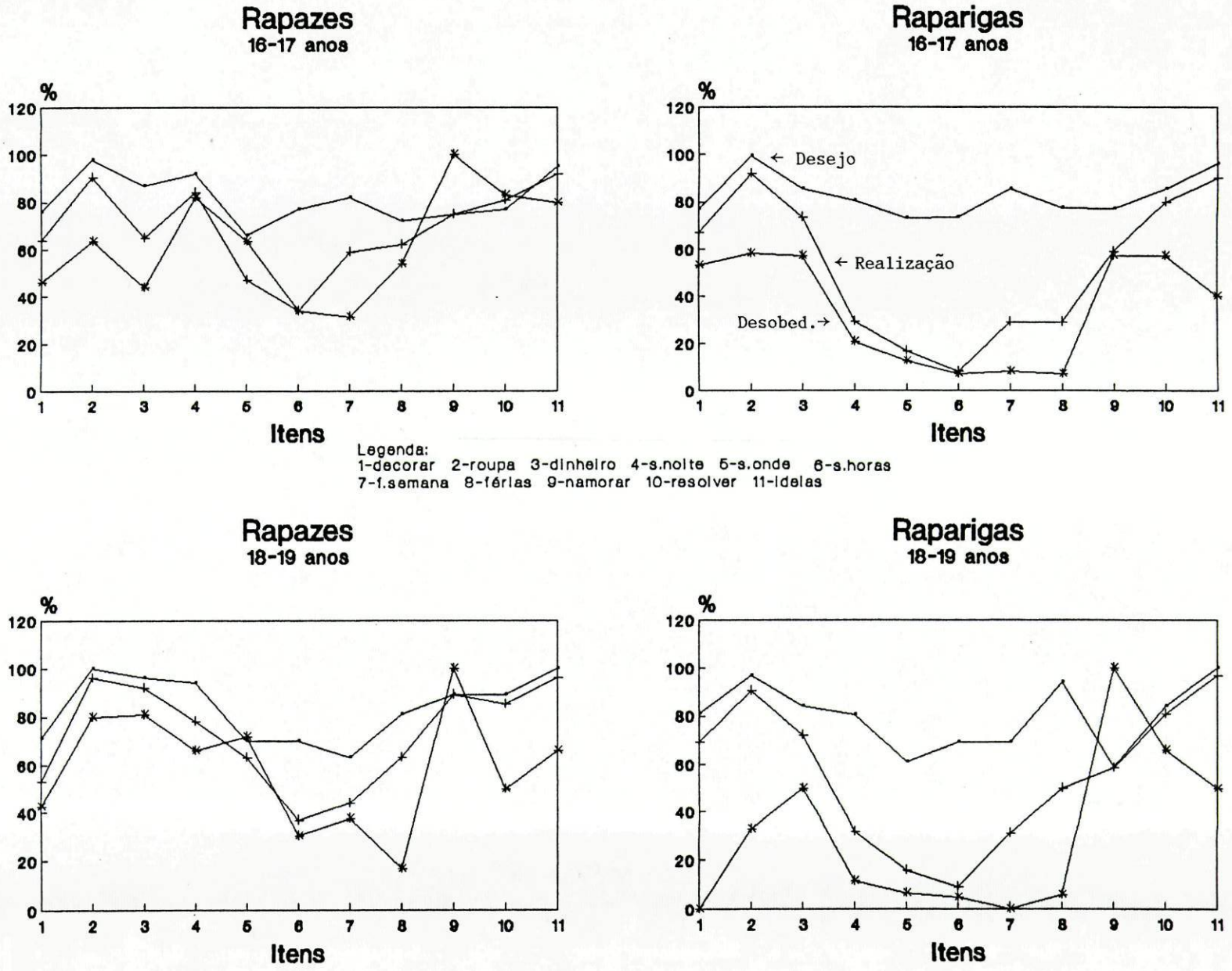


Fig. 11 - Desejo, Realização e Desobediência nos grupos etários 16-17 e 18-19 anos, nos rapazes e nas raparigas.

DISCUSSÃO

Os nossos resultados comprovam a validade dos nossos ítens ou indicadores da **autonomia comportamental**, já que, como os resultados indicam, o seu exercício é desejado pela maioria dos adolescentes (mais de 80% em alguns ítens).

E de admitir que estejamos perante um conjunto de comportamentos que assumem uma grande importância na vivência quotidiana do adolescente, em torno dos quais, presumimos, se configuram interacções familiares de ampla densidade comunicacional e afectiva, com impacto mutativo quer nos filhos quer nos pais.

E de admitir também que estejamos perante o que Chamboredon (s/d) designa por "atributos da maturidade", ou seja, os atributos que caracterizam determinada idade na diversidade do seu acesso progressivo à maturidade.

Na opinião do autor, os atributos remetem para "autonomias parciais e localizadas", através dos quais o adolescente faz a ruptura com a família de origem "em vez de se negociar com uma passagem ritualizada de um estatuto claramente definido para outro" (op. cit., p. 27).

Os resultados do nosso estudo, realizado numa amostra representativa dum grande universo populacional de adolescentes escolarisados, identifica algumas dessas autonomias parciais e localizadas através das quais, na nossa opinião, pais e adolescentes negoceiam, com reajustamentos mútuos, o acesso à maturidade adulta. Não estamos portanto totalmente de acordo com o autor, já que na nossa perspectiva os comportamentos de autonomia são equivalentes actuais dos ritos de passagem, com valor simbólico tão ou mais importante.

I. A TRANSIÇÃO, NO DESEJO, NA REALIZAÇÃO E NA DESOBEDIÊNCIA, DOS 12 AOS 19 ANOS

1. Os nossos resultados demonstram inequivocamente a importância da aquisição gradual de autonomia comportamental por parte do adolescente, tal como podemos apercebê-la, quer através do estudo da componente interna do **desejo**, quer através do estudo da competência comportamental (**realização**).

Os nossos resultados indicam que, quer o desejo de realizar comportamentos de autonomia, quer a aquisição da capacidade para os realizar, esta última, mediatizada na nossa opinião pela capacidade de desobedecer aos pais, encontram-se já presentes em grande número de adolescentes desde o período péri-pubertário e vêm a manifestar-se em cada vez maior número de adolescentes, à medida que a idade aumenta.

A mudança comportamental é portanto nítida e verifica-se uma evolução progressiva da posição de dependência/submissão ("não desejo" ou "não faço porque não me deixam") para a posição de autonomia ("desejo" ou "faço, mesmo tendo problemas com os meus pais por causa disso") desde os 12 aos 19 anos, com uma tendência para a atenuação da desobediência aos pais em alguns comportamentos, nas idades mais elevadas, sem diminuição da competência comportamental.

A eficácia de realização é maior nos ítens de dimensão mais relacionada com a imagem (ítens 1, 2) e de tomada de decisão (ítens 10, 11), mas aos 18-19 anos a eficácia de realização subiu substancialmente em quase todos os ítens.

Com efeito, os nossos resultados revelaram que cada vez maior número de adolescentes, dos 12 aos 19 anos, exercem uma autonomia comportamental na escolha do seu próprio estilo (ítens 1 e 2), na gestão do seu próprio dinheiro (ítem 3), na tomada de decisão (ítens 10 e 11) e nas actividades fora de casa, sem o controlo parental (ítens 4 a 9).

Os nossos resultados confirmam as hipóteses delineadas e sustentam a evidência teórica, clínica e empírica que tem colocado a autonomia como uma questão importante, senão central, na transição adolescente.

O desejo de conseguir a autonomia comportamental manifesta-se na grande maioria dos adolescentes e desde o período péri-pubertário, e manifestando-se, na maior parte dos indicadores da autonomia, em cada vez maior número de adolescentes à medida que se caminha para a adolescência terminal.

Estes resultados confirmam a evidência empírica encontrada por nós próprios, em colaboração com outros autores, nos trabalhos já referidos, realizadas com adolescentes portugueses (Figueiredo et al., 1983, 1985b) e por outros investigadores, a que também já fizemos referência (Conger & Peterson, 1984 in Silverberg & Steinberg, 1987, Williamson & Campbell, 1985).

Quanto à capacidade de realização da autonomia comportamental os nossos resultados sustentam a evidência empírica prévia que aponta para uma subida na autonomia (emocional, comportamental, resistência à pressão do grupo, tomada de decisão...) à medida que se transita da adolescência inicial para a terminal (Douvan & Adelson, 1966; Steinberg & Silverberg, 1986; Greenberger, 1984; Smith, 1985; Pipp et al. 1985; Peppitone, 1980).

A variabilidade da competência para realizar a autonomia comportamental é grande, variando de comportamento para comportamento, sugerindo estar essa variabilidade ligada não só a factores de ordem familiar (os pais concedem maior ou menor autonomia conforme se trate de um comportamento ou de outro) como a factores de ordem pessoal (outras aquisições desenvolvimentais).

Mas de um modo geral, poderíamos dizer que o encorajamento sociocultural para a autonomia por um lado e o progressivo desenvolvimento dos recursos do adolescente (competências cognitivas, físicas, psicossociais e outras) por outro lado, se combinam para propulsionar o adolescente para o exercício efectivo da autonomia comportamental.

2. Se na fase inicial e intermédia da adolescência a subida da capacidade de realização da autonomia se deve à custa da subida da capacidade de desobedecer aos pais, (conforme se pode constatar pela observação das figs. 10 e 11) verifica-se que, a partir dos 16-17 anos se assiste a uma tendência para uma descida na curva da desobediência, mais notória no sexo feminino, ou a uma estabilização das proporções de desobediência, apontando provavelmente para uma capacidade de realizar a autonomia num contexto de menor conflitualidade com os pais.

É de admitir que esta fase corresponda ao que Selman designou por Nível 3 de concepção da relação pais-filhos e que se caracterizaria por uma tolerância e respeito mútuos. É aliás neste Nível que Selman situa a articulação dos conflitos entre a necessidade de obedecer e de desobedecer (cf. Cap. V, I PARTE).

Diríamos então que, se no início do processo adolescente o confronto, o conflito sobre autonomia, é inevitável porque, obrigando pais e filhos a um processo de transformação da relação e a um processo de maturação interna, com as concomitantes psíquicas inerentes, dessa transformação resultam ganhos maturativos em ambos: a possibilidade nos pais de capitular perante a desobediência, a desautorização e a outorgação do poder permitindo-lhes fazer novas adaptações à emergência da separação fisíca futura e nos filhos a possibilidade de aquisições internas no sentido da individuação e da formação de identidade.

A medida que o indivíduo internaliza através de mecanismos de introjecção e de identificação, o que é externo, constrói simultaneamente a sua autonomia com ganhos maturativos importantes ao nível do desenvolvimento das instâncias egóicas e super-egóicas.

As internalizações que serviram para promover a autonomia durante a infância, servem agora para estorvar o desenvolvimento progressivo na adolescência. Neste contexto a desobediência aos pais, em subida progressiva na fase inicial da adolescência em todos os ítens e em alguns ítens mantendo-se em progressão ainda aos 19 anos (ex: "Namorar", "Gastar o seu próprio dinheiro") adquire um sentido e um valor maturativo, porque na nossa perspectiva, permite ao adolescente ganhar distância e criar diferença face aos pais, isto é, promove a transformação dos laços objectais infantis.

3. Os resultados obtidos, tal como os podemos analisar através das curvas de evolução do **desejo** e da **realização** ao longo da idade (Figs.10 e 11), mostram um padrão comum em todos os ítens: um notório desfasamento entre o **desejo** e a **realização** nas idades iniciais (12-13 anos), desfasamento que se vai esbatendo ao longo da idade: as proporções têm tendência a aproximar-se e a sobrepôr-se mesmo, em alguns ítens, nas idades mais avançadas (18-19 anos).

Este padrão de desenvolvimento, sensivelmente idêntico nos dois sexos, sugere-nos uma interpretação que vai na linha de pensamento da psicanalista e investigadora Ruthellen Josselson.

Na perspectiva de Josselson (1980) a adolescência precoce mantém muito das características da sub-fase de **experimentação** (practicing) e a adolescência média da sub-fase de **reaproximação** (rapprochement), a primeira caracterizando-se pela inexistência de ambivalência, a segunda pela presença de desejos ambivalentes de repudiar e de contar com o suporte egóico parental.

Josselson observa que: "de certa forma, a adolescência precoce é um segundo estágio de omnipotência - uma pessoa desta idade sabe que pode fazer tudo, o self é completamente bom" (op. cit., p. 194).

A leitura que fazemos dos nossos resultados vêm em apoio desta perspectiva. Com efeito, o desejo de adquirir autonomia manifesta-se em 70-80% dos adolescentes em todos os ítens, já aos 12-13 anos, o que, particularizando, quer dizer que mais de 70% dos adolescentes de ambos os sexos, com 12-13 anos, exprimem por exemplo, o desejo de sair e entrar em casa sem qualquer controlo parental (sem dizer onde vai e a que horas chega).

Encontramos assim um sentimento precoce de autonomia, expressa na forma dum desejo de agir comportamentos, como se não tivesse pais ou entraves à sua liberdade pessoal. E provável que o adolescente procure organizar precocemente um sentimento de individualidade, de diferença, desejando ser tratado como uma pessoa separada, e as saídas quotidianas do ambiente familiar, a separação física por curtos períodos de tempo, lhe proporcionem um envolvimento com os pares e sejam plataformas de suporte para um conjunto embrionário de self-representações de independência. E também este sentimento de autonomia (expresso na forma de um desejo) que lhe permite sentir-se a salvo das necessidades regressivas da infância.

Quando mais tarde, na sub-fase que Josselson aparenta à reaproximação, o adolescente já adquiriu a capacidade de funcionar fora da esfera parental ele experimenta um desejo crescente de restaurar a harmonia e utiliza a família como uma base de apoio segura onde ele pode sempre regressar. Curiosamente, embora a tendência geral seja para um aumento da proporção dos que desejam, verificamos que, nos ítens das saídas quotidianas, as proporções dos sujeitos de 18-19 anos são inferiores às dos de 12-13 anos (Fig.3).

De notar que, Steinberg & Silverberg (1986) encontram por esta altura uma diminuição das atitudes e comportamentos orientados para os pares e diz que se trata dum período de viragem no desenvolvimento da autonomia: os jovens começariam a integrar a autonomia emocional face aos pais com uma autonomia comportamental menos orientada para os pares.

Interessante também é constatar que a quase totalidade dos adolescentes, quer os rapazes quer as raparigas, e tanto aos 12-13 como aos 18-19 anos, desejam ter comportamentos de saída de casa, sem o controlo parental. Curiosamente constatamos também que o exercício real desses comportamentos é apenas conseguido por uma fracção pequena de rapazes (entre 9 e 17%) e extremamente pequena de raparigas (entre 2 e 11%), sendo o padrão comum a submissão aos pais.

Estes dados sugerem-nos que o adolescente tenta alargar os laços verticais de pura **filiação** (aos familiares) a outros laços, estes horizontais, de **afiliação** (aos pares e grupos de pertença), dando-se a liberdade de escolher outro ou outros sistemas de pertença com os seus rituais próprios (linguagem, atitudes, vestuário).

Por outro lado, o afastamento do círculo familiar abre a possibilidade de relações afectivas extra-familiares com o desenlace na escolha dum parceiro amoroso e sexual, escolha que não foi determinada (em princípio) pelas famílias.

E provável que estas tentativas de afiliação sejam sentidas pelos progenitores como ameaças à filiação, contendo o risco maior da perda ou ainda da traição (e vividas reciprocamente pelo adolescente com ambivalência), o que explicaria, nos pais, a tendência para a interdição e nos filhos a tendência para a submissão.

4. Duas teses fundamentais têm predominado no posicionamento dos investigadores sobre o desenvolvimento adolescente: aquela que descremos anteriomente sob a designação de tese do "turmoil", e aquela que vê o processo como essencialmente gradual, harmonioso e a-conflitual.

No confronto entre estas duas visões, supostamente antagónicas, alguns autores têm defendido a sua articulação mais do que o seu antagonismo.

A reflexão levada a cabo por Josselson vai no sentido de ver nesse confronto não um cisma mas duas visões complementares dum mesmo processo. Josselson (1980) observou quer no seu trabalho clínico, quer na sua investigação empírica, que: "tal como na criança, a individuação no adolescente, envolve alguma distância face aos pais e esforços compensatórios para reestabelecer a ligação. O crescimento da autonomia do ego (quer para a criança quer para o adolescente) decorre através de acréscimos graduais de competência, e da preservação (ou revisão) das relações a cada passo. Embora os laços objectais edípicos possam ser desamarrados na adolescência, eles não são cortados" (op. cit., p. 195).

Os nossos resultados vão, na interpretação que deles fazemos, em apoio desta concepção: mostram-nos claramente a necessidade da desobediência aos pais, da inevitabilidade do conflito (dum modo geral as curvas apresentam um apex aos 16-17 anos), ou da distância de que fala Josselson, mas a transição quer ao nível do **desejo**, da **realização** e da **desobediência** sobre a autonomia, parece-nos processar-se num contexto de mudança gradual, através de "acréscimos graduais de competência".

Estes dados sugerem-nos a existência de mecanismos na relação pais-filhos capazes de lidar com o stress provocado pela mudança. Por outro lado, se é lícito pensar que as mudanças biológicas e cognitivas são num certo sentido dramáticas, as mudanças ocorrem tão gradualmente que não requerem adaptações súbitas "nem no lar, nem ao espelho" (Hill, 1985). Estamos em crer e de acordo com Coleman (1978) que a maioria dos

adolescentes lida com as maiores mudanças da transição sem tumulto nem turbulência, porque num timing que se estende por um longo período de anos, permitindo a adaptação e o funcionamento de mecanismos de regulação no sistema familiar e porque existe de parte a parte um "esforço compensatório para reestabelecer a ligação" à medida que o processo de separação e de individuação progride.

5. Quanto às mudanças relacionais entre pais e filhos que ocorrem durante a adolescência, vimos que duas concepções têm predominado na literatura científica sobre o assunto: a que argumenta que a tarefa adolescente é tornar-se independente da influência parental e a que sustenta que para a maioria dos adolescentes, a qualidade da relação permanece substancialmente contínua desde a infância e ao longo da adolescência.

Não é essa a leitura que globalmente fazemos dos nossos resultados. Na nossa perspectiva, eles apoiam uma terceira conceptualização que tem vindo a ser aprofundada pelo trabalho de Grotevant e de Cooper (1982, 1987) que defendem que "a relação pais-adolescente transforma-se consideravelmente da adolescência precoce para a adultícia jovem à medida que ela é renegociada pelos pais e pelos filhos" (Cooper & Grotevant, 1987, p. 83).

Esta perspectiva está aliás em consonância com o pensamento de Josselson sobre o desenvolvimento do ego na adultícia que diz só poder ser compreendido à luz do processo de individuação numa sequência interdependente de: individuação/autonomia/formação de identidade e num contexto de preservação (ou revisão) das relações pais-filhos a par e passo.

O estudo das percepções adolescentes do relacionamento, no plano do afecto e das práticas educativas, com os seus pais (que apresentaremos na SECÇÃO II desta III PARTE), permitirá elucidar as questões agora equacionadas e confirmar ou infirmar a interpretação que os nossos resultados por ora nos sugerem.

II. OS ASPECTOS SIMILARES E DIFERENCIAIS ENTRE RAPAZES E RAPARIGAS, NA TRANSIÇÃO.

Numa análise puramente quantitativa, sem termos em linha de conta, a especificidade de cada ítem, os nossos resultados indicam-nos que os rapazes desejam mais a autonomia e são mais autónomos do que as raparigas, porque se verifica uma associação estatisticamente significativa entre as variáveis **desejo** e **realização** e o sexo masculino em maior número de ítens.

Nesta perspectiva, os nossos resultados apoiam a evidência empírica que tem mostrado serem os adolescentes do sexo masculino mais autónomos do que as raparigas e para a qual se tem encontrado uma explicação cultural: a socialização nas sociedades ocidentais tende a fomentar a actividade e independência nos rapazes e a passividade e a dependência nas raparigas (cf. a revisão de Gallatin, 1978).

Porém, a análise ítem a ítem, quer dos aspectos da autonomia onde não se encontram diferenças quer dos aspectos diferenciais, leva-nos a um aprofundamento da reflexão.

1. Aspectos comuns

É curioso verificar que nos ítens "Resolver os seus próprios problemas ou assuntos sem a interferência dos pais" e "Seguir as suas próprias ideias (religiosas, políticas, etc.)" remetendo para um aspecto

fundamental da autonomia: "a confiança nas decisões e ideias pessoais" não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas nem no **desejo**, nem na **realização** nem na **desobediência.**

Ora, este aspecto da autonomia tem merecido grande atenção por parte dos investigadores (Elder, 1963; Greenberger, 1984) e tem-lhe sido dado um lugar de destaque porque se considera que este tipo de autonomia requer um conjunto bem estabelecido de valores pessoais e fortemente internalizados. A pessoa independente distinguir-se-ia aliás da dependente, na opinião de Gallatin (1978), por ter a capacidade de decidir e julgar as situações por si mesma.

Estes dados questionam claramente a conclusão anterior, derivada duma análise mais global, que tenderia a aceitar que os rapazes são mais autónomos do que as raparigas. Se encontramos essa evidência nos ítens de orientação mais externa, já na dimensão mais internalizada da autonomia a conclusão que se impõe é a de que ambos os sexos desejam identicamente e têm uma percepção comum de autonomia interna. Neste sentido, os nossos resultados vão em apoio dos resultados de Steinberg & Silverberg (1986), que encontram maior proporção de raparigas exibindo autonomia emocional, auto-confiança e resistência à pressão do grupo, do que de rapazes.

2. Aspectos Diferenciais

O que introduz a diferença entre rapazes e raparigas são os aspectos da autonomia conotados por um lado com os aspectos mais "narcísicos" (ítens 1 e 2) e por outro lado com os aspectos mais "sociais" (ítens 4 a 9).

Com efeito, tanto no **desejo**, como na **realização**, como ainda na **desobediência**, são os ítens relativos às saídas quotidianas e temporárias de casa que aparecem neste estudo como a configuração as-

sociada ao sexo masculino. Já, por sua vez, são os ítens relativos à imagem corporal e à imagem do espaço próprio no habitat familiar que aparecem associados ao sexo feminino.

Estes resultados sugerem-nos dois níveis de interpretação:

- Num primeiro nível, sublinhamos a importância da socialização no desenvolvimento dos padrões de autonomia: é nos ítens de maior orientação para as actividades fora de casa que encontramos diferenças consistentes entre os dois sexos.

Neste sentido, os nossos resultados confirmam os resultados de trabalhos efectuados noutros contextos culturais: eles apoiam a evidência empírica que têm encontrado no sexo feminino uma maior preocupação pela aparência física e estilo de vestuário (cf. revisão de Gallatin, 1978) e uma maior competência na realização de actividades extra-familiares de carácter social no sexo masculino, se incluirmos nesta rúbrica os nossos ítens relativos às saídas quotidianas e temporárias de casa.

- Num segundo nível de interpretação, questionamos a influência da socialização como explicação única para as diferenças encontradas e perguntamo-nos porque é que ao nível do **desejo**, encontramos de novo a configuração: a aparência física associada ao sexo feminino e o desejo de saídas do espaço - casa ao sexo masculino.

E provável que estas duas configurações estejam relacionadas com uma forma diferenciada de lidar com os conflitos ligados à separação da família e nesta linha procurámos discutir os nossos resultados à luz dos resultados encontrados por outros investigadores em áreas próximas da nossa.

Embora as investigações mais recentes sobre as relações familiares na adolescência, tenham revelado a ausência de diferenças consistentes entre sexos no relacionamento familiar (Steinberg,1987), já a investigação de Cooper & Grotevant (1987) revelou diferenças nos padrões de interacção familiar relacionados justamente com a questão da

autonomia: nas raparigas o desenvolvimento psicossocial saudável requer um esforço mais concertado para estabelecer a autonomia, nos rapazes um esforço para manter maior ligação à família.

Ora, de acordo com Alishio & Schilling (1984) o desenvolvimento do relacionamento nos rapazes faz-se primordialmente através da realização (achievement) e da autonomia (autonomy) e nas raparigas através da intimidade (intimacy) e do vínculo (attachment). Também Gilligan (1982, in Alishio & Schilling,1984)) num estudo levado a cabo com raparigas, mostrou que elas se viam predominantemente como "ligadas" (connected) ou seja, pondo maior ênfase nos cuidados físicos e emocionais a prestar aos outros, por oposição à "pessoa separada" (separate person) que operaria num sistema de maior reciprocidade sem ter em consideração os sentimentos dos outros.

As raparigas, mais do que os rapazes, aspiram a inter-relações e laços afectivos fortes na família (McDermott et al., 1983, Josselson et al., 1977b). Também a reflexão teórica, de inspiração psicanalítica, levada a cabo por Notman et al. (1986) leva-os a considerar uma linha de desenvolvimento feminina separada, desde o nascimento até à adultícia. Segundo os autores, o desenvolvimento da "feminilidade primária" (primary feminity), que se origina nas vinculações maternas precoces, amadurece na adultícia na forma de "self-em-relação" (self-in-relation), numa interdependência mútua e no desejo de ligação (connectedness). Franz & White (1985) numa re-análise da obra de Erikson conclui que Erikson "enfatiza o desenvolvimento duma personalidade individuada, e socialmente ligada a expensas da personalidade vinculada, ligada interpessoalmente e de orientação para os cuidados (care - oriented)" (op. cit., p. 254), referindo-se a primeira formulação ao rapaz e a segunda à rapariga.

Estas diversas contribuições apontam, em síntese, para uma maior orientação nas raparigas para o vínculo e para a interrelação e nos rapazes para a ligação social e contribuem para o esclarecimento da questão posta pelo trabalho de Cooper & Grotevant (1987) que começámos por referir.

Vistos nesta perspectiva, diríamos que os nossos resultados, embora insuficientes para concluir nesta matéria, vão tendencialmente nessa direcção.

Com efeito, os nossos resultados apontam para um comportamento exploratório (no sentido de Bowlby) mais activo no espaço social nos rapazes do que nas raparigas, trabalhando os rapazes mais activamente para se separarem e para substituirem as experiências familiares por experiências sociais.

III. SIMBOLOS DE AUTONOMIA AO LONGO DA IDADE

A análise das curvas das proporções de desejo ao longo da evolução etária (Figs.10 e 11) sugere-nos que:

- Os ítens de autonomia assumem um valor de **símbolo** de autonomia em determinada idade, perdem esse valor em idades posteriores e outros ítens surgem com esse significado, funcionando como precursores de novas mudanças comportamentais.

Com efeito, e explicitando melhor a nossa ideia, verifica-se que em alguns ítems a dimensão do **desejo** não sofre oscilações ao longo da idade, mantendo-se as proporções dos que desejam, elevadas mas estáveis ("decorar" e "usar roupa" em ambos os sexos e "sair horas" e "sair onde" nas raparigas). Estes resultados sugerem-nos que estes ítens são símbolos importantes ao longo de todo o processo adolescente.

Noutros ítens a incidência do desejo gradua-se ao longo da idade:

Verificamos que nos rapazes, aos 12-13 anos há uma elevada proporção que desejam as saídas quotidianas sem o controlo parental, a seguir o desejo vem a manifestar-se nos ítens "sair noite" e "fins-de-semana" e aos 16-17 anos são os ítens "namorar", "férias" e "resolver problemas" que estão em nitída progressão.

Poderíamos então concluir que nos rapazes o desejo passa inicialmente por uma vontade de fugir ao controlo parental no espaço extra-familiar, provavelmente associado ao desejo de estabelecer novas relações de conviviabilidade, passa na adolescência intermédia por um desejo de alargar e diferenciar os espaços familiar e social e na adolescência final por um desejo de separação física dos pais com estadias fora de casa, precursores de níveis maturativos de funcionamento mais elevados.

Nas raparigas, o início da adolescência é marcado por um desejo crescente de "seguir ideias" e "gastar o seu próprio dinheiro", apontando para uma dimensão mais cognitiva e social; na adolescência intermédia assiste-se a uma explosão de ítens em ascensão: "sair noite", "fins-de-semana", "namorar", "resolver problemas" e aos 16-17 anos é o ítem "férias" que está em ascensão.

Poderíamos então concluir que, nas raparigas, o desejo passa inicialmente pelo ganho de uma autonomia interna, esse desejo alarga-se na adolescência intermédia à necessidade de conquistar espaços de relação extra-familiares, com saídas quotidianas e temporárias e a possibilidade de namorar e no término da adolescência é o desejo de separação física ("férias") que está em ascensão.

Itens com valor simbólico de autonomia ao longo de todo o processo adolescente, em ambos os sexos, são os ítens "seguir ideias" e "gastar o seu próprio dinheiro". O primeiro, precursor do estabelecimento de uma identidade pessoal e social, o segundo, símbolo de poder, prestígio e elemento de troca essencial nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Dum modo geral podemos dizer que a sequência dos ítens em ascensão quanto ao seu valor de autonomia, faz-se segundo um padrão que vai da dimensão mais narcísica à dimensão mais interpessoal e relacional.

O interesse cada vez maior pelos comportamentos de saída, comportamentos exploratórios num contexto social, têm uma função adaptativa e visa na nossa interpretação providenciar experiências egóicas partilhadas com os pares, novos continentes, (no sentido de Bion) para a relação e propiciadores de novas identificações. Simultaneamente, o adolescente experiencia um sentimento de ser distinto e cada vez mais responsável pelo que faz (ítem 10) e pelo que é (ítem 11), não querendo mais depositar a responsabilidade naqueles sob cuja influência e tutela sempre viveu e de quem espera o suporte afectivo.

Muito recentemente, Chamboredon (s/d), a quem fomos buscar o conceito de "atributos de maturidade" afirmou ser necessário, nos estudos sobre a adolescência, não só inventariar os diversos atributos de maturidade como ainda estudar para cada um, o seu calendário de acesso já que, na sua opinião, existem atributos que perdem o seu valor de escansão ou seja perdem o seu valor de símbolo de maturidade, banalizam-se e "deslizam para o fundo de uma escala de idades" (op. cit., p. 19).

Seria necessário também construir para cada classe social os "cursus modais" ou seja a sequência regular, a partir da base do que é mais provável em cada classe, do acesso aos diferentes atributos.

Ao planearmos a nossa investigação não tínhamos conhecimento desta contribuição. Registamos, com interesse, a confluência de preocupações e pensamos que o nosso trabalho, contribui para o estabelecimento de algumas das questões colocadas pelo autor.

Se, o nosso trabalho não esclarece os aspectos diferenciais que o "cursus modal" toma dentro de cada classe social, ele delineia, identifica o padrão, sugere a direcção do calendário de acesso à maturidade adulta.

Questionário nº |_|_|_|

III PARTE

A lista em baixo refere um conjunto de ONZE COMPORTAMENTOS.

Em relação a cada um deles, coloque uma (X) no quadrado correspondente à sua resposta e dê apenas uma resposta par cada um dos 11 COMPORTAMENTOS.

COMPORTAMENTOS	NÃO FAÇO						FAÇO				
	Porque não desejo fazer actualmente	Porque não me deixam					E não tenho problemas por causa disso	Mas tenho problemas por causa disso			
		A Mãe	O Pai	A Mãe e o Pai	Os irmãos ou irmãs	Outros		Com a Mãe	Com o Pai	Com a Mãe e o Pai	Com outros
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1. DECORAR A PARTE DE CASA ONDE DURMO COMO QUISER											
2. USAR A ROUPA E O PENTEADO QUE GOSTO											
3. GASTAR O MEU PRÓPRIO DINHEIRO COMO QUISER											
4. SAIR À NOITE											
5. SAIR SEM DIZER ONDE VOU											
6. SAIR E ENTRAR ÀS HORAS QUE QUERO											
7. PASSAR FINS-DE-SEMANA FORA DE CASA (COM AMIGOS, POR EXEMPLO)											
8. PASSAR FÉRIAS SEM A COMPANHIA DE FAMILIARES											
9. NAMORAR											
10. RESOLVER OS MEUS PRÓPRIOS ASSUNTOS OU PROBLEMAS SEM A INTERFERÊNCIA DOS PAIS											
11. SEGUIR AS MINHAS PRÓPRIAS IDEIAS (RELIGIOSAS, POLÍTICAS, ÁREAS DE ESTUDO, ETC.)											

C A P I T U L O III

DESOBEDIÊNCIA E SUBMISSÃO NOS COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA: ENVOLVIMENTO DAS FIGURAS PARENTAIS

INTRODUÇÃO

A investigação sistemática sobre a família tem merecido, como vimos, um lugar de destaque no estudo da Adolescência e ela volta de novo a ser um pólo fundamental de interesse dos investigadores (Steinberg, 1987).

Esse interesse inicialmente centrado na figura parental compósita (os pais) volta-se agora cada vez mais para a análise diferenciada do pai e da mãe e das relações entre as várias díades, tendo em conta as diferenças entre sexos: as diferenças entre rapazes e raparigas, as diferenças entre mães e pais e as diferenças entre rapazes e raparigas na sua interacção com as mães vs. pais. Steinberg (1987) comentando os resultados dum encontro recente entre investigadores, pergunta-se mesmo se as "relações pais-adolescente não deveriam ser caracterizadas como quatro relações muito diferentes" (op., cit., p.194).

Reportando-nos aos resultados mais recentes da investigação empírica neste domínio e que revimos anteriormente, fica-nos contudo a impressão de que não se encontram diferenças consistentes nos padrões de relações familiares face ao rapaz ou face à rapariga adolescentes.

No entanto já se verifica que os antecedentes familiares do desenvolvimento da identidade são diferentes para o rapaz e para a rapariga, tendo esse facto implicações para o desenvolvimento psicossocial do adolescente e concretamente para a forma como o adolescente concretiza a autonomia (Cooper & Grotevant, 1987).

Fica portanto em aberto a questão.

Nos estudos anteriores nós procedemos à análise das dimensões do **Desejo**, da **Realização** e da **Desobediência** relativamente aos Pais, sem diferenciar o sexo dos progenitores.

No entanto, a importância destas questões levou-nos a introduzir na nossa investigação as variáveis "Ambos os Pais", "Mãe", "Pai" na dimensão da **Desobediência vs. Submissão.**

O objectivo do estudo dessas variáveis é verificar o envolvimento das figuras parentais, materna e paterna, nessas duas dimensões, tendo em conta as diferenças sexuais, quer nos progenitores quer nos adolescentes.

Por outras palavras, nós pretendemos aprofundar o estudo anterior sobre a **Desobediência vs. Submissão**, introduzindo novas interrogações:

- A quem desobedece mais e a quem se submete mais o adolescente? Aos pais, percepcionados como uma figura conjunta, ou a uma das figuras parentais, percepcionada como separada? E neste caso, à mãe ou ao pai?

- Quais as diferenças entre rapazes e raparigas nos padrões de **Desobediência vs. Submissão** relativamente às figuras materna e paterna?

Com o objectivo de responder às questões levantadas, iremos proceder neste capítulo a três estudos, a partir da matriz de dados fornecidos pelo Q.A.C. (Anexo I).

- O ESTUDO I, sobre o "Envolvimento das figuras parentais na **Desobediência**", analisa a incidência das respostas dentro da sub-amostra dos sujeitos que desobedecem, distinguindo agora as diferentes categorias de resposta: "Ambos os Pais" (posição 10), "Mãe" (posição 8) e "Pai" (posição 9).

- O ESTUDO II, sobre o "Envolvimento das figuras parentais na **Submissão**", analisa a incidência de respostas dentro da sub-amostra dos sujeitos que se submetem, distinguindo as diferentes categorias de resposta: "Ambos os Pais" (posição 4), "Mãe" (posição 2) e "Pai" (posição 3).

- O ESTUDO III, sobre "As diferenças sexuais e etárias na **Desobediência vs. Submissão** à mãe e ao pai", compara as duas sub-amostras anteriores, mas distinguindo as categorias de resposta: "Mãe" (compara as posições 2 e 8) e "Pai" (compara as posições 3 e 9).

Em cada um destes estudos procuraremos encontrar, relativamente a cada um dos comportamentos de autonomia, os aspectos diferenciais ligados ao sexo e à idade do adolescente.

Começaremos por apresentar os resultados a que conduziu o Estudo I.

ESTUDO I. ENVOLVIMENTO DAS FIGURAS PARENTAIS NA DESOBEDIÊNCIA

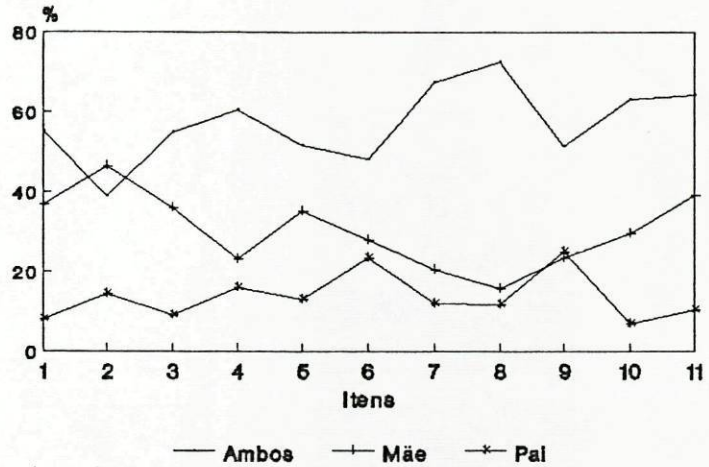
Partimos, neste estudo, da análise das distribuições (em frequências absolutas e relativas) dos sujeitos em função das figuras parentais com quem têm problemas: "com ambos", "com a mãe", "com o pai".

A tabela das distribuições encontra-se descrita no Quadro 1 e ilustrada na Fig.1.

Quadro 1 - Distribuição dos sujeitos em função da sua desobediência às figuras parentais

		Ambos		Mãe		Pai	
ITENS	N	n	%	n	%	n	%
1. Decorar	87	48	55.2	32	36.8	7	8.Ø
2. Roupa	138	54	39.1	64	46.4	20	14.5
3. Dinheiro	1ØØ	55	55.Ø	36	36.Ø	9	9.Ø
4. S.Noite	112	68	6Ø.7	26	23.2	18	16.1
5. S.Onde	91	47	51.7	32	35.2	12	13.1
6. S.Horas	64	31	48.4	18	28.1	15	23.5
7. F.Semana	83	56	67.5	17	2Ø.5	1Ø	12.Ø
8. Férias	51	37	72.5	8	15.7	6	11.8
9. Namorar	68	35	51.5	16	23.5	17	25.Ø
1Ø.Resolver	71	45	63.4	21	29.6	5	7.Ø
11.Ideias	87	56	64.4	22	39.3	9	1Ø.3

Fig1. Desobediência às Figuras Parentais



Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
7-f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-idelas

Pela análise dos resultados, verificamos o seguinte:

- Os adolescentes têm mais problemas com os pais, como uma figura conjunta, a seguir com a mãe e por fim com o pai. Esta evidência é apenas contrariada no ítem "Roupa" onde a proporção da desobediência à mãe ultrapassa a proporção a "Ambos os pais".

- sempre que os pais são identificados pelo adolescente enquanto figuras separadas: (a) é a mãe que aparece mais referida como parceira na desobediência em todos os ítens à excepção do ítem "Namorar" onde o pai aparece tão representado como a mãe, (b) é a mãe, muito mais do que o pai, que aparece envolvida na desobediência relativamente aos ítens: "Decorar", "Dinheiro" e "Sair onde".

Constatada a prevalência da figura materna enquanto figura mais envolvida na conflitualidade sobre a Autonomia quisemos saber se algum dos sexos, separava mais do que o outro, a figura parental.

A análise das diferenças, efectuada através do Teste de Qui-Quadrado, revelou não existirem diferenças significativas, nesse aspecto, entre rapazes e raparigas.

ESTUDO II. ENVOLVIMENTO DAS FIGURAS PARENTAIS NA SUBMISSÃO

Partimos neste estudo da análise das distribuições (em frequências absolutas e relativas) dos sujeitos em relação às figuras parentais a quem se submetem: "a ambos", " à mãe", "ao pai".

A distribuição dos sujeitos na sub-amostra criada é a seguinte (Quadro 2).

Quadro 2 - Distribuição dos sujeitos em função da sua submissão às figuras parentais

		Ambos		Mãe		Pai	
ITENS	N	n	%	n	%	n	%
1. Decorar	225	151	67.1	62	27.5	12	5.3
2. Roupa	134	76	56.7	49	36.5	9	6.7
3. Dinheiro	341	276	80.9	49	14.3	16	4.7
4. S.Noite	480	414	86.3	36	7.5	30	6.0
5. S.Onde	514	441	85.8	49	9.5	24	4.7
6. S.Horas	602	534	88.7	46	7.6	22	3.7
7. F.Semana	423	379	89.6	31	7.3	13	3.1
8. Férias	387	341	88.1	27	7.0	19	4.9
9. Namorar	228	192	84.2	17	7.5	19	8.3
10.Resolver	207	177	85.6	21	10.1	9	4.3
11.Ideias	158	134	84.8	15	9.5	9	5.7

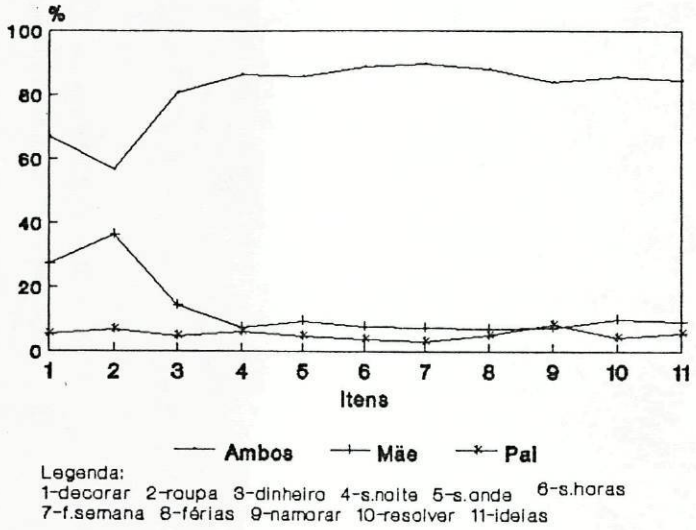
A partir da análise das distribuições assim encontradas e representadas gráficamente na Fig.2, verificamos o seguinte:

- Os adolescentes submetem-se mais aos pais, vistos como uma figura conjunta, a seguir à mãe e por fim ao pai, e este padrão é idêntico em todos os ítens.

- Sempre que os pais são identificados pelo adolescente enquanto figuras distintas é à mãe que o adolescente se submete mais.

Constatada também aqui, tal como no estudo anterior, a prevalência da figura materna enquanto figura mais vezes envolvida na submissão, quisemos saber se algum dos sexos tem comparativamente ao outro maior tendência para separar a figura parental.

Fig 2- Submissão às Figuras Parentais



Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
7-f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-ideias

Os resultados do Teste de Qui-Quadrado, indicaram-nos que, tal como no estudo sobre a desobediência, não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas, nesse aspecto.

ESTUDO III. ENVOLVIMENTO DAS FIGURAS MATERNA E PATERNA NA DESOBEDIÊNCIA VS. SUBMISSÃO

Sabemos já, pelo estudo realizado no capítulo anterior (Cap. II, Estudo II.3), que existem diferenças entre rapazes e raparigas e entre grupos etários nos padrões de **desobediência vs. submissão** relativamente aos Pais (categorias "Ambos os Pais", "Mãe", "Pai" agrupadas) e em que comportamentos de autonomia essas diferenças são significativas.

Não sabemos no entanto como se apresentam essas diferenças nas situações em que o adolescente só desobedece a um dos progenitores.

E esse estudo que iremos realizar agora a partir da comparação das distribuições nas duas sub-amostras: os sujeitos que desobedecem e os sujeitos que se submetem "Só à Mãe" e "Só ao Pai" (os valores dos efectivos nessas categorias de resposta encontram-se discriminados nos Quadros 1 e 2 deste Capítulo).

No tratamento dos dados efectuámos o Teste de Qui-Quadrado ou o Teste de Fisher para o cálculo das diferenças significativas entre sexos e o Teste de Qui-Quadrado e Teste de Tendência Linear para o estudo das diferenças significativas entre idades.

Começaremos por apresentar os resultados relativamente à FIGURA MATERNA.

III. 1 - DESOBEDIÊNCIA VS. SUBMISSÃO À MÃE

Relativamente às diferenças entre sexos, as únicas diferenças estatisticamente significativas referem-se aos ítens "S. Noite" e "S. Horas". Nestes ítens, a proporção de raparigas que se submetem à mãe é significativamente maior do que a proporção de rapazes (P=.018* e P=.006**, respectivamente, para o Teste de Fisher).

Relativamente às diferenças entre idades, os resultados obtidos, dentro do sexo masculino (Quadro 3) e dentro do sexo feminino (Quadro 4) são os seguintes:

Nos rapazes, a tendência é para a ocorrência de conflitos associados à **desobediência** à mãe em cada vez maior número de adolescentes rapazes, à medida que a idade aumenta e em quase todos os comportamentos de autonomia.

Quadro 3 - Associação entre os comportamentos de desobediência à MÃE e a idade, no sexo masculino

ITENS	X^2	g.l.	P
1. Decorar	7.496(b)	1	.006 **
2. Roupa	8.742(b)	1	.003 **
3. Dinheiro	6.418(b)	1	.011 **
4. S.Noite	10.017(b)	1	.001 **
5. S.Onde	17.169(b)	1	.000 ***
6. S.Horas	11.852(b)	1	.000 ***
7. F.Semana	6.111	3	.106 N.S.
8. Férias	4.929	2	.085 N.S.
9. Namorar	6.550(b)	1	.010 **
10.Resolver	3.293	2	.192 N.S.
11.Ideias	4.321	3	.228 N.S.

(b) T.T.L.
N.S. P>.05, * P<.05, ** P<.01, *** P<.001

Apenas nos comportamentos dizendo respeito às saídas temporárias (ítens 7 e 8) e à tomada de decisão (ítens 10 e 11) a proporção de rapazes se mantém constante ao longo da idade.

Já no que diz respeito aos outros comportamentos, a proporção de rapazes com problemas com a mãe é cada vez maior e portanto máxima aos 18-19 anos.

Estes últimos comportamentos aparecem portanto no nosso estudo, como pólos aglutinadores de conflito ligado à desobediência na relação mãe-rapaz ao longo do processo adolescente.

Vejamos agora o que se passa com as raparigas:

Os resultados dos testes efectuados indicam-nos que, de um modo geral, a proporção de raparigas que tem problemas com a mãe se mantém constante ao longo da idade em quase todos os comportamentos de autonomia (P>.05). A excepção ocorre porém, nos comportamentos relacionados com o vestuário ("Roupa":X^2_3=8.145, P=.043*) e com a gestão do dinheiro pessoal ("Dinheiro":X^2_1=8.345, P=.003**) onde a tendência é para a ocorrência de um máximo de conflitos aos 14-15 anos relativamente ao vestuário e para um aumento gradual com a idade na gestão do dinheiro.

Estes comportamentos aparecem portanto como pólos aglutinadores de maior conflitualidade na relação mãe-rapariga.

III.2 - DESOBEDIÊNCIA VS. SUBMISSÃO AO PAI

Relativamente às diferenças entre sexos os nossos resultados, dados pelo Teste de Fisher, indicam que, rapazes e raparigas não se diferenciam nos comportamentos de desobediência ao pai. Com efeito a proporção dos que desobedecem é idêntica num sexo e no outro (P>.Ø5), em todos os comportamentos de autonomia.

Porém, é possível identificar algumas diferenças entre sexos quando analisadas as proporções de desobediência ao longo da idade.

Os resultados obtidos dentro do sexo masculino, e dados pelos Testes de Qui-Quadrado e T.T.L., indicam-nos que: (a) é cada vez maior o número de rapazes apresentando comportamentos de desobediência ao pai nas "S. Noite" (X^2_1=7.ØØ6, P=.ØØ8**) e no ítem "Ideias" (X^2_1=4.267, P=.Ø38*) à medida que a idade sobe e (b) o pico de desobediência ao pai é máximo aos 14-15 anos no ítem "Resolver" (X^2_1=6.ØØØ, P=.Ø14*) e máximo aos 16-17 anos no ítem "S.Onde" (X^2_2=7.369, P=.Ø21*).

Os resultados obtidos dentro do sexo feminino, indicam-nos que a proporção de raparigas apresentando comportamentos de desobediência ao pai se mantém constante ao longo da idade (P>.Ø5), à excepção do ítem "Namorar" (X^2_1=4.468, P=.Ø34*), onde a proporção de raparigas com conflitos com o pai aumenta progressivamente com a idade.

Assim, pela análise dos resultados no seu conjunto, podemos concluir que:

(1) A figura materna encontra-se envolvida na conflitualidade associada à desobediência/submissão em percentagem superior à figura paterna em quase todos os comportamentos de autonomia.

(2) A figura materna, mais do que a figura paterna, introduz diferenças entre rapazes e raparigas na conflitualidade.

(3) A tendência é para que se verifique uma incidência cada vez maior de comportamentos de desobediência na relação **mãe-rapaz** à medida que o adolescente transita do início para o final da adolescência, enquanto que na relação **mãe-rapariga** a incidência se mantém mais ou menos a mesma no início e no final da adolescência.

(4) A tendência é para que se verifique um aumento na incidência nos comportamentos de desobediência na relação **pai-rapaz** à medida que a idade sobe mas apenas em alguns comportamentos, mantendo-se dum modo geral a proporção de desobedientes constante dos 12 para os 19 anos, enquanto que na relação **pai-rapariga** a incidência apenas sobe no comportamento de namoro.

DISCUSSÃO

Os nossos resultados confirmam a nossa hipótese de trabalho e demonstram claramente a existência de diferenças no envolvimento das figuras materna e paterna na regulação dos problemas ligados à autonomia, durante a adolescência.

A figura parental compósita - ambos os pais - apareceu no nosso estudo, como a figura mais vezes referida pelos adolescentes, como a entidade reguladora dos conflitos ligados à desobediência e à submissão.

Porém, nas outras situações em que, na percepção adolescente, os pais aparecem como figuras separadas, a **mãe** aparece, e tal como tínhamos previsto, inequivocamente mais envolvida na regulação dos conflitos e portanto mais envolvida nas questões ligadas ao poder ou à autoridade.

Os nossos resultados sugerem-nos que nessas situações, a **mãe** mais do que o pai, aparece como a figura disciplinadora, mas provavelmente também como a figura que está em contacto permanente com os comportamentos quotidianos do adolescente.

A ocorrência de maior número de situações de desobediência e de submissão à **mãe**, sugere-nos que os adolescentes interagem mais com ela, a quem provavelmente também exprimem mais os seus sentimentos, desejos e ideias, colocando-a num papel activo, regulador e orientador dos comportamentos, figura de autoridade mas também de suporte.

Neste sentido, os nossos resultados vão ao encontro dos resultados de outros trabalhos por nós recenseados, que têm demonstrado que a **mãe** está mais envolvida psicologicamente com a família e com questões relativas à casa (Steinberg, 1987), na comunicação com os filhos (Noller & Bagi, 1985), dá mais conselhos e orientação, recebendo também mais auto-revelação e partilhando mais atitudes com os adolescentes (Hunter, 1985, Norrell, 1984, Youniss & Smollar, 1985). Porém, os autores destes trabalhos não estudaram a figura compósita, colocando à partida o adolescente perante a escolha entre a mãe e o pai.

Curiosamente, a investigação de Hauser et al.(1987), revelou que os adolescentes falam mais com o pai do que com a mãe, sendo esta mais constrangedora e o pai mais orientado para a resolução de problemas.

A nossa investigação não fornece dados quanto à comunicação estabelecida com os pais, pelo que apenas podemos concluir que é à **mãe** mais do que ao pai que os adolescentes se **submetem** e **desobedecem.**

Na negociação dos papéis familiares, que pensamos existir durante a adolescência, o adolescente procura ganhar mais autonomia e portanto maior autoridade e responsabilidade sobre o seu próprio comportamento, no sentido duma transformação dum sistema de autoridade unilateral para uma maior reciprocidade.

Os nossos resultados sugerem-nos que essa transformação se desenrolará mais através dos pais, mas quando o adolescente os percepciona como figuras separadas, o processo de transformação envolve mais a **mãe**. Se, como dizem Silverberg & Steinberg (1987), as mães são mais afectadas psicológicamente pelo conflito podemos especular que, nessas situações, a mãe viverá com maior stress o processo de autonomia comportamental nos filhos adolescentes.

A luz dos resultados dos trabalhos de Steinberg (1981) e de Hill et al. (1985), sobre as transformações ocorridas nas famílias, pudemos também especular que o ganho de influência do adolescente, nestas famílias, se faz mais a expensas da influência materna do que paterna, mantendo-se a autoridade paterna até mais tarde "intocada".

Os nossos resultados indicam ainda que, as figuras materna e paterna, polarizam em torno de si áreas de conflitualidade distintas quando se trata do adolescente do sexo masculino ou feminino.

A **mãe** polariza no par heterólogo (mãe-rapaz) a conflitualidade associada aos comportamentos de namoro, estilo pessoal, gestão de dinheiro e saídas de casa e no par homólogo (mãe-rapariga) a conflitualidade associada à gestão do dinheiro e ao vestuário.

O **pai** polariza no par heterólogo (pai-rapariga) a conflitualidade associada ao comportamento de namoro e no par homólogo (pai-rapaz) a conflitualidade associada às saídas de casa e à tomada de decisão.

Se por um lado, e vistos os ítens globalmente, a incidência de comportamentos de desobediência é máxima no final da adolescência, o período dos 14-15 anos aparece como um período crítico, situando-se aí o pico da incidência em alguns comportamentos de autonomia.

A desobediência no comportamento de Namoro, aparece neste estudo como polarizada em direcção ao progenitor do sexo oposto sugerindo o envolvimento da problemática edipiana, que obviamente não tratamos no âmbito deste trabalho.

Globalmente, as raparigas não desobedecem à mãe mais do que os rapazes mas também não são mais submissas, contrariando estes resultados os encontrados com adolescentes americanos, onde se encontrou uma proporção de desobediência à mãe superior nas raparigas (Youniss & Smollar, 1985) e também os encontrados com adolescentes franceses, onde se encontrou maior submissão por parte das raparigas (Bianka Zazzo, 1966).

Interferem aqui, sem dúvida, factores culturais que não estamos em medida de aferir. E provável, tal como tínhamos salientado, que na nossa cultura os papéis familiares atribuídos à mãe e ao pai, tal como o valor simbólico dos comportamentos adquiram aspectos específicos, que apenas uma investigação trans-cultural permitiria pôr em evidência. E no entanto de frisar que os nossos resultados, estão bastante em consonância com os de Celeste Malpique (1984, 1986) que confirmam, na comunidade que estudou (Afurada) a importância da mãe, enquanto figura de autoridade. Através das entrevistas às mães: "tornou-se evidente o poder que elas tinham sobre os filhos, e a segurança com que aceitavam a tarefa da educação" (Malpique, 1986, p. 68) afirma concretamente a autora.

E provável também que a predominância da figura materna esteja associada ao facto que 44% das mães da nossa amostra são "domésticas", ficando em casa, enquanto que 94% dos pais estão empregados, trabalhando portanto fora de casa.

C A P I T U L O IV

A EMERGÊNCIA DOS COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA

Nos capítulos anteriores, procedemos ao estudo de vários aspectos relacionados com a Autonomia Comportamental: o **Desejo**, a **Realização**, a **Desobediência** e o **Envolvimento das Figuras Parentais na Desobediência e na Submissão.**

Iremos agora explorar os dados de um outro aspecto relacionado com a Autonomia Comportamental: o estudo da idade de aparecimento dos comportamentos de autonomia, tal como esse acontecimento é percepcionado e recordado pelo adolescente. Ao perguntar ao adolescente em que idade pensa ter começado a agir determinado comportamento nós pretendemos por um lado, chegar a um timing evolutivo do surgimento dos comportamentos de autonomia e por outro lado, testar as diferenças nesse timing entre rapazes e raparigas. Por outras palavras, pretende-se estudar a percepção interna do início da mudança comportamental independentemente da capacidade real de a concretizar e estudar a maior ou menor precocidade comportamental dum sexo relativamente ao outro.

Trata-se como é óbvio dum estudo em retrospectiva, baseado na memória (mais ou menos recente consoante a sua idade actual) que o adolescente retém sobre o seu próprio evolutivo comportamental.

Segundo Pipp et al. (1985), que utilizaram este procedimento para estudar o desenvolvimento da relação dos adolescentes com os seus pais desde a infância, o método retrospectivo é usado como um índex das concepções actuais do adolescente sobre a sua história desenvolvimental e a assunção subjacente a esta metodologia é que as reconstruções cognitivoçafectivas são parte da adaptação no presente e não necessariamente representações exactas do passado, o que não retira no entanto validade aos dados assim recolhidos.

Que expectativa ter relativamente aos resultados?

A antecipação que fazemos é que a maior parte dos comportamentos estudados terá o seu começo na adolescência inicial, no período peripubertário. Este período é referido pela literatura como de grande crescimento e os períodos de grande crescimento são na opinião de Hurlock (1979) acompanhados de maior mudança comportamental.

Quanto ao efeito ligado ao sexo, a informação de que dispomos não aponta numa mesma direcção: por um lado sabe-se que o processo maturativo é mais precoce nas raparigas (Douvan & Gold, 1966; Hurlock, 1979), por outro lado, a investigação sobre a influência dos factores socio-culturais na autonomia indica que as expectativas sociais vão no sentido de estimular mais forte e precocemente os comportamentos de autonomia nos rapazes do que nas raparigas (Bursik et al., 1985).

Vejamos a que resultados nos conduziram as análises realizadas a partir dos nossos dados, recolhidos através do Questionário de Autonomia Comportamental (Q.A.C.).

A IDADE MEDIA DE INICIO DE COMPORTAMENTOS DE AUTONOMIA

Calculou-se a IDADE MEDIA de início etário em cada ítem, ou seja a média das idades em que os adolescentes dizem ter começado a realizar cada um dos comportamentos de autonomia. Os resultados, para o conjunto da amostra, dados pela média (X), desvio padrão (D.P.), moda (Mo) e mediana (Md) encontram-se descritos no Quadro 1.

Quadro 1 - Média (X), Desvio Padrão (D.P.), Moda (Mo) e Mediana (Md) das Idades de Início dos Comortamentos

ITENS	$\bar{X}$	D.P.	Mo	Md
1. Decorar	10.6	2.399	10.0	10.3
2. Roupa	10.8	2.260	10.0	10.5
3. Dinheiro	12.3	2.172	12.0	12.2
4. S. Noite	13.6	2.241	14.0	13.7
5. S. Onde	13.2	2.240	13.0	13.2
6. S. Horas	13.5	2.535	13.0	13.2
7. F.Semana	12.6	2.601	12.0	12.5
8. Férias	12.6	2.672	12.0	12.6
9. Namorar	12.6	2.442	12.0	12.6
10.Resolver	12.1	2.424	12.0	12.2
11.Ideias	11.6	2.520	10.0	11.8

Os resultados indicam que a emergência dos comportamentos de autonomia se situa num intervalo compreendido entre as idades de 10 e 14 anos. Em cinco dos 11 comportamentos estudados, (ítens 3, 7, 8, 9 e 10)

os valores da moda e da mediana situam-se aos 12 anos, apontando para uma probabilidade grande de ocorrência de transformações comportamentais nesta idade.

O início da mudança comportamental, dado pela aquisição de novos comportamentos (e porventura o abandono de comportamentos da infância) ocorre portanto, confirmando a nossa hipótese, na fase inicial do processo adolescencial, no período peri-pubertário estendendo-se até aos 13-14 anos.

Mas será assim para ambos os sexos? Ou existirão padrões de início diferentes para os rapazes e para as raparigas?

O cálculo das diferenças estatisticamente significativas entre as médias de Idade de Início para cada sexo, foi efectuado através do Teste t de Student (Package SPSS), e encontra-se apresentado no Quadro 3.

Quadro 2 - **Idade Média de Início dos Comportamentos de Autonomia em função do Sexo**

	SEXO MASCULINO		SEXO FEMININO			
ITENS	$\bar{X}$	D.P.	$\bar{X}$	D.P.	t	P
1. Decorar	10.48	2.545	10.77	2.263	-1.42	.156
2. Roupa	10.52	2.411	11.00	2.083	-3.02	.003**
3. Dinheiro	12.11	2.250	12.50	2.075	-1.95	.052
4. S.Noite	13.51	2.029	13.70	2.752	-.50	.618
5. S.Onde	13.21	2.292	13.13	2.142	.22	.824
6. S.Horas	13.55	2.529	13.41	2.583	.27	.784
7. F.Semana	12.60	2.695	12.58	2.496	.07	.945
8. Férias	12.72	2.616	12.42	2.749	.92	.360
9. Namorar	12.09	2.390	13.43	2.309	-5.23	.000***
10.Resolver	12.06	2.354	12.24	2.498	-.87	.386
11.Ideias	11.57	2.461	11.58	2.585	-.06	.948

** - Muito significativo (P<.01)
*** - Altamente significativo (P<.001)

A análise dos resultados permite-nos verificar que, dum modo geral, não se verificam diferenças estatisticamente significativas nas idades médias de início do comportamento entre rapazes e raparigas.

Mas, nos ítens " Roupa" e "Namorar" a diferença é nítida entre sexos: são os rapazes que, comparativamente às raparigas, iniciam mais precocemente estas actividades.

E no entanto interessante verificar como se distribuem as percentagens de rapazes e raparigas (Figs.1 a 11) em função da sua percepção de início de cada um dos comportamentos.

A análise das figuras, para além de ilustrar graficamente as diferenças nas proporções entre rapazes e raparigas nos ítens "Usar Roupa" e "Namorar", permite-nos constatar que:

- A emergência de grande parte dos comportamentos de autonomia situa-se já em elevada proporção (cerca de 30%) no período da transição da latência para a adolescência, pelo que aos 12 anos já cerca de 80% dos adolescentes apresentam esses comportamentos.

- Na fase final do período estudado, mais concretamente entre os 17 e os 19 anos, já quase não se verifica a emergência dos comportamentos em análise, apontando para uma fase de consolidação da autonomia comportamental (e porventura da emergência de outros comportamentos não contemplados pelo Q.A.C.).

- O maior desfasamento entre as proporções de rapazes e raparigas verifica-se no ítem "Namorar", apontando claramente para uma emergência mais tardia desse comportamento nas raparigas.

- O menor desfasamento entre as proporções de rapazes e raparigas verifica-se nos ítens "Resolver Problemas" e "Seguir Ideias" dando suporte aos resultados anteriores que os identificaram como ítens muito homogéneos relativamente ao sexo, no **Desejo, Realização e Desobediência.**

Dado que dum modo geral não se encontram diferenças substanciais ligadas à variável sexo, analisemos agora o escalonamento dos ítens de autonomia por ordem do seu aparecimento na evolução etária, ou seja, o timing sequencial da sua emergência.

Considerando as idades médias de início para ambos os sexos, por ordem crescente, encontramos a seguinte ordenação (Fig.12), que discutiremos a seguir:

Fig.1-Decorar

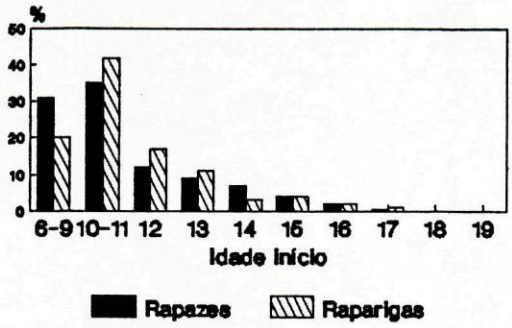


Fig.2-Roupa

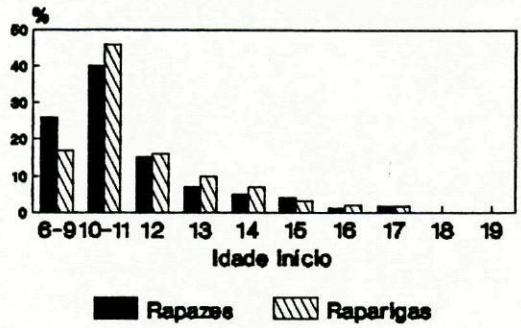


Fig.3-Dinheiro

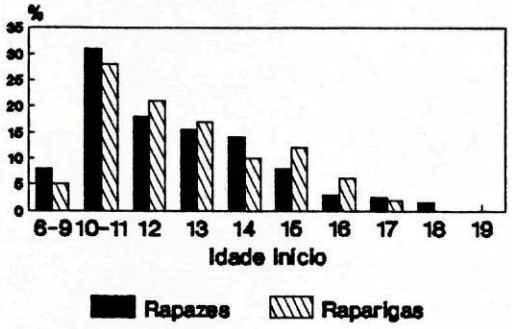


Fig.4-Sair Noite

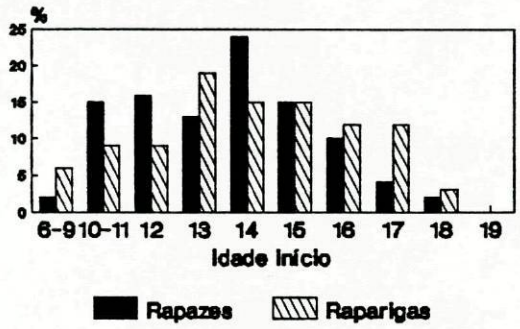


Fig.5-Sair Onde

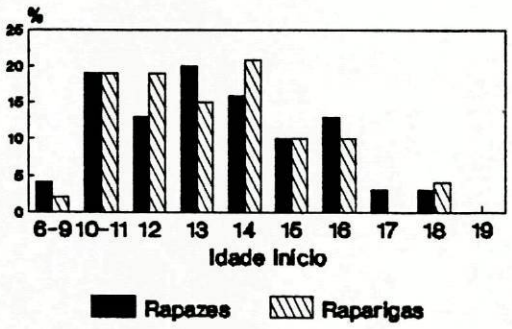


Fig.6-Sair Horas

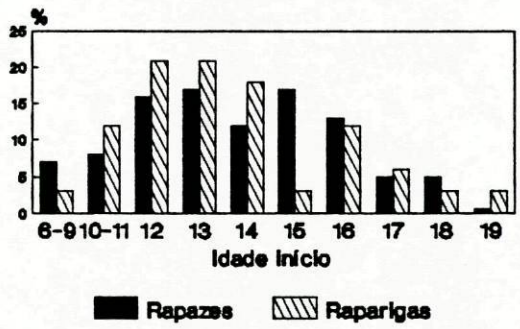


Fig.7-Fins de Semana

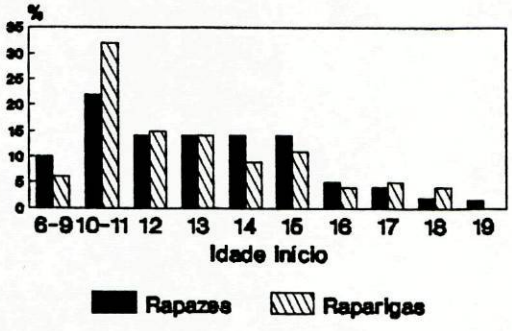


Fig.8-Férias

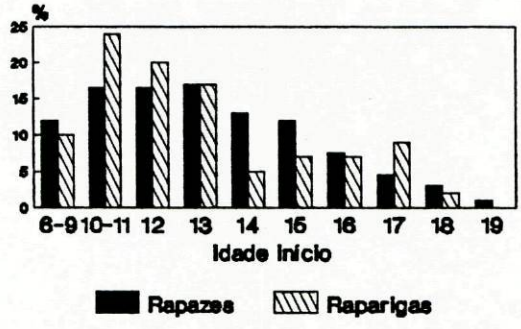


Fig.9-Namorar

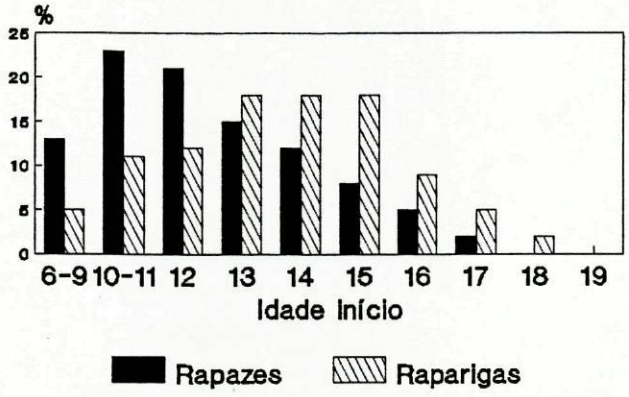


Fig.10-Resolver

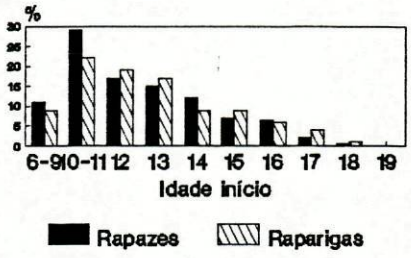


Fig.11-Ideias

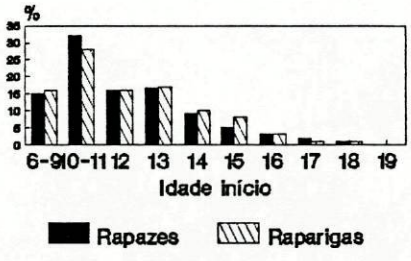
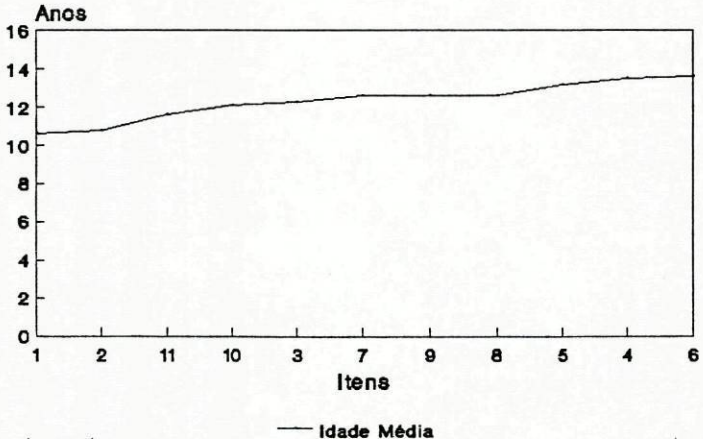


Fig.12-Idade Média de Início dos Comportamentos de Autonomia



Legenda:
1-decorar 2-roupa 3-dinheiro 4-s.noite 5-s.onde 6-s.horas
f.semana 8-férias 9-namorar 10-resolver 11-ideias

DISCUSSÃO

Estes resultados sugerem que, apesar da influência do factor cultural - que, como vimos através da literatura, é mais facilitador da expressão dos comportamentos de autonomia nos rapazes do que nas raparigas - a emergência desses comportamentos no evolutivo adolescente segue padrões idênticos nos dois sexos.

Nos comportamentos "Roupa" e "Namoro" a emergência dá-se contudo mais tardiamente nas raparigas do que nos rapazes. Segundo Bursik et al. (1985), as raparigas muito mais do que os rapazes, são expostas a expectativas inconsistentes no que diz respeito ao desenvolvimento da sua responsabilidade pessoal. Será este um factor explicativo para as diferenças encontradas?

Os resultados por nós já encontrados no decorrer deste trabalho indicam-nos que na adolescência inicial e sobretudo aos 14-15 anos (cf. Fig.1Ø, Cap. II, III PARTE) a proporção de raparigas que tem de desobedecer aos pais para poder "Usar roupa" (5Ø% aos 12-13 anos e 75% aos 14-15 anos) é maior do que a proporção de rapazes (35% aos 12-13 anos e 58% aos 14-15 anos).

Será a percepção da abertura duma área de conflito familiar um obstáculo à emergência desses comportamentos nas raparigas?

Quanto ao "Namorar", é de admitir que os rapazes valorizem mais do que as raparigas a afirmação desse comportamento desde a entrada na adolescência - reforço da auto-estima, afirmação da identidade sexual ? - enquanto que as raparigas tenham tendência a "escondê-lo". O facto de os rapazes normalmente "andarem" com raparigas mais novas do que eles, reforça a ideia duma maior necessidade, nos rapazes, de exibir este comportamento.

Embora não se verifique uma grande diferença entre as idades médias de início dos comportamentos não permitindo portanto grandes interpretações quanto ao significado do timing de emergência dos comportamentos, encontramos a seguinte sequência temporal: os adolescentes iniciam o processo de autonomia comportamental pela dimensão mais relacionada com a auto-imagem (mudanças ao nível do próprio), seguida pela dimensão mais cognitiva (tomar decisões, assumir responsabilidades), passando em seguida à dimensão mais exploratória (início das relações heterossexuais, saídas temporárias do espaço relacional familiar) e por fim a dimensão mais próxima do estatuto de adulto (as saídas de casa sem o controlo parental).

Entendemos o modelo sequencial sugerido pelos nossos resultados, mais como uma base de trabalho a ser explorada e eventualmente confirmada em investigação posterior destinada a esse fim, do que como um modelo definitivo.

A confrontação dos nossos resultados, com os modelos teóricos descritivos das diferentes etapas da separação adolescente-progenitor, propostos por alguns autores (Josselson, Bloom, Peppitone), permite verificar alguma consistência entre os resultados obtidos e os modelos elaborados. Não nos parece porém sensato avançar muito nesta discussão que nos afastaria dos objectivos modestos que nos propusemos com este estudo exploratório.

C A P I T U L O V

AS DIMENSOES DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL

Procedemos nos capítulos anteriores ao estudo de vários aspectos respeitantes aos ítens definidores da Autonomia Comportamental.

Cabe agora proceder ao estudo e à interpretação da forma como os ítens estão agrupados ou seja, verificar as estruturas de resposta, testar as dimensões envolvidas no conceito adolescente de Autonomia Comportamental.

Pretendemos também chegar à possibilidade de construir um score, uma medida de Capacidade de Realizar Comportamentos de Autonomia, susceptível de ser correlacionada posteriomente com a medida da Percepção das Atitudes Parentais, pelo que se impunha verificar a estrutura dimensional subjacente ao conjunto dos 11 ítens.

Com esta dupla finalidade procedemos então a um estudo de Análise Factorial em Componentes Principais, na matriz de respostas dos sujeitos que realizaram pelo menos um comportamento de autonomia.

1. ESTRUTURA FACTORIAL DO QUESTIONARIO DE AUTONOMIA

A partir da matriz de dados atrás referida procedemos a uma Análise Factorial em Componentes Principais.

Este tipo de análise utiliza como medida de distância as medidas de correlações entre os diversos ítens do questionário. O método permite substituir as variáveis observadas (os ítens do questionário) por p variáveis (factoriais) não correlacionadas de variâncias progressivamente decrescentes.

Extraíram-se inicialmente 5 factores, em que os três primeiros factores explicavam já 55,7% da variância total. Decidimos eliminar da análise os ítens 2 ("Usar Roupa") e 3 ("Dinheiro") por saturarem em mais do que um factor e também porque sendo o ítem 2 pouco discriminativo (82% dos sujeitos respondem na mesma posição) não parecia essencial mantê-lo. Afastados 2 ítens obtemos uma escala composta por 9 ítens e a consistência interna da escala,determinada pelo Coeficiente Alpha de Cronbach é de Ø.74.

Podemos então concluir que os resultados da análise factorial e a consistência interna da escala, confirmam a validade dos ítens usados para a construção do "pool" inicial de ítens definidores do conceito de Autonomia Comportamental.

A Análise Factorial dos ítens restantes em Componentes Principais com Rotação Varimax (Package SPSS) permitiu extrair 3 sub-escalas, saturando os ítens que compõem cada uma delas a mais de Ø.5Ø em módulo, apenas nesse factor. O Factor I explica 37.4%, o Factor II 12.4% e o Factor III 1Ø.1% da variância total, e no seu conjunto os três factores explicam 59.9% da variância total.

No quadro 1 apresenta-se a solução factorial encontrada e no quadro 2 apresenta-se a Estrutura Factorial da Matriz Correlacional.

Quadro 1 - Solução Factorial

	Factor I	Factor II	Factor III
V. próprio	3.36	1.12	.99
% Variância	37.4	12.4	10.1
% Variância Cumulada	37.4	49.8	59.9

Quadro 2 - ESTRUTURA FACTORIAL DA MATRIZ CORRELACIONAL

ITENS	Factor I	Factor II	Factor III
1. Decorar	-.0791	.1785	.7831
4. S.Noite	.6278	.2109	.2149
5. S.Onde	.8110	.2066	.0498
6. S.Horas	.7928	.0985	.1133
7. F.Semana	.4277	.0813	.6295
8. Férias	.3722	.2126	.5807
9. Namorar	.2686	.5685	.1744
10.Resolver	.1875	.8093	.0817
11.Ideias	.0606	.7971	.1818

Os ítens que definem cada factor, tal como foram isolados pela Análise Factorial e a sua consistência interna dada pelo Coeficiente Alpha de Cronbach, são os seguintes:

Factor I: "Sair à noite", "Sair sem dizer onde vou", "Sair e entrar às horas que quero" ; (r=.71).

Factor II: "Namorar", "Resolver os meus próprios assuntos ou problemas sem interferência dos pais", "Seguir as minhas próprias ideias (religiosas, politicas, áreas de estudo, etc.); (r=.57)

Factor III: "Decorar a parte da casa onde durmo como quiser", "Passar fins-de-semana fora de casa (com amigos, por exemplo)", "Passar férias sem a companhia de familiares"; (r=.45).

Como é sabido as medidas de consistência interna, não são indicadores apropriados da fiabilidade (reliability) quando as escalas são compostas por um nÜmero tão baixo de ítens. No entanto, o facto de que duas das três sub-escalas apresentam um valor de Alpha excedendo .5Ø é encorajante.

Procedemos em seguida à análise das correlações inter-factores a fim de verificar o grau de independência e o sentido da correlação.

Previámos a existência de uma correlação positiva moderada inter-factores e os resultados da análise de correlações efectuada: Spearman Coefficients Correlation (Package SPSS) e apresentados no quadro 3, confirmaram a nossa previsão.

Quadro 3 - CORRELAÇÕES INTER-FACTORES

	Factor I	Factor II	Factor III
Factor II			
Geral	.4Ø***	-	
S.M.	.46***	-	
S.F.	.33***	-	
Factor III			
Geral	.34***	.36***	-
S.M.	.4Ø***	.44***	-
S.F.	.27***	.27***	-

Com efeito, encontram-se correlações positivas moderadas e altamente significativas entre os 3 factores e em ambos os sexos, ou seja, quanto maior for a capacidade de realização de autonomia numa dimensão, maior será também a capacidade de realização noutra dimensão. Assim, por

exemplo, quanto mais o adolescente se sente capaz de decidir e optar autonomamente maior autonomia consegue nas saídas e na separação física face aos pais.

Mas será que esta correlação inter-factores idêntica nos dois sexos, é tão forte na adolescência inicial como na adolescência terminal? A análise de correlações efectuada e cujos resultados se encontram descritos no Quadro 4, permite-nos verificar que o valor da correlação entre o Factor I e os Factores II e III tende a subir com a idade e que o valor da correlação entre os Factores II e III é sensivelmente o mesmo nos três grupos etários.

Quadro 4 - CORRELAÇÕES INTER-FACTORES NA ADOLESCÊNCIA INICIAL, MÉDIA E FINAL

	Idade	Factor I	Factor II	Factor III
Factor II				
	12-13	.26***	-	
	14-16	.36***	-	
	17-19	.40***	-	
Factor III				
	12-13	.22***	.26***	-
	14-16	.29***	.32***	-
	17-19	.47***	.29***	-

2. INTERPRETAÇÃO DA ESTRUTURA FACTORIAL

Os resultados apontam para uma associação entre os comportamentos de saída quotidiana de casa, uma associação entre os comportamentos de saída temporária de casa (pressupondo uma separação física prolongada dos pais) e uma dimensão mais complexa que associa no mesmo factor o estabelecimento de uma relação afectiva extra-familiar e o sentimento de ser capaz de se auto-governar (fazer e decidir coisas por si próprio).

Que significação atribuir a cada uma das sub-escalas isoladas?

A nossa interpretação conduz-nos à designação de três áreas de funcionamento autónomo que embora correlacionadas, têm a sua especificidade:

- Designamos o Factor I por **"Actividade Exploratória"**.

Os ítens que saturam neste factor enfatizam a capacidade do adolescente gerir as suas actividades (no seu tempo e no seu espaço) fora do controlo familiar. Remetem-nos para uma dimensão da Autonomia Comportamental que designamos por "Comportamentos Exploratórios", no sentido de Bowlby, já que o adolescente embora tendo comportamentos de afastamento (as saídas de casa) se mantém numa relação de proximidade aos pais.

- Designamos o Factor II por **"Auto-governo"**.

Os ítens que saturam neste ítem enfatizam a capacidade de gerir a sua própria vida, em direcção a um estatuto de adulto, e remetem para uma dimensão mais interna: a capacidade de decidir e de se responsabilizar pelos seus próprios actos, iniciador da assunção dum projecto pessoal diferenciado. A saturação do ítem "Namorar" neste factor, denuncia a associação entre, por um lado, a capacidade de se envolver numa relação afectiva extra-familiar e por outro lado, a aquisição das capacidades internas de decidir e de se responsabilizar.

- Designamos o Factor III por **"Espaço Próprio"**.

Os ítens que saturam neste factor enfatizam a capacidade de diferenciar o espaço familiar do espaço próprio (decorar a parte da casa que o adolescente tem de próprio) e a capacidade de funcionar num espaço diferenciado totalmente fora da esfera familiar.

Neste factor saturam os ítens que, na nossa perspectiva, constituem um grau superior nos "Comportamentos exploratórios", apontando para uma necessidade desenvolvimental de maior afastamento da esfera familiar e maior investimento na esfera privada e na esfera social (pares de idade, amigos, etc.).

DISCUSSÃO

Os resultados mostram que os adolescentes constroem o significado do conceito de Autonomia Comportamental em componentes distintos. Embora, como temos dito, a informação empírica disponível nesta área seja escassa, os nossos resultados estão em cosonância com a investigação prévia.

Com efeito, os nossos factores - **Actividade Exploratória, Autogoverno** e **Espaço Próprio** - são próximos, no sentido em que exprimem áreas de funcionamento idênticas, a factores encontrados por Hotch e por Moore - estes trabalhando, tal como nós, a partir das conceptualizações adolescentes - e também por Hoffmann, este construindo os seus ítens a partir dos modelos de Mahler e de Blos.

Os nossos resultados, apesar da inevitável interferência de factores culturais, apoiam a investigação realizada por Youniss & Smollar (1985) que, como já referimos, encontram como sinais comportamentais mais claros da individuação, os contactos limitados com os pais e a posse de vida privada. Com efeito, os nossos resultados vão claramente

em apoio do pensamento daqueles investigadores, quando afirmam que: "o tempo passado fora dos pais é seguramente um aspecto comum da vida dos adolescentes contemporâneos" (op. cit.,p. 77).

Os resultados do trabalho de Youniss & Smollar (1985), demonstram que o tempo passado fora de casa é apenas fraca e secundariamente monitorizado pelos pais, através de instruções antecipatórias ou comentários à posteriori e que a maior parte das actividades do adolescente fora de casa não são partilhadas ou discutidas com os pais e acontecem sem o seu conhecimento.

Sair sem o controlo parental, do espaço e do tempo a investir, é, na nossa perspectiva, criar um espaço e um tempo para pensar, para formar e tomar decisões sem o envolvimento parental directo.

Pensamos que os comportamentos de saída traduzem metaforicamente a ponte entre a realidade familiar e a realidade social, protagonizada esta preferencialmente pelos amigos e pelo grupo de iguais. E neste contexto relacional que a auto-exploração ocorre: pensa-se, discute-se, partilha-se, co-constrói-se a realidade e a experiência (no sentido de Piaget) com os amigos, tece-se e consolida-se o processo de separação-individuação.

Os nossos resultados indicam ainda que a correlação entre os factores **Actividade Exploratória** e **Auto-governo** se torna mais forte na adolescência terminal, indicando claramente uma potenciação mŭtua: os progressos na dimensão mais externa, traduzem-se em progressos na dimensão mais interna e vice-versa, pondo em evidência as capacidades integrativas do ego em direcção a um funcionamento cada vez mais auto-regulador e portanto mais autónomo.

3. A MEDIDA DE AUTONOMIA COMPORTAMENTAL

Dissemos inicialmente que pretendíamos chegar a uma medida de autonomia comportamental susceptível de ser traduzida num score.

O mais lógico neste caso, e depois de termos procedido a uma Análise Factorial em Componentes Principais, seria considerar três medidas de autonomia comportamental, correspondendo às dimensões isoladas.

Não é esse no entanto o caminho que seguiremos pois, dado o nÜmero de ítens ser demasiado pequeno em cada factor (apenas 3 ítens), ganhando em rigor metodológico, perderíamos em rigor estatístico: estaríamos a usar uma medida pouco fina que apenas poderia tomar três valores.

Tendo por base que:

1) os três factores obtidos embora apontem para uma certa independência, não são factores independentes já que o valor das correlações inter-factores encontrado (Quadro 3) é relativamente elevado

2) as correlações entre os três factores são todas positivas

3) que a medida correspondente a cada dimensão é demasiado "grossa", para ser correlacionada com outras medidas, nomeadamente as medidas de Percepção das Atitudes Parentais cujos scores variam de 1 a 200

Optaremos nos estudos posteriores por considerar uma única medida de autonomia comportamental que resultará da soma dos scores parciais e que designaremos por score total de autonomia comportamental.

Por outras palavras, para efeitos de medida da autonomia comportamental, iremos considerar um score total para cada sujeito, que corresponderá à soma das respostas dadas nos ítens do Q.A.C., na categoria "Faço" (posições 7 a 10), dividido pelo número total de ítens e multiplicado pela constante 100.

A esta medida chamaremos **CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL (CRA).**

SECÇÃO II: AS PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS

INTRODUÇÃO

Passemos agora à apresentação dos resultados que constituem o segundo grande objectivo do nosso trabalho: o estudo das **percepções adolescentes das atitudes parentais**, nas dimensões do afecto e das práticas educativas.

Para o estudo das percepções, utilizámos, como dissemos anteriormente, o "Youth Perception Inventory" de Streit. Antes porém de passarmos à análise das dimensões medidas pelo Inventário, tornou-se necessário verificar a sua estrutura factorial, a partir da nossa própria matriz de dados, e isolar as escalas que nos interessavam analisar: o **Amor**, a **Hostilidade**, a **Autonomia** e o **Controlo**.

Com esse objectivo, procedemos a um estudo de Análise Factorial em Componentes Principais e é por aí que iniciaremos a apresentação deste corpo de resultados.

Assim, nesta SECÇÃO II, começaremos por apresentar os resultados a que conduziu o estudo de Análise Factorial, passaremos depois à apresentação dos resultados sobre as percepções adolescentes das atitudes parentais e como complemento, apresentaremos os resultados do estudo sobre as correlações que tecem entre si as dimensões do parenting.

C A P I T U L O I

ESTRUTURA FACTORIAL
DO "INVENTARIO DE PERCEPÇOES ADOLESCENTES" (YOUTH PERCEPTION INVENTORY)

Com o fim de analisar a estrutura dos factores proposta por Streit (1978), no questionário "Youth Perception Inventory", submetemos a matriz dos dados a uma Análise Factorial em Componentes Principais.

Este tipo de análise utiliza, como dissemos no Capítulo anterior, como medida de distância as medidas de correlações entre os diversos ítens do questionário e o método permite substituir as variáveis observadas (os ítens do questionário) por p variáveis (factoriais) não correlacionadas de variâncias progressivamente decrescentes.

Nesta análise foram extraídos quatro factores cujos valores próprios eram superiores a 1.5. Foram seleccionados todos os ítens com saturações factoriais iguais ou superiores a .35, em módulo, e que não saturavam acima deste valor absoluto em mais que um factor. Foram assim afastados 41 ítens considerados não significativos ou ambíguos sendo a matriz das intercorrelações dos restantes 63 ítens novamente submetidos a uma análise de Componentes Principais com rotação Varimax.

Encontraram-se quatro factores responsáveis por 31.1% da variância total, valor baixo relativamente ao esperado dadas as reconhecidas capacidades psicométricas do instrumento. No Quadro 1 são apresentadas as soluções factoriais.

Quadro 1 - SOLUÇÃO FACTORIAL

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
V. próprio	11.4%	4.2%	2.2%	1.7%
% Variância	18.1%	6.6%	3.5%	2.7%
% Var. Cumul.	18.1%	24.8%	28.3%	31.1%

Apresentamos em **APÊNDICE**, incluído no final deste Capítulo, a Matriz de Factores com Rotação Varimax após Rotação com Normalização Kaiser, dos 63 ítens retidos na nossa análise (Quadro 1 do Apêndice). No tratamento dos dados foi utilizado o "package" SPSS.

Através da análise dos ítens que saturam em cada um dos factores assim isolados verificámos, reportando-nos à estrutura global proposta por Streit, que no Factor 1 se agrupam principalmente ítens da dimensão AMOR, no Factor 2 ítens da dimensão HOSTILIDADE **(HOST)**, no Factor 3 ítens da dimensão CONTROLO **(CONT)** e no Factor 4 ítens da dimensão AUTONOMIA **(AUT)**.

Constatamos portanto que os factores extraídos organizam os ítens em torno das quatro dimensões molares referidas por Streit: AMOR, HOSTILIDADE, CONTROLO e AUTONOMIA. No entanto, muitos dos ítens do questionário original revelaram-se pouco significativos para a população portuguesa de adolescentes e sobretudo nos factores envolvendo as dimensões do CONTROLO e da AUTONOMIA.

Com efeito, os ítens ambíguos que retirámos da nossa análise correspondem, na sua maior parte, a ítens que integram, quer as escalas do YPI de "Autonomia" e "Controlo", quer as escalas compostas de ítens dessas duas dimensões: "Autonomia e Amor", "Controlo e Amor". Comentaremos estes dados posteriomente.

As quatro escalas factorialmente definidas a partir da matriz dos nossos dados são portanto escalas interpretadas por nós como medindo as dimensões de parenting: AMOR (Factor 1), HOSTILIDADE (Factor 2), CONTROLO (Factor 3) e AUTONOMIA (Factor 4) e compõem-se a primeira de 30 ítens, a segunda de 17 ítens, a terceira de 10 ítens e a quarta de 6 ítens.

Apresentamos no Quadro 2 a constituição das Escalas e as saturações dos respectivos ítens. As escalas contendo o enunciado dos ítens encontram-se descritas no Anexo VI.

Quadro 2 - ESCALAS: ITENS E SATURAÇOES FACTORIAIS

AMOR		HOST		CONT		AUT	
It.	Sat.Fac.	It.	Sat.Fac.	It.	Sat.Fac.	It.	Sat.Fac.
13	.53	6	.41	64	.48	1	.43
14	.51	58	.35	66	.45	4	.56
16	.46	73	.39	67	.45	7	.34
17	.61	77	.45	71	.55	10	.49
22	.52	79	.52	78	.51	11	.56
24	.63	80	.49	82	.43	12	.61
25	.49	90	.44	84	.47		
26	.55	93	.58	85	.39		
27	.51	94	.56	87	.40		
28	.59	96	.49	89	.45		
29	.54	98	.44				
30	.55	99	.46				
31	.60	100	.43				
32	.64	101	.47				
33	.66	102	.33				
34	.62	103	.53				
35	.47	104	.49				
36	.60						
37	.62						
38	.58						
39	.68						
40	.62						
41	.53						
43	.43						
44	.51						
45	.44						
47	.54						
48	.62						
49	.57						
52	.71						

Legenda: It.= Nº do ítem Sat. Fac.= Saturação Factorial

As escalas contêm a totalidade dos conceitos de Schaefer (26 conceitos) à excepção de um: o conceito de "Protecção", embora com ligeiras permutas inter-escalas, como podemos verificar comparando o quadro 4, com o quadro 1 do Cap. III, II PARTE.

Assim, encontramos nas nossas escalas os seguintes 25 conceitos:

Quadro 3 - CONCEITOS INCLUIDOS NAS ESCALAS

ESCALAS	CONCEITOS
AMOR	Encorajamento da Sociabilidade (its 13 a 16), Encorajamento do Pensamento Autónomo (it 17), Tratamento Igualitário (it 22, 24), Avaliação Positiva (it 25 a 28), Partilha (it 29 a 32), Expressão do Afecto (it 33 e 36), Suporte Emocional (it 37 a 40), Estímulo Intelectual (it 41 a 52), Atenção Centrada no Filho (it 45 a 48) e Possessividade (it 49, 52)
HOSTILIDADE	Intromissão (it 58), Controlo Rigído (it 73) Punição (it 77 a 80), Irritabilidade (it 90) Rejeição (it 93 a 96), Negligência (it 98 a 100) Abandono (it 101 a 104)
CONTROLO	Supressão da Agressão (it 64), Controlo pela Culpa (it 66, 67), Directividade Parental (it 71), Punição (it 78), Censura Permanente (it 82, 84), Avaliação Negativa (it 85, 87), Irritabilidade (it 89)
AUTONOMIA	Autonomia extrema (it 1, 4), Autonomia Frouxa (it 7), Autonomia Moderada (it 10 a 12)

NOTA: O enunciado dos ítens encontra-se descrito no Anexo VI.

Uma vez definidas as Escalas que medem as quatro dimensões de parenting: AMOR, HOSTILIDADE, CONTROLO e AUTONOMIA, procedemos em seguida ao estudo da Validade Interna do Inventário, a fim de verificar a consistência interna das quatro Escalas factorialmente obtidas.

VALIDADE INTERNA DO "INVENTARIO DAS PERCEPÇOES ADOLESCENTES"

A validade das Escalas foi testada através de dois procedimentos: (a) a correlação ítem-teste e (b) o coeficiente Alfa de Cronbach.

(a) O procedimento da correlação ítem-teste consistiu em calcular o coeficiente de correlação do score total do ítem com os scores totais das 4 escalas. No cômputo do score total da escala que integra o ítem, foi a cada vez, excluído o valor desse ítem.

A fim de não sobrecarregar o presente texto de quadros de resultados, resolvemos incluir também os resultados deste estudo no **APÊNDICE.** Assim, no Quadros 2, 3, 4 e 5 do Apêndice são apresentadas as correlações ítem-teste para cada um dos 63 ítens do questionário.

Conforme podemos verificar através do valor e direcção da correlação encontrada fica demonstrada a validade interna das escalas: os scores dos ítens apresentam correlações positivas elevadas e significativas ($P<.01$) com os scores totais das escalas que o integram e correlações negativas, baixas e significativas com os scores totais das escalas representativas das dimensões de parenting que no modelo de Schaefer se lhe opõem (Amor opõe-se a Hostilidade, Controlo a Autonomia).

(b) O procedimento do coeficiente Alpha de Cronbach, consistiu em calcular a correlação estimada entre a escala em questão e uma escala alternativa e hipotética com a mesma dimensão através de equação matemática concebida para esse fim.

O coeficiente Alpha de Cronbach é um dos mais importantes do ponto de vista psicométrico e permite medir a fiabilidade da escala que se pretende validar.

No Quadro 4 apresentamos o valor do coeficiente obtido para cada uma das escalas.

Quadro 4 - COEFICIENTE ALPHA DE CRONBACH

ESCALA	ALPHA
Amor	.93
Hostilidade	.79
Controlo	.65
Autonomia	.53

Conforme podemos constatar, o valor dos coeficientes obtidos é bastante elevado pelo que podemos concluir tratarem-se de escalas com grande fiabilidade.

Uma vez de posse das quatro escalas factorialmente definidas, conhecidos os ítens que as constituem e constatada a validade interna e fiabilidade das quatro escalas, procedemos à computarização dos scores individuais em cada uma das Escalas.

Dispomos agora de uma medida de Percepção em cada uma das quatro dimensões de parenting.

Antes de passarmos à apresentação dos resultados relativos às percepções das atitudes parentais, discutiremos algumas questões que o estudo de Análise Factorial nos suscitou.

A VERSÃO ORIGINAL E A VERSÃO FINAL DO YPI

Conforme dissemos atrás, retivemos na nossa análise os ítens do questionário com saturações acima de Ø.35 e saturando apenas num factor. Ora esses ítens são fundamentalmente os que traduzem a dimensão do Afecto (Amor e Hostilidade) por oposição a muitos ítens excluídos e que traduzem a dimensão das Práticas Educativas (Controlo e Autonomia).

Verifica-se portanto maior consistência cultural nos ítens que exprimem o Afecto, sendo provavelmente estes mais universais e menos influenciados pelos valores culturais, que regulam e modelam as práticas e atitudes educativas face aos adolescentes.

Constatamos ainda que, dentro das dimensões do Afecto, os ítens apresentando maior consistência cultural são os do factor Amor onde encontramos, de um modo geral, os conceitos de Schaefer. Já no factor Hostilidade verificamos uma certa permuta de conceitos ("Avaliação Negativa", "Irritabilidade") entre esse factor e o factor Controlo: certas atitudes parentais aparecem no factor Controlo, na estrutura americana, e na estrutura portuguesa aparecem no factor Hostilidade.

Serão as atitudes parentais de aceitação, compreensão, suporte emocional, por oposição às atitudes de rejeição, mais claramente perceptíveis e identificáveis enquanto expressão dum sentimento único: o " Amor", em diferentes contextos culturais?

Esta questão suscitada a partir da nossa amostra necessitaria de ser mais amplamente verificada, já que, estudos culturais comparativos feitos com o CRPBI (e versões encurtadas) encontram uma alta replicabilidade dos factores.

APÊNDICE

I. MATRIZ FACTORIAL

Por facilidade de análise na leitura dos resultados, os ítens serão apresentados nas tabelas de resultados ordenados segundo a sua sequência original, conforme se encontram no Anexo IV, embora o inventário administrado contivesse os ítens misturados, conforme dissemos no Cap. III, II Parte e pela ordem indicada no Anexo V.

Quadro 1 - Matriz Factorial com Rotação Varimax

Itens	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
1	.1996	-.0443	-.0747	.4389
4	.1181	-.0922	.0013	.5609
6	.0221	.4170	-.0673	.1235
7	.0352	.1157	.0048	.3380
10	.1287	.0993	-.1449	.4943
11	-.0426	-.0008	-.0611	.5632
12	-.0583	-.0022	.0223	.6172
13	.5382	.0162	-.1076	-.0316
14	.5141	.0396	-.1016	.0360
16	.4685	-.0564	.0670	.0929
17	.6185	-.2056	.1051	.0977
22	.5240	.1300	-.0045	-.1380
24	.6364	-.1044	.0656	.0044
25	.4957	-.0882	.0842	.1933
26	.5587	-.1088	.0279	.0928
27	.5176	.0154	-.0469	-.0692
28	.5943	-.0401	.0148	.0825
29	.5411	-.1439	.1007	.0489
30	.5583	-.1182	.0718	.0913
31	.6080	-.1651	.0337	.0309
32	.6497	-.1283	-.0301	.0986
33	.6609	-.1732	.1061	.0892
34	.6224	-.1086	.0219	.1502
35	.4722	-.0481	.0470	-.0783
36	.6000	-.1213	.1031	.0629
37	.6283	-.1060	.0963	-.0197
38	.5873	-.0261	.0773	-.0691
39	.6879	-.0980	.0135	.0417
40	.6289	-.0997	.0479	-.0366
41	.5324	-.1364	.0967	.0230
43	.4315	.0085	.0687	-.1340
44	.5190	-.1099	.0632	.0628
45	.4414	-.0391	.0003	-.0720
47	.5409	-.0323	.0722	.1108
48	.6248	-.2104	.1538	.1374
49	.5782	-.1458	.1350	.0079

(Continuação)

Itens	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4
52	.7192	-.1524	.0417	-.0106
58	.0959	.3498	.1885	-.1508
64	.1688	.1145	.4807	-.1797
66	.0895	.1682	.4537	-.1255
67	.2037	.1365	.4541	-.0514
71	.1610	.0190	.5572	-.0480
73	-.0472	.3936	.1622	-.1814
77	-.0592	.4573	.1802	-.1771
78	.1018	.1329	.5125	-.1396
79	-.1455	.5251	.1450	-.0454
80	.0141	.4993	-.0203	-.1014
82	.1385	-.0317	.4371	.1806
84	-.0945	.2138	.4773	-.0501
85	.1309	.0257	.3913	.0199
87	-.2639	.1893	.4093	.0501
89	-.0142	-.0328	.4559	.0327
90	-.0530	.4468	-.0068	-.0025
93	-.1201	.5875	.0489	-.0670
94	-.1135	.5638	-.0070	-.0392
96	-.0355	.4977	.0222	.0426
98	-.1374	.4402	.1812	.0274
99	-.2399	.4602	.0334	.0702
100	-.1940	.4335	.1264	.1273
101	-.2497	.4790	.0619	.1613
102	-.2000	.3334	.1245	.1683
103	-.2273	.5342	.0004	.0874
104	-.0259	.4998	.0534	.0529

II. CORRELAÇOES ITEM-TESTE

Quadro 2 - CORRELAÇOES ITEM-TESTE

Factor 1 - AMOR ITEM	HOST	CONT	AUT	AMOR
13	-.134**	.000	.046	.450**
14	-.111**	.014	.069	.446**
16	-.147**	.06	.056	.414**
17	-.272**	.047	.080*	.562**
22	-.025	.111**	-.006	.408**
24	-.199**	.066	.061	.537**
25	-.176**	.007	.095*	.422**
26	-.195**	.000	.064	.482**
27	-.114**	.044	.009	.438**
28	-.155**	.035	.066	.506**
29	-.191**	.070	.061	.511**
30	-.201**	.035	.080*	.494**
31	-.249**	.36	.050*	.561**
32	-.247**	.005	.099**	.589**
33	-.275**	.068	.057	.590**
34	-.217**	.020	.111**	.552**
35	-.129**	.067	.003	.390**
36	-.218**	.080*	.046	.503**
37	-.205**	.119**	.045	.571**
38	-.138**	.123**	.004	.490**
39	-.227**	.054	.089*	.612**
40	-.211**	.078*	.016	.536**
41	-.193**	.067	.028	.475**
43	-.067	.097**	.051	.383**
44	-.200**	.053	.050	.474**
45	-.125**	.048	.017	.375**
47	-.43**	.108**	.103**	.490**
48	-.289**	.084*	.081*	.563**
49	-.212**	.099**	.011	.511**
52	-.271**	.068	.018	.632**

Quadro 3 - CORRELAÇOES ITEM-TESTE

Factor 2 - HOST ITEM	CONT	AMOR	AUT	HOST
6	.039	-.047	.043	.266**
58	.219**	.058	-.077	.290**
73	.177**	-.101**	-.105**	.354**
77	.218**	-.104**	-.109**	.400*
79	.178**	-.201**	-.036	.460**
80	.107**	-.084*	-.051	.352**
90	.101**	-.113**	.002	.320**
93	.105**	-.202**	.031	.475**
94	.103**	-.192**	-.036	.444**
96	.131**	-.110**	.021	.349**
98	.172**	-.170**	-.018	.393**
99	.075	-.278	.007	.424**
100	.141**	-.244**	.029	.411**
101	.103**	-.270**	.023	.402**
102	.097**	-.242**	.057	.307**
103	.093*	-.275**	.044	.463**
104	.171**	-.087*	.22	.372**

Quadro 4 - CORRELAÇOES ITEM-TESTE

Factor 3 - CONT ITEM	HOST	AMOR	AUT	CONT
64	.127**	.126**	-.130**	.358**
66	.151**	.027	-.096*	.362**
67	.119**	.141**	-.031	.366**
71	.066	.132**	-.676**	.371**
78	.169**	.073	-.134**	.350**
82	.011	.115**	-.072	.224**
84	.257**	-.101**	-.107**	.307**
85	.066	.101**	-.042	.233**
87	.293**	-.250**	-.018	.213**
89	.044	.008	-.032	.246**

Quadro 5 - CORRELAÇOES ITEM-TESTE

Factor 4 - AUT ITEM	HOST	CONT	AMOR	AUT
1	-.128**	-.088*	.172**	.268**
4	-.127**	-.075	.125**	.312**
7	.057	-.001	.010	.149**
10	.006	-.084*	.102**	.113**
11	-.019	-.088*	-.009	.329**
12	.006	.075	-.036	.296**

C A P I T U L O II

AS PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS
ASPECTOS DIFERENCIAIS

INTRODUÇAO

Passemos agora ao segundo grande objectivo delineado no nosso Plano de Investigação: estudar as Percepções das Atitudes Parentais (PAP), ou seja, a percepção que o adolescente tem da qualidade e da intensidade da relação com os seus pais, nas dimensões do **afecto** e das **práticas educativas.**

Pretendemos com este estudo analisar a intensidade média de percepção em cada uma das dimensões de *parenting*, identificar diferenças e similitudes de percepção entre rapazes e raparigas e identificar padrões de mudança nas percepções, à medida que o processo adolescente evolui.

O estudo das Percepções das Atitudes Parentais (PAP) efectuou-se segundo as duas principais dimensões de *parenting*, tradicionalmente estudados e tal como foram identificadas através do estudo de Análise Factorial realizado no nosso instrumento de medida (YPI): a dimensão do Afecto (Amor *vs.* Hostilidade) e a dimensão das Práticas Educativas (Autonomia *vs.* Controlo).

Conhecida a estrutura factorial e os ítens constituintes de cada factor, procedeu-se à computarização dos scores obtidos para cada sujeito, a partir dos quais se procedeu ao tratamento estatístico dos dados.

O score em cada um das quatro dimensões: **AMOR, HOSTILIDADE (HOST), AUTONOMIA (AUT)** e **CONTROLO (CONT)**, foi obtido através do número de respostas dadas em todos os ítens do factor, dividido pelo número de ítens que o compõe e multiplicando o resultado pela constante 100. Na pontuação, foi atribuído um peso maior à resposta dada na categoria "Ambos os Pais" do que à resposta dada nas categorias "Só Mãe" ou "Só Pai", na proporção de 2:1. Obtém-se assim para cada dimensão um intervalo de pontuação que vai de 1 a 200, sendo que, quanto maior for o valor do score maior a intensidade de percepção nessa dimensão. Por outras palavras, um sujeito com um score de percepção 200 numa dimensão, terá respondido a todos os ítens que compõem esse factor e sempre na categoria "Ambos os Pais"; terá portanto a intensidade máxima de percepção.

Procedeu-se seguidamente à análise global dos valores das distribuições em cada uma das dimensões das PAP e procurou-se encontrar a sua variação em função do sexo e da idade.

Nestes estudos procedemos às seguintes análises estatísticas: Teste t de Student, para a análise das diferenças das médias dos scores das PAP entre sexos; Análise de Variância Multifactorial (Two-Way), para o estudo das diferenças de score médio entre grupos de idade e sexo; Teste de Scheffé para comparações múltiplas (*Packages*: SPSS, Statgraphics).

1. DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS EM FUNÇÃO DOS SCORES OBTIDOS NAS PAP: AMOR, HOSTILIDADE, AUTONOMIA E CONTROLO

1. A partir dos scores obtidos em cada PAP, considerámos uma medida de Intensidade de Percepção (I.P.) com três níveis: FRACA (valor do score entre 1 e 70), MODERADA (valor do score entre 70 e 140) e ALTA (valor do score entre 140 e 200).

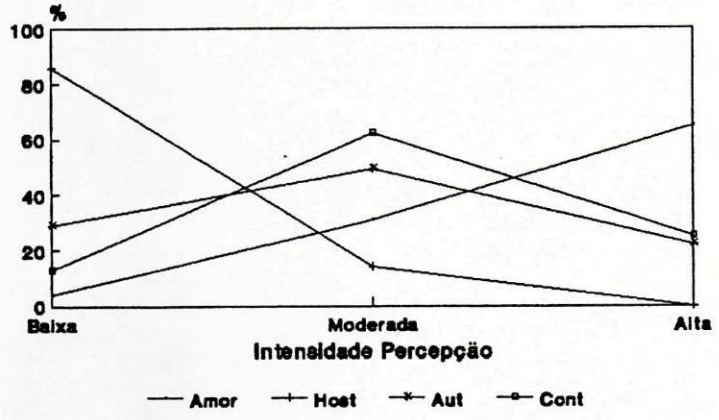
Tal como podemos verificar através do Quadro 1, e Fig.1, constatamos que 65% dos sujeitos têm um sentimento de serem fortemente amados pelos seus Pais e que nenhum afirma sentir-se francamente hostilizado.

Já nas dimensões de AUTONOMIA e de CONTROLO, encontramos valores de distribuição mais regulares, situando-se a maior proporção dos sujeitos num nível moderado de percepção (49% têm uma percepção moderada de autonomia e 62% uma percepção moderada de controlo).

QUADRO 1 - Distribuição percentual dos sujeitos em função da Intensidade de Percepção e para cada PAP

PAP	Intensidade de percepção (I.P.)		
	BAIXA %	MODERADA %	ALTA %
AMOR	4.0	31.0	65.0
HOST	86.0	14.0	0.0
AUT	29.0	49.0	22.0
CONT	13.0	62.0	25.0

Fig. 1- Distribuição dos Sujeitos em função da Intensidade de Percepção e para cada PAP



2. A partir da análise dos valores das distribuições dos scores obtidos (média, moda e mediana) em cada uma das percepções, no total da amostra (N=994), verificamos o seguinte (Quadro 2):

QUADRO 2 - Média, Desvio Padrão, Moda e Mediana para cada uma das PAP: AMOR, HOSTILIDADE (HOST), AUTONOMIA (AUT) e CONTROLO (CONT)

PAP	$\bar{X}$	D.P.	Mo	Md
AMOR	148.79	39.00	193.00	157.48
HOST	37.07	27.20	12.00	29.10
AUT	105.01	44.43	100.00	102.24
CONT	117.90	39.19	100.00	118.37

- Dum modo geral, os adolescentes têm uma percepção média muito elevada de AMOR ($\bar{X}$=148.79) em oposição a uma percepção média muito baixa de HOSTILIDADE ($\bar{X}$=37.07).

Efectuado o Teste t de Diferença de Médias em Amostras Emparelhadas, verificámos que a percepção média de AMOR é siginificativamente mais elevada que a de HOSTILIDADE (P≈0).

- Já nas outras dimensões encontramos valores muito próximos entre as percepções médias de AUTONOMIA ($\bar{X}$=105.01) e de CONTROLO ($\bar{X}$=117.91).

Porém, o resultado do Teste t indica-nos que a percepção média de CONTROLO é significativamente maior que a de AUTONOMIA (P≈0).

- Verificamos ainda que na percepção de AMOR a Mediana se situa a um nível muito elevado na amplitude de valores (Md.=157.48) enquanto que na percepção de HOSTILIDADE, a Mediana se situa pelo contrário num nível muito baixo de valor (Md.=29.10).

Já nas dimensões da AUTONOMIA e do CONTROLO, os valores da Mediana se aproximam, significando que os scores obtidos na dimensão do Afecto diferenciam muito mais os sujeitos.

Poderíamos então concluir que dum modo geral os Pais são percebidos como figuras dando muito amor e exercendo em simultâneo uma autoridade mesclada de encorajamento à autonomia por um lado e de controlo por outro, face ao comportamento do filho adolescente.

Vejamos agora se o grupo dos rapazes se diferencia do grupo das raparigas na forma como percepcionam os seus pais e se o factor idade introduz mudança nessas percepções. Por outras palavras: têm os adolescentes uma percepção de que as atitudes mudam à medida que eles crescem e eles próprios mudam também ou, pelo contrário, existe uma percepção de continuidade nas atitudes dos pais?

2. AS PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS, O SEXO E A IDADE

Procuramos, portanto, neste estudo, averiguar da existência ou não de efeito das variáveis Sexo e Idade bem como da sua interacção ao nível de cada uma das PAP. Considerámos nesta análise quatro grupos de idade: A= 12-13 anos, B= 14-15 anos, C= 16-17 anos e D= 18-19 anos.

2.1. NA PERCEPÇAO DE AUTONOMIA

Os resultados, dados pela Análise de Variância a Dois Factores (Two-Way) encontram-se apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 - Análise de Variância dos scores médios de Percepção de Autonomia em função do Sexo e dos Grupos Etários

Fonte de Variação	Soma de Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	57.63	1	57.63	.032	.860 N.S.
Idade	165552.82	3	55184.27	30.566	.000 ***
Sexo X Idade	7089.56	3	2363.18	1.309	.270 N.S.
Resíduo	1747658.1	968	1805.43		
Total	1920526.4	975			

Pela análise dos resultados verificamos que:

- Não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas

- O score médio de percepção de AUTONOMIA varia de uma forma altamente significativa com a idade

A fim de verificar de onde provêm as diferenças, procedeu-se a uma análise de comparações múltiplas, utilizando o Teste de Scheffé.

Os resultados do Teste de Scheffé (Quadro 4 e Fig.2) indica-nos que o score médio de percepção de AUTONOMIA aumenta ao longo da idade , (Grupo A, $\overline{X}$=94.13; Grupo B, $\overline{X}$=111.49; Grupo C, $\overline{X}$=125.55 e Grupo D, X=127.73), mas a diferença estatisticamente significativa é atribuível às mudanças ocorridas entre os grupos etários A e B, não se encontrando diferenças significativas entre os Grupos C e D.

Quadro 4 - Distribuição dos scores médios de Percepção de Autonomia por grupos etários

Grupos Etários	$\overline{X}$	Homogeneidade		
A	94.13	*		
B	111.49		*	
C	125.55			*
D	127.73			*

(a) Os asteriscos colocados na mesma coluna indicam a homogeneidade de grupos etários entre si.

Concluímos portanto, que a percepção média de AUTONOMIA é progressivamente maior dos 12 aos 17 anos, mantendo-se sem alterações significativas entre os 17 e os 19 anos.

2.2. NA PERCEPÇAO DE CONTROLO

Os resultados, dados pela Análise de Variância a Dois Factores (Two-Way), encontram-se apresentados no Quadro 5.

Quadro 5 - Análise de Variância dos scores médios de Percepção de Controlo em função do Sexo e dos Grupos Etários

Fonte de Variação	Soma de Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	18129.55	1	18129.55	13.512	.000 ***
Idade	27240.00	3	9080.00	6.767	.000 ***
Sexo X Idade	4333.78	3	1444.59	1.077	.358 N.S.
Resíduo	1313570.6	979	1341.74		
Total	1365758.7	986			

Pela análise dos resultados verificamos que:

- Encontra-se uma diferença altamente significativa entre sexos, tendo os rapazes, um score médio de percepção superior ao das raparigas (P≈0 para o teste de comparação de médias)

- o score médio de percepção de CONTROLO varia com a idade e de uma forma altamente significativa.

O estudo das diferenças entre sexos dentro dos grupos etários que temos vindo a considerar e cujos resultados apresentamos no final deste Capítulo, indica-nos contudo o seguinte:

- A diferença entre rapazes e raparigas, na percepção do CONTROLO, verifica-se apenas a partir dos 14 anos, pois no grupo dos 12-13 anos, os rapazes e raparigas têm uma percepção idêntica de controlo parental. Porém, a partir dos 14 anos e até aos 19 anos, os rapazes têm, comparativamente às raparigas, uma percepção de receberem por parte dos pais um maior controlo.

A fim de verificar de onde provêm as diferenças relativas aos grupos etários procedeu-se a uma análise de comparações múltiplas.

Os resultados do Teste de Scheffé (Quadro 6 e Fig 2) indicam-nos que a percepção de CONTROLO diminui à medida que o adolescente transita dos 12-13 para os 18-19 anos (Grupo A, $\bar{X}$=122.52; Grupo B, $\bar{X}$=113.84; Grupo C, $\bar{X}$=112.34 e Grupo D, $\bar{X}$=105.08).

Essa diminuição é atribuível às mudanças ocorridas entre o Grupo A e o Grupo B, não se encontrando diferenças significativas entre os Grupos B, C e D, conforme os resultados descritos no Quadro 6.

Quadro 6 - Distribuição dos scores médios de Percepção de Controlo por grupos etários

Grupos Etários	$\bar{X}$	Homogeneidade
A	122.52	*
B	113.84	*
C	112.34	*
D	105.08	*

Concluímos portanto, que a percepção média de CONTROLO diminui significativamente entre os 12 e os 15 anos mantendo-se depois sem alterações significativas.

2.3. NA PERCEPÇAO DE AMOR

Os resultados, dados pela Análise de Variância a Dois Factores (Two-Way), encontram-se apresentados no Quadro 7.

Quadro 7 - Análise de Variância dos scores médios de Percepção de Amor em função do Sexo e dos Grupos Etários

Fonte de Variação	Soma de Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P	
Sexo	.002	1	.002	.000	.999	N.S.
Idade	62130.95	3	20710.31	13.444	.000	***
Sexo X Idade	3791.12	3	1263.70	.820	.482	N.S.
Resíduo	1514328.7	983	1540.51			
Total	1580434.0	990				

Pela análise dos resultados verificamos que:

- Não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas
- O score médio de percepção de AMOR varia de uma forma altamente significativa com a idade

Tal como fizemos anteriormente, procedemos a uma análise de comparações múltiplas.

A análise dos resultados apresentados no Quadro 8 e Fig.2 indica-nos que:

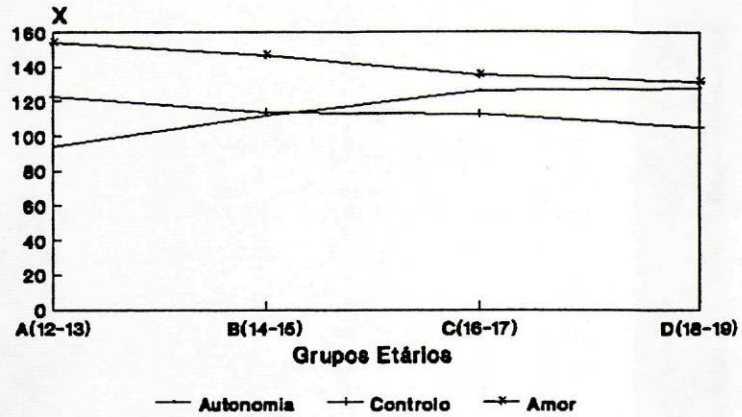
A percepção de AMOR diminui à medida que o adolescente transita dos 12-13 anos para os 18-19 anos (Grupo A, $\bar{X}$=154.26; Grupo B, $\bar{X}$=146.79; Grupo C, $\bar{X}$=135.13 e Grupo D, $\bar{X}$=131.30). Essa diminuição é atribuível às mudanças ocorridas entre os grupos etários B (14-15 anos) e C (16-17 anos), não se encontrando diferenças estatisticamente significativas entre os grupos A (12-13 anos) e B (14-15 anos) e entre os grupos C (16-17 anos) e D (18-19 anos).

Quadro 8 - Distribuição dos scores médios de Percepção de Amor por grupos etários

Grupos Etários	$\bar{X}$	Homogeneidade	
A	154.26	*	
B	146.79	*	
C	135.13		*
D	131.30		*

Concluímos portanto, que a percepção média de Amor diminui significativamente entre os 14 e os 17 anos, mantendo-se sem alterações significativas nos outros grupos.

Fig.2- Distribuição dos scores médios de percepção de Autonomia, Controlo e Amor por Grupos Etários



2.4. NA PERCEPÇAO DE HOSTILIDADE

Os resultados, dados pela Análise de Variância a Dois Factores (Two-Way), encontram-se apresentados no Quadro 9.

Quadro 9 - **Análise de Variância dos scores médios de Percepção de Hostilidade em função do Sexo e dos Grupos Etários**

Fonte de Variação	Soma de Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	728.34	1	728.34	.986	.331 N.S.
Idade	3876.77	3	1292.25	1.750	.155 N.S.
Sexo X Idade	2327.12	3	775.70	1.050	.369 N.S.
Resíduo	656524.70	889	738.49		
Total	663564.94	896			

Pela análise dos resultados verificamos que:

- Não se encontram diferenças estatisticamente significativas nem com o sexo nem com a idade.

Pela análise dos quadros de resultados relativos a *todas*as PAP, podemos constatar que não se verifica efeito de interacção entre o Sexo e a Idade em nenhuma PAP, significando que a variabilidade encontrada nas percepções se deve aos efeitos independentes de cada uma destas variáveis.

Assim, a variabilidade resultante do aumento da Idade em todas as PAP tem o mesmo padrão num sexo e no outro.

Dispomos agora duma visão mais fina das mudanças ocorridas: na dimensão das **Práticas Educativas** (AUTONOMIA *vs.* CONTROLO) as mudanças ocorrem principalmente entre os 12 e os 15 anos, na dimensão do **Afecto** (AMOR *vs.* HOSTILIDADE) a mudança ocorre na passagem dos 14 para os 17 anos. Vistos globalmente, os resultados - ilustrados na Fig. 2 - apontam para uma mudança nas relações Pais-Filhos, tal como elas são percepcionadas pelos filhos.

A observação da Fig. 2 sugere-nos que, o decréscimo na percepção de suporte emocional por parte dos Pais se acompanha de um ganho na percepção de usufruirem de mais autonomia.

E provável que à perda no suporte emocional, corresponda um ganho na confiança depositada pelos Pais na capacidade dos filhos conduzirem o seu processo de autonomia e que esse ganho se converta, no adolescente, num acréscimo de auto-estima e de auto-confiança.

No sentido de quantificar a variação dos scores de PAP em função do Sexo e da Idade, tratada esta como uma variável contínua, testámos um Modelo Linear com uso de covariada, tendo os resultados apontado para o seguinte:

- Na PAP.AUT o score de Autonomia aumenta em média 7.Ø9 por cada ano de idade do sujeito.

- Na PAP.AMOR o score de Amor diminui em média de 4.36 por cada ano de idade do sujeito.

- Na PAP.HOST não há variação ao longo da idade.

- Na PAP.CONT o score de Controlo diminui em média 2.65 por cada ano de idade do sujeito.

DISCUSSÃO

Um dos objectivos que nos propusemos, ao delinear as principais orientações desta parte da investigação, foi o de examinar as transformações que previmos existirem na relação pais-filhos, ao longo do processo adolescente. Essas transformações ser-nos-íam dadas através do estudo das PAP, indicadores suficientemente reconhecidos na literatura científica como válidos e sensíveis.

Vimos também que o impacto e a importância das atitudes e comportamentos parentais é mediada pelo significado que o adolescente lhes confere.

Propusemo-nos ainda investigar, para além dos padrões de mudança em função da idade, se esses padrões mudavam em função do sexo.

Face aos objectivos delineados e face aos resultados encontrados, uma primeira conclusão se impõe:

- Tal como tínhamos previsto, os nossos resultados confirmam a existência de mudanças na relação pais-filhos ao longo do processo adolescente.

Antes de passarmos à discussão do sentido das mudanças ocorridas, algumas conclusões parcelares merecem no entanto ser realçadas e discutidas. Simultâneamente, confrontaremos os nossos resultados com os obtidos noutros trabalhos que nos parecem mais relevantes para a discussão em causa.

- De um modo geral, os adolescentes sentem-se amados pelos seus Pais. Com efeito, o score médio da Percepção de Amor é muito elevado face ao score médio de Percepção de Hostilidade.

Estes resultados, se insuficientes em si, para concluir quanto à complexidade da relação entre pais e filhos (aos níveis inter e intra-psíquico, quer nuns quer noutros), nem quanto ao grau de entendimento, permitem-nos inferir pela existência de um clima emocional intenso onde prevalece o sentimento de se ser amado e aceite, por oposição ao sentimento de rejeição ou hostilidade.

Estes resultados estão em consonância com outros resultados de autores portugueses e estrangeiros, feitos em estudos de observação em grande escala, que concluem que os adolescentes mantêm uma orientação cognitiva e afectiva muito positiva para com os Pais durante a adolescência.

Num importante estudo, levado a cabo por uma equipa de investigadores portugueses sobre "Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal", no âmbito do I.E.D., e numa amostra nacional, conclui-se que: existe um bom entendimento entre Pais e filhos, ligeiramente melhor com a Mãe, onde apenas 1.9% dos sujeitos o classifica de mau e que a família é para a maioria dos jovens sinónimo de afecto, segurança e ajuda (Barros & Barão,1987); a "segurança familiar" (preocupação com os familiares) aparece na hierarquia de valores dos adolescentes, em 12 º lugar numa escala de 1º a 21 º, e este valor tem tendência a ser cada vez mais importante à medida que a idade sobe (Vala, 1986).

Também Yankelovich (1974, in Conger,1980), num estudo feito nos E.U.A., sobre o perfil do adolescente americano dos anos 70, encontra apenas 6% de adolescentes que dizem sentir-se pouco amados pelos seus Pais.

Com efeito, os nossos resultados não contrariam os resultados destes trabalhos, nem dos que tivemos ocasião de rever no Cap. III, I PARTE: a maioria dos adolescentes refere ter sentimentos de grande

proximidade e calor emocional para com os pais (Douvan & Adelson, 1966; Kandel & Lesser, 1972; Offer, 1969; Rutter et al., 1976) e sentem-se felizes e satisfeitos em casa (Meissner, 1965).

Porém se os valores afiliativos permanecem, o desejo de se filiar a novas redes de sociabilidade extra-familiar é um facto que os nossos resultados anteriores puseram também em evidência.

- De um modo geral, os adolescentes têm uma percepção média moderada de atitudes de controlo e de autonomia por parte dos Pais.

O perfil que se desenha por detrás é o de um adolescente que se sente amado mas num contexto de relações que sinaliza com regras o seu comportamento.

Em corolário, a figura parental que se infere, é de Pais exercendo um controlo moderado sobre o comportamento dos filhos num clima de alta afectividade. Este perfil sugere-nos um estilo de parenting próximo do que Baumrind (1968) descreveu sob a designação de **"autoritário-recíproco"(authoritative): pais que amam os seus filhos, exercendo simultaneamente um controlo firme.**

Esse tipo de relação, em que o controlo não é exercido de forma hostil mas em que limites e regras são postos num clima de grande afectividade, está associado a um desenvolvimento óptimo da personalidade, quer na infância quer na adolescência e a altos níveis de auto-estima no adolescente (cf. revisão de Martin, 1975).

Estas capacidades parentais, a de exercer uma função de autoridade associada a uma capacidade de ligação sensível e afectuosa ao filho, são reconhecidos na literatura científica, como factores propícios ao desenvolvimento da autonomia e ao desenvolvimento moral na criança e no adolescente (Lytton, 1980).

- Os rapazes têm, mais do que as raparigas, uma percepção de maior controlo por parte dos pais, e as raparigas sentem, tanto como os rapazes, que os pais as encorajam à autonomia.

Estes resultados não confirmam as hipóteses que avançámos relativamente ao efeito do sexo nas percepções de autonomia e de controlo.

De acordo com a literatura prévia revista, quer por parte da cultura dominante quer por parte das famílias, haveria uma tendência para favorecer mais a autonomia nos rapazes do que nas raparigas o que se deveria traduzir, de acordo com estes dados, numa percepção de maior autonomia nos rapazes.

Curiosamente os nossos dados contrariam essa evidência e ao contrariá-la vêm em apoio dos mais recentes trabalhos de outros autores (Steinberg & Silverberg, 1986) que sugerem mudanças importantes neste aspecto, nas últimas décadas.

Não deixamos no entanto de realçar que, embora as raparigas sintam receber tanta autonomia por parte dos pais como os rapazes, a proporção de raparigas que realiza os ítens de autonomia é manifestamente inferior, pelo que,é de admitir, que outros factores, não abordados neste estudo, possam interferir e explicar a baixa capacidade de realização dos comportamentos de autonomia nas raparigas comparativamente aos rapazes.

Esperávamos também encontrar nas raparigas uma percepção média de controlo mais elevada do que nos rapazes.

A nossa interpretação é que estes resultados deverão ser compreendidos à luz dos padrões de **submissão** e de **desobediência**, claramente diferenciados nos dois sexos. Vistos à luz dos nossos resultados anteriores, pensamos que os resultados agora encontrados estão associados à maior capacidade de desobediência dos rapazes, suscitando nos pais uma atitude de maior controlo.

- Os adolescentes, sentem receber por parte dos pais, cada vez mais autonomia e menos controlo à medida que transitam da adolescência inicial para a final.

As nossas hipóteses foram aqui confirmadas:

Os adolescentes de ambos os sexos, à medida que a idade sobe, sentem-se progressivamente mais encorajados para aspectos de autonomia e menos sujeitos a atitudes parentais de controlo, e esta percepçãoé sobretudo nítida no período inicial da adolescência.

A tendência encontrada confirma o sentido da mudança esperado e apoia os resultados obtidos por outros autores, a que já fizemos uma larga referência no Cap. III, I PARTE.

Os resultados sugerem-nos que as percepções das atitudes parentais mudam porque a interacção pais-adolescentes muda duma relação de domínio parental para uma relação de maior simetria e mutualidade.

Vistos nesta perspectiva, os resultados obtidos confirmam a evolução do processo de autonomia, tal como tinha sido por nós discutido no capítulo anterior: à medida que o adolescente passa do desejo à capacidade de realização da autonomia, e exerce a pressão da mudança sobre o sistema familiar, este terá de transformar-se, ajustando os seus mecanismos de regulação e controlo.

Esta capacidade de mudança do sistema familiar tem sido aliás, evidenciada nas famílias saudáveis, por oposição às famílias disfuncionais onde se verifica não só uma resistência à mudança como um reforço do "statuo-quo" (Minuchin, 1971).

- Os adolescentes mais velhos (16-19 anos) têm, comparativamente aos adolescentes mais novos (12-13 anos) uma percepção de menor amor parental e igual percepção de hostilidade.

Verificámos que os grupos etários responsáveis pelo decréscimo

significativo na percepção média de amor, são os grupos de 14-15 e de 16-17 anos. Ora é também neste período etário que detectámos um incremento notável na capacidade de realização dos ítens de autonomia. De facto, a partir dos 14-15 anos mais de 50% dos sujeitos têm capacidade de realização em 6 ítens de autonomia, contra apenas 2 no grupo dos 12-13 anos (ítens 2 e 11). Verificámos também que a idade média de início (cf. Cap.IV, III PARTE) dos comportamentos de saída de casa quotidiana, sem o controlo parental das horas e dos sítios onde se vai (ítens 4, 5 e 6), se situa entre os 13 e os 14 anos.

Nesta perspectiva, os resultados sugerem-nos que se opera uma mudança no suporte afectivo exercido pelos pais à medida que o adolescente mostra uma cada vez maior competência na capacidade de realizar os comportamentos de autonomia, o que não tínhamos previsto.

E provável que o suporte afectivo dado pelos pais se exprima de modo diferente à medida que o adolescente cresce, traduzindo-se a mudança qualitativa numa mudança quantitativa, assinalada pelo instrumento de medida por nós utilizado. Aliás, trabalhos revistos anteriormente sobre as transformações ocorridas na família, identificam mudanças relacionadas com o estatuto pré e pós-púbere, que não controlámos na nossa investigação, mas que terão certamente influência no tipo de interaccção estabelecido entre pais e filhos.

Pensamos ainda que o progressivo envolvimento afectivo do adolescente com os pares de idade, propiciado pelas saídas de casa, poderá ter um reflexo na quantidade e qualidade de afecto partilhado com os pais.

Os nossos resultados sugerem-nos também, que esta quebra na percepção de amor possa reflectir um sentimento interno no adolescente de incompreensibilidade por parte dos pais e neste sentido os nossos resultados estariam de acordo com o pensamento da psicanalista Ruthellen Josselson.

Vimos atrás que na perspectiva da autora, a adolescência média poderia ser equiparada à sub-fase da **reaproximação** descrita por Mahler et al. (1975).

Com o reconhecimento de que está a funcionar em áreas fora do escrutínio parental, o adolescente chega à consciência súbita da separação, realiza o significado da desvinculação psicológica e dos seus aspectos negativos e deseja restaurar a harmonia. Surge a queixa da incompreensão parental, na qual o adolescente faz conter o desejo de ser distinto e o desejo de aprovação... "mas se os Pais não o compreendem, também não o amam" (Josselson, 1980, p. 195).

Vistos sob esta perspectiva, os nossos resultados adquirem um sentido evolutivo de acordo com os objectivos da emancipação. A incompreensibilidade, traduzida numa percepção de menor amor recebido poderá na nossa interpretação, estar associada às súbitas mudanças ocorridas na adolescência média. Estas mudanças poderão provocar nos pais dificuldades em ajustar as suas atitudes e comportamentos às necessidades dos filhos (tratando-os como mais novos, por exemplo) provocando nestes sentimentos de incompreensibilidade ou de menor suporte afectivo.

Finalmente, tentando integrar os nossos resultados, relativos à **autonomia comportamental** e relativos às **percepções das atitudes parentais** e o conhecimento prévio, a reflexão que nos ocorre é a seguinte:

As mudanças biológicas ocorridas durante a puberdade e a sua tradução na aparência física do adolescente criam novas expectativas e exigências, quer por parte dos pais quer dos adolescentes. Estas mudanças nas expectativas reflectem, por sua vez experiências sociais novas, resultantes do contacto cada vez mais frequente com os pares de idade e outros adultos, exteriores à família. As transformações ocorridas, postas em evidência pelos trabalhos empíricos revistos e pelos nossos próprios resultados, revelam transformações na forma como pais e filhos se relacionam (nas dimensões do afecto e das práticas educativas)

e na estrutura familiar (mudanças na hierarquia, na rigidez vs. flexibilidade dos padrões de interacção, de comunicação, tomada de decisão, etc.).

As mudanças no desenvolvimento cognitivo do adolescente, alterando radicalmente a sua capacidade de compreender a natureza das relações com os pares e com os seus pais, são sem dúvida factores importantes nas transformações familiares ocorridas durante a adolescência.

E de admitir também que as transformações familiares durante a adolescência sejam influenciadas pelas circunstâncias e acontecimentos de vida que os pais, frequentemente na sua meia-idade, têm de encarar.

Porém, como afirma Hill (1980), "as transformações nas relações familiares [...] estão apenas a começar a ser apreendidas e compreendidas pelos cientistas sociais e comportamentais", e, na nossa opinião, nenhuma conclusão pode ainda ser considerada definitiva.

APÊNDICE

Quadro - Diferenças nos scores médios da PAP de CONTROLO entre sexos dentro dos diferentes grupos etários

Grupo Etário	Sexo	$\bar{X}$	t	P
12-13	M.	125.14	1.80	.072 N.S.
	F.	119.57		
14-15	M.	118.76	2.03	.044 *
	F.	109.92		
16-17	M.	119.23	2.09	.039 *
	F.	106.45		
18-19	M.	116.67	2.10	.040 *
	F.	95.31		

N.S. P>.05 * P<.05

C A P I T U L O III

AS RELAÇOES ENTRE AS PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS

Numerosos estudos de análise factorial sugerem que as dimensões de parenting, Amor vs. Hostilidade e Autonomia vs. Controlo, são independentes uma da outra. Ou seja, em média, um score determinado de percepção de Amor, por exemplo, não permite prever qual o score de percepção de Controlo que se encontrará no mesmo adolescente face aos pais (Becker, 1964; Schwarz et al., 1985).

Esta conclusão tem sido, no entanto, posta em causa por alguns autores que têm estudado as correlações das percepções entre si.

Estes estudos correlacionais põem em causa não só a tese da independência total entre as dimensões de parenting, como ainda sugerem que à medida que a percepção de controlo parental aumenta, aumenta também, nos adolescentes, a percepção de hostilidade ou de rejeição parental (Saavedra, 1980; Rohner & Rohner, 1978 in Rohner & Pettengill, 1985)) ou ainda, e por oposição a esses resultados, mostram uma correlação entre as dimensões do Controlo e do Amor em adolescentes coreanos (Rohner & Pettengill, 1985).

No sentido de esclarecer estas questões a partir do nosso próprio trabalho, procedemos a um estudo de análise das correlações dos scores das percepções entre si.

Os resultados encontrados são os seguintes.

Numa primeira análise, operada no total da amostra, verificámos a não total independência das duas dimensões, dado que encontrámos correlações significativas entre todos os pares, embora para valores baixos de correlação (Quadro 1).

Quadro 1 - **Correlações Inter-Factores**

Medidas de PAP	AUT	CONT	AMOR	HOST
CONT	-.11***	-		
AMOR	.Ø8**	.22***	-	
HOST	-.Ø8**	.21***	-.34***	-

** P<.Ø1 *** P<.ØØ1

Estes resultados embora não infirmem em absoluto a tese da independência, dado que os coeficientes de correlação encontrados são muito baixos, permitem confirmar os estudos correlacionais referidos atrás quanto à não total independência entre as duas dimensões de parenting.

A observação dos resultados permite verificar a existência de correlações negativas, altamente significativas, nos pares opostos: AUTONOMIA - CONTROLO e AMOR - HOSTILIDADE como aliás seria de esperar, confirmando a validade dos ítens usados na medição das dimensões de parenting.

Os valores extremamente baixos dos coeficientes de correlação entre as dimensões da AUTONOMIA e do AMOR (r=.Ø8) e da AUTONOMIA e da HOSTILIDADE (r=-.Ø8), indicam-nos que se tratam de dimensões independentes.

Um dos resultados encontrados merece, no entanto, a nossa atenção. Trata-se das correlações encontradas entre os scores das percepções de CONTROLO e de AMOR (r=.22) e os scores das percepções de CONTROLO e de HOSTILIDADE (r=.21).

Com efeito, não só verificamos que o valor da correlação é sensivelmente o mesmo (.22 e .21), como também que têm a mesma direcção (são ambos de sentido positivo), facto que nos deixa com algumas dificuldades interpretativas.

No sentido de esclarecer estes resultados, decidimos proceder a algumas análises complementares, controlando as variáveis sexo e idade, a fim de verificar o efeito destas variáveis.

A análise das correlações dentro de cada sexo, e dentro de cada grupo etário criado : 12-13 anos, 14-16 anos e 17-19 anos, conduziu aos seguintes resultados (Quadro 2):

Quadro 2 - **Correlações inter-factores (CONT,AMOR,HOST) para cada sexo e nos três grupos etários**

Medidas de PAP	Grupo Etário	Sexo	AMOR	HOST
CONT				
	12-13	M.	.30***	.23***
		F.	.27***	.12*
	14-16	M.	.25***	.20***
		F.	.07	.30***
	17-19	M.	.18	.23*
		F.	-.25*	.27*

A análise das correlações dentro de cada grupo etário permite esclarecer as correlações positivas encontradas entre, por um lado, os scores das percepções de CONTROLO e de AMOR e por outro lado os scores das percepções de CONTROLO e de HOSTILIDADE.

Assim, verificamos que se na Adolescência Inicial (12-13 anos) a correlação entre CONTROLO e AMOR é claramente positiva (para valores moderados de correlações mas altamente significativos), já na Adolescência Média (14-16 anos) essa correlação apenas se verifica no sexo masculino, e na Adolescência Terminal (17-19 anos) o sentido dessa correlação se altera radicalmente: ou seja, nesse grupo etário não só não encontramos uma correlação significativa entre as duas dimensões nos rapazes, como ainda nas raparigas a correlação se torna negativa.

Verificamos ainda que, se no par CONT-AMOR o sentido e valor da correlação se vai alterando ao longo da idade, já o mesmo não se passa com o par CONT-HOST onde o sentido da correlação se mantém o mesmo e significativo ao longo do processo adolescente e identicamente nos dois sexos.

DISCUSSÃO

A existência de correlações, ainda que baixas e moderadas, entre as duas dimensões de parenting (AUT-CONT e AMOR-HOST) apontam para uma não independência absoluta entre estas dimensões.

O sentido das correlações verificadas aponta para uma predição leve do tipo:

- Uma percepção adolescente elevada de parenting predominantemente controlador poderá ou não andar associado a uma percepção de amor consoante a idade do adolescente.

As atitudes de controlo parental sobre os comportamentos serão sentidas como manifestações de amor na fase inicial de adolescência, quer pelas raparigas quer pelos rapazes (e nestes até à adolescência média). Porém essas atitudes, na fase final da adolescência, serão sentidas como uma manifestação de pouco amor, e aqui sobretudo pelas raparigas.

- O CONTROLO parental será tanto mais percebido pelo adolescente como manifestação de HOSTILIDADE quanto maior for o valor do score de percepção obtido nessa dimensão e essa correlação verifica-se ao longo de todo o processo adolescente, tanto no rapaz como na rapariga.

Fica por esclarecer o sentido da correlação positiva da percepção de CONTROLO, quer com a percepção de AMOR quer com a de HOSTILIDADE, na Adolescência Inicial. Pensamos que esta questão poderá ser esclarecida com a análise das percepções relativas às figuras materna e paterna discriminadas, análise que esta Dissertação já não contemplará.

Os nossos resultados apoiam os resultados obtidos em trabalhos anteriores, quer com adolescentes porto-riquenhos (Saavedra, 1980), quer com adolescentes americanos (Rohner & Rohner, 1978 in Rohner & Pettengill, 1985) onde foi posta em evidência a existência duma correlação positiva entre as percepções de CONTROLO Parental e de HOSTILIDADE. Um trabalho realizado recentemente por Rohner & Pettengill (1985), com adolescentes coreanos dos 15 aos 18 anos de ambos os sexos, revela uma associação em sentido inverso, ou seja uma correlação positiva entre a percepção de CONTROLO e de AMOR, revelando uma direcção inversa aquela encontrada no nosso trabalho para esse grupo etário. Os dados encontrados com os adolescentes coreanos são explicados pelos autores em termos de relações entre pais e filhos marcados por uma cultura assente em valores diferentes dos verificados em culturas ocidentais.

Os nossos resultados sugerem que, os pais percebidos pelos seus filhos adolescentes, como pais exercendo autoridade e tendo uma atitude disciplinadora sobre o seu comportamento na fase inicial da adolescência, poderão ser percebidos também como pais que dão amor, porque, propiciando uma base segura para as tarefas da diferenciação.

Porém, pais com atitude controladora rígida no final da adolescência, são percebidos como pais hostis e rejeitadores, porque obstaculizando o processo de separação e de individuação.

S E C Ç Ã O I I I : AS PERCEPÇÕES DAS ATITUDES PARENTAIS, A IDADE E O SEXO: CONTRIBUIÇÃO E EFEITO DESTAS VARIAVEIS SOBRE A CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL NO ADOLESCENTE

AS PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS, A IDADE E O SEXO: CONTRIBUIÇAO E EFEITO DESTAS VARIAVEIS SOBRE A CAPACIDADE DE REALIZAÇAO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL NO ADOLESCENTE

Na SECÇÃO I nós procedemos ao estudo da **autonomia comportamental** tomando como variáveis independentes (V.I.) o sexo e a idade e como variáveis dependentes (V.D.) o desejo de autonomia, a realização, a desobediência e o envolvimento das figuras parentais na desobediência. Procedemos ainda nesta SECÇÃO ao estudo da idade de início dos comportamentos de autonomia.

Na SECÇÃO II foram analisadas as Percepções das Atitudes Parentais (PAP) tomando ainda como V.I. o sexo e a idade.

Cabe agora proceder ao estudo da contribuição de todas as variáveis estudadas: as PAP, a idade e o sexo para a variabilidade da **autonomia comportamental**, bem como elucidar a relação existente entre a **autonomia comportamental** e as PAP, ou seja, o efeito que diferentes graus de PAP têm sobre a **Capacidade de Realização da Autonomia (C R A)**.

Como medida de **autonomia comportamental** nós iremos considerar a **CRA**, ou seja o score obtido através da soma dos scores parciais das dimensões da **autonomia comportamental**, tal como ficou dito no Cap. V, III PARTE. Nesta medida, quanto maior for o valor do score, maior será a capacidade do adolescente para realizar a autonomia comportamental.

Como medida das PAP nós iremos utilizar os scores de cada uma das quatro dimensões em estudo: a PAP de Autonomia (PAP. AUT), a PAP de Controlo (PAP. CONT), a PAP de Amor (PAP. AMOR) e a PAP de Hostilidade (PAP. HOST). Também aqui, quanto maior for o valor do score maior será a intensidade de percepção nessa dimensão.

PLANO DE ANALISE:

Tendo em vista os objectivos que nos propusemos realizar nesta última fase da nossa investigação, planeámos o tratamento estatístico dos dados em duas etapas, com recurso às análises estatísticas que nos pareceram as mais adequadas aos nossos objectivos:

1ª Etapa (ESTUDO I) - Começaremos por proceder a uma Análise de Regressão Múltipla (A. R. M.) no sentido de verificar a contribuição:

(1) do conjunto das variáveis PAP (PAP.AUT, PAP.CONT, PAP.AMOR e PAP.HOST)

(2) da variável idade e

(3) da variável sexo

para a variabilidade da CRA. Por outras palavras, nós iremos avaliar, através da ARM a capacidade preditiva que cada uma destas variáveis tem sobre a CRA.

2ª Etapa (ESTUDO II) - Por último e no sentido de apurar, de forma mais fina, as relações entre as PAP e a CRA, nós iremos proceder a uma Análise de Variância Multifactorial (A. V. M.), tomando como variáveis a idade, o sexo e as PAP, no sentido de verificar o efeito que diferentes graus de intensidade de PAP têm sobre a CRA.

Dada a grande quantidade de resultados a que irão conduzir estes estudos, iremos fazendo sínteses e discutindo, a par e passo, os resultados parciais encontrados e, no final, procederemos a uma discussão global dos resultados.

ESTUDO I

De acordo com o plano estabelecido, começámos por realizar uma Análise de Regressão Múltipla (A. R. M.), [*Packages*: BMDP e SPSS], considerando como V.D. a **CRA** e como V.I. as **PAP**, a **idade** e o **sexo**.

A primeira análise realizada consistiu em fazer regressar os scores de **CRA** nos (1) scores de **PAP** em ordem a verificar qual ou quais das quatro dimensões trazem uma contribuição estatisticamente significativa para a variabilidade dos scores de **CRA** e com que percentagem contribuem para essa variabilidade. Em seguida (2) nós incluímos a variável idade (como variável contínua) no sentido de verificar o efeito produzido por esta variável na quantidade de variabilidade explicada e finalmente (3) nós incluímos a variável sexo (que sendo uma variável categórica, entrou como "dummy variable") no sentido de verificar, tal como no passo anterior, o efeito desta variável no modelo preditor.

Por esta mesma ordem serão apresentados os resultados das diversas análises realizadas.

1. CONTRIBUIÇÃO DAS PAP PARA A VARIABILIDADE DA CRA

Os resultados obtidos na ARM são os seguintes (Quadro 1):

Quadro 1 - Regressão da CRA nas PAP

Variáveis	Coeficiente de Regressão Padronizado	t	P
PAP.AUT	.340	11.411	.000***
PAP.AMOR	-.187	-5.429	.000***
PAP.CONT	-.032	-.960	.337 N.S.
PAP.HOST	-.134	-3.893	.000***

R^2 = .148
F = 42.88, (4,989 g.l.), P<.001

Pela análise dos resultados obtidos conclui-se o seguinte:

a. - Os scores de PAP explicam só por si, 14.8% (R^2=.148) da variabilidade total da CRA, sendo os coeficientes de regressão para as PAP.AUT, PAP.AMOR e PAP.HOST significativamente diferentes de zero (P<.001).

b. - Os valores dos coeficientes de regressão parcial padronizados das variáveis preditoras foram os seguintes: PAP.AUT (.340***), PAP.AMOR(-.187***) e PAP.HOST (-.134***), significando que a percepção que mais contribui para a variação da CRA e duma forma positiva é a PAP.AUT, a seguir contribui a PAP.AMOR mas o valor da correlação é negativo e finalmente, com um valor muito baixo, contribui a PAP.HOST, sendo o valor da correlação também negativo.

c. - A PAP.CONT é a que menos contribui para o modelo preditivo sendo o seu coeficiente de regressão parcial não significativamente diferente de zero.

Em síntese, os nossos resultados indicam que:

1. As PAP produzem efeito sobre a maior ou menor **CRA** no adolescente, já que embora a sua capacidade de explicar a variabilidade da **CRA** não seja muito elevada, contribuem com 14.8%.

2. As Percepções de Autonomia, Amor e Hostilidade, e sobretudo a primeira, têm um poder preditivo sobre a **CRA** do adolescente:

- A **CRA** será tanto mais elevada quanto mais elevada for a Percepção de Autonomia.

- A **CRA** será tanto mais elevada quanto menos elevadas forem as Percepções de Amor e de Hostilidade.

DISCUSSÃO

Tal como previramos na hipótese de trabalho, verifica-se que as PAP têm um efeito sobre a **CRA** (contribuem para 14.8% da sua variabilidade), pelo que a nossa hipótese fica confirmada.

A correlação positiva encontrada entre a **PAP.AUT** e a **CRA** não nos oferece dúvidas e confirma a nossa expectativa: era de esperar que o adolescente conseguisse realizar tanto mais autonomia comportamental quanto mais elevada fosse a sua percepção de ter pais encorajadores da autonomia.

A correlação negativa encontrada entre a **PAP.HOST** e a **CRA** também confirma a nossa hipótese inicial: tinhamos previsto que uma percepção muito elevada de pais hostis funcionaria como obstáculo ao processo de autonomização.

Já a correlação negativa encontrada entre a **PAP.AMOR** e a **CRA** não só não confirma a nossa hipótese (tínhamos previsto um efeito positivo sobre a **CRA**) como nos deixa com dificuldades interpretativas, já que

sendo uma dimensão de parenting que se opõe à dimensão anterior, deveríamos encontrar uma correlação de sinal oposto. Pomos no entanto como hipótese que este resultado se deva a um grupo etário particular e que não seja extensível a todas as idades em estudo.

Levantada esta hipótese, que teremos ocasião de esclarecer nas análises posteriores, passamos à fase seguinte, que consiste em verificar o efeito da variável idade.

2. CONTRIBUIÇÃO DAS PAP E DA IDADE PARA A VARIABILIDADE DA CRA

Tal como o delineado, juntámos ao conjunto das 4 variáveis PAP (PAP.AUT, PAP.CONT, PAP.AMOR, PAP.HOST) a variável idade e ao fazermos regressar o score de CRA pelo conjunto das cinco variáveis, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 2 - Regressão da CRA na Idade e nas PAP

Variáveis	Coeficiente de Regressão Padronizado	t	P
Idade	.373	12.372	.000***
PAP.AUT	.211	7.114	.000***
PAP.AMOR	-.072	-2.152	.0317*
PAP.CONT	-.033	-1.074	.2829 N.S.
PAP.HOST	-.076	-2.340	.0195*

R^2 = .261
F = 69.615, (5,987 g.l.), P<.001

A análise mostra que ao juntarmos a variável idade o valor de R^2 sobe de .148 para .261 o que significa que o modelo incluindo agora a idade, explica já 26.1% da variabilidade total da CRA.

A variável idade explica só por si 11.3%, aparecendo portanto claramente como a variável crucial para explicar a variabilidade da CRA.

Neste modelo, onde os coeficientes de regressão parcial padronizados têm os seguintes valores: Idade (.37***), PAP.AUT (.21***), PAP.AMOR (-.07*) e PAP.HOST (-.07*), verificamos que a contribuição maior vem da variável idade, a seguir da PAP.AUT, sendo o valor da correlação positivo e significativamente diferente de zero e que a contribuição menor, e com valor idêntico, vem da PAP.AMOR e da PAP.HOST, sendo o valor da correlação negativo e significativamente diferente de zero.

DISCUSSÃO

Estes resultados, onde a idade aparece como a variável que mais contribui para a quantidade de CRA conseguida pelo adolescente, estão em consonância com os resultados previamente encontrados, quando procedemos ao estudo da variação dos comportamentos de autonomia (ítens do Q.A.C.) em função da idade.

Com efeito, já nessa altura, os nossos resultados tinham posto em evidência um aumento linear nítido das proporções de adolescentes que realizam os comportamentos de autonomia à medida que a idade sobe, dos 12 para os 19 anos.

Com os resultados obtidos agora, através da A.R.M., conseguimos um aprofundamento dos resultados anteriores, já que ao quantificarmos a contribuição percentual desta variável para a variação total da **CRA**, ilustramos e damos maior consistência empírica à importância da variável idade no processo de autonomização adolescente.

Passemos agora ao estudo do efeito da variável sexo.

Tendo em conta os resultados anteriores por nós obtidos, que puseram em evidência diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas na realização dos comportamentos de autonomia, é de prever que a variável sexo produza um efeito significativo sobre a **CRA**.

3 - CONTRIBUIÇÃO DAS PAP, DA IDADE E DO SEXO PARA A VARIABILIDADE DA CRA

A A.R.M. efectuada agora, no conjunto das seis variáveis, conduziu aos seguintes resultados:

Quadro 3 - Regressão da CRA na Idade, no Sexo e nas PAP

Variáveis	Coeficiente de Regressão Padronizado	t	P
Sexo	-.189	-6.999	.000***
Idade	.383	12.988	.000***
PAP.AUT	.205	7.068	.000***
PAP.AMOR	-.067	-2.051	.0405*
PAP.CONT	-.057	-1.889	.0593 N.S.
PAP.HOST	-.076	-2.402	.0165*

R^2 = .296
F = 68.996, (6,986 g.l.), P<.001

Verificamos que, conforme tínhamos previsto, ao juntarmos a variável sexo o valor de R^2 sobe de .261 obtido na análise anterior, para o valor de .296, significando que o modelo, incluíndo agora o total das variáveis, explica 29.6% da variabilidade total da **CRA**, sendo 3% atribuível à variável sexo.

Na base destes resultados e confirmado o efeito da variável sexo, decidimos proceder a uma A.R.M. em cada um dos sexos, no sentido de testar o modelo preditivo das PAP e idade em cada um deles.

Os resultados encontrados são os seguintes:

Quadro 4 - Regressão da CRA na Idade e nas PAP, no Sexo Masculino

Variáveis	Coeficiente de Regressão Padronizado	t	P
Idade	.426	10.453	.000***
PAP.AUT	.246	6.170	.000***
PAP.AMOR	-.028	-.636	.524 N.S.
PAP.CONT	-.054	-1.317	.188 N.S.
PAP.HOST	-.058	-1.392	.164 N.S.

R^2 = .339
F = 51.197, (5,499 g.l.), P<.001

Quadro 5 - Regressão da CRA na Idade e nas PAP, no Sexo Feminino

Variáveis	Coeficiente de Regressão Padronizado	t	P
Idade	.345	7.877	.000***
PAP.AUT	.150	3.477	.000***
PAP.AMOR	-.107	-2.136	.033*
PAP.CONT	-.088	-1.939	.0531 N.S.
PAP.HOST	-.092	-1.861	.0633 N.S.

R^2 = .226
F = 28.145, (5,482 g.l.), P<.001

A análise comparativa dos resultados permite-nos verificar que:

- A capacidade preditiva do conjunto das variáveis PAP e da idade é maior nos rapazes (R^2 = .33) do que nas raparigas (R^2 = .22).

- Enquanto que nos rapazes as variáveis que mais contribuem para a variabilidade da CRA são a idade e a PAP.AUT nas raparigas são essas mais a PAP.AMOR.

- Enquanto que nos rapazes as PAP explicam só por si 19.4% (R^2 = .194) da variabilidade da CRA, nas raparigas as PAP explicam 12.6% (R^2 = .126), significando que o modelo preditivo das PAP se adequa melhor nos rapazes.

Em síntese:

-As PAP produzem, tal como previramos, um efeito sobre a CRA no adolescente, explicando só por si 19.4% da variabilidade total da CRA nos rapazes e 12.6% nas raparigas.

- Tanto nos rapazes como nas raparigas, as variáveis com mais impacto no modelo preditor da CRA são a idade - a variável crucial - e a Percepção de Autonomia (PAP.AUT).

-Enquanto que nos rapazes essas são as variáveis que mais efeito produzem sobre a sua CRA nas raparigas são igualmente importantes, embora o seu efeito seja menor, as Percepções de Amor (PAP.AMOR) e de Controlo (PAP.CONT).

-Quanto à direcção do efeito produzido, verifica-se que a CRA é tanto maior (1) quanto mais elevada for a idade, (2) quanto mais elevada for a percepção adolescente de ter pais encorajadores de autonomia e (3) quanto menos elevada for a sua percepção de terem pais dando muito suporte afectivo ou então de terem pais hostis.

-Embora o modelo linear agora testado através da A.R.M. não satisfaça muito, uma vez que permite explicar apenas 29.6% da variabilidade total da **CRA** (elevando-se este valor para 33.9% nos rapazes) é de prever que um modelo não linear se ajuste melhor ao tipo de relação que a **CRA** tece com as variáveis estudadas.

O estudo que se segue, permitirá elucidar de forma mais fina o tipo de relação que se estabelece entre a **CRA** e os níveis de intensidade de **PAP**, dentro de cada sexo e tendo em conta o grupo etário em que o adolescente se encontra.

ESTUDO II

Passemos então à 2ª Etapa definida no Plano de Análise, ou seja: ao estudo do efeito que têm diferentes graus de intensidade de percepção adolescente das atitudes dos pais, sobre a sua capacidade de realizar a autonomia comportamental.

Por outras palavras, pretendemos com este estudo, responder à questão: em que medida a **CRA** no adolescente está dependente da intensidade das percepções adolescentes do afecto e do controlo exercido pelos pais.

No sentido de criar grupos com níveis ou graus de intensidade de percepção diferentes, procedemos ao cálculo dos quartis a partir da distribuição dos scores das **PAP**.

Criámos assim 4 níveis (correspondendo aos 4 quartis) dentro de cada **PAP**, que ficaram assim definidos (Quadros 6 e 7):

Quadro 6 - Definição dos níveis de intensidade de percepção de autonomia e de controlo

Percentis	Níveis	Scores de PAP.AUT N	Intervalo	Scores de PAP.CONT N	Intervalo
Ø - 25	I	296	Ø - 67	264	Ø - 90
25 - 5Ø	II	27Ø	68 - 1ØØ	3Ø5	91 - 12Ø
5Ø - 75	III	212	1Ø1 - 133	18Ø	121 - 14Ø
75 - 1ØØ	IV	216	134 - 2ØØ	245	141 - 2ØØ

Quadro 7 - Definição dos níveis de intensidade de percepção de amor e de hostilidade

Percentis	Níveis	Scores de PAP.AMOR N	Intervalo	Scores de PAP.HOST N	Intervalo
0 - 25	I	249	0 - 123	294	0 - 12
25 - 50	II	258	124 - 157	212	13 - 24
50 - 75	III	261	158 - 180	261	25 - 47
75 - 100	IV	227	181 - 200	227	48 - 200

Os níveis de PAP, graduam-se assim numa escala de 1 a 4, correspondendo o nível I, ao nível de intensidade de percepção mais baixo e o nível IV ao nível de intensidade de percepção mais elevada.

Estamos agora em condições de proceder ao estudo de Análise de Variância, que testa as diferenças estatisticamente significativas entre as médias dos scores de **CRA** dentro de cada nível assim criado. Com esta análise podemos verificar que efeito produz sobre a **CRA** do adolescente o facto de este ter uma percepção mais baixa ou mais elevada da Autonomia e do Controlo exercido pelos pais bem como do Amor e da Hostilidade sentidos na relação com os Pais.

Começaremos por analisar o efeito das percepções nas dimensões da Autonomia e do Controlo exercido pelos pais, sobre a **CRA**, passando depois ao estudo do efeito das percepções do Amor e da Hostilidade.

Faremos a par e passo e em separado, a análise e a interpretação dos resultados dizendo respeito à sub-amostra dos rapazes e à sub-amostra das raparigas.

Uma questão prévia se nos colocou: - a de saber se a relação entre a **CRA** e a intensidade das diferentes **PAP** está ou não na dependência do período etário em que o adolescente se encontra.

Com efeito, na I PARTE, SECÇÃO III (Plano de Investigação. Hipóteses), levantámos a hipótese que o efeito das PAP sobre a **CRA** varia consoante a fase desenvolvimental em que o adolescente se encontra.

No decorrer da análise de resultados anteriores, dados pela A.R.M., tivemos ocasião também de antecipar que o padrão de correlação entre a **CRA** e PAP.AMOR encontrado, possa vir a ser esclarecido quando se tiver em conta o factor etário.

A fim de testar as hipóteses levantadas, o que corresponde a verificar a existência ou não de diferenças no padrão de relação entre a **CRA** e as PAP quando considerando o grupo dos 12 aos 19 anos e quando considerados diferentes grupos etários, procedemos a: 1ª) uma A.V.M. na amostra total e 2ª) a três A.V.M. em três grupos etários assim definidos: Grupo dos 12-13 anos, que designamos por Adolescência Inicial (N=549), Grupo dos 14-16 anos, Adolescência Média (N=321) e Grupo dos 17-19 anos, Adolescência Final (N=124).

Os resultados da 1ª análise, relativa à A.V.M. realizada na amostra total (12 aos 19 anos) encontram-se descritos nos Quadros 8, 10, 12 e 13.

Os resultados da 2ª análise, pelas razões que explicitaremos a seguir, figuram em anexo (Anexo VII: Quadros 1 a 12).

A análise comparativa dos resultados obtidos na 1ª A.V.M. com os resultados das A.V.M. por grupos etários, levou-nos a concluir o seguinte:

- Verifica-se um efeito menos nítido das PAP sobre a **CRA** no grupo etário dos 14-16 anos, pelo que a hipótese formulada obtém confirmação. Com efeito, através dos resultados dos Quadros 5, 6, 7 e 8 (em Anexo VII) verifica-se que nesse grupo a variabilidade da **CRA** em função dos níveis de intensidade das PAP é pequena, quando comparada aos outros dois grupos etários.

- O padrão de relação entre a **CRA** e as **PAP** altera-se fundamentalmente na **PAP.AMOR** quando comparados os resultados da análise praticada na amostra global e nos três grupos etários, como iremos explicitar mais adiante.

- Nas restantes **PAP** e portanto dum modo geral, o padrão de relação (ou seja, a tendência global de variação) que se verifica existir entre a **CRA** e cada uma das **PAP** não se altera significativamente, quando vistos os três grupos etários separadamente (a não ser na **PAP.AMOR**, excepção já assinalada na alínea anterior).

Assim sendo, resolvemos analisar e interpretar os resultados da A.V.M. dizendo respeitoà amostra total, sublinhando e remetendo sempre que se justifique, para a análise por grupo etário. Por esta razão e para não sobrecarregar o presente texto de resultados estatísticos, incluímos os quadros descritivos dos resultados das A.V.M., em cada grupo etário, no Anexo VII.

A RELAÇÃO ENTRE AS PAP E A CRA

A Análise de Variância Multifactorial (A.V.M.) tendo como V.D. a **CRA** e como factores o sexo e as **PAP**, nos quatro níveis de intensidade de percepção considerados, conduziu aos resultados que a seguir se descriminam para cada **PAP**.

Um resultado comum se extrai relativamente ao factor sexo, pelo que não o retomaremos nas análises subsequentes.

Tal como esperado verifica-se que:

-a CRA varia de forma altamente significativa com o factor sexo, sendo a CRA mais elevada nos rapazes do que nas raparigas, em todos os grupos etários considerados.

1. - O EFEITO DA PERCEPÇAO DE AUTONOMIA (PAP.AUT) SOBRE A CAPACIDADE DE REALIZAÇAO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL (CRA)

A Análise de Variância Multifactorial tendo como V.D. a **CRA** e como factores o sexo e a PAP.AUT, nos quatro níveis considerados, conduziu aos seguintes resultados (Quadro 8). Relembramos que os níveis de percepção se graduam numa escala de 1 a 4, correspondendo a valores crescentes de intensidade de percepção.

Quadro 8 - Análise de Variância da CRA em função do Sexo e PAP.AUT

Fonte de Variação	Soma Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	156096.91	1	156096.91	30.908	.000***
Grupos PAP.AUT	563714.15	3	187904.72	37.207	.000***
Sexo X Grupos PAP.AUT	75165.24	3	25055.83	4.961	.002**
Resíduo	4974551.5	985	5050.3061		
Total	5754586.5	992			

A análise dos resultados permite-nos concluir que:

- O score médio de CRA é, do ponto de vista estatístico, significativamente diferente (P< .001) nos quatro grupos de PAP considerados, ou seja, a **CRA** varia em função da intensidade de percepção adolescente de autonomia recebida.

- A interacção entre o sexo e os grupos de PAP.AUT é estatisticamente muito significativa (P= .ØØ2).

Os valores das Médias dos Scores (X) de **CRA** em cada nível de **PAP** bem como os resultados do teste de comparações múltiplas (dada pelo Método dos Intervalos de Confiança) e que afere a homogeneidade dos níveis entre si, para os rapazes e para as raparigas, encontram-se descritos no Quadro 9, e ilustrados graficamente na Fig. 1.

Quadro 9 - Distribuição dos Scores Médios de CRA por níveis de PAP

	SEXO MASCULINO			SEXO FEMININO		
Nível	N	$\bar{X}$	Homogeneidade Níveis(1)	N	$\bar{X}$	Homogeneidade Níveis
I	151	81.43	*	145	73.26	*
II	144	106.68	*	126	84.39	*
III	107	130.80	*	105	110.13	*
IV	103	168.58	*	112	112.24	*

(1) Os asteriscos colocados na mesma coluna significam que existe homogeneidade entre os grupos assinalados.

Os resultados indicam que:

- Nos rapazes não existe homogeneidade entre nenhum dos níveis de PAP, o que quer dizer que a **CRA** é diferente de nível para nível e cada vez maior à medida que os níveis de **PAP.AUT** são também cada vez mais elevados.

- Nas raparigas os níveis I e II e também os níveis II e III não são homogéneos entre si, mas os dois últimos níveis (III e IV) são homogéneos). Por outras palavras, nas raparigas, (1) o efeito do grau de intensidade na **CRA** é menos nítido quando a percepção tem níveis elevados, (2) a **CRA** é maior quando a **PAP.AUT** é mais elevada.

Juntando a estes resultados, os resultados obtidos nas A.V.M. realizadas em cada grupo etário (cf. ANEXO VII), e onde se verifica que na Adolescência Final o efeito das **PAP.AUT** sobre a **CRA** tende a diminuir, podemos então concluir que:

- A CRA, ao longo da adolescência, é tanto maior quanto maior for a percepção dos adolescentes de terem pais encorajadores de autonomia, tendo uma percepção de nível idêntico um maior efeito na CRA dos rapazes do que nas raparigas.

Uma percepção elevada de terem pais encorajadores de autonomia aparece assim como fortemente estimuladora da CRA do adolescente e sobretudo no período inicial e médio do processo adolescencial.

2. - O EFEITO DA PERCEPÇÃO DE CONTROLO (PAP.CONT) SOBRE A CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL (CRA)

A A.V.M., tendo como V.D. a **CRA** e como factores o sexo e a **PAP.CONT**, nos quatro níveis de intensidade de PAP considerados, conduziu aos seguintes resultados (Quadro 10):

Quadro 10 - Análise de Variância da CRA em função do Sexo e PAP.CONT

Fonte de Variação	Soma Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	148834.79	1	148834.79	26.574	.000***
Grupos PAP.CONT	79623.52	3	26541.17	4.739	.002**
Sexo X Grupos PAP.CONT	17000.57	3	5666.85	1.012	.386 N.S.
Resíduo	5516806.8	985	5600.81		
Total	5754586.5	992			

A análise dos resultados permite-nos concluir que:

- O score médio de **CRA** é, do ponto de vista estatístico, significativamente diferente (P= .002) nos quatro níveis de **PAP** considerados, ou seja, a **CRA** varia em função da intensidade de percepção adolescente de controlo recebido.

- Não há interacção entre o sexo e os níveis de **PAP.CONT**.

Passemos agora à análise da variação da **CRA** pelos quatro níveis de **PAP.CONT** em cada sexo.

O valor das médias dos scores de **CRA** em cada nível, bem como os resultados do teste que afere a homogeneidade dos níveis entre si, para cada sexo, encontra-se descrito no Quadro 11 e Fig. 2.

Quadro 11 - Distribuição dos Scores Médios de CRA por níveis de PAP

	SEXO MASCULINO			SEXO FEMININO		
Nível	N	$\bar{X}$	Homogeneidade Níveis	N	$\bar{X}$	Homogeneidade Níveis
I	148	121.12	* *	146	98.62	*
II	107	133.93	*	105	95.20	*
III	125	111.98	* *	136	97.05	*
IV	125	102.09	*	101	77.21	*

Os resultados indicam que:

- Nos rapazes, a passagem do nível de percepção II para o nível III, mais elevado, acompanha-se de uma mudança no score médio de **CRA**: a capacidade de realização diminui.

- Nas raparigas, o grupo com o nível mais elevado de percepção de CONT não é homogéneo com nenhum dos outros mas os restantes níveis (I, II e III) são homogéneos entre si.

Tal como nos rapazes e aqui duma forma mais nítida, o efeito mais acentuado sobre a **CRA**, vem do nível de percepção mais elevado de CONT, traduzindo-se numa menor **CRA**.

Podemos então concluir:

- A CRA é substancialmente menor nos adolescentes cuja percepção de controlo por parte dos pais é muito elevada e este efeito é encontrado sobretudo nos adolescentes com idades a partir de 14 anos.

Uma percepção muito elevada de terem pais exercendo controlo sobre os seus comportamentos aparece como um obstáculo à CRA quando essa percepção se verifica na adolescência média e final.

Porém, já na adolescência inicial, uma percepção muito elevada de controlo, pelo contrário, parece não obstaculizar a CRA.

3. - O EFEITO DA PERCEPÇÃO DE AMOR (PAP.AMOR) SOBRE A CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL (CRA)

Como dissemos atrás, constatámos, pelos resultados das A.V.M. realizadas em cada um dos grupos etários considerados, que o padrão de relação entre o CRA e a PAP.AMOR não é o mesmo em todos os grupos etários.

Estes resultados demonstram que a quantidade de amor percepcionado pelo adolescente produz efeitos diferentes sobre a sua CRA consoante o adolescente se encontra numa fase inicial do desenvolvimento adolescencial ou numa fase final.

Assim sendo torna-se adequado proceder à análise e interpretação dos resultados, respeitando a especificidade de cada grupo etário.

Começaremos por apresentar o quadro de resultados da A.V.M. (Quadro 12 e Fig.3) na amostra total (12-19 anos).

Quadro 12 - Análise de Variância da CRA em função do Sexo e PAP.AMOR

Fonte de Variação	Soma Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	146557.71	1	146557.71	26.158	.000***
Grupos PAP.AMOR	84190.43	3	28063.48	5.009	.001**
Sexo X Grupos PAP.AMOR	10516.85	3	3505.61	.626	.598 N.S.
Resíduo	5518723.7	985	5602.76		
Total	5754586.5	992			

Embora se verifique a existência dum efeito estatisticamente significativo dos grupos de PAP.AMOR sobre a CRA na amostra global, dentro de cada grupo etário não há efeito estatisticamente significativo do nível de percepção de amor (conforme se pode verificar pelos Quadros 3, 7 e 11, ANEXO VII).

A análise da variação da CRA em função dos níveis de PAP por sexo, dentro de cada grupo etário, permite no entanto explicar o porquê dos resultados obtidos quando tomada a amostra global: verifica-se que o nível de percepção mais elevado (nível IV) tem em todos os grupos etários um efeito acentuado sobre a CRA, transformando-se num efeito estatisticamente significativo quando considerada a amostra global.

Verifica-se no entanto, pela análise dos resultados obtidos em cada grupo etário, ilustrados nas Figs. 5, 6 e 7, que o efeito duma grande percepção de amor sobre a CRA, não é o mesmo quando o adolescente se encontra numa fase precoce ou mais tardia da adolescência, e isto especialmente nas raparigas.

Explicitando melhor, verifica-se que:

- nas raparigas, enquanto que nos grupos etários dos 12-13 e dos 14-16 anos, a CRA é menor no grupo que tem o nível de percepção de amor mais elevado, no grupo dos 17-19 anos já o nível de percepção mais elevado se traduz numa maior CRA.

- nos rapazes, o nível de percepção de amor mais elevado só se traduz numa menor CRA no grupo dos 12-13 anos, já que nos outros grupos etários vamos encontrar uma maior CRA.

Em suma, uma percepção muito elevada de amor traduz-se numa menor CRA na adolescência inicial, mas o efeito tende a inverter-se nos grupos etários posteriores: a tendência é para que, quer nos rapazes quer nas raparigas, a CRA aumente com uma percepção elevada de amor.

4. - O EFEITO DA PERCEPÇÃO DE HOSTILIDADE DA PAP.HOST SOBRE A CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL (CRA)

A A.V.M., tendo como V.D. a CRA e como factores o sexo e a PAP.HOST, nos quatro níveis de intensidade de PAP considerados, conduziu aos seguintes resultados (Quadro 13):

Quadro 13 - Análise de Variância da CRA em função do Sexo e PAP.HOST

Fonte de Variação	Soma Quadrados	g.l.	Média Soma Quadrados	F	P
Sexo	174632.08	1	174632.08	31.519	.000***
Grupos PAP.HOST	150201.37	3	50067.12	9.037	.000***
Sexo X Grupos PAP.HOST	5843.07	3	1947.69	.352	.788 N.S.
Resíduo	5457386.5	985	5540.49		
Total	5754586.5	992			

A análise dos resultados permite-nos concluir que:

- O score médio de **CRA** é, do ponto de vista estatístico, significativamente diferente nos quatro níveis da **PAP** considerados, o que significa que a **CRA** varia em função da intensidade de percepção de hostilidade nos pais.

- Não há interacção entre o sexo e os níveis de PAP.

Os valores dos scores médios de **CRA** nos quatro níveis e o resultado do teste de homogeneidade, nos rapazes e nas raparigas encontra-se apresentado no Quadro 14 e Figura 3.

Quadro 14 - Distribuição dos Scores Médios de CRA por níveis de PAP

	SEXO MASCULINO			SEXO FEMININO		
Nível	N	$\bar{X}$	Homogeneidade Níveis	N	$\bar{X}$	Homogeneidade Níveis
I	111	139.27	*	153	108.49	*
II	162	113.95	*	142	93.42	*
III	89	117.25	*	91	84.23	* *
IV	143	102.53	*	102	77.08	*

Pela análise dos resultados verifica-se que:

- nos rapazes, o grupo com grau de intensidade mais baixo (nível I) é também o grupo com maior **CRA** e que este grupo não é homogéneo com nenhum dos outros. Já os restantes grupos (níveis II, III e IV) são homogéneos entre si.

- nas raparigas, verifica-se que os grupos com intensidade extremas, mínima e máxima (níveis I e IV), são grupos onde as diferenças são mais evidentes e que a uma intensidade máxima de percepção de hostilidade corresponde uma **CRA** mínima.

Encontra-se esta mesma tendência nos três grupos etários(cf. ANEXO VII). Importa, no entanto realçar que, nos grupos etários dos 12-13 e 17-19 anos o efeito é estatisticamente significativo.

Podemos então concluir que, quer nos rapazes quer nas raparigas, a CRA aumenta quando a percepção de pais hostis é muito baixa e que este efeito é sobretudo evidente na adolescência inicial e final.

Em síntese, os nossos resultados conduzem às seguintes conclusões:

- Tal como previramos nas nossas hipóteses de investigação, o grau de percepção de PAP nas quatro dimensões estudadas, tem um efeito diferenciado sobre a capacidade de realização de autonomia comportamental do adolescente.

- O efeito produzido é ainda diferente num sexo e no outro, é menor na adolescência média, e na Percepção de Amor a direcção do efeito varia em função da fase desenvolvimental em que o adolescente se encontra.

- As tendências de variação encontradas entre as PAP e a CRA são as seguintes:

. A CRA aumenta quando aumenta também a intensidade de percepção de pais encorajadores de autonomia, tanto na adolescência inicial como na adolescência média e final.

. A CRA diminui quando o adolescente tem uma percepção muito elevada de Pais exercendo controlo sobre o seu comportamento e isto é sobretudo evidente na adolescência média e final.

. A CRA diminui quando o adolescente tem uma percepção muito elevada de Pais dando muito amor, e este efeito é sobretudo verificável nas raparigas, e na adolescência inicial e média, mas este efeito tende a inverter-se quando se caminha para a adolescência final:

Com efeito, verifica-se que na adolescência final, quer nos rapazes quer nas raparigas, a CRA aumenta quando o adolescente tem uma percepção mais elevada de pais dando amor. Este mesmo efeito é já encontrado na adolescência média, nos rapazes.

. A CRA diminui quando o adolescente tem uma percepção muito elevada de ter pais hostis.

Confrontando agora os resultados encontrados com as hipóteses formuladas podemos afirmar que, dum modo geral, as nossas hipóteses foram confirmadas. Confirmou-se o efeito diferencial do sexo, confirmou-se o efeito diferencial da idade e confirmou-se dum modo geral, o efeito diferenciado da intensidade das PAP sobre a CRA.

A previsão dum aumento de CRA com a Percepção de Amor apenas foi parcialmente confirmada já que a hipótese só se revela válida para os rapazes com mais de 14 anos e para as raparigas com mais de 17 anos.

Passemos agora à discussão dos resultados globais obtidos no estudo de Análise de Regressão Múltipla e no estudo de Análise de Variância Multifactorial.

Fig.1-Scores Médios de C.R.A. em Função dos Níveis de Intensidade (N.I.) da PAP AUT para a Amostra Total

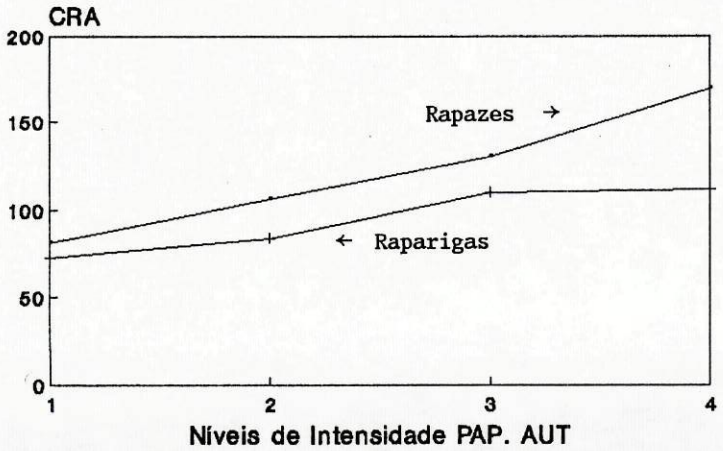


Fig.2-Scores Médios de C.R.A. em Função dos Níveis de Intensidade (N.I.) da PAP CONT para a Amostra Total

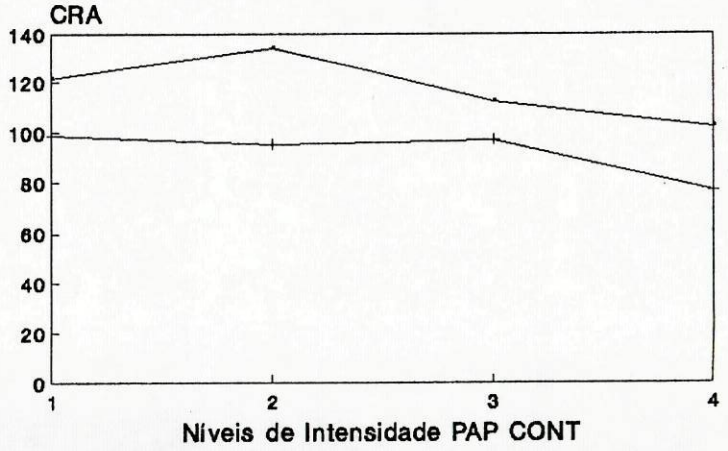


Fig.3-Scores Médios de C.R.A. em Função dos Níveis de Intensidade (N.I.) da PAP AMOR para a Amostra Total

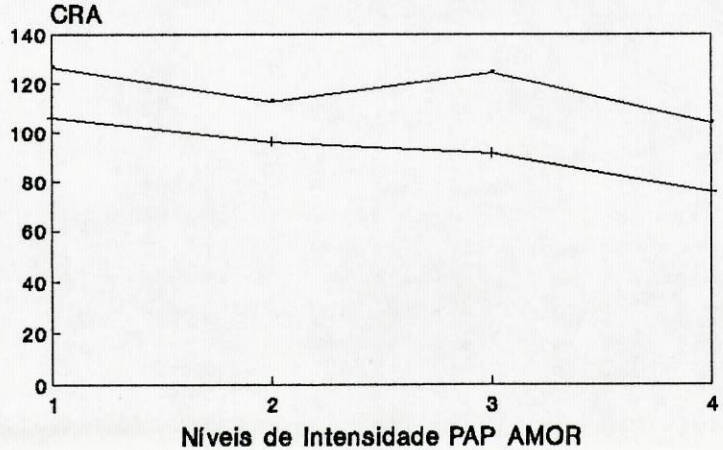


Fig.4-Scores Médios de C.R.A. em Função dos Níveis de Intensidade (N.I.) da PAP HOST para a Amostra Total

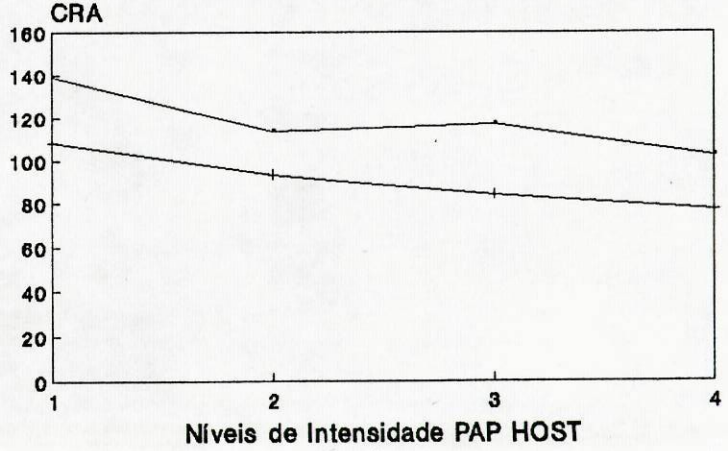


Fig.5-Scores Médios de C.R.A. em Função dos Níveis de Intensidade da PAP AMOR, no Grupo Etário 12-13 anos

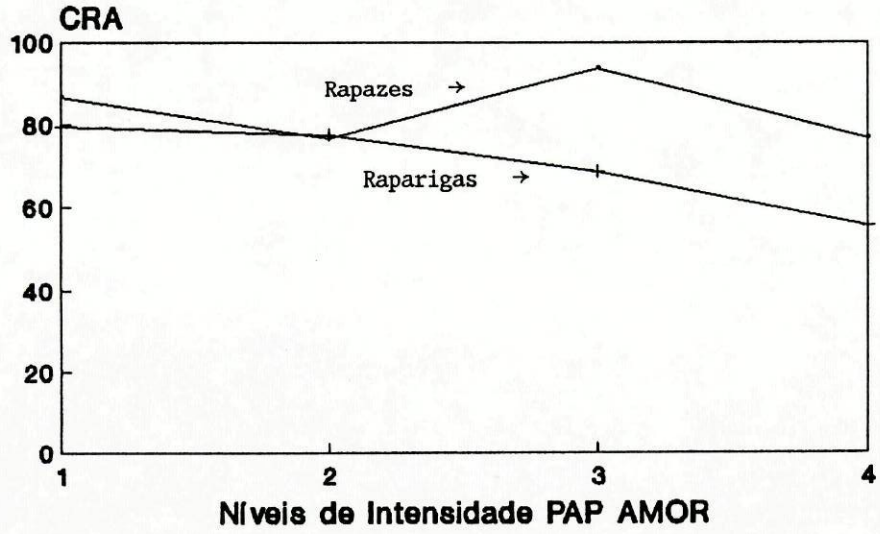


Fig.6-Scores Médios de C.R.A. em Função dos Níveis de Intensidade da PAP AMOR, no Grupo Etário 14-16 anos

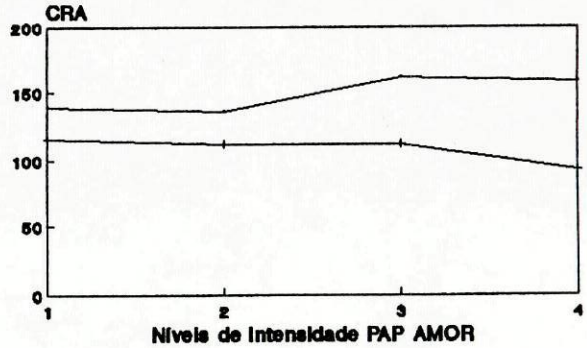
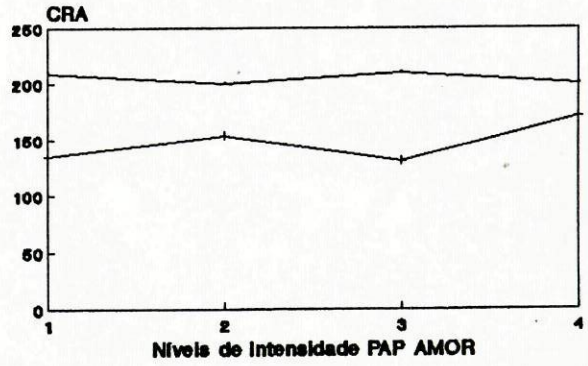


Fig.7-Scores Médios de C.R.A. em Função dos Níveis de Intensidade da PAP AMOR, no Grupo Etário 17-19 anos



DISCUSSÃO

Tentaremos discutir aqui globalmente as conclusões a que conduziram os nossos resultados, dados através da Análise de Regressão Múltipla e da Análise de Variância Multifactorial, resultados que se complementam e se esclarecem mutuamente.

Fá-lo-emos à luz da fundamentação que desenvolvemos na PRIMEIRA PARTE do nosso trabalho e à luz da nossa interpretação pessoal, também ela naturalmente influenciada e fundamentada no conhecimento prévio, que nesta área se foi construindo.

Com este último capítulo, "completamos" o trabalho que nos propusemos apresentar nesta Dissertação (na verdade, a investigação continua...) e os resultados encontrados respondem a um dos grandes objectivos do nosso trabalho.

Uma conclusão deste estudo, cabe realçar desde já: a maior ou menor capacidade de conseguir realizar a autonomia comportamental, no adolescente, está relacionada de forma significativa com a idade, com o sexo e com as suas percepções das atitudes dos pais.

Estes resultados, vão ao encontro dos dados da investigação prévia, que tem posto em evidência a importância, quer das variáveis sexo e idade quer das variáveis familiares, para o desenvolvimento psicossocial do adolescente e mais concretamente para o desenvolvimento da autonomia adolescente.

Eles alargam e aprofundam, contudo, a evidência empírica prévia, já que trazem contribuição importante para a compreensão de aspectos específicos da autonomia, a autonomia comportamental, área em que, como vimos, a investigação é escassa. Aprofundam ainda porque, a literatura prévia não esclareceu, como vimos, e como realçou Martin na importante revisão da literatura que produziu em 1975, o quanto, ou seja, qual a

contribuição de cada uma destas variáveis para explicar a variabilidade da capacidade de realização da autonomia comportamental, em suma, qual o poder preditivo de cada uma destas variáveis. Os nossos resultados trazem ainda conhecimento para a área, porque põem em evidência que o efeito das atitudes parentais sobre o desenvolvimento não é homogéneo, mas produz efeitos diferentes consoante o período desenvolvimental em que o adolescente se encontra, ou seja, consoante as tarefas desenvolvimentais que leva a cabo e os conflitos internos e externos com que lida.

Os resultados a que conduziu o nosso estudo indicam-nos que das variáveis estudadas: a idade, o sexo, as percepções de amor (PAP.AMOR), de hostilidade (PAP.HOST), de autonomia (PAP.AUT) e de controlo (PAP.CONT), a idade aparece como a variável crucial, (já que só por si contribui com 11.3% para a variabilidade total da CRA) o que, por um lado, fundamenta o carácter desenvolvimental da autonomia comportamental e por outro lado, justifica a sua inclusão como variável pertinente nos modelos explicativos.

O sexo aparece também no nosso estudo como uma variável importante já que contribui por si só com 3%. Este resultado, visto em conjunto com os resultados obtidos nos outros estudos por nós realizados (SECÇÃO I e SECÇÃO II desta III PARTE) confirma a existência de diferenças num sexo e no outro.

Os resultados sugerem-nos que cada um dos sexos, lida com questões maturativas e relacionais diferentes e encontra vicissitudes desenvolvimentais específicas, no exercício da autonomia comportamental.

A importância de estudar a variável sexo, encontra-se confirmada e valida a nossa opção em tomá-la como uma Variável Independente em todos os estudos efectuados.

Os nossos resultados vêm em apoio dos autores que recentemente têm chamado a atenção para a importância de introduzir a variável sexo nos modelos explicativos, a qual tem, como dissemos, sido ignorada ou

tratada apenas como variável parasita na investigação fundamental. Vêm ainda em apoio dos autores que têm defendido a tese de "linhas desenvolvimentais" diferentes num sexo e no outro opondo-se assim à ideia de uma Psicologia do Desenvolvimento comum aos dois sexos.

Os resultados indicam-nos que as PAP produzem efeito sobre o processo de autonomia adolescente, já que por si só explicam 19.3% da variabilidade da **CRA** nos rapazes e 12.4% nas raparigas.

Indicam-nos ainda que é a percepção de autonomia dada pelos pais, a que mais impacto tem sobre a autonomia comportamental conseguida, colocando esta dimensão do *parenting* como a dimensão fulcral para o desenvolvimento da autonomia comportamental.

Curioso contudo, é verificar que, de entre o conjunto dos preditores significativos, aparece imediatamente a seguir, e com igual peso, as percepções ligadas à dimensão do afecto: as percepções de amor e de hostilidade. Estes resultados demonstram a importância do vínculo afectivo para a compreensão da autonomia.

O desafio lançado por Hill & Holmbeck (1986) ao incentivar os investigadores a estudar as transformações no vínculo e na autonomia adquire consistência.

Os resultados indicam-nos ainda que quando analisados separadamente os sexos, a **CRA** nas raparigas está, mais do que nos rapazes sob o efeito da percepção de amor e de controlo.

A compreensão da especificidade do processo em cada sexo foi largamente aprofundada com os resultados dados pela Análise de Variância Multifactorial.

O estudo demonstrou a existência de tendências comuns aos dois sexos e de tendências divergentes nos rapazes e nas raparigas e também nos diferentes grupos etários.

Verificámos que a **capacidade de realização da autonomia comportamental** (CRA) é tanto maior quanto maior for a percepção nos adolescentes de receberem autonomia por parte dos pais e este resultado verificou-se em ambos os sexos e nos três períodos etários considerados. Verificámos ainda e coerentemente com estes resultados, que uma percepção muito elevada de controlo tem um efeito negativo sobre a autonomia comportamental em ambos os sexos, na adolescência média e terminal, traduzindo-se numa menor **CRA**.

Estes resultados vão ao encontro dos resultados da investigação prévia, por nós revista, que puseram em evidência uma correlação positiva entre autonomia adolescente e atitudes parentais encorajadoras da autonomia e da separação (Murphey et al., 1963; Douvan & Adelson, 1966; Stierlin et al., 1974; Berzonsky, 1981) e uma correlação negativa entre a autonomia adolescente e o exercício dum controlo autoritário por parte dos pais (Elder, 1963; Baumrind, 1968; Douvan & Adelson, 1966; Enright et al., 1980; Berzonsky, 1981; Kandel & Lesser, 1972), evidência empírica bem estabelecida.

Interessante contudo é constatar que níveis moderados de controlo por parte dos pais, pressupondo a existência de regras e de limites ao comportamento dos filhos, bem como uma percepção muito elevada de controlo na adolescência inicial - e aqui os nossos resultados trazem nova evidência à investigação prévia - não se traduzem numa menor **CRA**.

E que, se por um lado os nossos resultados apoiam a investigação prévia, eles acrescentam uma perspectiva desenvolvimental.

Com efeito, os nossos resultados sugerem que as condições que mais favorecem o desenvolvimento da autonomia comportamental são as que se verificam numa atmosfera familiar de encorajamento contínuo da autonomia, do início ao final da adolescência e numa atmosfera de controlo parental baixo ou moderado, sobretudo na adolescência média e terminal.

E de admitir que, quanto mais os pais são percepcionados pelos adolescentes como figuras promovendo a autonomia, mais funcionem como modelos identificatórios válidos, e sejam eles próprios adultos autónomos, valorizando e reconhecendo nos filhos a necessidade de se autonomizarem.

Pensamos que o encorajamento da autonomia, por parte dos pais e em particular por parte da mãe - figura que, como vimos, está mais envolvida do que o pai (quando estes são percepcionados como figuras distintas) no comportamento dos adolescentes - proporciona e estimula os movimentos exploratórios, a experimentação, o confronto com situações de frustação ou de insucesso, estimulando também a gratificação e satisfação conseguida pela realização de tarefas sem ajuda parental, com o reforço consequente da auto-estima do adolescente.

Os nossos resultados sugerem ainda que as práticas educativas parentais mudam em função da idade do adolescente: o comportamento parental, além de proactivo seria também reactivo ao comportamento dos filhos, estimulando por um lado o desenvolvimento e respondendo adaptativamente às mudanças ocorridas no adolescente, neste caso a sua progressiva capacidade de realizar comportamentos de autonomia. Estes aspectos sugerem a existência dum nível de reciprocidade cada vez mais sólido na relação entre pais e adolescentes e o abandono progressivo duma relação marcada pela autoridade unilateral.

Estas mudanças sugerem ainda progressivas aquisições socio-cognitivas do adolescente, nomeadamente as ligadas à compreensão das relações interpessoais, ao desenvolvimento moral e ao desenvolvimento egóico no adolescente. Sugerem, por outro lado também, as transformações ocorridas no sistema familiar, nomeadamente nos mecanismos reguladores do poder e da autoridade entre gerações.

Verificámos que na adolescência inicial e em ambos os sexos, os adolescentes com uma percepção muito elevada de amor por parte dos pais são também os adolescentes apresentando menor capacidade de realizar comportamentos de autonomia. Porém, e a constatação desta diferença é muito interessante, os adolescentes mais velhos (os rapazes a partir dos 14 anos e as raparigas, a partir dos 17 anos) com uma percepção muito elevada de amor são também aqueles que obtêm scores mais elevados na autonomia comportamental.

Até à data, alguns autores têm afirmado que a autonomia é maior se o suporte afectivo dado pelos pais for grande. Este padrão tem sido apresentado como válido para toda a adolescência, considerada esta, supomos, como um todo homogéneo, como um processo influenciado sempre no mesmo sentido pelas atitudes parentais, desde o início ao final da adolescência.

Os nossos resultados questionam esta assunção e apontam no sentido de que o efeito das atitudes parentais na dimensão do amor é diferente consoante a fase desenvolvimental adolescente.

Nesta perspectiva, e na interpretação que fazemos dos nossos resultados, ganham preponderância as posições teóricas de raiz clínica, nomeadamente as posições de orientação psicanalítica e sistémica. Com efeito, as teorias psicanalíticas têm afirmado a importância do investimento afectivo em figuras extra-familiares, do abandono dos laços infantis aos pais, do ataque ao continente parental, da desidealização das figuras parentais.

Nesta perspectiva, os nossos resultados sugerem-nos que um envolvimento afectivo excessivo por parte dos pais, entre outros efeitos, pode, no início do processo adolescente, dificultar as tarefas desenvolvimentais da autonomia e "enredar" o adolescente em gratificações infantis excessivas.

Alguns autores de orientação sistémica têm também posto em evidência a importância da qualidade e quantidade das interacções familiares no desenrolar do processo adolescente. Stierlin, concretamente descreveu modelos de interacção familiar que vão do encadeamento (binding) à expulsão (expelling) e pos em evidência as vicissitudes do desenvolvimento da autonomia ligadas ao excessivo encadeamento afectivo de pais e filhos entre si.

Poderíamos então especular que os adolescentes apresentando uma baixa **Capacidade de Realização da Autonomia** Comportamental no início da adolescência e sentindo-se simultaneamente muito amados pelos pais provenham de famílias caracterizadas por este último tipo de interacção.

Trata-se obviamente duma especulação que precisaria de ser confirmada em outros trabalhos.

Interessante é verificar que, se um excesso de amor obstaculiza a autonomia comportamental no início do processo adolescente, já nas fases subsequentes o mesmo não se verifica. Estes resultados sugerem-nos que no período inicial da adolescência (um período de grandes transformações biológicas e psicológicas), quando o adolescente se vê confrontado com a necessidade de afirmar uma identidade separada, uma implicação afectiva excessiva por parte do pais (ou sentida como tal) pode ser vivida como intrusiva, não permitindo o distanciamento dos progenitores (e mais particularmente da mãe, figura mais envolvida) face às experiências emocionais do filho e não criando condições favoráveis para a auto-observação e para a auto-experimentação do adolescente.

Este efeito seria particularmente sentido pela rapariga, o que vai ao encontro da evidência empírica prévia que tem afirmado que uma implicação afectiva excessiva por parte da mãe favorece a hipersocialização feminina, o conformismo e a dependência.

E provável que o adolescente médio e terminal se sinta menos ameaçado pela força dos laços afectivos aos pais, constituíndo-se estes basicamente como fonte de auto-estima e reforço para o narcisismo

adolescente e como uma base afectiva segura, a partir da qual o adolescente pode desenvolver movimentos exploratórios, mas onde pode também "regressar" sempre que disso sentir necessidade.

A relação encontrada entre a **Capacidade de Realização de Autonomia** Comportamental e a intensidade de hostilidade parental percepcionada, e em todos os períodos etários estudados - os adolescentes que percepcionam os pais como muito hostis são também aqueles que apresentam menor capacidade de realizar a autonomia comportamental - dá consistência a este modelo explicativo.

A autonomização adolescente pressupõe, na nossa perspectiva, a capacidade de "atacar" o sistema familiar real e fantasmado (sendo os efeitos perceptíveis através das remodelações operadas nas instâncias intra-psíquicas e nas relações inter-pessoais ocorridas ao longo do processo adolescente).

Este "ataque" maturativo pode no entanto ser ressentido (a literatura confirma-o) como uma agressão, uma ameaça ao equilíbrio pessoal e familiar, podendo provocar nos pais atitudes ambivalentes de aceitação e rejeição.

Se os pais são sentidos como fortemente hostis, provocando no adolescente o sentimento de ser rejeitado, este não encontrará condições favoráveis para desencadear activamente o processo de afirmação da sua identidade, sob pena de maior rejeição.

Por outras palavras, o vínculo onde predomina uma percepção de hostilidade não constitui um <u>vínculo seguro</u>, qualidade que se revelou ser essencial para o desenvolvimento da autonomia desde a infância precoce (Ainsworth, 1985) e que, de acordo com os nossos resultados, continuará a ser uma qualidade essencial durante a adolescência.

A presença deste factor poderá contribuir para o estabelecimento de laços de maior dependência e conformismo aos pais, atitudes de rebelião ou ainda o "adoecer", quadros prováveis que a nossa investigação, só por si, não pode confirmar.

A interpretação que globalmente fazemos dos nossos resultados é a de que um grau moderado de ligação aos pais, reflectido através da percepção de ter com os pais uma relação de aceitação da individualidade e de afecto positivo, fornece o contexto emocional seguro e os fundamentos psicológicos essenciais para o prosseguimento do processo de separação-individuação durante a adolescência e portanto para o início dos comportamentos exploratórios (no sentido de Bowlby) e auto-orientados, constitutivos da autonomia comportamental.

Inversamente, um grau pobre de envolvimento afectivo, reflectido através da percepção no adolescente de ter pais hostis ou rejeitantes não criará os fundamentos psicológicos nem a base segura a partir da qual levar a cabo as tarefas da autonomia. Um grau excessivo de desinvestimento afectivo pode reflectir interacções familiares de tipo "expulsivo" (no sentido de Stierlin) e obstaculizar uma efectiva autonomia comportamental.

No entanto, o contexto educativo e emocional que, no nosso estudo, aparece como o mais favorável ao desenvolvimento das capacidades de autonomia não é idêntico no período inicial e terminal da adolescência.

Na adolescência inicial, um grau muito elevado de envolvimento afectivo aos pais, pode criar condições para uma interacção familiar de tipo "encadeamento" (no sentido de Stierlin) e não permitir que o adolescente leve a cabo as tarefas desenvolvimentais da autonomia.

Na adolescência terminal, um grau muito elevado de envolvimento afectivo aos pais acompanha-se duma maior capacidade de realizar autonomia comportamental e é um grau muito elevado de percepção do controlo parental que não criará condições favoráveis ao seu desenvolvimento.

Estamos obviamente perante um material que, para ser mais profundamente compreendido, precisa de trabalhar com novas hipóteses, fundamentadas agora nos resultados encontrados.

O modelo explicativo, multi-determinado, encontrará compreensibilidade à medida que for possível isolar e controlar o efeito de novas variáveis que este trabalho já não contempla e que futuras investigações, assim o esperamos, poderão retomar e aprofundar.

É, no entanto, encorajante constatar que os nossos resultados encontram grande consonância com os que têm vindo a ser encontrados mais recentemente pelos investigadores Grotevant e Cooper, sobre a formação da identidade e a partir da observação directa dos comportamentos adolescentes na família. Com efeito, e tal como dissemos no Cap. V, I PARTE, entre outros resultados, os autores constatam que um grau moderado de ligação aos pais relaciona-se positivamente com o processo de formação da identidade, enquanto que níveis elevados ou demasiado baixos de aceitação e abertura parental podem inibir os comportamentos de exploração do adolescente. Pena é que os autores não tenham trabalhado os efeitos ligados à fase desenvolvimental em que o adolescente se encontra.

Globalmente pensamos que o nosso trabalho dá consistência aos modelos de desenvolvimento que têm por base o conceito de individuação, conceito que remete para a dimensão relacional - processo de transformação dos laços simbióticos (na infância) ou infantis (na adolescência) aos pais - e intra-individual (realização dum sentimento interno de pessoa separada).

Em síntese, pudemos afirmar que dum modo geral as nossas hipóteses obtiveram confirmação.

Confirmou-se que existe uma relação significativa entre a **Capacidade de Realização da Autonomia Comportamental (CRA)** no adolescente, o **sexo**, a **idade** e as suas **percepções das atitudes dos pais (PAP)**.

Confirmou-se o poder preditivo das **Percepções das Atitudes Parentais, do sexo** e da **idade** sobre a **Capacidade de Realização da Autonomia Comportamental.**

Confirmou-se ainda o efeito diferencial do **sexo**, no padrão de relação entre a **CRA** e as **PAP**, o efeito diferencial da **idade** na percepção de Amor e o efeito diferencial do nível de intensidade das **PAP** sobre a **CRA.**

O sentido da variação encontrado entre a **CRA** e as **PAP** de Autonomia, de Controlo e de Hostilidade confirmou também as nossas previsões.

Já na previsão relativa à Percepção de Amor a nossa hipótese apenas foi parcialmente confirmada. Tínhamos previsto a existência duma correlação positiva entre a **CRA** e a **PAP.AMOR**. Os nossos resultados dizem-nos que essa correlação é positiva mas apenas em determinadas fases desenvolvimentais: nos rapazes, a partir dos 14 anos e nas raparigas a partir dos 17 anos.

No seu livro, Fondements et Etapes de la Recherche Scientifique en Psichologie, Michèle Robert (1988) afirma que as hipóteses de investigação devem possuir as seguintes qualidades: serem operacionais, rigorosas, teoricamente fecundas e verificáveis. A verificabilidade das hipóteses, dada pela sua confirmação ou infirmação, testemunha já da sua operacionalidade, rigor e fecundidade.

A confirmação da quase totalidade das nossas hipóteses, leva-nos a concluir tratarem-se de hipóteses teoricamente fecundas; a infirmação de outras, estimula-nos à reflexão e à re-elaboração dos dados prévios, e ao desejo de prosseguir e aprofundar o conhecimento sobre a adolescência.

C O N C L U S Õ E S G E R A I S

CONCLUSOES GERAIS

À questão de partida: "Que relação existe entre a autonomia comportamental dos adolescentes e as atitudes dos seus pais, tal como elas são percepcionadas pelos adolescentes?" outras questões se vieram juntar, enriquecendo a ideia inicial.

A progressiva exploração da literatura científica sobre a problemática, a nossa própria observação, a confrontação constante da teoria, dos resultados prévios e dos nossos próprios resultados, transformaram-se num exercício laborioso mas gratificante: as perguntas encontraram respostas, se bem que as respostas tenham sempre um carácter não-definitivo e levantem de novo, novas perguntas.

A par e passo, fomos fazendo sínteses conclusivas dos resultados obtidos e procedendo à sua discussão.

Cabe agora proceder a uma síntese global das conclusões a que o trabalho conduziu.

Obviamente, as conclusões são válidas para o universo de que a amostra é representativa, pelo que não podemos generalizar. Cabe no entanto relembrar que se trata de um universo de 7264 adolescentes estudantes, dos 12 aos 19 anos, e residindo numa comunidade muito diversificada do ponto de vista socio-económico, recobrindo a actividade piscatória, agrícola e industrial.

A natureza predominantemente correlacional dos nossos estudos, torna, obviamente também, as interpretações causais impossíveis.

Estudos posteriores, que recolham não só as percepções adolescentes, como também auto-relatos dos pais e ainda os padrões de interacção pais-adolescentes, entre outros, permitirão esclarecer a direccionalidade da causalidade, como ainda uma compreensão mais aprofundada dos perfis emergentes.

I. CONCLUSOES DIZENDO RESPEITO À AUTONOMIA COMPORTAMENTAL

1. - A autonomia comportamental é, na representação adolescente, uma noção conceptual recobrindo um conjunto de comportamentos:

- Decorar a parte da casa onde durmo como quiser
- Usar a roupa e o penteado que gosto
- Gastar o meu próprio dinheiro como quiser
- Sair à noite
- Sair sem dizer onde vou
- Sair e entrar às horas que quero
- Passar fins-de-semana fora de casa (com amigos, por exemplo)
- Passar férias sem a companhia de familiares
- Namorar
- Resolver os meus próprios assuntos ou problemas sem a interferência dos pais
- Seguir as minhas próprias ideias (religiosas, políticas, áreas de estudo, etc.)

**. Esta conceptualização alarga o conhecimento sobre a dimensão da autonomia comportamental; ela é coerente com algumas conceptualizações prévias, tendo por suporte os modelos teóricos mais conotados com as teorias psicodinâmicas.

**. Ela reflecte dimensões comportamentais presentes em outros trabalhos sobre as conceptualizações adolescentes, verificando-se uma consonância na forma como adolescentes de diferentes culturas concebem a sua autonomia comportamental.

2. - Todos os comportamentos, indicadores da autonomia comportamental, são largamente desejados pelos adolescentes, e desde os 12 anos, pelo que admitimos tratarem-se de "atributos de maturidade", cuja aquisição reflecte e conduz a níveis de maior autonomia.

3. - Quer o desejo de realizar comportamentos de autonomia, quer a competência para os realizar, quer ainda a capacidade de desobedecer aos pais, mediação entre o desejo e a realização, manifestam-se em cada vez maior número de adolescentes à medida que a idade sobe.

O padrão é linear, na maior parte dos comportamentos, apontando para uma mudança progressiva, através de acréscimos graduais de competência.

4. - A capacidade de realizar comportamentos de autonomia fica naturalmente aquém do desejo, mesmo na adolescência terminal, sobretudo nos comportamentos quotidianos de saída de casa, pelo que, é de admitir serem estes os comportamentos que ficam até mais tarde sob o controlo parental.

5. - A desobediência tem tendência a atenuar-se na adolescência terminal, apontando para uma progressiva capacidade de regular os conflitos com os pais nas questões dizendo respeito à autonomia.

6. - "Usar a roupa e o penteado que gosto" e "Seguir as minhas próprias ideias" são os comportamentos desejados e realizados por maior número de adolescentes e também aqueles onde maior número de adolescentes desobedecem aos pais.

7. - Relativamente às diferenças entre rapazes e raparigas, se por um lado, em ambos se verifica um progressivo exercício da autonomia comportamental, a proporção de rapazes ultrapassa largamente a proporção de raparigas, sobretudo nos comportamentos de saída de casa, mas o mesmo não se verifica relativamente aos aspectos da tomada de decisão (resolver assuntos e seguir as suas próprias ideias).

8. - Rapazes e raparigas não se diferenciam, nem ao nível do desejo, nem da realização, nem da desobediência, no aspecto da tomada de decisão.

9. - O que introduz a diferença entre rapazes e raparigas, no desejo e na realização, são os aspectos da autonomia comportamental conotados, por um lado, com os comportamentos exploratórios fora de casa (superior nos rapazes) e, por outro lado, com a imagem corporal (superior nas raparigas).

10. - De um modo geral, a sequência dos comportamentos que vão aparecendo como proporcionalmente mais desejados, e portanto adquirindo valor simbólico de "atributo de maturidade", faz-se segundo um padrão

que vai da dimensão mais centrada na imagem corporal para a dimensão mais interpessoal e relacional, mostrando a direcção do calendário de acesso à maturidade adulta.

11. - São os pais, percebidos como figura compósita, a quem os adolescentes desobedecem e se submetem mais. Porém, sempre que os pais são percepcionados enquanto figuras distintas, é à mãe que os adolescentes desobedecem mais e também a quem se submetem mais. Ou seja, a figura materna encontra-se envolvida, na desobediência e na submissão, em percentagem superior à figura paterna, em quase todos os comportamentos.

12. - A tendência é para que se verifique uma incidência cada vez maior de desobediência em todos os comportamentos no par mãe-rapaz, e apenas em alguns comportamentos no par pai-rapaz, à medida que a idade deste sobe.

13. - A tendência é para que se verifique uma incidência constante de desobediência em quase todos os comportamentos no par mãe-rapariga e uma incidência cada vez maior de desobediência, mas apenas no comportamento de namoro, no par pai-rapariga, à medida que a idade desta sobe.

14. - A emergência de alguns comportamentos de autonomia situa-se já, em elevada proporção, no período da latência.

15. - A idade média de início dos comportamentos de autonomia, tal como ela é dada pela percepção adolescente, estende-se num intervalo que se situa entre os 10 e os 13 anos, sendo os comportamentos quotidianos de saída de casa, os que mais tarde emergem.

16. - A emergência dos comportamentos de autonomia segue padrões idênticos nos dois sexos. Apenas nos comportamentos de uso de roupa e de namoro, a idade média de início é significativamente mais baixa nos rapazes.

17. - A sequência temporal de aparecimento dos comportamentos segue um padrão que parte da dimensão mais relacionada com a imagem corporal para a dimensão mais relacionada com a tomada de decisão, passando em seguida para a dimensão mais exploratória.

18. - A conceptualização adolescente da autonomia comportamental organiza-se segundo uma estrutura composta por três componentes principais e que designámos por: "Actividade exploratória", "Auto-governo" e "Espaço próprio". Estas dimensões da autonomia comportamental não são independentes, mas correlacionam-se entre si positivamente e para valores moderados de correlação.

II. CONCLUSOES DIZENDO RESPEITO ÀS PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS.

1. - Os adolescentes têm uma percepção média elevada de pais dando amor e uma percepção média muito baixa de pais hostis.

2. - Os adolescentes têm uma percepção média moderada de pais dando autonomia e exercendo controlo sendo no entanto a percepção de controlo superior à de autonomia.

3. - Rapazes e raparigas não se diferenciam na forma como percepcionam os pais, excepto na percepção de controlo: os rapazes, com mais de 14 anos sentem-se mais controlados pelos pais do que as raparigas.

4. - Rapazes e raparigas percepcionam os seus pais como dando mais autonomia e exercendo menor controlo sobre os seus comportamentos, à medida que transitam do início para o término da adolescência.

5. - Os rapazes e as raparigas, com mais de 17 anos, têm uma percepção média de amor parental recebido menor do que os rapazes e raparigas com idade inferior, mas a percepção média de hostilidade mantém-se constante ao longo da idade.

6. - As mudanças verificadas nas percepções adolescentes das atitudes parentais sugerem a ocorrência de transformações nas relações familiares, nas dimensões do afecto e das práticas educativas, ao longo do processo adolescente.

III. CONCLUSOES DIZENDO RESPEITO À RELAÇAO ENTRE A CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL, A IDADE, O SEXO E AS PERCEPÇOES DAS ATITUDES PARENTAIS.

1. - As percepções que os adolescentes têm das atitudes dos seus pais produzem efeito sobre a sua maior ou menor capacidade de realizar autonomia comportamental, sendo a percepção de autonomia a que mais poder preditivo tem sobre a referida capacidade, vindo em seguida a percepção de amor.

2. - A capacidade de realização da autonomia comportamental do adolescente varia em função do grau de intensidade da percepção das atitudes parentais, nas quatro dimensões estudadas. O efeito é ainda diferente em função do sexo e na percepção de amor a direcção do efeito varia em função da idade do adolescente.

3. - As tendências de variação encontradas entre a capacidade de realização da autonomia comportamental e as percepções das atitudes parentais são as seguintes:

** A capacidade de realização da autonomia comportamental é tanto maior quanto maior for a intensidade de percepção de pais encorajadores de autonomia e esta tendência verifica-se do início ao término da adolescência.

** A capacidade de realização da autonomia comportamental diminui quando o adolescente tem uma percepção elevada do controlo exercido pelos pais e esta tendência verifica-se sobretudo na adolescência média e terminal.

** A capacidade de realização da autonomia comportamental diminui quando o adolescente tem uma percepção muito elevada de amor dado pelos pais. Esta tendência verifica-se sobretudo nas raparigas na adolescência inicial e média, mas este efeito tende a inverter-se quando se caminha para a adolescência terminal: com efeito, verifica-se que em ambos os sexos, na adolescência terminal, a referida capacidade aumenta quando o adolescente tem uma percepção elevada de amor dado pelos pais.

** A capacidade de realização da autonomia comportamental diminui quando o adolescente tem uma percepção de hostilidade muita elevada por parte dos pais.

Por último, gostaríamos que o nosso trabalho se constitua como um estímulo para futuras investigações e que ele contribua para o desenvolvimento e fundamentação das intervenções na adolescência, sejam elas de carácter preventivo, clínico, pedagógico, cultural ou outras.

B I B L I O G R A F I A

ADELSON, J. (1985). Observations on research in adolescence. **Genetic, Social and General Psychology Monographs**, 111 (2),249-254.

ADELSON, J., DOEHRMAN, M. J. (1980). The Psychodynamic Approach to Adolescence. *in* Adelson J. (Ed.) **Handbook of Adolescence Psychology**, Part I, New York: John Wiley & Sons.

AINSWORTH, M. D. (1985). Patterns of attachment. **Clinical Psychologist**, 38, 2, 27-29.

ALARCÃO, M. (1986). **Para uma Abordagem dos Processos de Separação no Adolescente**, Coimbra.

ALISHIO, K. C., SCHILLING, K. M. (1984). Sex differences in intelectual and ego development in late adolescence. **Journal of Youth and Adolescence**, 13, 3, 213-224.

AMARAL DIAS, C. (1988). **Para uma Psicanálise da Relação**. Porto, Ed. Afrontamento.

AMARAL DIAS, C., NUNES VICENTE, N. T. (1984). **A Depressão no Adolescente**. Porto: Ed. Afrontamento.

AMBERT, A. M., SAUCIER, J. F. (1983). Adolescent's perceptions of their parents and parent's marital status. **Journal of Social Psychology**, 120, 101-110.

AMBRÓSIO, T. (1985). Contributo para o estudo da identificação psico-social dos jovens. **Cadernos de Consulta Psicológica**, 1, 11-23.

ANDERSON, C. W. (1981). Parent-child relationships: A context for reciprocal developmental influence. **The Couseling Psychologist**, 9, 4, 35-44.

ANDERSON, S. A., FLEMING, W. M. (1986). Late adolescent's identity formation: individuation from the family of origin. **Adolescence**, vol. XXI, 84, 785-796.

ÀRIES, P. (1980). La Famille, *in* **Philosopher**, C. Delacampagne, R. Maggiori, Fayard, Paris.

ARMITAGE, P. (1980). Statistical Methods *in* **Medical Research**. Blackwell Scientific Publ.

ARNOLD, J. D. (1985). Adolescent perceptions of family scapegoating: Adolescence comparison of parental and sibling involvement. **Journal of Adolescence**, 8, 159-165.

AUSUBEL, D. P. (1954). **Theory and Problems of Adolescent Development**. New York: Grune and Stratton.

AUSUBEL, D. P., BALTHAZAR, E. E., ROSENTHALL, I., BLACKMAN, L. S., SCHPOONT, S. H., WELKOWITZ, J. (1954). Perceived parent attitudes as determinants of children's ego structure. **Child Development**, 25, 173-183.

BARROS, F., BARÃO, H.(1987). **A Comunicação na Família e Projectos de Vida: Procura da Identidade Social e Pessoal dos Jovens. Inquèrito I.E.D.: Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal**, Lisboa, I.E.D.

BAUMRIND, D. (1968). Authoritarian vs. Authoritative Parental Control. **Adolescence**, 3, 255-272.

BECKER, W. (1964). Consequences of different kinds of parental discipline. *in* Hoffman, M. and Hoffman, L. (eds.), **Review of Child Development Research**, vol. 1, Russell Sage, New York.

BEKOFF, M. (1977). Mammalian dispersal and the ontogeny of individual behavior. **The American Naturalist**, 111, 715-732.

BELL, D. C., BELL, L. G. (1983). Parental Validation and Support in the Developmental of Adolescent Daughters, *in* Grotevant, H. D., Cooper, C. R. (Ed.). **Adolescent Development in the Family**, London, Jossey-Bass Inc.

BENACHES, J. L. (1981). La autonomia como dimension de la insercion social del adolescente de quince anos. **Psicològica**, 2, 2, 167-177.

BENEDEK, T. (1954). Parenthood as a developmental phase. **Journal American Psychoanal. Assn.**, 7, 389-417.

BENEDICT, R. (1938). Continuities and discontinuities in cultural conditioning. **Psychiatry**, 1, 161-167.

BERNDT, T. J. (1979). Developmental changes in conformity to peers and parents. **Developmental Psychology**, 15, 608-616.

BERZONSKY, M. D. (1981). **Adolescent Development**, New York: Macmillan Publ. Co..

BION. (1961). **Experiences in Groups**. London, Tavistock.

BLOOD, L., D'ANGELO, R. (1974). A Progress research report on value issues in conflict between runaways and their parents. **Journal of Marriage and the Family**, 36, 486-491.

BLOOD, R. (1972). **The Family**. New York, Free Press.

BLOOD, R., WOLFE, D. (1960). **Husbands and Wives**. New York, Free Press.

BLOOM, M. V. (1980). **Adolescent-Parental Separation**. New York, Gardner Press.

BLOS, P. (1962). **On Adolescence**. The Free Press of Glencoe. Trad. brasileira: Adolescência. Uma Interpretação Psicanalitica, S. Paulo: Martins Fontes, 1985.

BLOS, P. (1967). Le second processus d'individuation de l'adolescence. The second individuation process of adolescence. **Psychoanalytic Study of the Child**, vol. 22, 162-186.

BLOS, P. (1977). When and How Does Adolescence end: Structural Criteria for Adolescent Closure. **Adolescent Psychiatry**, 5, 5-17.

BLOS, P. (1979). **The Adolescent Passage**. New York: Free Press.

BOSZORMENYI-NAGY, I., FRAMO, J. L. (1965). **Intensive Family Therapy**. Harper & Row.

BOWEN, M. (1966). The use of family theory in clinical practice. **Comprehensive Psychiatry**, 7, 345-374.

BOWEN, M. (1978). Family Therapy. *in* **Cinical Practice**. New York: Jason Aronson, 1978.

BOWLBY, J. (1969). **Attachment and Loss**. Vol. I, London, The Hogarth Press, Trad. francesa: Attachement et Perte. Vol. I, Paris, P.U.F., 1978.

BOWLBY, J. (1973). **Attachment and Loss**. Vol. II: Separation, London: The Hogarth Press. Trad. francesa: Attachement et Perte. Vol. 2: La Sparation. Paris, P.U.F., 1978.

BRAVERMAN, S. (1981). Family of origin: The view from the parent's side. **Family Process**, 20, 431-437.

BRITTAIN, C. V. (1963). Adolescent choices and parent-peer cross- pressures. **American Sociological Review**, 28, 385-391.

BROOK, J., WHITEMAN, M., GORDON, A., BRENDEN, C., JINISHIAN, A. (1980). Relationship of maternal and adolescent perceptions of maternal child-rearing pratices. **Perceptual and Motor Skills**, 51, 3, 1043-1046.

BRUGGEN, P., DAVIES, G. (1977). Family therapy in adolescent psychiatry. **Brit. Journal of Psychiatry**, 131, 433-447.

BURSIK, R. J., MERTEN, D., SCHWARTZ, G. (1985). Appropriate Age- Related Behavior for Mate and Female Adolescents. **Youth & Society**, vol. 17, 2, 115-130.

BYNG-HALL, J., CAMPBELL, D. (1981). Resolving conflicts in family distance regulation: an integrative approach. **Journal Marital Family Therapy**, 7, 321-330.

CAMPBELL, E., ADAMS, G., DOBSON, W. (1984). Familial correlates of identity formation in late adolescence: A study of the predictive utility of connectedness and individuality in family relations. **Journal of Youth and Adolescence**, 13, 6, 509-525.

CHAND, I. P., CRIDER, D. M., WILLITS, F. K. (1975). Parent-youth disagreement as perceived by youth - A longitudinal study. **Youth & Society**, 6, 3, 365-375.

COLEMAN, J. C. (1978). Current contradictions in adolescent theory. **Journal of Youth and Adolescence**, 7, 1, 1-11.

CONGER, J. (1980). **Adolescência. Geração sob Pressão**. Harper Row do Brasil.

COOPER, C. R., GROTEVANT, H. D. (1987). Gender issues in the interface of family experience and adolescents' friendship and dating identity. **Journal of Youth and Adolescence**, 16, 3.

COOPER, C. R., GROTEVANT, H. D., CONDON, S. M. (1983). Individuality and Connectedness in the Family as a Context for Adolescent Identity Formation and Role-Taking Skill, *in* Grotevant H. D., Cooper C. R. (ed.). Adolescent Development in the Family. Jossey-Bass Inc. Publ.

COOPER, J. B. (1966). Two scales for parent evaluation. The Journal of Genetic Psychology, 108, 49-53.

COULBAUT, C. (1981). Une preuve de development psychossocial. L'Orientation Scolaire et Professionnelle, 10, 1, 31-68.

DEUTSCHER, I. (1968). The Quality of Post-Parental Life, *in* B. Neugarten (ed.) Middle Age and Aging, University of Chicago Press.

DEVEREUX, E., URIE, B., ROBERT, R. R. (1969). Child rearing in England and the United States: A cross-national comparison. Journal of Marriage and the Family, 31 (May), 257-270.

DIAS CORDEIRO, J. A. (1979). O Adolescente e a Família. Lisboa, Moraes Editores.

DIMOCK, H. S. (1937). Rediscovering the Adolescence. New York, Association Press.

DOANE, J. A. (1978). Family interaction and communication deviance in disturbed and normal families: A review of research. Family Process, 17, 357-376.

DONOVAN, J. M. (1975). Identity status and interpersonal style. Journal of Youth and Adolescence, 4, 1, 37-56.

DOUVAN, E., ADELSON, J. (1966). The Adolescent Experience. New York: John Wiley & Sons.

DOUVAN, E., GOLD, M. (1966). Modal Patterns in American Adolescence. Review of Child Developmental Research, 2, 469- 528.

ELDER, G. H. (1963). Parental power legitimation and its effects on the adolescent. Sociometry, 26, 30-65.

ELKIND, D. (1967). Egocentrism in adolescence. Child Development, 38, 1025-1034.

ELLIS, G. J., THOMAS, D., ROLLINS, B. C. (1976). Measuring parental support: The interrelationship of three measures. Journal of Marriage and the Family, November, 713-722.

ELLIS, D. W., DAVIS, L. T. (1982). The development of self-concept boundaries across the adolescent years. Adolescence, vol. XVII, 67, 695-711.

ELSON, M. (1964). The reactive impact of adolescent and family upon each other in separation. Journal American Acad. Child Psychiatry, 3, 697-708.

ENRIGHT, R., LAPPSLEY, D., DRIVAS, A., FEHR, L. (1980). Parental influences on the development of adolescent autonomy and identity. Journal of Youth and Adolescence, 9, 529-545.

ERIKSON, E. H. (1950). Childhood and Society, New York: W. W. Norton & Company. Trad. brasileira: Infância e Sociedade, Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1971.

ERIKSON, E. H. (1959). Identity and the life cycle. Psychol. Issues Monogr., 1 (1), 88-94, New York, Int. Univ. Press.

ERIKSON, E. H. (1968). Identity, Youth and Crisis. New York: W. W. Norton & Company, Inc. Trad. brasileira: Identidade, Juventude e Crise, Rio de Janeiro: Za-har Ed., 1972.

FAIRBAIRN, W. R. D. (1952). Psycho-Analytic Studies of the Personality. London, Tavistock.

FASICK, F. A. (1984). Parents, Peers, Youth Culture and Autonomy in Adolescence. Adolescence, vol. XIX, 73, Spring, 141- 157.

FERGUSON, G. A. (1981). Statistical Analysis in Psychology and Education. McGraw-Hill, Int. Book Comp.

FERREIRA DE ALMEIDA, J., MADUREIRA PINTO, J. (1986). Da Teoria à Investigação Empirica. Problemas Metodologicos Gerais. *in* Santos Silva, A. & Madureira Pinto, J. (orgs.): Metodologia das Ciências Sociais, Porto, Ed. Afrontamento.

FERREIRA, A. J. (1963). Decision making in normal pathological families. Archives of General Psychiatry, 8, 68-73.

FERREIRA, A., THOMAS, D. L. (1984). Adolescent perception of parental behavior in the United States and Brazil. Parenting Studies, 1, 19-29.

FIGUEIREDO, E. (1985a). No Reino de Xantum. Os Jovens e o Conflito de Gerações. Porto, Ed. Afrontamento.

FIGUEIREDO, E., ESTEVES, A., OLIVEIRA, J. C., ALARCÃO, J., FLEMING, M., CORREIA, M. F., MORAIS, M. R. (1985b). Conflito de Gerações na Previsão da Mudança a Nivel dos Valores Societais - I Relatório a Fundação Calouste Gulbenkian.

FIGUEIREDO, E., FERRONHA, J., VAZ, J. M., COSTA, M. E., FLEMING, M. (1983). Conflito adolescente-progenitores e autonomia: abordagem psicológica. Análise Psicológica, 1 (IV), 41-54.

FLEMING, M. (1983). A separação adolescente-progenitores. Análise Psicológica, 4(III), 521-542.

FLEMING, M. (1986). Imaginário Adolescente sobre a Saida de Casa. Revista Portuguesa de Psicanálise, 4, Dez., 133-142.

FLEMING, M. (1988). A saida de casa e o processo de individuação na adolescência tardia. Comunicação apresentada no Simpósio Internacional de Psiquiatria do Desenvolvimento, Lisboa, 18-20 Julho,1988.

FOX, R.(1983).Socially maladjusted adolescents perceptions of their families. Psychological Reports, 52, 831-834.

FRANZ, C. E., WHITE, K. M. (1985). Individuation and attachment *in* personality development: Extending Erikson's Theory. Journal of Personality, 53, 2, 224-256.

FREUD, A. (1958). Adolescence. The Psychoanalytic Study of the Child, vol. XIII, 255-278.

FREUD, A. (1965). Normality and Pathology in Childhood: Assessments of Development. New York International Universities Press.

FREUD, S. (1909). Family Romances. London, Standard Edition, 9, 237-241, 1959.

FREUD, S. (1917). Introductory Lectures on Psychoanalysis. London, Standard Edition, 15, 9-463, 1963.

FURMAN, E. (1973). A Contribution to Assessing the Role of Infantile Separation-Indivi-duation in Adolescent Development. Psychoanal. Stud. Child, 28, 193-207.

GALLATIN, J. (1978). Adolescência e Individualidade. Uma Abordagem Conceitual da Psicologia da Adolescncia. Harper & Row do Brasil, 1a edição: 1942.

GIAMI, A., BERTHIER, F. (1987). Emprise et dgagement de la famille d'origine: post-adolescents ou jeunes adultes? Bulletin de Psychologie, T. XL, 382, 849-856.

GOLMAN, J. D., GOLMAN, R. J. (1983). Children's perceptions of parents, and their roles: a cross-national study in Australia, England, North America and Sweden. Sex Roles, 9, 791-812.

GOODALL, L., HAMBURG, D. A. (1975). Chimpazee Behavior as a Model for the Behavior of Early Man: New Evidence on Possible Origins of Human Behavior, *in* American Handbook of Psychiatry, New York, vol. 6, Basic Books.

GREENBERG, M. T., SIEGEL, J. M., LEITCH, C. J. (1983). The nature and importance of attachment relationships to parents and peers during adolescence. Journal of Youth and Adolescence, 12, 5, 373-386.

GREENBERGER, E. (1984). Defining Psycho-social Maturity in Adolescence, *in* P. Karoly, J. J. Steffen (Edts.) Adolescent Behavior Disorders: Foundations and Contemporary Concerns, vol. III, Lexington Books.

GRELLEY, P. (1983). La Famille L'preuve de la Jeunesse, *in* La Jeunesse en Question, Paris, La Documentation Française.

GROTEVANT, H. D., COOPER, C. R. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. Child Development, 56, 2, 415-428.

GROTEVANT, H. D., COOPER, C. R. (1986). Individuation in Family Relationships. Human Development, 29. 2, 82-100.

GROTEVANT, H. D., THORBECKE, W. L. (1982). Sex differences in styles of occupational identity formation in late adolescence. Developmental Psychology, 18, 3, 396-405.

HAKIM-LARSON, J., HOBART, C. J. (1987). Maternal regulation and adolescent autonomy: Mother-daughter resolution of story conflicts. Journal of Youth and Adolescence, 16, 2, 153-166.

HALEY, J. (1980). Leaving Home. New York, McGraw-Hill.

HALL, G. S. (1904). Adolescence: Its Psychology and its Relations to Pychology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education. Englewood Cliffs, N. I.: Prentice-Hall.

HAUSER, S. T., BOOK, B. K., HOULIHAN, J., POWERS, S., WEISS- PERRY, B., FOLLANSBEE, D., JACOBSON, A. M., NOAM, G. G. (1987). Sex differences within the family: studies of adolescent and parent family interactions. Journal of Youth and Adolescence, 16, 3, 199-220.

HAUSER, S. T., LIEBMAN, W., HOULIHAN, J., POWERS, S. I., JACOBSON, A. M., NOAM, G. G., WEISS, B., FOLLANSBEE, D. (1985). Family contexts of pubertal timing. Journal of Youth and Adolescence, 14, 4, 317-337.

HAUSER, S. T., POWERS, S. I., NOAM, G. G., JACOBSON, A. M., WEISS, B., FOLLANSBEE, D. J. (1984). Familial contexts of adolescent ego development. Child Development, 55, 195-213.

HEILBRUN, A. B. (1960). Perceived maternal childrearing patterns and subsequent deviance in adolescence. Adolescence, 1, 1, 153-178.

HEILBRUN, A. B. (1964). Parent model attributes, nurturant reinforcement and consistency of behavior in adolescents. Child Development, 35 (March), 151-167.

HILL, J. P. (1980). The Family *in* Jonhson M. (ed.), Toward Adolescence: The Middle School Years. Part I. Chicago: The University of Chicago Press.

HILL, J. P. (1985). Family Relations in Adolescence: Myths, Relaties and New Directions. Genetic, Social and General Psychology Monographs, 111 (2), 233-248.

HILL, J. P., HOLMBECK, G. N. (1986). Attachment and Autonomy during Adolescence. Annals of Child Development, vol. 3, 145-189.

HILL, J. P., HOLMBECK, G. N. (1987). Disagreements about rules in families with seventh-grade girls and boys. Journal of Youth and Adolescence, 16, 3, 221-246.

HILL, J. P., HOLMBECK, G. N., MARLOW, L., GREEN, T. M., LYNCH, M. E. (1985). Menarcheal status and parent-child relations in families of seventh-grade girls. Journal of Youth and Adolescence, 14, 4, 301-316.

HOFFMAN, V. J. (1984). The relationship of Psychology to delinquency: A compreensive approach. Adolescence, vol. XIX, 73, Spring.

HOTCH, D. F. (1979). Separating from the Family: a Study of Perceptions of Home-Leaving in Late Adolescence. London: University Microfilms International.

HOWER, J. T., EDWARDD, K. (1979). The relationship between moral character and adolescents' perception of parental behavior. The Journal of Genetic Psychology, 135 (1), 23-32.

HUNTER, F. T. (1985). Adolescents' perceptions of discussions with parents and friends. Developmental Psychology, 21, 3, 433-440.

HURLOCK, E. B. (1979). Desenvolvimento do Adolescente. Ed. McGraw-Hill do Brasil.

JAWOROWSKA, A. (1981). Parental behavior as perceived by parents and their children. Polish Psychological Bulletin, 12, (3), 177-186.

JERSILD, A. T. (1957). The Psychology of Adolescence. New York, The Macmillan Company.

JOSSELSON, R. (1980). Ego Development in Adolescence, *in* Adelson J. (ed.), Handbook of Adolescent Psychology, New York, Wiley.

JOSSELSON, R., GREENBERGER, E., McCONOCHIE, D. (1977b). Phenomenological aspects of psychossocial maturity in adolescence. Part II. Girls. Journal of Youth and Adolescence, 6, 2, 145-167.

JOSSELSON, R.,GREENBERGER, E.,McCONOCHIE,D. (1977a). Phenomenological aspects of psychossocial maturity in adolescence. Part I. Boys. Journal of Youth and Adolescence, 6, 1, 25-55.

KANDEL, D., LESSER, G. S. (1969). Parent-adolescent relationships and adolescent independence in the United States and Denmark. J. Marriage Family, 31, 348-358.
KANDEL, D., LESSER, G. S. (1972). Youth in Two Worsds. San Francisco: Jossey-Bass.
KARPEL, M. (1976). Individuation: From fusion to dialogue. Family Process, 15, 65-82.
KELLY, C., GOODWIN, G. C. (1983). Adolescents' perception of three styles of parental control. Adolescence, 18, 567-571.
KENNY, M. E. (1986). The extent and function of parental attachment among first-year college students. Journal of Youth and Adolescence, 16, 1, 17-29.
KINLOCH, G. C. (1970). Parent-youth conflict at home: An investigation among University Freshmen. American Journal Orthopsychiatry, 40, (4), 658-664.
KLEIMAN, D., BRADY, C. (1978). Coyote Behavior in the Context of Recent Canid Research, *in* Coyotes: Biology, Behavior and Management, New York, Academy Press.
KLEIN, M. (1946). Notes on some Schizoid mechanisms. Int. J. Psycho-Anal., 27, 34-46.
KLEIN, M. (1948). Contributions to Psychoanalysis, 1921-1945. London, Hogarth Press.
KOHLBERG, L. (1979). Measuring Moral Judgment. Worrcester, Mass: Clark University Press.
KONOPKA, G. (1983). Young girls: A portrait of adolescence: VIII. What is and what should be. Child & Youth Services, 6, (3- 4), 157-171.
KURTINES, W. M. (1978). A Measure of Autonomy. Journal of Personality Assessment, 42, 3, 253-257.
LEFEBRE, G., MORVAL, M. (1983). The rites of passage for the separation of parents and children. Canadian Journal of Comunity Mental Health, 2 (2), 83-90.
LERNER, R. M., KNAPP, J. R. (1975). Actual and perceived intrafamilial attitudes of late adolescents and their parents. Journal of Youth and Adolescence, 4, 1, 17-36.
LITOVSKY, V. G., DUSEK, J. B. (1985). Perceptions of child rearing and self-concept development during the early adolescent years. Journal of Youth and Adolescence, 14, 5, 373-387.
LOEWALD, H. W. (1962). Internalization, Separation, Mourning and the Superego. Psychoanalytic Quarterly, 31, 483-504.
LOEVINGER, E. (1976). Ego Development. San Francisco, Jossey-Bass, Inc.
LUTTE, G. (1988). Liberer L'Adolescence. Pierre Mardaga, (ed.), Bruxelles.
LYTTON, H. (1980). Parent-Child Interaction. The Socialization Process Observed in Twin and Singleton Families, New York: Plenum Press.
MAHLER, M. S. (1968). On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation, T. 1, Infantile Psychosis, New York, International U.P.; Trad. franc. P. et J. Lonard, Symbiose Humaine et Individuation, T. 1, Psychose Infantile, Payot, 1973.
MAHLER, M. S. (1981). La Symbiose Humaine et les Vicissitudes de L'individuation, *in* Dix Ans de Psychanalyse en Amrique,Anthologie du Journal of the American Psychoanalytic Assocciation, Paris, P.U.F.
MAHLER, M. S., PINE, F., BERGMAN, A. (1975). The Psychological Birth of the Human Infant, New York: Basic Books Publ., Trad. francesa: La Naissance Psychologique de l'Ëtre Humain, Paris: Payot, 1980.
MALPIQUE, C. (1984). Ausência do Pai. Estudo Sociopsicológico na Freguesia de S. Pedro da Afurada - Vila Nova de Gaia. Dissertação de Doutoramento. ICBAS, Universidade do Porto.
MALPIQUE, C. (1986). Ausência do pai e processos de identificação. Estudo sociopsicológico na Freguesia de S. Pedro da Afurada. Alter Ego, 1, 63-75.
MARCIA, J. E. (1968). The case history of a construct: Ego identity status in Vinacke, E. (ed.), Readings in General Psychology, New York, American Book Co.
MARGALIT, M., SHULMAN, S. (1986). Autonomy Perceptions and Anxiety Expressions of Learning Disabled Adolescents. Journal of Learning Disabilities, vol. 19, 291-294.

MARGOLIS, M. (1981). Moving away: Perspectives on counseling anxious freshmen. **Adolescence**, vol. XVI, 63, 633-640.

MARTIN, B. (1975). Parent-child Relations. Honowitz, F. (ed.), **Review of Child Development Research**, vol. 4, Chicago, University of Chicago Press.

MCDERMOTT, J. F., ROBILLARD, A. B., CHAR, W. F., HSU, J., TSENG, W. S., ASHTON, G. (1983). Reexamining the concept of adolescence: Differences between adolescent boys and girls in the context of their families. **Am. Journal Psychiatry**, 140, 10, 1318-1322.

MCKENRY, P. C., PRICE-BONHAM, S., O'BRYANT, S. L. (1981). Adolescent discipline: Different family members' perception. **Journal of Youth and Adolescence**, 10, 9, 327- 337.

MEAD, M. (1970). O Conflito de Gerações. Lisboa, Publ. D. Quixote.

MEISSNER, W. W. (1965). Parental interaction of the adolescent boy. **Journal of Genetic Psychology**, 107, 225-233.

MELTON, G. B. (1983). Toward personhood for adolescents: Autonomy and privacy as values in public policy. **American Psychologist**, 38 (1), 99-103.

MEYER, R. (1988). Une approche des valeurs personnelles des adolescents. **Enfance**, Tomo 41, 1, 75-86.

MINUCHIN, S. (1971). Reconceptualization of Adolescent Dynamics from the Family Point of View, *in* Offer, Masterson (Eds.). **Teaching and Learning Adolescent Psychiatry**, ed. CC Thomas Springfield, III.

MINUCHIN, S. (1974). **Families and Family Therapy**. Cambridge, MA: Harvard University Press.

MINUCHIN, S., FISCHMAN, H. C. (1981). **Family Therapy Techniques**, Harvard University Press.

MONTEMAYOR, R. (1982). The relationship between parent-adolescent conflict and the amount of time adolescents spend alone and with parents and peers. **Child Development**, 53, 1512-1519.

MONTEMAYOR, R. (1983). Parents and adolescents in conflict: all families some of the time and some families most of the time. **Journal of Early Adolescence**, 3, 83-103.

MONTEMAYOR, R. (1986). Family variation in parent-adolescent storm and stress. **Journal of Adolescent Research**, 1, 1, 15- 31.

MONTEMAYOR, R., BROWNLEE, J. R. (1987). Fathers, mothers, and adolescents: Gender-based differences in parental roles during adolescence. **Journal of Youth and Adolescence**, 16, 3, 281-291.

MOORE, D. (1987). Parent-Adolescent Separation: The Construction of Adulthood by Late Adolescents. **Developmental Psychology**, vol. 23, 2, 298-307.

MOORE, D., HOCTH, D. F. (1982). Parent-adolescent separation: The role of parental divorce. **Journal of Youth and Adolescence**, 11 (2), 115-119.

MOORE, D., HOTCH, D. F. (1981). Late adolescents' conceptualizations of home-leaving. **Journal of Youth and Adolescence**, 10, 1, 1-10.

MOORE, D., HOTCH, D. F. (1983). The importance of different home- leaving strategies to late adolescence. **Adolescence**, vol. XVIII, 70, 413-416.

MURPHEY, E. B., SILBER, E., COELHO, G. V., HAMBURG, D. A., GREENBERG, I. (1963). Development of Autonomy and Parent-Child Interaction in Late Adolescence. **Am. J. Onthopsychiat.**, 33, 643-652.

MUSSER, J. M. FLECK, R. J. (1983). The relationship of parental acceptance and control to college females' personality adjustment. **Adolescence**, vol. XVIII, 72, 907-916.

NOLLER, P., BAGI, S. (1985). Parent-adolescent communication. **Journal of Adolescence**, 8, 2, 125-144.

NORRELL, J. E. (1984). Self-disclosure: Implications for the study of parent-adolescent interaction. **Journal of Youth and Adolescence**, 13, 2, 163-178.

NOTMAN, M. T., ZILBACH, J. J., BAKER-MILLER, J., NADELSON, C. C. (1986). Themes in psychoanalytic understanding of women: Some reconsiderations of autonomy and affiliation. **The Journal of the American Academy of Psychoanalysis**, 14, 2, 241-254.

OFFER, D. (1969). The Psychological World of the Teenager. New York: Basic Books.
OFFER, D., OFFER, J. B. (1975). From Teenage to Young Manhood: A Psychological Study. New York: Basic Books
PARISH, T. S., WIGLE, S. E. (1985). Longitudinal study of the impact of parental divorce on adolescent's evaluations of self and parents. Adolescence, 20, 239-244.
PEPPITONE, L. A. (1980). Adolescent Separation: A Developmental and Intergenerational Study of Relationship. London: University Microfilms International.
PIAGET, J. (1965). Le Jugement Moral Chez L'enfant. 1a edição: 1932, Paris, P.U.F.
PIPP, S., SHAVER, P., JENNINGS, S., LAMBORN, S., FISCHER, K. W. (1985). Adolescents' theories about the development of their relationships with parents. Journal of Personality and Social Psychology, 48, 4, 991-1001.
PLACE, D. M. (1975). The dating experience for adolescent girls. Adolescence, vol. X, 38, 157-174.
POOLE, M. E., et. al. (1982). Adolescents' perceptions of family decision-making and autonomy in India, Australia and the United States. Journal of Comparative Family Studies, XIII (3), 349-357.
POOLE, M. E., COONEY, G. H., CHEONG, A. C. S. (1986). Adolescent perceptions of family cohesiveness, autonomy and independence in Australia and Singapore. Journal of Comparative Family Studies, 17, 3, 311-332.
PSATHAS, G. (1957). Ethnicity, social class and adolescent independence. American Sociological Review, 22, 415-423.
RAKOFF, V. (1978). The Illusion of Detachment. Adol. Psych., vol. VI, 119-129.
RISKIN, J., FAUNCE, E. E. (1972). An Evaluative Review of Family Interaction Research. Family Process, 11 (4), 365-455.
ROBERT, M. (1988). Fondements et Etapes de la Recherche Scientifique en Psychologie. Paris, Maloine / Edisem.
RODICK, J. D., HENGGELER, S. W. (1982). Parent-Adolescent Interaction and Adolescent Emancipation, *in* Delinquency and Adolescent Psychopathology. A Family - Ecological Systems Approach. John Wright PSG Inc.
ROE, A., SIEGELMAN, M. (1963). A parent-child relations questionnaire. Child Development, 34, 355-369.
ROHNER, R. P., PETTENGILL, S. M. (1985). Perceived parental acceptance-rejection and parental control among Korean adolescents. Child Development, 56, 524-528.
RUTTER, M., GRAHAM, P., CHADWICK, O., YULE, W. (1976). Adolescent turmoil: fact or fiction. Child Psychol. Psychiat., 17: 35- 56.
SAAVEDRA, J. M. (1980). Effects of perceived parental warmth and control on the self-evaluation of Puerto-Rican adolescent males. Behavior Science Research, 15, 41-54.
SABATELLI, R. M., MAZOR, A. (1985). Differentiation, Individuation and Identity Formation: The Integration of Family System and Individual Developmental Perspectives. Adolescence, vol. XX, 79, 619-633.
SALGUEIRO, E. (1987). Breve comentário conferência do Prof. Dias Cordeiro. Alguns aspectos do narcisismo na Adolescência. Comunicação Pessoal, III Simpósio de Psicopatologia Dinâmica: Narcisismo e Perturbações Narcísicas, S.P.P., Lisboa, 4/5 Dez.
SCHAEFER, E. S. (1965). Children's reports of parental behavior: an inventory. Child Development, 36, 413-424.
SCHAFER, R. (1973). Concepts of self and identity and the experience of separation-individuation in adolescence. Psychoanalytic Quarterly, 42, 42-59.
SCHWARZ, J. C., BARTON-HENRY, M. L., FRUZINSKY, T. (1985). Assessing child-rearing behaviors: A comparison of ratings made by mother, father, child, and sibling on the CRPBI. Child Development, 56, 2, 462-479.

SHERMAN, A. W. (1946). Emancipation Status of College Students. The Journal of Genetic Psychology, 68, 171-180.
SHLUDERMANN, S., SHLUDERMANN, E. (1983). Sociocultural change and adolescents' perceptions of parent behavior. Developmental Psychology, 19, 5, 674-685.
SIEGELMAN, M. (1965). Evaluation of Bronfenbrenner's Questionnaire for children concerning parental behavior. Child Development, 36, 163-174.
SILVERBERG, S. B., STEINBERG, L. (1987). Adolescent Autonomy, Parent-Adolescent Conflict, and Parental Well-Being. Journal of Youth and Adolescence, 16, 3, 293-312.
SMITH, D. M. (1985). Perceived Peer and Parental Influences on Youths Social World. Youth & Society, 17, 2, 131-156.
SNEDECOR, G. W., COCHRAN, W. (1980). Statistical Methods, Iowa, The Iowa State University Press.
SPRINTHALL, N. A., COLLINS, W. A. (1984). Adolescent Psychology. A Developmental View. Addison-Wesley Publishing Co. Inc.
STEINBERG, D. (1983). The Clinical Psychiatry of Adolescence. New York, John Wiley & Sons.
STEINBERG, L. (1981). Transformations in family relations at puberty. Developmental Psychology, 17, 6, 833-840.
STEINBERG, L. (1985). The ABCs of transformations in the family at adolescence: Changes in affect, behavior, and cognition. Comunicação apresentada na III Conference on Adolescent Research, Tucson, AZ.
STEINBERG, L. (1987). Recent Research on the Family at Adolescence: The Extent and Nature of Sex Differences. Journal of Youth and Adolescence, vol. 16, 3.
STEINBERG, L., SILVERBERG, S. (1986). The vicissitudes of *autonomy in early adolescence*. Child Development, 57, 841- 851.
STEINWAND, G. M. (1984). Adolescent Individuation: The culmination of a developmental line. Journal of the American Academy of Psychoanalysis, vol. 12, 1, 43-57.
STIERLIN, H. (1974). Separating Parents and Adolescents. New York, Quadrangle.
STIERLIN, H., LEVI, L. D., SAVARD, R. J. (1971). Parental perceptions of separating children. Family Process, 10, 411- 427.
STIERLIN, H., LEVI, L. D., SAVARD, R. J. (1972). Fathers and sons: The interlocking crises of integrity and identity. Psychiatry, 35 (1), 48-56.
STIERLIN, H., RAVENSCROFT, K. (1972). Varietis of adolescent separation conflicts. Brit. Journal Med. Psychol., 45, 299- 313.
STREIT, F. (1978). Technical Manual. Youth Perception Inventory. Fred Streit Associates.
STREIT, F. (1981). Differences among youthful criminal offenders based on their perceptions of parental behavior. Adolescence, vol. XVI, 62, 409-413.
STREIT, F., HALSTED, D. L., PASCALE, P. J. (1974). Differences among youthful users and nonusers of drugs based on their perceptions of parental behavior. The International Journal of the Addictions, 9 (5), 749-755.
SUGAR, M. (1968). Normal Adolescent Mourning. Am. J. Psychoter., 22, 258-269.
SULLIVAN, K., SULLIVAN, A. (1980). Adolescent-parent separation. Developmental Psychology, 16, 2, 93-99.
SZUREK, S. A. (1971). The needs of adolescents for emotional health, *in* Modern Perspectives in Adolescent Psychiatry, New York, Brunner/Mazel.
TEYBER, E. (1983). Structural family relations: Primary dyadic alliances and adolescent adjustment. Journal of Marital and Family Therapy, 19, 1, 89-99.
THOMPSON, D. N. (1985). Parent-peer compliance in a group of preadolescent youths. Adolescence, vol. XX, 79, 501-508.
TROLL, L. E., SMITH, J. (1976). Attachment trought the life span: some questions about dyadic bonds among adults. Hum. Dev., 19, 156-170.

TURNBULL, A. P., TURNBULL, H. R. (1985). Developing Independence. Journal of Adolescent Health Care, vol. 6, n' 2, 108-119.

VALA, J. (1986). Representações Sociais dos Jovens: Valores, Identidade e Imagens da Sociedade Portuguesa. Vol XI. Inquèrito I.E.D. Situação, Problemas e Perspectivas da Juventude em Portugal, I.E.D., Lisboa.

WECHTER, S. L. (1983). Separation difficulties between parents and young adults. Social Casework, February, 97-104.

WEISFELD, G. E. (1979). An Ethological view of human adolescence. The Journal of Nervous and Mental Disease, 167 (1), 38-55.

WEISFELD, G. E., BERGER, J. M. (1983). Some features of human adolescence viewed in evolutionary perspective. Hum. Dev., 26, 121-133.

WHITE, K. M., SEISMAN, J. C., COSTOS, D. (1983). Young Adults and Their Parents: Individuation to Mutuality, in Grotevant, H. D., Cooper, C. R. (Ed.). Adolescent Development in the Family, London, Jossey-Bass Inc.

WILLIAMS, F. S. (1973). Family Therapy: its role in adolescent psychiatry. Adolescent Psychiatry, 2, 324-339.

WILLIAMS, W. C. (1958). The PALS tests: A technique for children to evaluate both parents. Journal of Consulting Psychology, 22, 487-495.

WILLIAMSON, J. A., CAMPBELL, L. P. (1985). Parents and their children comment of adolescence. Adolescence, vol.XX, n' 79, Fall 1985, 745-748.

WOLK, S., BRANDON, J. (1977). Runaway adolescents' perceptions of parents and self. Adolescence, 12, 46, 175-187.

YOUNISS, J., KETTERLINUS, R. D. (1987). Communication and connectedness in mother and father - adolescent relationships. Journal of Youth and Adolescence, 16, 3, 265- 280.

YOUNISS, J., SMOLLAR, J. (1985). Adolescent Relations with Mothers, Fathers, and Friends. Chicago, The University of Chicago Press.

ZAZZO, B. (1966). La Psychologie Differentielle des Adolescents, Paris: P.U.F.

ZINNER, J., SHAPIRO, R. (1972). Projective identification as a mode of perception and behaviour in families of adolescents. Int. Journal Psycho-Anal., 53, 523-530.

A N E X O S

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR - UNIVERSIDADE DO PORTO

QUESTIONÁRIO SOBRE A JUVENTUDE ESTUDANTIL DE MATOSINHOS

Questionário nº|_|_|_|_|

Neste estudo nós estamos interessados em conhecer melhor a juventude de Matosinhos na sua forma de pensar e sentir.

NÃO SE TRATA DUM TESTE, não há respostas certas ou erradas, apenas nos interessa o que sente ou pensa.

AS RESPOSTAS SÃO ABSOLUTAMENTE CONFIDENCIAIS e destinam-se apenas para fins de investigação científica. Gostaríamos portanto que respondesse o mais sinceramente possível.

POR FAVOR RESPONDA ÀS QUESTÕES PELA ORDEM INDICADA.

Tente não demorar muito tempo em cada uma das perguntas e RESPONDA A TODAS AS PERGUNTAS. Guarde a sua resposta para si, NÃO COMENTE COM OS COLEGAS, se tiver alguma dúvida chame um entrevistador.

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

A equipa de investigação

Questionário nº |_|_|_|_| (1)(2)(3)(4)

|1| (5)

I PARTE

Assinale com uma [X] a sua resposta.

Os números que encontra ao lado da pergunta destinam-se ao computador.

1. SEXO (6)

- Rapaz ☐ 1
- Rapariga ☐ 2

2. IDADE ____ (7-8)

SITUAÇÃO ESCOLAR

3. Em que ano está ____ (9-10)

4. Duma forma geral como avalia o seu aproveitamento escolar ? (11)

- Muito Bom ☐ 1
- Bom ☐ 2
- Razoável ☐ 3
- Insuficiente ☐ 4
- Mau ☐ 5

5. Quantas reprovações teve desde que entrou para a escola primária ? (12)

____ |_|

SITUAÇÃO FAMILIAR

6. Diga-nos, (13)

- Tem pai e mãe vivos ☐ 1
- Só tem pai vivo ☐ 2
- Só tem mãe viva ☐ 3
- Não tem pai nem mãe vivos ☐ 4

7. Se tem"pai e mãe vivos"diga-nos, (14)

- Estão casados ou juntos ☐ 1
- Estão separados ☐ 2

8. Com quem vive ? (15)

- Com a mãe e o pai ☐ 1
- Só com a mãe ☐ 2
- Só com o pai ☐ 3
- Com a mãe e o padrasto ☐ 4
- Com o pai e a madrasta ☐ 5
- Nem com o pai nem com a mãe, mas com outros familiares ☐ 6

  Diga quais: _____

  _____

- Com nenhum familiar ☐ 7

9. Quantos irmãos e irmãs tem ? (16)

- Nenhum ☐ 1
- Irmãos ____ 2
- Irmãs ____ 3

10. Com quantos irmãos vive ? (17)

- Nenhum ☐ 1
- Irmãos ____ 2
- Irmãs ____ 3

11. Qual é a sua posição na família? (18)

- Filho único ☐ 1
- Filho mais novo ☐ 2
- Filho mais velho ☐ 3
- Um dos filhos do meio ☐ 4

Questionário nº |_|_|_|_|

II PARTE

INSTRUÇÕES PARA O QUESTIONÁRIO DAS PÁGINAS SEGUINTES

1ª INSTRUÇÃO

Nas páginas seguintes vai encontrar uma série de perguntas.

EXEMPLO :

	Mãe e Pai	Só Mãe	Só Pai	Nem Mãe Nem Pai
Quem gosta de jogar às cartas contigo ?	☐	☐	☐	☐

Assim:

- Se, dum modo geral, a sua mãe e o seu pai gostam de jogar cartas consigo, coloque uma (X) debaixo de [Mãe e Pai]

- Se, dum modo geral, só a sua mãe gosta de jogar cartas consigo, coloque uma (X) debaixo de [Só Mãe]

- Se, dum modo geral, só o seu pai gosta de jogar cartas consigo, coloque uma (X) debaixo de [Só Pai]

- Se, de um modo geral, nem a sua mãe nem o seu pai gostam de jogar cartas consigo, coloque uma (X) debaixo de [Nem Mãe Nem Pai]

2ª INSTRUÇÃO

Se não tem vivido nestes últimos anos com os seus pais ou um deles, mas com pessoa (s) que os substituem ou fazem as suas vezes, para efeitos de resposta, considere essa (s) pessoa (s) como seus pais.

NOTA: Mantenha esta instrução até ao final do questionário.

COLOQUE UMA (X) E SÓ UMA PARA CADA PERGUNTA e não deixe nenhuma pergunta por responder. Se se enganar risque e volte a escrever.

	MÃE E PAI	SÓ MÃE	SÓ PAI	NEM MÃE NEM PAI	
	1	2	3	4	
1. Quem te deixa sair quando tu queres ?	☐	☐	☐	☐	(19)
2. Quem de deixa escolher os teus amigos ?	☐	☐	☐	☐	(20)
3. Quem diz bem de ti ?	☐	☐	☐	☐	(21)
4. Quem gosta de falar contigo sobre assuntos do dia-a-dia ?	☐	☐	☐	☐	(22)
5. Quem quer saber o que fizeste fora de casa ?	☐	☐	☐	☐	(23)
6. Quem é muito severo contigo ?	☐	☐	☐	☐	(24)
7. Quem pensa que devias ter melhores resultados na escola ?	☐	☐	☐	☐	(25)
8. Quem se esquece de arranjar as coisas que tu precisas ?	☐	☐	☐	☐	(26)
9. Quem te deixa ir onde tu queres sem te fazer perguntas ?	☐	☐	☐	☐	(27)
10. Quem te deixa fazer o que queres ?	☐	☐	☐	☐	(28)
11. Quem fala nas coisas bem feitas que tu fazes ? ...	☐	☐	☐	☐	(29)
12. Quem se interessa pelo que fazes na escola ?	☐	☐	☐	☐	(30)
13. Quem pergunta aos outros o que fizeste fora de casa ?	☐	☐	☐	☐	(31)
14. Quem verifica se fazes o que te é pedido ?	☐	☐	☐	☐	(32)
15. Quem não gosta da forma como te comportas em casa?	☐	☐	☐	☐	(33)
16. Quem parece não saber aquilo que precisas ou queres ?	☐	☐	☐	☐	(34)
17. Quem te deixa sair sem te dizer quando tens de voltar para casa ?	☐	☐	☐	☐	(35)
18. Quem te deixa gastar o teu dinheiro como queres ?.	☐	☐	☐	☐	(36)
19. Quem te diz que tens bom feitio ?	☐	☐	☐	☐	(37)
20. Quem te incentiva a ler ?	☐	☐	☐	☐	(38)

	MÃE E PAI	SÓ MÃE	SÓ PAI	NEM MÃE NEM PAI	
	1	2	3	4	
21. Quem está sempre a querer saber onde estás e o que fazes ?	☐	☐	☐	☐	(39)
22. Quem estabelece regras e te obriga a cumpri-las ?	☐	☐	☐	☐	(40)
23. Quem se queixa do que tu fazes ?	☐	☐	☐	☐	(41)
24. Quem se esquece de te ajudar quando precisas ? ..	☐	☐	☐	☐	(42)
25. Quem te deixa vestir como queres ?	☐	☐	☐	☐	(43)
26. Quem te deixa ficar acordado até tarde sem pedires ?	☐	☐	☐	☐	(44)
27. Quem fica feliz por te ver quando chegas da escola ?	☐	☐	☐	☐	(45)
28. Quem te diz onde poderás encontrar aquilo que queres saber ?	☐	☐	☐	☐	(46)
29. Quem quer saber quem te telefonou e o que disseram ?	☐	☐	☐	☐	(47)
30. Quem verifica se acabas as tuas tarefas antes de fazeres qualquer outra coisa ?	☐	☐	☐	☐	(48)
31. Quem pensa que as tuas ideias são tolas ?	☐	☐	☐	☐	(49)
32. Quem não quer fazer coisas contigo ?	☐	☐	☐	☐	(50)
33. Quem permite que te escapes ao trabalho que tens para fazer ?	☐	☐	☐	☐	(51)
34. Quem te ajuda a dar festas para os teus amigos ?.	☐	☐	☐	☐	(52)
35. Quem gosta de discutir assuntos contigo ?	☐	☐	☐	☐	(53)
36. Quem gosta mais de ficar contigo em casa do que sair ?	☐	☐	☐	☐	(54)
37. Quem não gosta que te zangues ?	☐	☐	☐	☐	(55)
38. Quem te castiga severamente ?	☐	☐	☐	☐	(56)
39. Quem fica zangado contigo se não ajudas em casa ?	☐	☐	☐	☐	(57)
40. Quem não conversa muito contigo ?	☐	☐	☐	☐	(58)
41. Quem não "liga" quando fazes qualquer coisa errada ?	☐	☐	☐	☐	(59)
42. Quem gosta de estar com os teus amigos em casa ?.	☐	☐	☐	☐	(60)

	MÃE E PAI	SÒ MÃE	SÓ PAI	NEM MÃE NEM PAI	
	1	2	3	4	
43. Quem gosta de sair contigo ?	☐	☐	☐	☐	61)
44. Quem é que frequentemente sacrifica coisas por tua causa ?	☐	☐	☐	☐	(62)
45. Quem não gosta que andes à luta ?	☐	☐	☐	☐	63)
46. Quem te castiga quando não fazes o que se espera que faças ?	☐	☐	☐	☐	(64)
47. Quem se zanga quando fazes perguntas ?	☐	☐	☐	☐	(65)
48. Quem passa muito pouco tempo contigo ?	☐	☐	☐	☐	(66)
49. Quem não te obriga a fazer coisas quando te queixas que não queres ?	☐	☐	☐	☐	(67)
50. Quem te deixa frequentemente ter amigos em casa ?	☐	☐	☐	☐	(68)
51. Quem gosta de fazer coisas contigo ?	☐	☐	☐	☐	(69)
52. Quem te faz sentir importante ?	☐	☐	☐	☐	(70)
53. Com quem és incapaz de te zangar mesmo quando se zanga contigo ?	☐	☐	☐	☐	(71)
54. Quem te castiga pela mais pequena coisa ?	☐	☐	☐	☐	(72)
55. Quem tem pouca paciência contigo ?	☐	☐	☐	☐	(73)
56. Quem não quer falar muito contigo ?	☐	☐	☐	☐	(74)
57. Quem é incapaz de dizer "não" a tudo o que tu queres ?	☐	☐	☐	☐	(75)
58. Quem é que os teus amigos admiram ?	☐	☐	☐	☐	(76)
59. Quem passa um tempo agradável contigo em casa ? .	☐	☐	☐	☐	(77)
60. Quem te da carinho e atenção ?	☐	☐	☐	☐	(78)
61. Quem te está sempre a dizer como deves comportar-te ?	☐	☐	☐	☐	(79)
62. Quem arranja as coisas de maneira que andes sempre aflito ?	☐	☐	☐	☐	(80)

Questionário nº | | | | | (1)(2)(3)(4)

2
(5)

	MÃE E PAI	SÓ MÃE	SÓ PAI	NEM MÃE NEM PAI	
	1	2	3	4	
63. Quem se zanga com as pequenas coisas que tu fazes ?	☐	☐	☐	☐	(6)
64. Quem não dá muita importância a se és bom na escola ou em casa ?	☐	☐	☐	☐	(7)
65. Quem quer ouvir as tuas ideias ?	☐	☐	☐	☐	(8)
66. Quem te fala com uma voz carinhosa e amiga ?	☐	☐	☐	☐	(9)
67. Quem quer que passes bastante tempo na sua companhia ?	☐	☐	☐	☐	(10)
68. Quem se sente magoado quando não fazes o que te é pedido ?	☐	☐	☐	☐	(11)
69. Quem se lembra durante muito tempo das coisas erradas que tu fazes ?	☐	☐	☐	☐	(12)
70. Quem reage como se tu estivesses a mais ?	☐	☐	☐	☐	(13)
71. Quem te pergunta como a família deve agir ?	☐	☐	☐	☐	(14)
72. Quem te sorri com frequência ?	☐	☐	☐	☐	(15)
73. Quem quer que fiques bastante em casa ?	☐	☐	☐	☐	(16)
74. Quem te diz quanto sacrificou por ti ?	☐	☐	☐	☐	(17)
75. Quem insiste para que acabes o teu trabalho ? ...	☐	☐	☐	☐	(18)
76. Quem te faz sentir que não te ama ?	☐	☐	☐	☐	(19)
77. Quem quer que faças as coisas à tua maneira ? ...	☐	☐	☐	☐	(20)
78. Quem te acarinhava e beijava ao deitar quando eras pequeno ?	☐	☐	☐	☐	(21)
79. Quem tem pena que estejas a crescer ?	☐	☐	☐	☐	(22)
80. Quem te diz tudo o que fez por ti ?	☐	☐	☐	☐	(23)
81. Quem insiste em dizer-te a toda a hora o que deves fazer ?	☐	☐	☐	☐	(24)
82. Quem te diz para não ficares "metido em casa" ? .	☐	☐	☐	☐	(25)
83. A quem podes dizer que não gostasda forma como és tratado ?	☐	☐	☐	☐	(26)

	MÃE E PAI	SÓ MÃE	SÓ PAI	NEM MÃE NEM PAI	
	1	2	3	4	
84. Quem diz que gosta de ti ?	☐	☐	☐	☐	(27)
85. Quem te dá muita atenção em casa ?	☐	☐	☐	☐	(28)
86. Quem te diz que se tu os amasses farias o que eles querem ?	☐	☐	☐	☐	(29)
87. Quem não te deixa em paz até fazeres o que te mandam ?	☐	☐	☐	☐	(30)
88. Quem parece satisfeito por se afastar de ti ?	☐	☐	☐	☐	(31)
89. Quem tenta tratar-te como igual ?	☐	☐	☐	☐	(32)
90. Quem te faz sentir melhor depois de falar contigo sobre os teus problemas ?	☐	☐	☐	☐	(33)
91. Quem se preocupa que não saibas tomar conta de ti mesmo ?	☐	☐	☐	☐	(34)
92. Quem decide com que amigos podes sair ?	☐	☐	☐	☐	(35)
93. Quem fala contigo sobre coisas íntimas ?	☐	☐	☐	☐	(36)
94. Quem sabe como te sentes quando estás triste ? ...	☐	☐	☐	☐	(37)
95. Quem se preocupa com a tua saúde ?	☐	☐	☐	☐	(38)
96. Quem te diz como deves fazer o teu trabalho ?	☐	☐	☐	☐	(39)
97. Quem não se importa que te "metas" com eles ?	☐	☐	☐	☐	(40)
98. Quem te anima quando estás triste ?	☐	☐	☐	☐	(41)
99. Quem se preocupa quando não estás em casa ?	☐	☐	☐	☐	(42)
100. Quem deseja dizer-te o que deves fazer ?	☐	☐	☐	☐	(43)
101. Quem quer saber como realmente te sentes ?	☐	☐	☐	☐	(44)
102. Quem te faz sentir melhor quando estás com medo ?.	☐	☐	☐	☐	(45)
103. Quem te retém em casa com medo que qualquer coisa te possa acontecer se saíres ?	☐	☐	☐	☐	(46)
104. Quem te diz como passar o tempo livre ?	☐	☐	☐	☐	(47)

VERIFIQUE SE RESPONDEU A TODAS AS PERGUNTAS

Questionário nº |_|_|_|

I I I P A R T E

A lista em baixo refere um conjunto de ONZE COMPORTAMENTOS.

Em relação a cada um deles, coloque uma (X) no quadrado correspondente à sua resposta e dê apenas uma resposta par cada um dos 11 COMPORTAMENTOS.

COMPORTAMENTOS	NÃO FAÇO						FAÇO					
	Porque não desejo fazer actualmente	Porque não me deixam					E não tenho problemas por causa disso	Mas tenho problemas por causa disso				
		A Mãe	O Pai	A Mãe e o Pai	Os irmãos ou irmãs	Outros		Com a Mãe	Com o Pai	Com a Mãe e o Pai	Com outros	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	
1. DECORAR A PARTE DE CASA ONDE DURMO COMO QUISER												(48-49)
2. USAR A ROUPA E O PENTEADO QUE GOSTO												(50-51)
3. GASTAR O MEU PRÓPRIO DINHEIRO COMO QUISER												(52-53)
4. SAIR À NOITE												(54-55)
5. SAIR SEM DIZER ONDE VOU												(56-57)
6. SAIR E ENTRAR ÀS HORAS QUE QUERO												(58-59)
7. PASSAR FINS-DE-SEMANA FORA DE CASA (COM AMIGOS, POR EXEMPLO)												(60-61)
8. PASSAR FÉRIAS SEM A COMPANHIA DE FAMILIARES												(62-63)
9. NAMORAR												(64-65)
10. RESOLVER OS MEUS PRÓPRIOS ASSUNTOS OU PROBLEMAS SEM A INTERFERÊNCIA DOS PAIS												(66-67)
11. SEGUIR AS MINHAS PRÓPRIAS IDEIAS (RELIGIOSAS, POLÍTICAS, ÁREAS DE ESTUDO, ETC.)												(68-69)

- Se respondeu "FAÇO" a um ou mais dos COMPORTAMENTOS atrás referidos, indique-nos agora, para esses que disse que FAZ, quantos anos tinha quando começou a fazer.

COMPORTAMENTOS	IDADE EM QUE COMECEI A FAZER	
1. Decorar a parte de casa onde durmo como quiser	_____ anos	(70) ⌊_⌋
2. Usar a roupa e o penteado que gosto	_____ anos	(71) ⌊_⌋
3. Gastar o meu próprio dinheiro como quiser	_____ anos	(72) ⌊_⌋
4. Sair à noite	_____ anos	(73) ⌊_⌋
5. Sair sem dizer onde vou	_____ anos	(74) ⌊_⌋
6. Sair e entrar às horas que quero	_____ anos	(75) ⌊_⌋
7. Passar fins-de-semana fora de casa (com amigos, por exemplo)	_____ anos	(76) ⌊_⌋
8. Passar férias sem a companhia de familiares	_____ anos	(77) ⌊_⌋
9. Namorar	_____ anos	(78) ⌊_⌋
10. Resolver os meus próprios assuntos ou problemas sem a interferência dos pais	_____ anos	(79) ⌊_⌋
11. Seguir as minhas próprias ideias (Religiosas, políticas, áreas de estudo, etc.)	_____ anos	(80) ⌊_⌋

Questionário nº |_|_|_|_|

IV PARTE

Indique-nos agora a situação dos seus pais, colocando uma (X) no quadrado correspondente à sua resposta.

1. Qual a situação de seu PAI face ao trabalho ? (30)

- Empregado ☐ 1
- Desempregado ☐ 2
- Reformado ☐ 3
- Outra situação ☐ 4

2. Qual a situação de sua MÃE face ao trabalho ? (31)

- Empregada ☐ 1
- Desempregada ☐ 2
- Reformada ☐ 3
- Doméstica ☐ 4
- Outra situação ☐ 5

3. O que fazem os seus pais ? (escreva a PROFISSÃO da forma mais precisa possível)

Pai _____ (32) |_|

_____

Mãe _____ (33) |_|

_____

4. Qual a situação do seu PAI na profissão ? (34)

- Patrão (tem um ou mais empregados) ☐ 1
- Trabalha por conta própria ☐ 2
- Trabalha por conta de outras pessoas ou instituições ☐ 3

5. Qual a situação da sua MÃE na profissão ? (35)

- Patroa (tem um ou mais empregados) ☐ 1
- Trabalha por conta própria ☐ 2
- Trabalha por conta de outras pessoas ou instituições ☐ 3

6. Qual o grau de instrução do seu PAI ? (36)

- Não sabe ler nem escrever ☐ 1
- 4ª classe completa ☐ 2
- 4ª classe incompleta ☐ 3
- Ensino secundário completo ☐ 4
- Ensino secundário incompleto ☐ 5
- Curso médio ☐ 6
- Curso superior completo ☐ 7
- Curso superior incompleto ☐ 8

7. Qual o grau de instrução da sua MÃE ? (37)

- Não sabe ler nem escrever ☐ 1
- 4ª classe completa ☐ 2
- 4ª classe incompleta ☐ 3
- Ensino secundário completo ☐ 4
- Ensino secundário incompleto ☐ 5
- Curso médio ☐ 6
- Curso superior completo ☐ 7
- Curso superior incompleto ☐ 8

ANEXO II

DETERMINAÇÃO DA AMOSTRA

Introdução

Inserindo-se o nosso trabalho de investigação num projecto mais amplo, abrangendo não sò a população estudantil de adolescentes como tambèm os jovens adultos - como aliàs tivemos ocasião de referir anteriormente - o universo populacional de base estendeu-se dos 12 anos atè aos 25 anos.

A constituição da amostra foi extraída deste universo, segundo a metodologia que agora se apresenta. A faixa etària foi posteriormente delimitada por nòs para o intervalo dos 12 aos 19 anos, período que nos interesssava estudar, pelas razões que enunciàmos, tendo-se excluído os poucos elementos com mais dessa idade que ainda frequentavam o ensino secundàrio.

Apresentamos aqui os elementos que dizem respeito sobretudo ao universo dos estudantes do ensino preparatòrio e secundàrio, que mais directamente interessam á nossa pesquisa.

A reconstituição da população estudantil fez-se recorrendo aos serviços administrativos de cada universidade - Catòlica, Livre e do Porto - e ás secretarias das escolas, quer preparatòrias, quer secundàrias, do concelho de Matosinhos.

No seu conjunto, a população a estudar constava de 8385 indivíduos, sendo 9,8% do ensino universitàrio, 27.6% do ensino preparatòrio e 62,7% do ensino secundàrio. (cfr. Quadro I e Gràfico 1).

Do Quadro II resulta, tal como se evidencia nos Gràficos 2 e 3, a composição da população por idade, sexo e grau de ensino.

1. Amostra da População: Dimensão

1.1. - Logo á partida, definiu-se a fracção de amostragem de 15% que se traduziu numa amostra de 1258 elementos, dos quais 1006 são do Ensino Preparatòrio e Secundàrio.

1.2 - Das considerações desenvolvidas a propòsito das restrições operadas no sentido de delimitar a população em estudo (cfr.Cap.I da II Parte), resultou a conveniência de uma diferente representação de cada estrato, dentro, porèm da lògica que regula a amostragem estratificada.

Assim, a estrutura da amostra por grau de ensino após vàrios ensaios obteve a configuração seguinte:

Grau de ensino	Universo (N=8385) No (a)	p(%) (b)	Factor de correcção% (c)	Amostra (N=1258) No (d)=1258x(b±c)
Universitàrio	818	10.0	+10	252
Preparatòrio	2313	27.0	+ 8	440
Secundàrio	5254	63.0	-18	566

Uma palavra apenas sobre o sentido do "factor de correcção" introduzido. De uma leitura ràpida torna-se evidente um acentuado peso da população do ensino secundàrio (63%) relativamente às percentagens da população do ensino preparatòrio e do ensino universitàrio (27% e 10% respectivamente). Para minorar esta assimetria acentuada susceptível de por si só enviezar os resultados da investigação, optou-se por introduzir um factor de correcção sobreavaliando a população do ensino universitàrio e preparatòrio à custa de uma diminuição do peso da população do ensino secundàrio, mantendo, no entanto, e em cada caso, uma amostra eficaz para a futura anàlise de dados.

1.3 - No que respeita à dimensão das amostras por estabelecimento de ensino ao nível quer preparatòrio quer secundàrio, a definição fez-se tendo em conta apenas o peso que cada unidade escolar possuía no conjunto, evitando assim o recurso a qualquer factor de correcção.

2. Amostra da População: Composição

Após a definição das dimensões da amostra nos seus diferentes estratos, procedeu-se à sua composição por sexo e idade, tendo em atenção o peso de cada uma destas variàveis na estrutura dos diferentes estabelecimentos de ensino (cfr. Quadros III e IV ; para a leitura dos Quadros, refira-se que P= População e A= Amostra).

O Quadro V e os Gràficos 4, 5 e 6 sintetizam a amostra no seu conjunto, por grau e estabelecimento de ensino, idade e sexo.

3. Amostra da População: Afectação

Uma vez definida a quota de amostragem foi atribuída aos inquiridores a tarefa de identificar e incorporar os elementos tendo esses elementos sido retirados randòmicamente do conjunto das turmas apresentando as características previamente definidas na amostra.

QUADRO I - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE, SEXO E GRAU DE ENSINO DA POPULAÇÃO ESTUDANTIL DE MATOSINHOS

	Idade (anos)																												Total		Total
	12		13		14		15		16		17		18		19		20		21		22		23		24		25				
G. E.	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Univ.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	15	32	51	51	69	61	82	59	100	56	70	48	52	29	39	340	478	818
Prep.	642	583	397	266	180	139	53	41	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1276	1037	2313
Sec.	316	320	416	436	381	395	339	425	285	351	269	319	191	218	137	153	64	70	25	30	28	20	10	11	18	17	10	-	2489	2765	5254
Total	958	903	813	702	561	534	392	466	288	359	270	319	195	233	169	204	115	139	86	112	87	120	66	81	66	69	39	39	4105	4280	8385
	1861		1515		1095		858		647		589		428		373		254		198		207		147		135		78				

Legenda: G. E.= Graus de Ensino
Univ.= Universitàrio
Prep.= Preparatòrio
Sec. = Secundàrio

QUADRO II - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE, SEXO E GRAU DE ENSINO DA POPULAÇÃO ESTUDANTIL DE MATOSINHOS

	Idade (anos)																												Total		Total
	12		13		14		15		16		17		18		19		20		21		22		23		24		25				
G. E.	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Univ.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	15	32	51	51	69	61	82	59	100	56	70	48	52	29	39	340	478	818
P. (1)	112	85	62	34	23	21	6	5	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	203	146	349
" (2)	182	157	112	68	38	30	12	5	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	344	261	605
" (3)	143	140	89	68	38	25	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	275	234	509
" (4)	205	201	134	96	81	63	30	30	3	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	454	396	850
S. (5)	96	86	109	137	107	116	99	164	88	187	167	228	139	183	118	138	54	67	23	30	28	20	10	11	18	17	10	-	1066	1384	2450
" (6)	100	79	101	101	56	48	24	22	11	7	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	293	257	550
" (7)	120	155	194	179	159	163	121	155	87	92	28	38	9	11	-	7	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	719	802	1521
" (8)	-	-	12	19	59	68	95	84	99	65	73	53	43	24	19	8	9	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	411	322	733
Total	958	903	813	702	561	534	392	466	288	359	270	319	195	233	169	204	115	139	86	112	87	120	66	81	66	69	39	39	4105	4280	8385
	1861		1515		1095		858		647		589		428		373		254		198		207		147		135		78				

Legenda: G.E. = Graus de Ensino
Univ.= Universitàrio
P.(1)= Escola Preparatòria de S. Mamede
" (2)= " " " Leça
" (3)= " " " Matosinhos
" (4)= " " " Senhora da Hora
S.(5)= Escola Secundària No 2
" (6)= " " de Leça
" (7)= " " do Padrão
" (8)= " " No 1

QUADRO III - ENSINO PREPARATORIO - DETERMINAÇAO DA AMOSTRA

Escolas		Idade (anos) 12 M n	%	12 F n	%	13 M n	%	13 F n	%	14 M n	%	14 F n	%	15 M n	%	15 F n	%	16 M n	%	16 F n	%	17 M n	%	17 F n	%	Total M n	Total F n	Total Geral n	%
(1)	(P)	112	32.1	85	24.4	62	17.8	34	9.7	23	6.6	21	6.0	6	1.7	5	1.4	-	-	1	0.3	-	-	-	-	203	148	349	15.1
	(A)	21		16		12		6		4		4		1		1				1		-	-	-	-	38	28	66	
(2)	(P)	182	30.1	157	26.0	112	16.5	68	11.2	38	6.3	30	5.0	12	2.0	5	0.8	-	-	1	0.3	-	-	-	-	344	261	605	26.2
	(A)	35		30		21		13		7		6		2		1		-	-	-	-	-	-	-	-	65	50	115	
(3)	(P)	143	28.1	140	27.5	89	17.5	68	13.4	38	7.5	25	4.9	5	1.0	1	0.2	-	-	-	-	-	-	-	-	275	234	509	22.0
	(A)	27		27		17		13		7		5		1		-		-	-	-	-	-	-	-	-	52	45	97	
(4)	(P)	205	24.1	201	23.6	134	15.8	96	11.3	81	9.5	63	7.4	30	3.5	30	3.5	3	0.4	6	0.7	1	0.1	-	-	454	396	850	36.7
	(A)	39		38		26		18		15		12		6		6		1		1		-	-	-	-	87	75	162	
Total	(P)	642		583		397		266		180		139		53		47		3		8		1		-		1276	1037	2313	
	(A)	122		111		76		50		33		27		10		8		1		2		-		-		242	198	440	

Legenda: (1) = Escola Preparatòria de S. Mamede
(2) = " " " Leça
(3) = " " " Matosinhos
(4) = " " " Senhora da Hora
(P) = População
(A) = Amostra

QUADRO IV - ENSINO SECUNDARIO - DETERMINAÇÃO DA AMOSTRA

Escolas		Idade (anos) 12 M n	%	12 F n	%	13 M n	%	13 F n	%	14 M n	%	14 F n	%	15 M n	%	15 F n	%	16 M n	%	16 F n	%	17 M n	%	17 F n	%	18 M n	%	18 F n	%
(1)	(P)	96	3.9	86	3.5	109	4.4	137	5.6	107	4.4	116	4.7	99	4.0	164	6.7	88	3.6	187	7.6	167	6.8	228	9.3	139	5.7	183	7.5
	(A)	10		9		11		15		11		12		10		18		9		20		18		24		15		20	
(2)	(P)	100	18.2	79	14.4	101	18.4	101	18.4	56	10.2	48	8.7	24	4.4	22	4.0	11	2.0	7	1.3	1	0.2	-	-	-	-	-	-
	(A)	11		8		11		11		6		5		2		2		1		2		-		-		-		-	
(3)	(P)	120	7.9	15	10.2	194	12.8	179	11.8	159	10.5	163	10.7	121	8.0	155	10.2	87	5.7	92	6.0	28	1.8	38	2.5	9	0.6	11	0.7
	(A)	13		17		21		19		17		18		13		17		9		10		3		4		1		1	
(4)	(P)	-	-	-	-	12	1.6	19	2.6	59	8.0	68	9.3	95	13.0	84	11.5	99	13.5	65	8.9	73	10.0	53	7.2	43	5.9	24	3.
	(A)	-		-		1		2		6		7		10		9		11		7		8		6		5		2	
T.	(P)	316		320		416		436		381		395		339		425		285		351		269		319		191		218	
	(A)	34		34		44		47		40		42		35		46		30		39		29		34		21		23	

Legenda: (1) = Escola Secundária No 2
(2) = " " de Leça
(3) = " " do Padrão
(4) = " " No 1
(P) = População
(A) = Amostra
T. = Total

QUADRO IV - ENSINO SECUNDARIO - DETERMINAÇAO DA AMOSTRA (CONTINUAÇÃO)

Idade (anos)																													
19				20				21				22				23				24				25				Total		Total Geral	
M		F		M		F		M		F		M		F		M		F		M		F		M		F		M	F		
n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	n	n	%
118	4.8	138	5.6	54	2.2	67	2.7	23	0.9	30	1.2	28	1.1	20	0.8	10	0.4	11	0.4	18	0.7	17	0.7	10	0.4	-	-	1066	1384	2450	46.6
17		15		6		7		2		3		3		2		1		1		2		2		1		-		116	148	264	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	293	257	550	10.5
-		-		-		-		-		-		-		-		-		-		-		-		-		-		31	28	59	
-	-	7	0.5	1	0.1	2	0.1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	719	802	1521	28.9
-		1		-		-		-		-		-		-		-		-		-		-		-		-		77	87	164	
19	2.8	8	1.1	9	1.2	1	0.1	2	0.3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	411	322	733	14.0
2		1		1		-		1		-		-		-		-		-		-		-		-		-		45	34	79	
137		153		64		70		25		30		28		20		10		11		18		17		10		-		2489	2765	5254	
19		17		7		7		3		3		3		2		1		1		2		2		1		-		269	297	566	

QUADRO V - CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA POR GRAU, ESTABELECIMENTO DE ENSINO, IDADE E SEXO

Ensino	Idade (anos) 12		13		14		15		16		17		18		19		20		21		22		23		24		25		Total		Total Geral
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	
Univ.																															
Cat.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	2	5	5	5	-	4	1	5	2	2	2	-	3	-	15	26	41
Liv.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	5	3	5	8	4	7	2	5	4	2	1	2	1	1	22	29	51
Por.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	5	10	8	11	12	15	13	20	11	15	11	12	6	9	67	93	160
T.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	7	12	18	18	24	16	26	16	30	17	19	14	14	10	10	104	148	252
Prep.																															
S.M.	21	16	12	6	4	4	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	38	26	66
Leça	35	30	21	13	7	6	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	65	50	115
Mat.	27	27	17	13	7	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	52	45	97
S.H.	39	38	26	18	15	12	6	6	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	87	75	162
T.	122	111	76	50	33	27	10	8	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	242	198	440
Sec.																															
No 2	10	9	11	15	11	12	10	18	9	20	18	24	15	20	17	15	6	7	2	3	3	2	1	1	2	2	1	-	116	148	264
Leça	11	8	11	11	6	5	2	2	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	31	28	59
Pad.	13	17	21	19	17	18	13	17	9	10	3	4	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	77	87	164
No 1	-	-	1	2	6	7	10	9	11	7	8	6	5	2	2	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	45	34	79
T.	34	34	44	47	40	42	35	46	30	39	29	34	21	23	19	17	7	7	3	3	3	2	1	1	2	2	1	-	269	297	566
T. G.	156	145	120	97	73	69	45	54	31	41	29	34	22	30	30	35	25	31	19	29	19	32	18	20	16	16	11	10	615	643	1258

Legenda: Univ. = Universitàrio
Cat. = Catòlica
Liv. = Livre
Por. = Porto
T. = Total
Prep. = Preparatòrio
S. M. = S. Mamede
Mat. = Matosinhos
S. H. = Senhora da Hora
Sec. = Secundàrio
Pad. = Padrão
T. G. = Total Geral

ANEXO III

CARACTERISTICAS DA AMOSTRA

QUADRO 1 - DISTRIBUIÇÃO POR NIVEL DE ENSINO

NIVEL DE ENSINO	n	%
Preparatório	430	43
Secundário	564	57

n=994 N.R.=0

QUADRO 2 - DISTRIBUIÇÃO POR ESCOLAS

ESCOLAS	n	%
Preparatória S. Manede	65	7
Preparatória Leça	118	12
Preparatória Matosinhos (A. Nobre)	85	9
Preparatória Senhora da Hora	162	16
Secundária no 2	239	24
Secundária Leça	59	6
Secundária Padrão	174	18
Secundária no 1	92	9

n=993 N.R.=1

QUADRO 3 - DISTRIBUIÇÃO POR SEXOS

SEXO	n	%
Masculino	505	51
Feminino	488	49

n=993 N.R.=1

QUADRO 4 - DISTRIBUIÇÃO POR GRUPOS DE IDADE

IDADE	n	%
12 - 13 anos	549	55
14 - 15 anos	244	25
16 - 17 anos	141	14
18 - 19 anos	60	6

n=994 N.R.=0

QUADRO 5 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA AUTO-AVALIAÇÃO DO APROVEITAMENTO ESCOLAR

AUTO-AVALIAÇÃO DO APROVEITAMENTO ESCOLAR	n	%
Muito Bom	39	4
Bom	197	20
Razoável	697	71
Insuficiente	47	5
Mau	8	1

n=988 N.R.=6

QUADRO 6 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DO NIVEL DE REPROVAÇÕES

NIVEL DE REPROVAÇÕES	n	%
0 reprovações	420	43
1 reprovação	322	33
2 reprovações	178	18
3 ou mais reprovações	67	7

n=987 N.R.=7

QUADRO 7 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DO NIVEL DE REPROVAÇÕES (EXCLUINDO OS ALUNOS QUE TEM ZERO REPROVAÇÕES)

NIVEL DE REPROVAÇÕES	n	%
1 reprovação	322	57
2 reprovações	178	31
3 reprovações ou mais	67	12

n=567

QUADRO 8 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA PRESENÇA/AUSÊNCIA DOS PAIS, POR FALECIMENTO

DISSOCIAÇÃO FAMILIAR	n	%
Tem pai e mãe vivos	946	96
So tem pai vivo	11	1
So tem mãe viva	29	3
Não tem pai e mãe vivos	3	0

n=989 N.R.=5

QUADRO 9 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO CONJUGAL DOS PAIS

SITUAÇÃO CONJUGAL DOS PAIS	n	%
Pais casados ou juntos	894	96
Pais separados	42	4

n=936 N.R.=58

QUADRO 10 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA INSERÇÃO FAMILIAR

FAMILIARES COM QUEM VIVE	n	%
Com a mãe e o pai	882	98
Só com a mãe	56	6
Só com o pai	9	1
Com a mãe e o padrasto	10	1
Com o pai e a madrasta	7	1
Nem com o pai nem com a mãe mas com outros familiares	23	2
Com nenhum familiar	1	0

n=988 N.R.=6

QUADRO 11 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA INSERÇÃO FAMILIAR, QUANDO VIVE COM NENHUM DOS PAIS

FAMILIARES COM QUEM VIVE	n	%
Com Avós (ou so um deles)	14	1
Tios (ou so um deles)	7	1
Padrinhos (ou so um deles)	1	0
Pais Adoptivos (ou so um deles)	1	0
Irmãos (ou so um deles)	3	0
Outros	1	0

n=27

QUADRO 12 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA EXISTÊNCIA OU NÃO DE IRMÃOS

IRMÃOS	n	%
Algum(s)	862	88
Nenhum	117	12

n=979 N.R.=15

QUADRO 13 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA COABITAÇÃO COM OU SEM IRMÃOS

NÚMERO DE IRMÃOS COM QUE VIVE	n	%
Algum(s)	814	83
Nenhum	163	17

n=977 N.R.=17

QUADRO 14 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA POSIÇÃO DO SUJEITO NA FRATRIA

POSIÇÃO DO SUJEITO NA FRATRIA	n	%
Filho único	117	12
Filho mais novo	324	33
Filho mais velho	357	33
Um dos filhos do meio	184	19

n=982 N.R.=12

QUADRO 15 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO DO PAI FACE AO TRABALHO

SITUAÇÃO DO PAI FACE AO TRABALHO	n	%
Empregado	891	94
Desempregado	26	3
Reformado	27	3

n=944 N.R.=50

QUADRO 16 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO DA MÃE FACE AO TRABALHO

SITUAÇÃO DA MÃE FACE AO TRABALHO	n	%
Empregada	493	50
Desempregada	16	2
Reformada	35	4
Doméstica	435	44

n=979 N.R.=15

QUADRO 17 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DO ESTATUTO SOCIO-PROFISSIONAL DO PAI (1)

ESTATUTO SÓCIO-PROFISSIONAL DO PAI	n	%
Alto	58	7
Médio alto	154	17
Médio	151	17
Médio baixo	483	55
Baixo	38	4

n=884 N.R.=110

QUADRO 18 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DO ESTATUTO SOCIO-PROFISSIONAL DA MÃE (1)

ESTATUTO SOCIO-PROFISSIONAL DA MÃE	n	%
Alto	18	2
Médio alto	92	10
Médio	122	13
Médio baixo	199	21
Baixo	84	9
Domésticas	413	45

n=928 N.R.=66

QUADRO 19 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO DO PAI NA PROFISSÃO

SITUAÇÃO DO PAI NA PROFISSÃO	n	%
Patrão	147	16
Trabalhador por conta pròpria	135	15
Trabalhador por conta de outras pessoas ou instituições	610	68

n=892 N.R.=102

(1). De acordo com a "Avaliação do Status Sócio-Econômico"/ Ocupação. NORMA, S.A.R.L., em APÊNDICE, no final deste Anexo.

Designamos os sujeitos situados nos níveis (1), (2), (3), (4) e (5) da Classificação apresentada em APÊNDICE, por: Alto, Médio Alto, Médio, Médio Baixo e Baixo.

QUADRO 20 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO DA MÃE NA PROFISSÃO

SITUAÇÃO DA MÃE NA PROFISSÃO	n	%
Patroa	65	9
Trabalhadora por conta pròpria	247	35
Trabalhadora por conta de outras pessoas ou instituições	396	56

n=708 N.R.=286

QUADRO 21 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DO GRAU DE INSTRUÇÃO DO PAI

GRAU DE INSTRUÇÃO DO PAI	n	%
Não sabe ler nem escrever	30	3
4a classe completa	522	56
4a classe incompleta	63	7
Ensino secundário completo	70	8
Ensino secundário incompleto	105	11
Curso médio	39	4
Curso superior completo	88	9
Curso superior incompleto	16	2

n=933 N.R.=61

QUADRO 22 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DO GRAU DE INSTRUÇÃO DA MÃE

GRAU DE INSTRUÇÃO DA MÃE	n	%
Não sabe ler nem escrever	70	3
4a classe completa	555	58
4a classe incompleta	117	12
Ensino secundário completo	57	6
Ensino secundário incompleto	63	7
Curso médio	42	4
Curso superior completo	50	5
Curso superior incompleto	5	1

n=959 N.R.=35

QUADRO 23 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA ACTIVIDADE PROFISSIONAL DO PAI (1)

PROFISSÃO DO PAI	n	%
Pessoal de profissões científicas, tècnicas artísticas e de profissões similares	95	9
Directores e quadros superiores administrativos	49	5
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	125	17
Pessoal do comèrcio e vendedores	94	8
Pessoal dos serviços de protecção e segurança dos serviços pessoais e domèsticos e trabalhadores similares	75	9
Agricultores, criadores de animais, trabalhadores agrícolas e florestais, pescadores e caçadores	34	4
Trabalhadores da produção das industrias extractiva e transformadora e condutores de màquinas fixas de transporte	417	43
Situações não incluídas nas hipòteses anteriores	46	5

n=935 M.R.=59

QUADRO 24 - DISTRIBUIÇÃO EM FUNÇÃO DA ACTIVIDADE PROFISSIONAL DA MÃE (1)

PROFISSÃO DA MÃE	n	%
Pessoal de profissões científicas, tècnicas artísticas e de profissões similares	80	8
Directores e quadros superiores administrativos	5	1
Pessoal administrativo e trabalhadores similares	82	9
Pessoal do comèrcio e vendedores	38	4
Pessoal dos serviços de protecção e segurança dos serviços pessoais e domèsticos e trabalhadores similares	115	12
Agricultores, criadores de animais, trabalhadores agrícolas e florestais, pescadores e caçadores	10	1
Trabalhadores da produção das industrias extractiva e transformadora e condutores de màquinas fixas de transporte	164	17
Situações não incluídas nas hipòteses anteriores	462	48

n=956 M.R.=38

(1). De acordo com a "Classificação Nacional das Profissões", Versão 1980, Serviço de Informação Científica e Tècnica, Secretaria de Estado do Emprego, Ministèrio do Trabalho.

APÊNDICE

AVALIAÇÃO DO STATUS SOCIO-ECONÓMICO

OCUPAÇÃO

1.

Alta Administração do Estado (Chefia ministerial, deputados, membros da Câmara corporativa, juízes e magistrados, directores gerais, etc.);

Direcção e pessoal superior dos quadros da Administração Publica (Directores, Inspectores e chefes de serviço do Estado, dos corpos administrativos e dos organismos corporativos e de coordenação economica);

Direcção Administrativa de Empresas Privadas (Administradores, directores, inspectores gerais, gerentes e chefes de serviço, etc.);

Direcção Tecnica de Empresas Privadas (Tecnicos diplomados responsaveis, engenheiros, economistas, consultores juridicos,agentes tecnicos, preparadores de serviço,etc.)

Entidade exercendo uma profissão liberal, tecnicos e equiparados (Catedraticos, doutores, licenciados com alta posição, advogados com cartorio, medicos com clínica propria, arquitectos com estudio proprio, etc.);

Proprietarios de grandes explorações agrícolas. Industriais com empresas de grande dimensão;

Directores e grandes artistas das Artes (Teatro, cinema, bailado, música, etc.) Escritores e poetas de renome nacional comprovado, Escultores e decoradores de reconhecida categoria, pintores de arte oficialmente galardoados:

Altas personalidades ou Clero secular catolico.

Diplomatas e consules do Corpo Diplomatico acreditado em Portugal.

2.

Licenciados com posição media (Assistentes universitarios, professores do ensino secundario, químicos contratados, engenheiros agronomos e silvicultores, medicos veterinarios, notarios, etc.);

Pessoal dos quadros da Administração Publica, de media categoria (Chefes de repartição, chefes de secção, funcionalismo publico de carteira com posição destacada,etc.)

Pessoal dos quadros administrativos e tecnico das Empresas Privadas, sem funções directivas mas com posição destacada, de Bancos, Seguros, Comercio e Indústria (contabilista, chefes de escritorio, oficiais administrativos, tesoureiros, etc.);

Proprietarios de pequenas industrias.

Proprietarios de explorações agrícolas de pequena e media dimensão, explorando-as por intermedio de trabalhadores.

Jornalistas, interpretes e guias acreditados pelas entidades oficiais.

Tecnicos de teatro, cinema, radio e televisão, Artistas de 2o plano.

Religiosos seculares catolicos.

Professores de instrução primária.

Profissões de caracter intelectual.

Pessoal superior das equipagens de barcos e aeronaves (Comandantes, pilotos, comissarios de bordo, hospedeiras, etc.);

Modelos e manequins de alta costura.

3.
Proprietarios de industrias domesticas. Proprietarios de pensões e restaurantes.

Comerciantes e vendedores da pequena industria.

Proprietarios de institutos de beleza ou cabeleireiros, de alfaiatarias, etc.;

Empregados de escritorio. Empregados de comercio e industria. Angariadores e agentes comerciais. Caixeiros viajantes e compradores por conta de outrem.

Capatazes e contramestres, verificadores e controladores de trabalho.

Proprietarios ou agricultores que trabalham eles proprios as suas terras.

Regentes agrícolas.

Capitães e mestres de embarcações. Radiotelegrafistas, etc..

Procuradores e solicitadores.

Despachantes de mercadorias.

Empreiteiros de obras e serviços.

4.
Operarios e trabalhadores qualificados, especializados (Pintores, mecânicos, torneiros, maquinistas, cinzeladores, compositores de vidro, compositores tipograficos, afinadores de instrumentos, musicais, litografos, metalurgicos, ourives de ouro e prata, relojoeiros, tecelões, marceneiros, corticeiros, entalhadores, esmaltadores, electricistas, etc.);

4. (Continuação)
Operarios e trabalhadores qualificados, semi-especializados (Motoristas, empregados de cafe, barbeiros, pescadores, caçadores e silvicutores, mineiros, operarios de pedreiras e equiparados, etc.);

Agentes de cais. Carteiros e boletineiros.

Arrendatarios, rendeiros e parceiros de pequena exploração.

Comerciantes de infima categoria (quiosques, vendas,etc.)

Damas de companhia, preceptores e governantes.

Sacristães, sineiros e ajudantes de culto.

Feitores e administradores agrícolas.

Criadores e tratadores de gado.

5.
Trabalhadores não especializados(jornaleiros, ceifeiros, varredores, serventes, ajudantes de motorista, etc.).

Serviços domesticos.

Contínuos, paquestes. Guarda nocturno. Porteiros.

Caixeiros de praça.Caixeiros de balcão de baixa categoria.

Magarefes. Costureiras e aprendizas.

Vendedores ambulantes. Engraxadores.

Carcereiros.

Coveiros.

Pessoas com profissão mal definida.

ANEXO IV

VERSÃO ORIGINAL DO Y.P.I. TRADUZIDA EM PORTUGUES

1. Quem te deixa sair quando tu queres
2. Quem te deixa ir onde tu queres sem te fazer perguntas
3. Quem te deixa sair sem te dizer quando tens de voltar para casa
4. Quem te deixa vestir como queres
5. Quem permite que te escapes ao trabalho que tens para fazer
6. Quem não "liga" quando fazes qualquer coisa errado
7. Quem não te obriga a fazer coisas quando te queixas que não queres
8. Quem è incapaz de dizer "não" a tudo o que tu queres
9. Quem te deixa escolher os teus amigos
10. Quem te deixa fazer o que queres
11. Quem te deixa gastar o teu dinheiro como queres
12. Quem te deixa ficar acordado atè tarde sem pedires
13. Quem te ajuda a dar festas para os teus amigos
14. Quem gosta de estar com os teus amigos em casa
15. Quem te deixa frequentemente ter amigos em casa
16. Quem è que os teus amigos admiram
17. Quem quer ouvir as tuas ideias
18. Quem te pergunta como a familia deve agir
19. Quem quer que faças as coisas á tua maneira
20. A quem podes dizer que não gostas da forma como ès tratado
21. Quem tenta tratar-te como igual
22. Quem fala contigo sobre coisas íntimas
23. Quem não se importa que te "metas" com eles
24. Quem quer saber como realmente te sentes
25. Quem diz bem de ti
26. Quem fala nas coisas bem feitas que tu fazes
27. Quem te diz que tens bom feitio
28. Quem fica feliz por te ver quando chegas da escola
29. Quem gosta de discutir assuntos contigo
30. Quem gosta de sair contigo
31. Quem gosta de fazer coisas contigo
32. Quem passa um tempo agradàvel contigo em casa
33. Quem te fala com uma voz carinhosa e amiga
34. Quem te sorri com frequência
35. Quem te acarinhava e beijava ao deitar quando eras pequeno
36. Quem diz que gosta de ti
37. Quem te faz sentir melhor depois de falar contigo sobre os teus problemas
38. Quem sabe como te sentes quando estàs triste

39. Quem te anima quando estàs triste
40. Quem te faz sentir melhor quando estàs com medo
41. Quem gosta de falar contigo sobre assuntos do dia-a-dia
42. Quem se interessa pelo que fazes na escola
43. Quem te incentiva a ler
44. Quem te diz onde poderàs encontrar aquilo que queres saber
45. Quem gosta mais de ficar cntigo em casa do que sair
46. Quem è que frequentemente sacrifica coisas por tua causa
47. Quem te faz sentir importante
48. Quem te dà carinho e atenção
49. Quem quer que passes bastante tempo na sua companhia
50. Quem quer que fiques bastante em casa
51. Quem tem pena que estejas a crescer
52. Quem te dà muita atenção em casa
53. Quem se preocupa que não saibas tomar conta de ti mesmo
54. Quem se preocupa com a tua saúde
55. Quem se preocupa quando não estàs em casa
56. Quem te retèm em casa com medo que qualquer coisa te possa acontecer se saires
57. Quem quer saber o que fizeste fora de casa
58. Quem pergunta aos outros o que fizeste fora de casa
59. Quem està sempre a querer saber onde estàs e o que fazes
60. Quem quer saber quem te telefonou e o que disseram
61. Quem não gosta que te zangues
62. Quem não gosta que andes à luta
63. Com quem ès incapaz de te zangar mesmo quando se zanga contigo
64. Quem te està sempre a dizer como deves comportar-te
65. Quem se sente magoado quando não fazes o que te è pedido
66. Quem te diz quanto sacrificou por ti
67. Quem te diz tudo o que fez por ti
68. Quem te diz que se tu os amasses farias o que eles querem
69. Quem decide com que amigos podes sair
70. Quem te diz como deves fazer o teu trabalho
71. Quem deseja dizer-te o que deves fazer
72. Quem te diz como passar o teu tempo livre
73. Quem è muito severo contigo
74. Quem verifica se fazes o que te è pedido
75. Quem estabelece regras e te obriga a cumpri-las
76. Quem verifica se acabas as tuas tarefas antes de fazeres qualquer outra coisa
77. Quem te castiga severamente
78. Quem te castiga quando não fazes o que se espera que faças

79. Quem te castiga pela mais pequena coisa
80. Quem arranja as coisas de maneira que andes sempre aflito
81. Quem se lembra durante muito tempo das coisa erradas que tu fazes
82. Quem insiste para que acabes o teu trabalho
83. Quem insiste em dizer-te a toda a hora o que deves fazer
84. Quem não te deixa em paz atè fazeres o que te mandam
85. Quem pensa que devias ter melhores resultados na escola
86. Quem não gosta da forma como te comportas em casa
87. Quem se queixa do que tu fazes
88. Quem pensa que as tuas ideias são tolas
89. Quem fica zangado contigo se não ajudas em casa
90. Quem se zanga quando fazes perguntas
91. Quem tem pouca paciência contigo
92. Quem se zanga com as pequenas coisas que tu fazes
93. Quem reage como se tu estivesses a mais
94. Quem te faz sentir que não te ama
95. Quem te diz para não ficares "metido em casa"
96. Quem parece satisfeito por se afastar de ti
97. Quem se esquece de arranjar as coisas que tu precisas
98. Quem parece não saber aquilo que precisas ou queres
99. Quem se esquece de te ajudar quando precisas
100. Quem não quer fazer coisas contigo
101. Quem não conversa muito contigo
102. Quem passa muito pouco tempo contigo
103. Quem não quer falar muito contigo
104. Quem não dà muita importância a se ès bom na escola ou em casa

ANEXO V

VERSÃO DO Y.P.I. APLICADA NA NOSSA AMOSTRA

1. Quem te deixa sair quando tu queres?
2. Quem te deixa escolher os teus amigos?
3. Quem diz bem de ti?
4. Quem gosta de falar contigo sobre assuntos do dia-a-dia?
5. Quem quer saber o que fizeste fora de casa?
6. Quem è muito severo contigo?
7. Quem pensa que deviaster melhores resultados na escola?
8. Quem se esquece de arranjar as coisas que tu precisas?
9. Quem te deixa ir onde tu queres sem te fazer perguntas?
10. Quem te deixa fazer o que queres?
11. Quem fala nas coisas bem feitas que tu fazes?
12. Quem se interessa pelo que fazes na escola?
13. Quem pergunta aos outros o que fizeste fora de casa?
14. Quem verifica se fazes o que te è pedido?
15. Quem não gosta da forma como te comportas em casa?
16. Quem parece não saber aquilo que precisas ou queres?
17. Quem te deixa sair sem te dizer quando tens de voltar para casa?
18. Quem te deixa gastar o teu dinheiro como queres?
19. Quem te diz que tens bom feitio?
20. Quem te incentiva a ler?
21. Quem està sempre a querer saber onde estàs e o que fazes?
22. Quem estabelece regras e te obriga a cumpri-las?
23. Quem se queixa do que tu fazes?
24. Quem se esquece de te ajudar quando precisas?
25. Quem te deixa vestir como queres?
26. Quem te deixa ficar acordado atè tarde sem pedires?
27. Quem fica feliz por te ver quando chegas da escola?
28. Quem te diz onde poderàs encontrar aquilo que queres saber?
29. Quem quer saber quem te telefonou e o que disseram?
30. Quem verifica se acabas as tuas tarefas antes de fazeres qualquer outra coisa?
31. Quem pensa que as tuas ideias são tolas?
32. Quem não quer fazer coisas contigo?
33. Quem permite que te escapes ao trabalho que tens para fazer?
34. Quem te ajuda a dar festas para os teus amigos?
35. Quem gosta de discutir assuntos contigo?
36. Quem gosta mais de ficar contigo em casa do que sair?
37. Quem não gosta que te zangues?
38. Quem te castiga severamente?
39. Quem fica zangado contigo se não ajudas em casa?
40. Quem não conversa muito contigo?

41. Quem não "liga" quando fazes qualquer coisa errada?
42. Quem não gosta de estar com os teus amigos em casa?
43. Quem gosta de sair contigo?
44. Quem è que frequentemente sacrifica coisas por tua causa?
45. Quem não gosta que andes à luta?
46. Quem te castiga quando não fazes o que se espera que faças?
47. Quem se zanga quando fazes perguntas?
48. Quem passa muito pouco tempo contigo?
49. Quem não te obriga a fazer coisas quando te queixas que não queres?
50. Quem te deixa frequentemente ter amigos em casa?
51. Quem gosta de fazer coisas contigo?
52. Quem te faz sentir importante?
53. Com quem ès incapaz de te zangar mesmo quando se zanga contigo?
54. Quem te castiga pela mais pequena coisa?
55. Quem tem pouca paciência contigo?
56. Quem não quer falar muito contigo?
57. Quem è incapaz de dizer "não" a tudo o que tu queres?
58. Quem è que os teus amigos admiram?
59. Quem passa um tempo agradàvel contigo em casa?
60. Quem te dà carinho e atenção?
61. Quem te està sempre a dizer como deves comportar-te?
62. Quem arranja as coisas de maneira que andes sempre aflito?
63. Quem se zanga com as pequenas coisas que tu fazes?
64. Quem não dà muita importância a se ès bom na escola ou em casa?
65. Quem quer ouvir as tuas ideias?
66. Quem te fala com uma voz carinhosa e amiga?
67. Quem quer que passes bastante tempo na sua companhia?
68. Quem se sente magoado quando não fazes o que te è pedido?
69. Quem se lembra durante muito tempo das coisas erradas que tu fazes?
70. Quem reage como se tu estivesses a mais?
71. Quem te pergunta como a família deve agir?
72. Quem te sorri com frequência?
73. Quem quer que fiques bastante em casa?
74. Quem te diz quanto sacrificou por ti?
75. Quem insiste para que acabes o teu trabalho?
76. Quem te faz sentir que não te ama?
77. Quem quer que faças as coisas à tua maneira?
78. Quem te acarinhava e beijava ao deitar quando eras pequeno?
79. Quem tem pena que estejas a crescer?
80. Quem te diz tudo o que fez por ti?
81. Quem insiste em dizer-te a toda a hora o que deves fazer?
82. Quem te diz para não ficares "metido em casa"?
83. A quem podes dizer que não gostas da forma como ès tratado?
84. Quem diz que gosta de ti?
85. Quem te dà muita atenção em casa?
86. Quem te diz que se tu os amasses farias o que eles querem?

87. Quem não te deixa em paz atè fazeres o que te mandam?
88. Quem parece satisfeito por se afastar de ti?
89. Quem tenta tratar-te como igual?
90. Quem te faz sentir melhor depois de falar contigo sobre os teus problemas?
91. Quem se preocupa que não saibas tomar conta de ti mesmo?
92. Quem decide com que amigos podes sair?
93. Quem fala contigo sobre coisas íntimas?
94. Quem sabe como te sentes quando estàs triste?
95. Quem se preocupa com a tua saúde?
96. Quem te diz como deves fazer o teu trabalho?
97. Quem não se importa que te "metas" com eles?
98. Quem te anima quando estàs triste?
99. Quem se preocupa quando não estàs em casa?
100. Quem deseja dizer-te o que deves fazer?
101. Quem quer saber como realmente te sentes?
102. Quem te faz sentir melhor quando estàs com medo?
103. Quem te retèm em casa com medo que qualquer coisa te possa acontecer se saíres?
104. Quem te diz como passar o tempo livre?

ANEXO VI

ESCALAS DO "INVENTARIO DE PERCEPÇÕES ADOLESCENTES" ISOLADAS APOS FACTORIZAÇÃO

AUTONOMIA

1. Quem te deixa sair quando tu queres (it 1)
2. Quem te deixa vestir como queres (it 4)
3. Quem não te obriga a fazer coisas quando te queixas que não queres (it 7)
4. Quem te deixa fazer o que queres (it 10)
5. Quem te deixa gastar o teu dinheiro como queres (it 11)
6. Quem te deixa ficar acordado atè tarde sem pedires (it 12)

AMOR

1. Quem te ajuda a dar festas para os teus amigos (it 13)
2. Quem gosta de estar com os teus amigos em casa (it 14)
3. Quem è que os teus amigos admiram (it 16)
4. Quem quer ouvir as tuas ideias (it 17)
5. Quem fala contigo sobre coisas intimas (it 22)
6. Quem quer saber como realmente te sentes (it 24)
7. Quem diz bem de ti (it 25)
8. Quem fala nas coisas bem feitas que tu fazes (it 26)
9. Quem diz que tens bom feitio (it 27)
10. Quem fica feliz por te ver quando chegas da escola (it 28)
11. Quem gosta de discutir assuntos contigo (it 29)
12. Quem gosta de sair contigo (it 30)
13. Quem gosta de fazer coisas contigo (it 31)
14. Quem passa um tempo agradàvel contigo em casa (it 32)
15. Quem te fala com uma voz carinhosa e amiga (it 33)
16. Quem te sorri com frequência (it 34)
17. Quem te acarinhava e beijava ao deitar quando eras pequeno (it 35)
18. Quem diz que gosta de ti (it 36)
19. Quem te faz sentir melhor depois de falar contigo sobre os teus problemas (it 37)
20. Quem sabe como te sentes quando estàs triste (it 38)
21. Quem te anima quando estàs triste (it 39)
22. Quem te faz sentir melhor quando estàs com medo (it 40)
23. Quem gosta de falar contigo sobre assuntos do dia-a-dia (it 41)
24. Quem te incentiva a ler (it 43)
25. Quem te diz onde poderàs encontrar aquilo que queres saber (it 44)
26. Quem gosta mais de ficar contigo em casa do que sair(it 45)

27.Quem te faz sentir importante (it 47)
28.Quem te dà carinho e atenção (it 48)
29.Quem quer que passes bastante tempo na sua companhia (it 49)
30.Quem te dà muita atenção em casa (it 52)

CONTROLO

1.Quem te està sempre a dizer como deves comportar-te (it 64)
2.Quem te diz quanto sacrificou por ti (it 66)
3.Quem te diz tudo o que fez por ti (it 67)
4.Quem deseja dizer-te o que deves fazer (it 71)
5.Quem te castiga quando não fazes o que se espera que faças (it 78)
6.Quem insiste para que acabes o teu trabalho (it 82)
7.Quem não te deixa em paz atè fazeres o que te mandam (it 84)
8.Quem pensa que devias ter melhores resultados na escola (it 85)
9.Quem se queixa do que tu fazes (it 87)
10.Quem fica zangado contigo se não ajudas em casa (it 89)

HOSTILIDADE

1.Quem não "liga" quando fazes qualquer coisa errado (it 6)
2.Quem pergunta aos outros o que fizeste fora de casa (it 58)
3.Quem è muito severo contigo (it 73)
4.Quem te castiga severamente (it 77)
5.Quem te castiga pela mais pequena coisa (it 79)
6.Quem arranja as coisas de maneira que andes sempre aflito (it 80)
7.Quem se zanga quando fazes perguntas (it 90)
8.Quem reage como se estivesses a mais (it 93)
9.Quem te faz sentir que não te ama (it 94)
10.Quem parece satisfeito por se afastar de ti (it 96)
11.Quem parece não saber aquilo que precisas ou queres (it 98)
12.Quem se esquece de te ajudar quando precisas (it 99)
13.Quem não quer fazer coisas contigo (it 100)
14.Quem não conversa muito contigo (it 101)
15.Quem passa muito pouco tempo contigo (it 102)
16.Quem não quer falar muito contigo (it 103)
17.Quem não dà muita importância a se ès bom na escola ou em casa (it 104)

ANEXO 7

QUADROS DE ANÁLISE DE VARIÂNCIA DAS PAP E DA CRA POR GRUPOS DE IDADE

1. GRUPO ETÁRIO DOS 12-13 ANOS.

Quadro 1 - Analise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.AUT

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	26986.91	1	26986.90	7.42	.0067**
Grupos PAP.AUT	139931.07	3	46643.69	12.82	.0000***
Sexo X Grupos PAP.AUT	37837.14	3	12612.38	3.46	.0161*
Residuo	1963792.2	540	3636.65		
Total	2165932.9	547			

Quadro 2 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.CONT

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	24507.31	1	24507.31	6.22	.0129*
Grupos PAP.CONT	6776.94	3	2258.98	.573	.6327 N.S.
Sexo X Grupos PAP.CONT	7653.20	3	2551.06	.648	.5847 N.S.
Residuo	2127130.3	540	3939.13		
Total	2165932.9	547			

Quadro 3 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.AMOR

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	25238.62	1	25238.62	6.47	.0112*
Grupos PAP.AMOR	21798.21	3	7266.07	1.86	.1345 N.S.
Sexo X Grupos PAP.AMOR	15530.14	3	5176.71	1.32	.2642 N.S.
Residuo	2104232.1	540	3896.72		
Total	2165932.9	547			

Quadro 4 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.HOST

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	27999.62	1	27999.62	7.35	.0069**
Grupos PAP.HOST	49220.79	3	16406.93	4.30	.0051**
Sexo X Grupos PAP.HOST	36014.34	3	12004.78	3.15	.0246*
Residuo	2056325.3	540	3808.00		
Total	2165932.9	547			

2. GRUPO ETÁRIO DOS 14-16 ANOS.

Quadro 5 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.AUT

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	126029.99	1	126029.99	25.60	.0000***
Grupos PAP.AUT	81284.68	3	27094.89	5.50	.0011**
Sexo X Grupos PAP.AUT	6914.80	3	2304.93	.468	.7046 N.S.
Residuo	1540605.1	313	4922.06		
Total	1746202.0	320			

Quadro 6 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.CONT

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	119147.64	1	119147.64	23.61	.0000***
Grupos PAP.CONT	43005.17	3	14335.06	2.84	.0380*
Sexo X Grupos PAP.CONT	6640.81	3	2213.60	.439	.7254 N.S.
Residuo	1579158.6	313	5045.23		
Total	1746202.0	320			

Quadro 7 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.AMOR

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	120902.57	1	120902.57	23.69	.0000***
Grupos PAP.AMOR	8460.68	3	2820.23	.553	.6467 N.S.
Sexo X Grupos PAP.AMOR	23142.26	3	7714.08	1.51	.2114 N.S.
Residuo	1597201.6	313	5102.88		
Total	1746202.0	320			

Quadro 8 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.HOST

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	130994.97	1	130994.97	25.83	.0000***
Grupos PAP.HOST	36899.41	3	12299.80	2.42	.0656 N.S.
Sexo X Grupos PAP.HOST	4694.53	3	1564.84	.309	.8192 N.S.
Residuo	1587210.6	313	5070.96		
Total	1746202.0	320			

3. GRUPO ETÁRIO DOS 17-19 ANOS

Quadro 9 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.AUT

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	113097.40	1	113097.40	24.51	.0000***
Grupos PAP.AUT	41393.41	3	13797.80	2.99	.0330*
Sexo X Grupos PAP.AUT	10649.88	3	3549.96	.769	.5134 N.S.
Residuo	535169.04	116	4613.52		
Total	711492.48	123			

Quadro 10 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.CONT

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	116129.87	1	116129.87	24.28	.0000***
Grupos PAP.CONT	20319.59	3	6773.20	1.41	.2416 N.S.
Sexo X Grupos PAP.CONT	121111.01	3	4037.00	.844	.4724 N.S.
Residuo	554781.73	116	4782.60		
Total	711492.48	123			

Quadro 11 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.AMOR

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	120552.40	1	120552.40	24.36	.0000***
Grupos PAP.AMOR	4429.84	3	1476.61	.298	.8264 N.S.
Sexo X Grupos PAP.AMOR	8886.90	3	2962.30	.599	.6171 N.S.
Residuo	573895.59	116	4947.37		
Total	711492.48	123			

Quadro 12 - Anàlise de Variância da CRA em função do sexo e da PAP.HOST

Fonte de Variação	Soma de quadrados	g.l.	Mèdia soma quadrados	F	P
Sexo	108337.16	1	108337.16	23.14	.0000***
Grupos PAP.HOST	40896.02	3	13632.01	2.91	.0374*
Sexo X Grupos PAP.HOST	3267.62	3	1089.20	.233	.8735 N.S.
Residuo	543048.69	116	4681.45		
Total	711492.48	123			

ÍNDICE

Introdução Geral.....1
Plano do Trabalho..... 12

PRIMEIRA PARTE: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Introdução.....18
SECÇÃO I: A AUTONOMIA ADOLESCENTE

Cap.I. Autonomia Adolescente e Contexto Social.....20

Cap.II. Conceptualizações da Autonomia.....29
1. Conceptualizações da Autonomia Adolescente.....29
2. Discussão Crítica.....39
3. Operacionalização do Conceito e Instrumentos de Medida..... 44

Cap.III. Perspectiva Psicanalítica e Psicodinâmica
1. Contribuições Teórico-Clínicas.....50
1.1. As Perspectivas de S. Freud, A. Freud, P. Blos e de Outros Autores de Orientação Analítica.....55
1.2. A Perspectiva de Erikson.....69
1.3. A Perspectiva de Bowlby.....72
2. Estudos sobre a autonomia adolescente.....78
Introdução.....78
2.1. A Cultura.....79
2.2. A Família.....81
2.3. Os Cuidados Parentais.....87
2.4. O Conflito na Relação Pais-Adolescentes.....99
2.5. Interacções Familiares na Adolescência Inicial....111
2.6. A Separação na Adolescência Tardia e Pós-Adolescência.....114
2.7. A Idade e o Sexo.....125
Apêndice.....134

Cap.IV. Perspectiva Interaccional..... 140

Cap.V. Perspectiva Social-Cognitiva.....164
1. As perspectivas de Piaget, Selman, Loevinger e Kohlberg.....168
2. Epidemiologia da Autonomia Social-Cognitiva.....179
3. A Socialização da Autonomia Cognitiva.....180

Cap.VI. Outras Perspectivas.....191

SECÇAO II. PERCEPÇÕES ADOLESCENTES DAS ATITUDES PARENTAIS

1. Porquê Estudar as Percepções..... 198
2. Algumas Questões Teóricas e Metodológicas.....200
Apêndice.....206

SECÇAO III. PLANO DE INVESTIGAÇÃO E HIPÓTESES
1. Objecto e Objectivos da Investigação.....210
2. Formulação das Hipóteses.....212
3. Estratégia da Investigação.....216

SEGUNDA PARTE: METODOLOGIA

Cap.I. Amostra.....219
1. A Escolha da População.....219
2. A Dimensão e Composição da Amostra da População.....220
3. A Amostra.....221

Cap.II. Procedimento.....226

Cap.III. Instrumentos e Modelo de Análise.....228
1. A Medida da Autonomia Comportamental.....228
1.1. Estudos Preliminares: A Construção do Instrumento.229
1.2. A Medida da Autonomia Comportamental.....232
2. A Medida das Percepções das Atitudes Parentais.....235
2.1. A Escolha do *Youth Perception Inventory* (YPI) como Instrumento de Medida das Percepções das Atitudes Parentais.....235
2.2. Descrição do YPI, Tradução e Aplicação na Amostra.239
3. O Modelo de Análise.....242

TERCEIRA PARTE: RESULTADOS. CONCLUSÕES E DISCUSSÃO

Introdução.....244
SECCAO I. A AUTONOMIA COMPORTAMENTAL

Cap.I. Conceptualizações Adolesentes da Autonomia Comportamental.....245

Cap.II. Comportamentos de Autonomia: O Desejo, a Realização e a Desobediência.....250

Introdução.....250
ESTUDO II.1. O Desejo de Autonomia.....254
ESTUDO II.2. A Realização da Autonomia.....264
ESTUDO II.3. A Desobediência na Autonomia.....275
Discussão.....288

Cap.III. Desobediência e Submissão: Envolvimento das Figuras Parentais.....305

Introdução.....305
ESTUDO I. Envolvimento das Figuras Parentais na Desobediência.....308
ESTUDO II. Envolvimento das Figuras Parentais na Submissão.....310
ESTUDO III. Envolvimento das Figuras Materna e Paterna na Desobediência *vs.* Submissão....312
III.1. Desobediência *vs.* Submissão à Mãe.....313
III.2. Desobediência *vs.* Submissão ao Pai.....315
Discussão.....316

Cap. IV. A Emergência dos Comportamentos de Autonomia.....320
A Idade Média de Início dos Comportamentos de Autonomia.....322
Discussão.....328

Cap. V. As Dimensões da Autonomia Comportamental.....330
1. Estrutura Factorial do Questionário de Autonomia..331
2. Interpretação da Estrutura Factorial.....335
3. A Medida de Autonomia Comportamental.....338

SECÇÃO II: AS PERCEPÇÕES DAS ATITUDES PARENTAIS

Introdução.....340
Cap.I. Estrutura Factorial do "Inventàrio de Percepções Adolescentes" (Youth Perception Inventory).....341
Apêndice.....348

Cap.II. As Percepções das Atitudes Parentais: Aspectos Diferenciais.....352
1.Distribuição dos Sujeitos em Função dos Scores obtidos nas PAP:Amor, Hostilidade, Autonomia e Controlo.....354
2. As Percepções das Atitudes Parentais, o Sexo e a Idade.....357
Discussão.....367
Apêndice.....375

Cap.III. As Relações entre as Percepções das Atitudes Parentais.....376
Discussão.....379

SECÇÃO III. AS PERCEPÇÕES DAS ATITUDES PARENTAIS, A IDADE E O SEXO: CONTRIBUIÇÃO E EFEITO DESTAS VARIÁVEIS SOBRE A CAPACIDADE DE REALIZAÇÃO DA AUTONOMIA COMPORTAMENTAL DO ADOLESCENTE.....383

ESTUDO I.....385
ESTUDO II.....394
Discussão.....409

CONCLUSÕES GERAIS.....420

BIBLIOGRAFIA.....430

ANEXOS:
ANEXO I. Questionário.....440
ANEXO II. Determinação da Amostra.....453
ANEXO III. Características da Amostra.....461
ANEXO IV. Versão Original do YPI Traduzido em Português.....467
ANEXO V. Versão do YPI Aplicada na nossa Amostra.....470
ANEXO VI. Escalas do "Inventário de Percepções Adolescentes" isoladas após factorização....473
ANEXO VII. Quadros de Análise de Variância das PAP e da CRA, por Grupos de Idade.....475